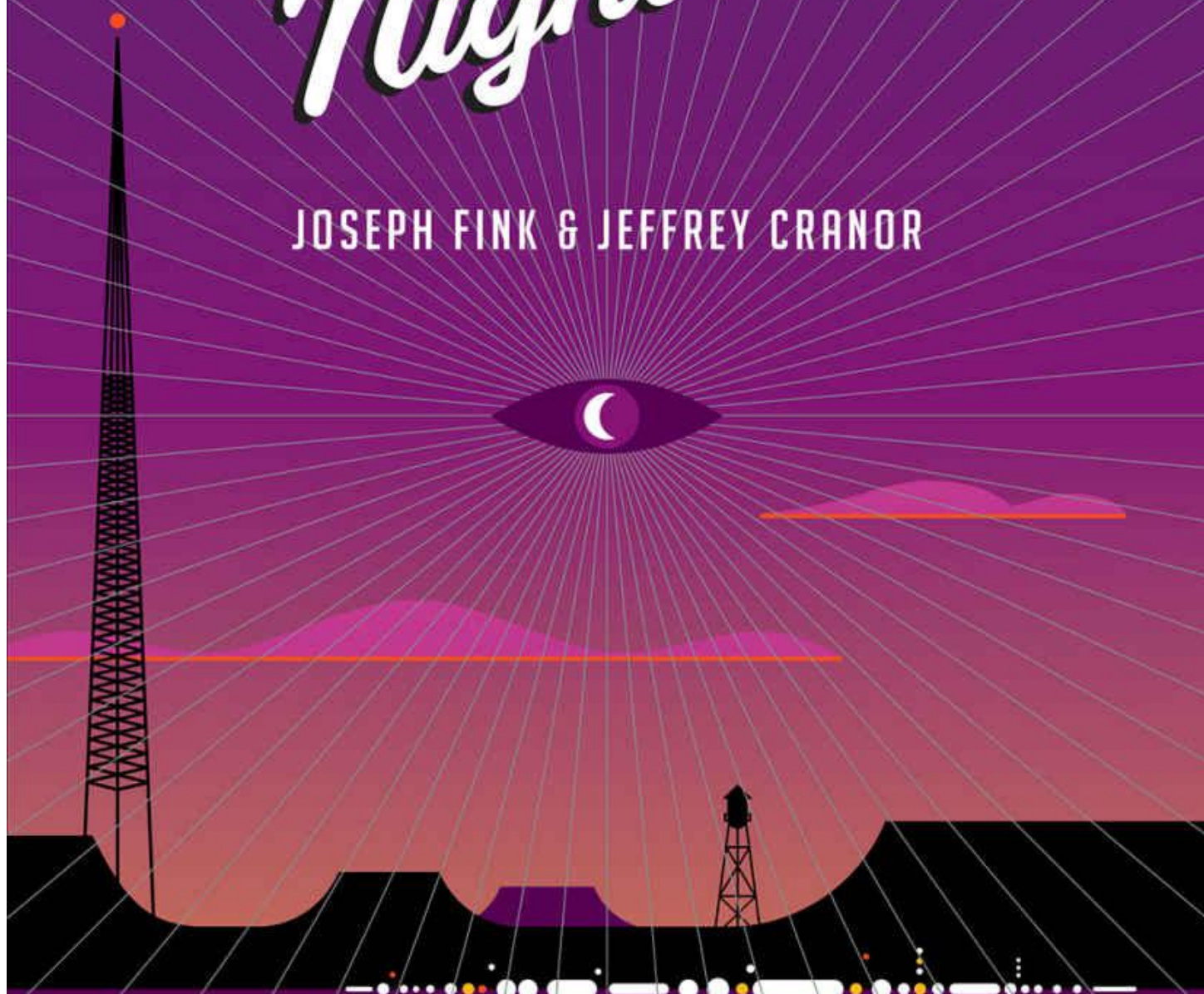


Welcome to Night Vale

JOSEPH FINK & JEFFREY CRANOR



"Brilhante, hilário e maravilhosamente excêntrico. Quero me mudar para Night Vale!"

RANSOM RIGGS, AUTOR DA SÉRIE
O LAR DA SRTA. PEREGRINE PARA CRIANÇAS PECULIARES



Sumário

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

Epígrafe

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

42

43

44

45

46

47

48

49

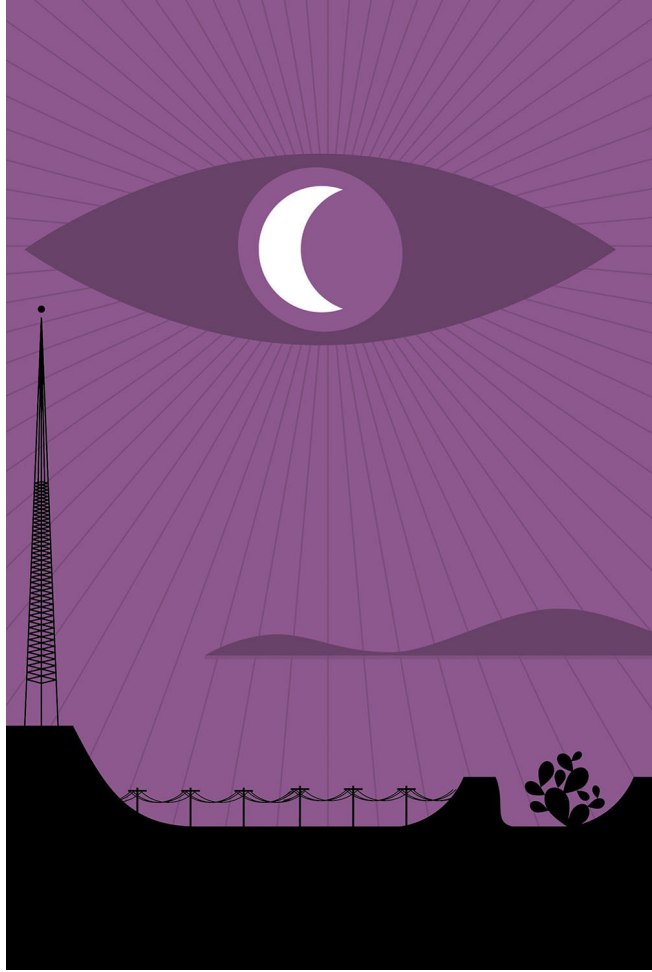
50

[Como ouvir o podcast Welcome to the Night Vale](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre os autores](#)

[Leia também](#)



Welcome to Night Vale

JOSEPH FINK & JEFFREY CRANOR

TRADUÇÃO DE JOANA FARO



Copyright © 2015 by Joseph Fink e Jeffrey Cranor

TÍTULO ORIGINAL
Welcome to Night Vale

PREPARAÇÃO
Mariana Moura

REVISÃO
Giuliana Alonso
Juliana Werneck

REVISÃO TÉCNICA
Isadora Prospero

IMAGENS DE CAPA E MIOLO
Rob Wilson

ARTES DO MIOLO
Julio Moreira | Equatorium Design

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira | Equatorium Design

REVISÃO DE EPUB
Rodrigo Rosa

GERAÇÃO DE EPUB
Intrinseca

E-ISBN
978-85-8057-903-1

Edição digital: 2016

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



Para Meg Bashwiner e Jillian Sweeney



A história da cidade de Night Vale é longa e complicada, remontando a milhares de anos, quando os primeiros povos indígenas surgiram no deserto. Mas não vamos falar sobre nada disso aqui.

Basta dizer que é uma cidade como qualquer outra: tem uma prefeitura, uma pista de boliche (o Complexo Recreativo de Boliche e Fliperama Flor do Deserto), uma lanchonete (a Madrugada Enluarada), um supermercado (Ralphs) e, claro, uma estação de rádio comunitária que transmite todas as notícias que os cidadãos têm permissão de ouvir. Por todos os lados é cercada por um vasto deserto, plano e ermo. Talvez seja muito parecida com sua cidade. Talvez seja mais parecida com sua cidade do que você gostaria de admitir.

É uma amistosa comunidade do deserto, onde o sol é quente, a lua é linda e misteriosas luzes atravessam o céu enquanto todos fingem dormir.

Bem-vindo a Night Vale.



Em Night Vale, as lojas de penhores funcionam da seguinte forma:

Primeiro, você precisa de um item para penhorar.

Para obtê-lo, é necessário deixar passar muito tempo, anos vivendo e existindo, até chegar ao ponto em que você acredita na própria existência, na existência daquele objeto, no conceito de propriedade e no fato de que, por mais improváveis que sejam, essas crenças absurdas se alinham de forma a configurar sua posse sobre um item.

Bom trabalho. Muito bem.

Em segundo lugar, após acreditar que possui um item, você deve chegar ao ponto de precisar mais de dinheiro do que do item. Esse é o passo mais fácil. Basta possuir um item e um corpo com necessidades e esperar.

A única loja de penhores na cidade de Night Vale é gerenciada pela jovem Jackie Fierro. O estabelecimento não tem nome, mas, se precisar dele, saberá onde encontrá-lo. Essa informação chegará de repente, em geral no chuveiro. Você vai cair de quatro, cercado por uma forte escuridão cintilante, a água quente escorrendo pelo corpo, e saberá onde fica a loja de penhores. Vai notar o cheiro de mofo e sabão e sentir uma pontada de pânico ao se dar conta da própria solidão. Será como a maioria dos banhos que já tomou.

Antes de oferecer um item à Jackie é necessário lavar as mãos, por isso há tigelas de água filtrada por toda a loja. É preciso cantarolar enquanto lava as mãos. Claro, sempre se deve cantarolar ao lavar as mãos. Afinal, é uma questão de higiene.

Quando estiver adequadamente purificado, você colocará o item no balcão, e Jackie vai analisá-lo.

Jackie vai estar com os pés no balcão. Ela vai se recostar.

— Onze dólares — dirá.

Jackie sempre dirá “onze dólares”. Você não vai responder. Na verdade, você é desnecessário nesse processo. Completamente desnecessário.

— Não, não — dirá ela, agitando a mão.

E aí dará o preço real. Em geral, é dinheiro. Às vezes são outras coisas: sonhos, experiências, visões.

Então você vai morrer, mas só por um tempinho.

O item receberá uma etiqueta de preço. Onze dólares. Tudo na loja de penhores custa o mesmo preço, não importa quanto Jackie lhe ofereceu pelo item.

Quando não estiver mais morto, ela vai lhe entregar um recibo, que mais tarde você poderá trocar pelo item, ou para o qual poderá olhar a qualquer momento e se lembrar do item. Lembrar-se do item é de graça.

Agora você vai deixar esta história. Você foi apenas um exemplo e, de qualquer maneira, talvez seja mais seguro não participar dela.

* * *

Jackie Fierro olhou para o estacionamento pela vitrine. Estava vazio. Ia fechar a loja em breve. Relativamente falando, ela estava sempre fechando em breve, e também sempre acabando de abrir.

Pela vitrine via-se o estacionamento, depois o deserto e o céu, quase vazio, com algumas estrelas. Do balcão, tudo aquilo era distante, igualmente inalcançável.

Ela tinha acabado de fazer dezenove anos. Tinha acabado de fazer dezenove anos desde sempre. A loja de penhores lhe pertencia havia muito tempo, talvez séculos. Relógios e calendários não funcionam em Night Vale. O próprio tempo não funciona.

Durante todos os anos que passou como a jovem proprietária da loja de penhores, Jackie só deixava a loja na hora de fechá-la e

depois ia para seu apartamento, onde se sentava com os pés na mesinha de centro e ouvia a rádio comunitária e o canal de notícias local. Com base no que as notícias lhe diziam, o mundo exterior era um lugar perigoso. Sempre havia algum cataclismo apocalíptico ameaçando Night Vale. Cachorros ferozes. Uma brilhante nuvem senciente com o poder de controlar mentes (embora a Nuvem Brilhante tenha se tornado menos ameaçadora desde sua eleição para o Conselho Escolar). Portas antigas de carvalho que levavam a uma dimensão estranha e deserta na qual a atual prefeita ficara presa durante alguns meses. Parecia mais seguro não ter amigos ou hobbies. Então ela ficava na loja, concentrada, fazendo seu trabalho, e depois ia direto para casa, onde tomava copos e mais copos de suco de laranja e ouvia o rádio, protegida de qualquer coisa que pudesse perturbar aquela rotina.

Os dias se passavam em silêncio, quase vazios, com alguns pensamentos. Em certos dias ela recatalogava o inventário. Em outros, tirava o pó das prateleiras. Mas sempre se sentava e pensava. Tentava se lembrar do dia em que assumiu a loja. Esse dia devia ter existido, mas ela não conseguia recordar os detalhes. Fazia aquilo havia décadas. Era muito jovem. Ambas as afirmações eram verdadeiras.

Ela sabia que era comum pessoas de dezenove anos irem para a faculdade. Também sabia que era comum jovens da idade dela estarem desempregados devido ao mercado de trabalho desfavorável e morarem na casa dos pais. Jackie estava satisfeita por não fazer nem uma coisa nem outra, então continuava eternamente na loja de penhores.

Ela entendia o mundo e seu lugar nele. Entendia o nada. O mundo e seu lugar nele não significavam nada, e ela sabia disso.

Como Night Vale não tinha horário comercial, Jackie seguia sua intuição sobre a hora de fechar a loja. Quando a sensação vinha, não tinha jeito: as portas precisavam ser trancadas, removidas dos batentes e enterradas em um lugar seguro.

A sensação veio. Ela tirou os pés do balcão. Fora um ótimo dia de trabalho.

A velha Josie, que morava perto do estacionamento, havia aparecido com vários flamingos de plástico baratos. Ela os levava em um grande saco de lona e os despejava no balcão como se fossem moedas.

— Não é por mim que abro mão destes pequeninos — disse Josie, dirigindo-se com uma voz firme e formal a uma parede nua vários metros à direita de Jackie, fazendo de vez em quando um gesto amplo com a mão. — Mas pelo futuro.

Josie se calou, a palma ainda estendida. Jackie chegou à conclusão de que o discurso tinha acabado.

— Tudo bem, cara, pago onze dólares — ofereceu ela.

A velha Josie estreitou os olhos para a parede nua.

— Ah, está bem — consentiu Jackie, cutucando um dos flamingos e olhando para a frágil barriga de plástico. — Que tal uma boa noite de sono?

A velha Josie deu de ombros.

— Aceito.

Uma boa noite de sono era uma oferta extremamente generosa. Os flamingos não tinham valor algum, mas eram muitos, e Jackie não se conteve. Ela nunca recusava um item.

— Cuidado para não tocá-los diretamente — alertou Josie, quando deixou de estar morta.

Usando um pedaço de pano, Jackie colocou os flamingos lado a lado na prateleira, cada um etiquetado com o preço de onze dólares. *A maioria das coisas não devia mesmo ser tocada*, pensou.

— Tchau, querida — disse Josie, pegando o recibo que Jackie preencheria. — Apareça lá em casa um dia desses para conversar com os anjos. Eles têm perguntado por você.

Os anjos moravam com a velha Josie em sua pequena casa de condomínio em um condomínio que não existia mais, deixando-a isolada nos limites da cidade. Os anjos faziam algumas tarefas para

ela, e Josie obtinha uma modesta renda vendendo itens tocados por eles. Ninguém entendia por que os anjos moravam com ela. Sabia-se muito pouco sobre os anjos. Apenas algumas coisas.

Claro, anjos não existem. É ilegal cogitar sua existência ou sequer lhes dar um dólar quando eles esquecem o dinheiro do ônibus e começam a pairar pelo Ralphs pedindo trocados. A grande hierarquia celeste é um sonho tolo e, de qualquer forma, os cidadãos de Night Vale são proibidos de saber sobre ela. Todos os anjos da cidade moram com Josie perto do estacionamento. Não existem anjos em Night Vale.

Por volta de meio-dia, Jackie havia adquirido um carro. Era uma Mercedes com poucos anos de uso, oferecida com urgência por um rapaz de terno risca de giz cinza e sujo de terra. Foi impressionante ele ter conseguido colocar o carro no balcão, mas para tudo há um método, e o carro precisava ficar no balcão. Ele lavou as mãos e cantarolou. A água ficou marrom-avermelhada.

Ela o convenceu a aceitar cinco dólares em vez dos onze de costume, e ele riu quando pegou o dinheiro e o recibo.

— Não tem a menor graça — explicou ele, rindo mais.

E, no fim da tarde — quase na hora de fechar, segundo a intuição de Jackie —, uma mulher chamada Diane Crayton entrou na loja.

— Posso ajudá-la?

Jackie não sabia por que tinha feito aquela pergunta, pois raramente cumprimentava os clientes.

Ela conhecia Diane. A mulher organizava os eventos beneficentes da Associação de Pais e Professores, a APP. Às vezes, Diane aparecia para distribuir panfletos que diziam coisas como “Arrecadação de fundos da APP para a escola de ensino médio de Night Vale! Ajude a dar aos jovens a educação aprovada pelo município que eles merecem. Seu apoio é obrigatório e apreciado!”.

Na mente de Jackie, Diane era o tipo de mulher que seria uma mãe ativa na APP, com seu rosto gentil e suas roupas confortáveis.

Ela também achava que Diane podia trabalhar com empréstimos bancários, considerando a maquiagem conservadora e o ar sério. E que pareceria uma farmacêutica se usasse um jaleco branco, uma máscara de gás e botas de plástico.

Para Jackie, Diane parecia uma porção de coisas. Sobretudo uma pessoa perdida tanto no espaço quanto no tempo.

A mulher tirou um lenço da bolsa. Com a mesma expressão superior e distante, derramou uma única lágrima no tecido.

— Gostaria de oferecer isto — disse ela, enfim olhando para Jackie.

Jackie avaliou o lenço. A lágrima secaria em breve.

— Onze dólares.

— Aceito — respondeu Diane.

Os braços dela, antes pendentes, foram na direção da bolsa.

Jackie pegou o lenço molhado com a lágrima e entregou o recibo e o dinheiro a Diane.

Após sua breve morte, ela agradeceu e saiu às pressas da loja. Jackie afixou a etiqueta de onze dólares no lenço e o colocou em uma prateleira.

Fora um ótimo dia de trabalho. Jackie virou a placa da porta de ABERTO para FECHADO e apoiou a mão na janela, deixando uma marca no vidro como se dissesse “Pare”, “Venha aqui”, “Olá”, “Socorro” ou talvez apenas “Eu estou aqui. Esta mão, pelo menos, é real”.

Ela baixou os olhos para arrumar os itens no balcão. Quando ergueu o rosto, o homem estava ali.

Ele usava um paletó bege e carregava uma pasta de couro de veado. Tinha traços humanos normais, dois braços e duas pernas. Talvez tivesse cabelo, ou talvez estivesse usando um chapéu. Tudo parecia normal.

— Olá — cumprimentou ele. — Meu nome é Everett.

Jackie gritou. O homem era perfeitamente normal. Ela gritou.

— Desculpe — disse ele. — A loja está fechada?

— Não, está tudo bem. Posso ajudá-lo?

— Espero que sim.

Ela ouviu um zumbido. Estava vindo da boca do homem?

— Tenho um item que gostaria muito de penhorar.

— Eu... — começou Jackie, e agitou a mão para indicar tudo o que poderia ter dito em seguida.

Ele assentiu para a mão dela.

— Obrigado pela ajuda. Eu já me apresentei?

— Não.

— Ah, desculpe. Meu nome é Emmett.

Eles se cumprimentaram com um aperto de mão. A dela continuou a apertar mesmo depois que ele soltou.

— Bem, aqui está o item.

O homem colocou um pedacinho de papel no balcão. Nele, escritas com um lápis mal apontado, estavam as palavras “KING CITY”. A caligrafia era trêmula e borrada, e o lápis fora pressionado com força. Ela não conseguia desviar o olhar, embora não identificasse o que aquele papel tinha de especial.

— Interessante — comentou Jackie.

— Não, não muito — replicou o homem de paletó bege.

O homem lavou as mãos e cantarolou em voz baixa, e Jackie se forçou a se recostar e colocar os pés no balcão. Para tudo há um método. Ela olhou algumas vezes para o rosto do homem, mas percebeu que esquecia sua fisionomia no instante em que desviava os olhos.

— Onze dólares — anunciou.

O homem continuou a cantarolar, e mais vozes se juntaram à dele. Ao que parecia, vinham da pasta de couro de veado.

— De onde veio isto? — perguntou ela. — Por que está me oferecendo este papel? O que vou fazer com ele?

A voz dela saiu alta e estridente. Não se parecia em nada com sua voz.

O homem começou a harmonizar com as vozes da pasta. Parecia não registrar as perguntas de Jackie.

— Não, não, sinto muito — retrucou ela, ciente de que estava negociando mal, mas incapaz de parar. — Eu me enganei. Trinta dólares e uma teoria sobre o tempo.

— Fechado — respondeu o homem, sorrindo.

Aquilo era um sorriso?

Ela lhe deu trinta dólares e contou sua teoria sobre o tempo.

— Que interessante — observou ele. — Eu nunca tinha pensado por esse ângulo. Normalmente, não penso em nada.

Então ele morreu. Em geral, Jackie usava esse tempo para finalizar a papelada e preparar o recibo. Ela não fez nada. Apertou a tira de papel no punho fechado. O homem não estava mais morto.

— Desculpe. Seu recibo.

— Não precisa — disse ele, talvez ainda sorrindo.

Ela não via seu rosto bem o bastante para saber.

— Não, seu recibo. Para tudo há um método.

Ela fez um recibo com as informações que os recibos sempre continham. Um número aleatório (12.739), a qualidade da luz no momento da transação (“boa”), uma observação geral sobre o clima (“nebuloso”), seus pensamentos atuais sobre o futuro (“nebuloso, mas bom”), e um rápido esboço de como ela achava que os corações deveriam ser em vez de caroços pulsantes feitos de palha e argila que crescem como um câncer em nosso peito ao fazermos nove anos.

Ele pegou o recibo e, agradecendo, virou-se para ir embora.

— Adeus — disse ela.

“KING CITY”, disse o papel.

— Adeus — respondeu o homem com um aceno, sem dizer nada.

— Espere — pediu. — Você não me disse seu nome.

— Ah, é verdade — afirmou ele, com a mão na porta. — Meu nome é Elliott. Foi um prazer conhecê-la.

A porta se abriu e se fechou. Jackie segurava o pedaço de papel sem saber, pela primeira vez em sua vida de duração incerta, o que fazer. Sentiu que a rotina, intacta por décadas, havia sido perturbada, que algo diferente acontecera ali. Mas também não sabia por que sentia isso. Era apenas um pedaço de papel.

Ela terminou a papelada; na linha que dizia “penhorado por”, hesitou. Não se lembrava do nome dele. Nem de seu rosto. Olhou para o pedaço de papel. “KING CITY”. Jackie ergueu o olhar para observar o homem pela vitrine e tentar desemperrar a memória.

Do balcão, viu o homem de paletó bege do lado de fora. Ele corria para o deserto. Jackie mal conseguia vê-lo no limite do estacionamento iluminado. Os braços se agitavam loucamente, a pasta também. As pernas erguiam grandes nuvens de areia. A cabeça estava jogada para trás, e até mesmo de longe era possível ver o suor escorrendo pelo pescoço. Aquele tipo de corrida indicava uma fuga, não um simples deslocamento. Então ele ultrapassou o limite tênue das luzes do estacionamento e desapareceu.

Existe uma casa. Ela é igual a muitas outras. Imagine a aparência de uma casa.

Também é bem diferente de muitas outras casas. Imagine essa casa outra vez.

Como é ao mesmo tempo igual e diferente, ela é exatamente como todas as casas.

O formato é igual. Ela tem o formato de uma casa. “Sem dúvida é uma casa”, as pessoas diriam se vissem uma foto dela.

Porém, ela é diferente de outras casas por causa do formato. É um formato sutilmente anormal. “Sem dúvida é uma casa, mas há alguma coisa estranha, algo lindo, naquela casa”, as pessoas diriam se vissem uma foto dela. “Não sei se *lindo* é a palavra certa. É mais um... um... Na verdade, está me deixando nervoso. Por favor, pare de me mostrar essa foto. Por favor”, implorariam essas mesmas pessoas, instantes depois. “É uma beleza terrível, terrível, que não compreendo. Por favor, pare.”

“Tudo bem”, responderia a pessoa que estava mostrando a foto, porque talvez ela fosse boa e generosa. É difícil saber quem é bom e generoso quando não se sabe nada sobre a pessoa além do fato de que ela mostra fotos de casas por aí, mas não faz sentido ficar imaginando coisas horríveis a respeito de alguém que você não conhece.

Seria seguro presumir que essa casa é uma estrutura fechada construída por pessoas e que pertence a uma pessoa.

Seria estranho presumir que essa casa tem personalidade, alma. Por que alguém presumiria isso? É verdade. Ela tem. Mas seria estranho presumir isso. Nunca presuma esse tipo de coisa.

A casa também é diferente de outras casas porque tem pensamentos. A maioria das casas não pensa. Essa casa, sim. Os pensamentos não aparecem em fotos. Nem ao vivo. Mas sempre encontram um jeito de chegar ao nosso mundo, principalmente através dos sonhos. Enquanto alguém dorme, a casa poderia pensar de repente: *Ocre não é um catalizador emocional. É uma cor prática e sem graça. Ninguém chora ao ver um tom de ocre. Ou: Meu Deus, o tempo! O que é o tempo, afinal?* E às vezes a pessoa adormecida teria aquele mesmo pensamento.

Os pensamentos também são compartilhados no chuveiro. Pensamentos irritados. Pensamentos raivosos. Pensamentos que deveriam ser esquecidos antes de interagir com o público. Pensamentos como *[rosnado grave e gutural]* ou *[dedos estalando, mãos fechadas em punho, dentes cerrados, olhos incapazes de absorver qualquer informação nova e água escorrendo por um rosto tenso]*.

Os pensamentos estão em toda a parte. Às vezes, são bastante literais e úteis. *Tem um rato roendo a parede de gesso atrás da cabeceira* poderia ser um exemplo.

Essa casa também não é diferente de outras casas porque abriga pessoas. Abriga uma mulher, no caso.

Imagine uma mulher.

Bom trabalho.

Também abriga um garoto que ainda não é bem um homem. Ele tem quinze anos. Você sabe como é.

Imagine um garoto de quinze anos.

Não. Não chegou nem perto. Tente de novo.

Não.

Não.

Certo, pare.

Ele é alto e magro, com cabelo curto e dentes longos que esconde de propósito quando sorri. Ele sorri mais do que imagina.

Imagine um garoto de quinze anos.

Não. Tente de novo.

Não chegou nem perto.

Seus dedos se movem como se ele não tivesse ossos. Os olhos se movem como se ele não tivesse paciência. A língua muda de forma todos os dias. O rosto muda de forma todos os dias. Seu esqueleto e a cor do cabelo mudam todo dia. Ele está diferente do que você se lembra. Está sempre diferente do que era antes.

Imagine.

Bom. Muito bom mesmo.

Seu nome é Josh Crayton.

O nome da mulher é Diane Crayton. É a mãe de Josh. Ela vê a si mesma no filho.

Josh tem várias aparências. Ele muda de forma constantemente. Nesse sentido, é diferente da maioria dos garotos de sua idade. Ele acha que é muitas coisas ao mesmo tempo, várias delas contraditórias. Nesse sentido, é igual à maioria dos garotos de sua idade.

Às vezes, Josh toma a forma de um pássaro, de um canguru ou de um guarda-roupa vitoriano. Às vezes, mescla seu aspecto: cabeça de peixe com presas de marfim e asas de borboleta-monarca.

“Você mudou muito desde a última vez que o vi”, sempre lhe dizem. As pessoas dizem isso a todos os adolescentes, mas são mais sinceras com Josh.

Ele não se lembra da aparência que tinha na última vez que cada pessoa o viu. Como a maioria dos adolescentes, ele sempre era o que por acaso estava sendo naquele momento, até nunca ser aquilo.

Havia uma garota de quem Josh gostava que só gostava dele quando Josh era bípede. Não é sempre que Josh quer ser bípede, por isso achou essa notícia decepcionante. Havia um garoto de quem Josh gostava que gostava dele quando Josh era um animal fofo. Josh adora ser animais fofos, mas sua noção subjetiva da

palavra *fofo* era diferente da do garoto. Foi outra decepção para Josh, e também para o garoto, que não achava centopeias gigantes nem um pouco fofas.

Diane amava Josh por todas as coisas que ele era. Ela não mudava de forma, exibindo apenas as alterações graduais que vêm com o passar gradual do tempo.

Às vezes, Josh tentava enganar Diane tomando a forma de um crocodilo, de um bando de morcegos ou de uma casa em chamas.

Diane sabia que a princípio devia manter a guarda, para o caso de realmente ser um réptil perigoso, um bando de mamíferos voadores raivosos ou uma casa em chamas. Mas, quando entendia a situação, ela se acalmava e o amava por quem o filho era e pela aparência que tinha. Não importava que aparência fosse. Afinal, ela era a mãe de um adolescente.

— Por favor, pare de guinchar e de se esconder nos armários da cozinha — pedia ela.

Era importante estabelecer limites.

Às vezes, Josh parece humano. Quando isso acontece, ele toma a aparência de um garoto baixinho e atarracado, com bochechas rechonchudas e óculos.

— É assim que você se vê, Josh? — perguntou Diane certa vez.

— Às vezes — respondeu ele.

— Você gosta da sua aparência? — insistiu Diane.

— Às vezes — replicou Josh.

Diane não o pressionou. Sentiu que as respostas curtas eram um sinal de que ele não queria conversar.

Josh gostaria que a mãe conversasse mais com ele. As respostas curtas eram um sinal de que não era bom em socializar.

— O que foi? — perguntou Josh certa noite de terça-feira.

Ele tinha pele lisa cor de violeta, queixo pontudo e ombros magros e angulosos.

A televisão não estava ligada. Um livro didático fora aberto, mas não lido. A tela do celular estava acesa, um polegar pontudo

digitava no teclado.

— Vamos conversar — pediu Diane pela fresta da porta.

Ela não queria escancará-la. Aquele não era seu quarto. Ela estava se esforçando muito. Vendera uma lágrima a Jackie naquele dia. Tinha sido agradável ver alguém valorizar explicitamente algo que ela fizera. Além disso, estava com mais despesas do que de costume naquele mês, e precisava do dinheiro. Afinal de contas, era mãe solteira.

— Sobre o quê?

— Qualquer coisa.

— Estou estudando.

— Está estudando? Não quero incomodá-lo se estiver estudando.

“Ping”, acrescentou o celular.

— Se estiver estudando, eu vou embora — disse ela, fingindo não ter ouvido o aparelho.

— O que foi? — perguntou Josh em outra noite.

Era terça-feira, ou não era terça-feira. Sua pele era laranja-clara. Ou azul-marinho. Ou havia cerdas grossas projetando-se logo abaixo dos olhos. Ou seus olhos não estavam visíveis sob a sombra dos chifres de carneiro. A maioria das noites era assim. Assim era a gradual repetição da maternidade.

A televisão não estava ligada. Um livro didático fora aberto, mas não lido. A tela do celular estava acesa.

— Como você está? — perguntava Diane às vezes.

Ou dizia:

— E aí?

Ou talvez:

— Só queria ver como você estava.

— Josh — dizia Diane em certas ocasiões, parada na porta do quarto dele, à noite.

Às vezes ela batia à porta.

— Josh — repetia, depois de alguns segundos de silêncio. — Josh — não repetia ela às vezes, após mais silêncio.

— Ponto ponto ponto — respondia Josh.

Ele não respondia em voz alta, mas como se fosse em um balão de diálogo de uma história em quadrinhos. Ele imaginava outras coisas que poderia dizer, mas não sabia como.

Em geral, não gosto de tafetá, pensou a casa, e Diane compartilhou esse pensamento.

— Josh — chamou ela, sentada no banco do carona do Ford hatch vinho.

— O quê? — respondeu a aranha-lobo no banco do motorista.

— Se você quer aprender a dirigir, precisa alcançar os pedais.

Duas das pernas do meio da aranha-lobo se alongaram até o piso do veículo, tocando os pedais com delicadeza.

— E ver a estrada também.

Uma cabeça humana com o rosto e o cabelo de um garoto de quinze anos saiu do corpo da aranha, e o abdome se alargou até se tornar um torso semelhante ao de um primata. As pernas continuaram finas e alongadas. Ele achava irado dirigir um carro em forma de aranha-lobo. Era mesmo irado, embora fosse difícil controlar o veículo. Josh achava importante parecer descolado ao dirigir, mas não sabia explicar por quê.

Diane olhou com cara feia para o filho. Ele assumiu uma forma humana, com exceção de algumas penas nas costas e nos ombros. Diane as viu sair pelas mangas da camisa, mas decidiu que nem todas as batalhas valem a pena.

— Forma humana quando estiver dirigindo o carro.

Diane via muito de si mesma no filho. Já fora adolescente. Entendia emoções. Ela se identificava. Não sabia com o quê, mas se identificava.

Josh bufou, mas a mãe lembrou-lhe de que, se quisesse dirigir o carro dela, teria que seguir suas regras, que envolviam não ser uma aranha-lobo de oito centímetros. Diane lembrou-lhe de que a bicicleta era um meio de transporte perfeitamente razoável.

Diane precisava de ainda mais paciência para ensinar o filho a dirigir, não só por causa da insistência de Josh na constante reavaliação de sua identidade física, mas também porque o carro tinha câmbio manual.

Imagine ensinar um adolescente de quinze anos a dirigir um carro com câmbio manual. Primeiro, você precisa pisar na embreagem. Depois deve sussurrar um segredo em um dos porta-copos. No caso de Diane, era fácil, pois ela não era uma pessoa muito sociável ou popular, e praticamente qualquer aspecto cotidiano de sua vida podia ser um segredo. No caso de Josh, era difícil, porque para adolescentes quase todas as coisas do cotidiano são um segredo que eles não querem compartilhar com os pais.

Então, após a embreagem e o segredo, o motorista deve segurar a marcha, que é uma estaca de madeira cheia de farpas enfiada no painel, e balançá-la até que alguma coisa aconteça, qualquer coisa, e ao mesmo tempo digitar um código numérico em um teclado no volante. Tudo isso enquanto agentes de óculos escuros de uma agência do governo misteriosa e ameaçadora tiram fotos (e ocasionalmente acenam) de um sedã com vidros fumê do outro lado da rua. É muita pressão para um motorista de primeira viagem.

Josh sempre ficava frustrado com a mãe, porque Diane não era uma professora muito boa. E também porque Josh não era um aluno muito bom. Além disso, havia outros motivos.

— Josh, você precisa me ouvir — pedia Diane.

— Já entendi. Já entendi, está bem? — respondia Josh, sem entender nada.

Diane gostava de discutir com Josh por causa das aulas de direção, pois era um tempo que os dois passavam conversando, se relacionando. Não era fácil ser mãe de um adolescente. Josh também gostava desses momentos, mas não de forma consciente. Por fora, estava muito infeliz. Só queria dirigir um carro, não fazer todas as coisas necessárias para isso, como ter um carro e aprender a dirigi-lo.

Às vezes ele dizia:

— Por que meu pai não pode vir me ensinar?

Porque sabia que a pergunta a magoaria. Depois se sentia mal por ter magoado a mãe. Diane também se sentia mal. Os dois ficavam sentados no carro, sentindo-se mal.

— Você está indo muito bem — disse Diane a Josh certa vez, sem se referir a nada específico, apenas tentando preencher o silêncio.

Então não fui bem em nenhuma das outras vezes, pensou Josh, porque não entendeu o contexto da declaração.

— Obrigado — agradeceu em voz alta, tentando preencher o silêncio com educação.

— Você ainda precisa melhorar em vários aspectos — não disse Diane. — Sinto muito por seu pai não estar aqui — também não disse. — Mas estou me esforçando muito. De verdade, Josh. Estou mesmo — não disse ela.

Diane tinha muito autocontrole para esse tipo de coisa.

Eu dirijo muito bem, pensava Josh com frequência, mesmo quando passava raspando pelas muretas das autoestradas, subia no meio-fio ou não dava passagem para vultos encapuzados, resultando em horas de tédio obrigatório na cidade inteira. As leis de trânsito de Night Vale são intrincadas e os motoristas têm acesso limitado a elas.

As aulas de direção sempre terminavam com um “Bom trabalho” e um “Obrigado”, seguidos de uma breve pausa e da ida para silenciosos quartos separados. Mais tarde, Diane batia à porta do filho e dizia “Josh”, e Josh respondia ou não.

Diane sofria. Não tinha consciência de que sofria, mas sofria. “Josh”, dizia ela muitas vezes por dia, por diversas razões.

Josh amava a mãe, mas não sabia por quê.

Diane amava o filho e não queria saber por quê.

A casa também é diferente de outras casas porque uma velha sem rosto mora ali em segredo, embora isso não seja importante

para esta história.

“KING CITY”, disse o papel.

Jackie nunca havia sentido medo na vida. Ela sentira preocupação, inquietação, tristeza e alegria, que são similares ao medo. Mas nunca havia sentido medo em si.

Ela não o sentiu naquele momento.

Jackie começou o processo de fechar a loja: esfregou a pia do banheiro, varreu o chão e ajustou a lona grossa que cobria os itens proibidos ou secretos, como a máquina do tempo que Larry Leroy roubara do Museu de Tecnologias Proibidas e as canetas e os lápis (pois havia muito os utensílios de escrita tinham sido declarados ilegais em Night Vale por razões de bem-estar público, embora todos os usassem na clandestinidade).

O pedaço de papel ainda estava na sua mão. Ela não tinha percebido, fizera tudo aquilo sem notar, mas ali estava ele. Ainda ali. Lápis mal apontado. Caligrafia apressada e borrada. Ela o colocou no vidro rachado do balcão.

Estava na hora de alimentar os itens vivos. Alguns dos itens estavam vivos. Alguns deles eram cachorros, outros, não.

Luzes surgiram no deserto. Círculos de luz indo e vindo baixinho no céu. Ela nunca os tinha visto antes. Ignorou-os, como ignorava tudo o que não fazia parte de sua rotina.

Em Night Vale, sempre havia coisas que Jackie nunca tinha visto. Um dia, no deserto, ela cruzou com um homem segurando uma tesoura que parecia estar tentando cortar o cabelo de um cacto. Havia também o cacto cheio de cabelo. Outro dia, a pequena rachadura que era sempre visível no céu se abriu de repente e

vários pterodátalos saíram voando por ela. Mais tarde revelaram que eram apenas pteranodontes e que todo o pânico fora à toa.

Jackie terminou de verificar o inventário. O papel estava na sua mão.

“KING CITY”, disse o papel.

Como aquilo tinha ido parar ali?

— Como isto veio parar aqui? — perguntou ela em voz alta.

Os cachorros não responderam, nem nada menos senciante.

Ela colocou o papel em uma gaveta no depósito, na mesa que ela não usava para o trabalho que não tinha.

Não havia mais nada a ser feito antes de fechar a loja. Para ser honesta, e Jackie procurava ser, ela estava procurando desculpas para não ir embora. Para ser honesta, e Jackie procurava ser, o chão já estava bem limpo. Ela olhou pela vitrine. Os círculos de luz que sobrevoavam o deserto tinham sumido. Não havia nada lá além de um avião percorrendo o céu a quilômetros de distância, com suas luzes vermelhas intermitentes, vulnerável no vasto vazio, fracos faróis vermelhos piscando a mensagem OLÁ. SOMOS UMA PEQUENA ILHA DE VIDA AQUI EM CIMA. MUITO PERTO DO ESPAÇO. REZEM POR NÓS. REZEM POR NÓS.

O papel estava na sua mão.

“KING CITY”, disse ele.

Então Jackie sentiu medo, e não sabia o que era isso.

Pela primeira vez em muito tempo, desejou ter um amigo para quem ligar. Ela tivera amigos no ensino médio, sabia disso, embora essa lembrança fosse distante e vaga. O restante de seus amigos não tinha parado nos dezenove anos. Envelheceram depois de levarem vidas plenas. Tentaram manter contato, mas foi difícil quando iniciaram as carreiras e a vida adulta, tiveram filhos e se aposentaram, e Jackie simplesmente continuou a ter dezenove anos.

“Então, ainda com dezenove?”, perguntara Noelle Connolly na última vez em que as duas conversaram ao telefone, em tom de

desaprovação. “Ah, Jackie, já cogitou fazer vinte?”

Elas eram amigas desde as aulas de espanhol no segundo ano, mas Noelle tinha cinquenta e oito anos quando enfim fizera essa pergunta a Jackie, usando um tom que lhe parecera repugnantemente paternal. Jackie tinha salientado isso, e Noelle agira de forma condescendente, então as duas desligaram e nunca mais se falaram. *Quem envelhece se acha muito sábio*, pensou. *Como se o tempo tivesse algum significado*.

O rádio ligou sozinho, e ela ficou ali, segurando o papel. O aparelho sempre fazia isso àquela hora da noite. Cecil Palmer, o locutor da Rádio Comunitária de Night Vale, falou com ela. Notícias, os eventos da comunidade, trânsito.

Ela ouvia Cecil quando podia. A maior parte da cidade ouvia. Em casa, Jackie tinha um pequeno rádio, com apenas sessenta centímetros de largura e quarenta e cinco de altura. Era uma versão portátil e leve (“menos de seis quilos!”) com alça de madrepérola, estrutura angulosa e águias de bicos abertos esculpidas nos cantos.

Sua mãe lhe dera o rádio de presente em seu aniversário de dezesseis anos, sabe-se lá há quanto tempo, e era um dos objetos preferidos de Jackie, juntamente com sua coleção de discos, que ela nunca ouvia porque ainda não tinha licença para adquirir uma vitrola.

Cecil Palmer falava sobre os horrores da vida cotidiana. Quase toda transmissão contava uma história de desgraça iminente e morte, ou pior: uma longa vida perpassada por um medo inútil da desgraça ou da morte. Jackie não ouvia porque queria saber todas as notícias ruins do mundo, mas sim porque amava se sentar na escuridão do quarto, envolvida por cobertores e ondas de rádio.

Veja bem, a vida é estressante. Isso vale para qualquer lugar. Mas a vida em Night Vale é ainda mais. Há coisas espreitando nas sombras. Não as projeções de uma mente aflita, mas Coisas literais, espreitando, literalmente, nas sombras. Conspirações escondem-se nas vitrines de todas as lojas, sob cada viela, e pairam nos

helicópteros lá em cima. Nascimentos e mortes, idas e vindas, o abismo de subjetividades e desafios entre nós e todos de quem gostamos. Tudo é tristeza, como disse certa vez um homem, sem fazer nada para mudar isso.

Mas, quando Cecil falava, era possível abstrair um pouco daquilo. Esquecer as preocupações. Esquecer as perguntas. Esquecer o esquecimento.

Entretanto, Jackie era incapaz de esquecer o pedaço de papel. Ela abriu a mão e o observou flutuar até o chão.

“Ponto ponto ponto”, disse o verso branco do papel, não literalmente, mas como se fosse um balão de diálogo de uma história em quadrinhos.

Ela olhou e olhou, e o papel ficou onde estava. Então Jackie piscou, e ele voltou para sua mão.

“KING CITY”, disse o papel.

— Isto não está me levando a lugar nenhum — declarou ela, para ninguém, para os cachorros ou para a Coisa que espreitava no canto.

Tentou ligar para Cecil na estação para descobrir se ele tinha ouvido falar a respeito de um homem de paletó bege com uma pasta de couro de veado. Não lembrava se Cecil já mencionara uma pessoa com aquela descrição no programa, mas valia a pena tentar.

Um dos estagiários atendeu, prometendo anotar o recado, mas como saber se o pobrezinho sequer ia sobreviver tempo o bastante para passá-lo?

— Obrigada — disse ela. — Ei, ouça, acho que o Arby's está contratando. Já pensou nisso? A taxa de mortalidade deles é bem baixa para a região.

Mas o garoto já tinha desligado. Paciência, não era sua função se preocupar com a vida de todo mundo que tinha a audácia de ser estagiário da rádio comunitária.

A loja estava bem e verdadeiramente fechada. Àquela altura, se ela continuasse esperando, faria mais sentido abrir um saco de

dormir no chão e passar a noite ali. Nem pensar. Então saiu e foi para o estacionamento, mesmo estando apreensiva.

Havia um sedã preto com vidro fumê no fim do estacionamento. As janelas se abriram o suficiente para que ela visse dois agentes de óculos escuros de uma agência do governo misteriosa e ameaçadora observando-a com atenção. Um deles segurava uma câmera que não parava de disparar, mas o homem não parecia saber como desligar o flash. A luz nas janelas escuras inutilizava as fotos, e o agente praguejava, tentava de novo, e o flash voltava a disparar. Ela lhes deu boa-noite com um aceno, como sempre fazia.

Talvez devesse levar a Mercedes para casa. Dirigir com a capota abaixada, ver que velocidade alcançaria antes de a Polícia Secreta do Xerife pará-la. Mas nunca faria isso, é claro. Jackie foi até seu carro, um Mazda cupê azul com duas listras vermelhas, que devia ter sido lavado em algum momento antes de ser seu.

— King City — disse ela.

O papel em sua mão concordou.

Havia sido um erro aceitar o item que o homem de paletó bege lhe oferecera. Ela não sabia o que era aquilo, o que significava, que informação estava tentando passar e para quem. Mas sabia que alguma coisa tinha mudado. O mundo estava se infiltrando em sua vida, e ela precisava expulsá-lo, começando pelo pedaço de papel e pelo homem de paletó bege.

Jackie anunciou suas intenções, como todos os cidadãos de Night Vale devem fazer.

— Vou encontrar o homem de paletó bege e fazê-lo aceitar este papel de volta — disse ela. — Se conseguir fazer isso sem precisar descobrir nada sobre ele ou sobre o significado deste papel, melhor ainda.

Os agentes no carro, com os indicadores encostados no ponto do ouvido, anotaram tudo com cuidado.

Lá no deserto, círculos de luz voavam rentes ao chão. Ouviu-se o eco de uma multidão discutindo e depois aplaudindo. Por um

momento, um prédio alto, feito de vidro, ângulos e atividade comercial, surgiu onde antes claramente não havia nada além de areia, depois desapareceu, e mais luzes apareceram, movendo-se, distorcendo o ar ao seu redor. E o eco das multidões. E as luzes.

Ela engatou a ré no carro e pegou a autoestrada. Jogou o papel pela janela e observou satisfeita quando ele flutuou noite adentro, ficando para trás. E então, ao estalar os dedos, pegou-o entre eles, onde estava, onde sempre esteve.



A VOZ DE NIGHT VALE

CECIL: Olá, ouvintes, aqui é Cecil, sua voz da escuridão, o sussurro na noite vazia, falando com você de uma cabine da estação da Rádio Comunitária de Night Vale. Estou aqui para relatar as notícias e os acontecimentos da nossa comunidade que você precisa saber, e omitir todo o conhecimento proibido e perigoso.

Agora, as notícias.

Há luzes sobre nossa cidade. Não estou falando das estrelas. Ninguém sabe o que são as estrelas ou o que pretendem, mas desde as lembranças mais remotas dos habitantes elas permaneceram basicamente no mesmo lugar e não deram indícios de serem perigosas. Os astrônomos estão sempre tentando explicar que as estrelas são sóis distantes em galáxias distantes, mas, claro, é preciso ouvir tudo o que eles dizem com certa dose de desconfiança.

Mas as novas luzes não são estrelas. São círculos de luz ziguezagueando pelo céu. Não são as mesmas luzes que às vezes pairam centenas de metros acima do Arby's. Aquelas luzes são diferentes. Nós entendemos aquelas luzes. As novas luzes, entretanto, são preocupantes.

Testemunhas relataram que, quando comentavam sobre as luzes, elas mudavam de cor. Alguém dizia algo como “Ah, vejam aquelas luzes laranja” e apontava. De repente as luzes ficavam amarelas, e os amigos daquela pessoa respondiam: “Não, na verdade são amarelas”, mas aí as luzes voltavam a ser laranja. E assim por diante.

Esse testemunho foi dado por Chris Brady e Stuart Robinson, moradores da Cidade Velha. Chris acrescentou: “O que você acha? São laranja, não são?” Então as luzes voltaram a ser amarelas, e Stuart concluiu: “Por que você acha tão importante estar sempre certo, Christopher?”, antes de ir embora, furioso, seguido por Chris, que pedia desculpas.

Até agora, as luzes parecem ser inofensivas, a não ser que você fique diretamente sob elas. Nesse caso, são o oposto de inofensivas, seja lá o que isso significar para você.

Ontem à noite, na coletiva de imprensa, a Câmara Municipal lembrou a todos que o Parque para Cães está lá para a diversão e o uso da nossa comunidade, e por isso é de suma importância que ninguém entre, pense ou mesmo olhe para o Parque para Cães. Vão instalar um novo sistema de câmeras avançadas para monitorar os muros altos e negros do Parque para Cães o tempo todo, e se alguém for pego tentando entrar será obrigado a entrar, e nunca mais se ouvirá falar dessa pessoa. Se vir vultos encapuzados por ali, você não os viu. Os vultos encapuzados são inofensivos e não devem ser abordados de forma alguma. Os membros da Câmara Municipal terminaram a coletiva devorando uma batata crua em mordidinhas rápidas com dentes afiados e línguas ásperas. Nenhuma pergunta foi feita, embora tenha havido alguns gritos.

Via pulsos de rádio criptografados, também ficamos sabendo da inauguração de uma nova loja: a Casa das Pechinchas de Jardinagem e Peças do Lenny, que até pouco tempo atrás era aquele armazém abandonado que o governo usava para testes altamente confidenciais e secretos sobre o qual contei a vocês na semana passada. O Lenny vai ser uma nova e útil fonte para todas as necessidades que envolverem paisagismo, decoração de jardins e também um meio para o governo se livrar de todas as máquinas, testes fracassados e substâncias perigosas que seriam desperdiçados em coisas como “descarte consciente” ou “enterrados em uma tumba de concreto até o Sol se apagar”.

Vá até a loja para aproveitar a grande liquidação de inauguração. Descubra oito segredos governamentais e ganhe um sequestro e uma redefinição de personalidade grátis para esquecer o que descobriu!

E agora está na hora do Cantinho Infantil das Curiosidades Científicas Divertidas.

Eis o que sabemos sobre a senciência. A areia é senciente. O deserto é senciente. O céu não é senciente. As plantas são intermitentemente sencientes. Os cachorros são os mais sencientes de todos. Nós não somos sencientes. O planeta como um todo é senciente. As partes que formam o todo não são sencientes. Buracos são sencientes. Nós não somos sencientes. Vales-presente são sencientes até expirarem. Os estados nos quais os vales-presente não expiram criaram a senciência imortal. O dinheiro não é senciente. O conceito de propriedade privada é senciente. A areia é senciente. O deserto é senciente. Nós não somos sencientes.

Esse foi o Cantinho Infantil das Curiosidades Científicas Divertidas.

A identidade de vocês está segura, ouvintes? Com tanta informação sendo armazenada em bancos de dados hoje em dia, é difícil ter certeza de que nossa identidade é mesmo

nossa. Existem diversas fraudes para tentar roubar nosso número de cartão de crédito, do seguro social, da carteira de identidade, de rastreamento de endereço e assim por diante.

Não se passa uma semana sem que chegue aos nossos ouvidos que o sigilo de algum banco de dados foi quebrado como um ovo em uma bancada de granito e que informações pessoais espirraram para todos os lados, dando aos ladrões de identidade a chance de se fartarem como um cachorro que teve permissão de subir na bancada da cozinha e tem um apreço especial por ovos crus.

Aqui vão algumas dicas para proteger sua identidade. Troque as senhas de seu computador com frequência. A maioria de nós não tem autorização para usar um computador, mas troque-as mesmo assim, para o caso de algum dia receber a permissão de repente. Além disso, use uma máscara quando estiver em público e apague o número de sua casa com tinta spray.

Para finalizar, a maioria dos roubos de identidade ocorre quando os bancos de dados não são gerenciados de forma segura. Então, quer um conselho? Nunca vá parar em um banco de dados.

Essas foram as Notícias sobre Tecnologia.

Depois do intervalo, clipes exclusivos da minha recente entrevista de três horas comigo mesmo, na qual me interroguei a respeito de minhas motivações, em que ponto estou na vida, por que não estou em um ponto diferente, quem é o culpado por isso, e por que falei aquele negócio constrangedor uma vez.

Diane não via Evan ou Dawn no escritório havia algum tempo. Na verdade, havia dias.

Ela raramente falava com Evan. Às vezes, falava com Dawn. Elas não eram amigas, mas gostavam uma da outra. Dawn trabalhava no marketing. Tecnicamente, Diane também trabalhava no marketing, mas apenas gerenciava o banco de dados.

O banco de dados era uma lista de nomes. Também era uma lista de detalhes pessoais associados aos nomes. E também uma série de fotos e histórias personalizadas conectadas a cada nome. Era divertido pegar a vida de alguém e compactá-la sob um único registro numérico e em uma série de subtabelas. Porque, embora seja incrivelmente impessoal e redutivo, ao combinar dezenas de milhares de outros registros numéricos e centenas de milhares de subtabelas, um banco de dados pode revelar muito sobre o comportamento de uma pessoa.

Às vezes, quando tinha um tempinho vago — ela sempre tinha tempo vago no trabalho —, Diane pesquisava informações acerca das pessoas em seu banco de dados. Procurava fotos, histórias ou vídeos e os indexava aos respectivos arquivos. Isso não era necessariamente útil para ninguém, mas era uma boa maneira de conhecer os outros. Entre o trabalho e a criação de Josh, ela tinha pouco tempo para fazer novos amigos ou sair em encontros.

Quando o departamento de marketing precisava de dados do banco de dados de Diane, podia usar informações extremamente pessoais nas malas diretas, não apenas para customizar uma propaganda para aquela pessoa, mas também para dizer “nós nos importamos tanto com você que pesquisamos tudo o que podemos

encontrar sobre sua vida”. Em geral, os clientes ficavam tão lisonjeados com esse gesto que mandavam bilhetes de agradecimento como “Como vocês descobriram tudo isso?”, ou “Quem são vocês?”, ou “Nunca contei isso a ninguém, então como vocês ficaram sabendo?”.

Às vezes, a chefe de Diane, Catharine, lia essas cartas e lhe dizia quanto todo mundo ficava feliz em receber as malas diretas e que Diane era uma funcionária valiosa para a empresa. Às vezes, Diane tinha vontade de perguntar a Catharine o que a empresa vendia, mas sabia que seria inadequado fazer uma pergunta como essa.

A maioria dos cidadãos de Night Vale sabe que algumas informações são proibidas ou inacessíveis, ou seja, quase todas as informações. A maioria dos cidadãos de Night Vale vive em uma rede mal-ajambrada de mentiras, suposições e teorias da conspiração. Diane era como a maioria das pessoas. A maioria das pessoas é.

Sua mesa não ficava perto dos cubículos do restante da equipe. Ela ficava no final do corredor, ao lado da sala do servidor. O escritório terceirizava os funcionários de TI, então Diane ficava sozinha com o constante zumbido do servidor.

Era agradável porque ela podia fazer tarefas ou ligações pessoais quando quisesse. Raramente fazia isso, mas sem dúvida é bom ter a liberdade de fazer o que quiser, quando quiser, sobretudo se você não é o tipo de pessoa que abusa dessa liberdade.

Diane não era o tipo de pessoa que abusava dessa liberdade.

Mas, como sua mesa ficava longe de todos os outros, ela sempre se sentia excluída. Claro que era convidada para participar das atividades comuns do escritório, como as pequenas apostas em grandes eventos esportivos (o Super Bowl, o Absurd Bowl, facabol, poesia etc.), as festas de aniversário ou as festas de despedida, nas quais os funcionários que estavam indo embora se revezavam para acertar uma piñata cheia de abelhas com um bastão.

Mas não era parte da conversa costumeira e casual do dia a dia do escritório. Não debatia as últimas notícias a cada manhã. Não compartilhava essa camaradagem com os colegas de trabalho. Sabia que Martellus tivera um bebê no ano anterior. Sabia que Tina gostava de bordar orações escritas em línguas mortas. Sabia que Ricardo não confiava em pássaros. Mas as interações de Diane eram limitadas pela disposição espacial do escritório.

Ao longo dos anos, ela poderia ter se esforçado para sair de sua mesa e conviver com os colegas, mas não fez isso. Ela não era tímida, mas talvez fosse socialmente preguiçosa. Não tinha disposição para buscar situações e conexões que já não fossem parte da rotina. Ou talvez fosse tímida. Como uma pessoa descobre se é tímida se nunca tem tempo de conhecer gente nova?

Ela temia que Josh não aprendesse nada além de sua timidez, pois não tinha o pai para dar um exemplo diferente, e de fato ele parecia ter dificuldade de fazer amigos e de se relacionar com eles. Mas Diane achava melhor ele aprender sua falta de traquejo a qualquer coisa com o pai.

Ela aceitara o emprego seis anos antes porque o que ganhava trabalhando no balcão da Pizzaria do Big Rico não era suficiente para criar Josh sozinha. A empresa aceitou Diane porque precisava de alguém que entendesse de bancos de dados. Diane não entendia nada de bancos de dados, mas aprendia rápido, então mentiu para conseguir a vaga.

O mercado de trabalho da cidade é concorrido, pois misteriosos vultos encapuzados já desempenham várias tarefas (vigia de estacionamento, cartógrafo, babá de cachorro) que, em outras cidades, tradicionalmente são realizadas por humanos assalariados. Como a maioria dos cidadãos de Night Vale, Diane achava essa situação frustrante, mas era tomada de um terror indescritível e trêmulo que a impedia de reclamar.

Diane passou as primeiras semanas no emprego levando trabalho para casa e aprendendo a gerenciar bancos de dados

sozinha. Era difícil porque ela não tinha licença para ligar o computador em casa, além de desviar sua atenção de Josh. Naqueles primeiros dias de trabalho, Josh tentou conversar com Diane a respeito de um show ao qual queria ir, e ela respondeu que estava ocupada e o mandou embora. Diane precisava mais do emprego do que precisava que o filho gostasse dela.

Mais tarde, ela entendeu os bancos de dados, tornando-se a pessoa que fingia ser, e passou a realizar todas as suas funções durante o horário de trabalho.

Quando lhe perguntavam no que ela trabalhava, Diane dizia: “Trabalho em um escritório, e você?” Então começava conversas interessantes sobre a vida dos outros ou sobre Josh. Criar Josh era seu verdadeiro trabalho, e o emprego no escritório era só o que lhe permitia fazê-lo.

Diane nunca conversava com Evan no escritório. Ela o via muitas vezes. Eles trocavam comentários em festas de aniversário e de despedida, como “O bolo está gostoso, não é?”, “Champanhe no trabalho! Maravilha!” ou “O céu estava especialmente vasto e infinito hoje de manhã”. Os papos furados habituais.

A princípio, ela nem sequer notou que Evan tinha faltado ao trabalho. O mesmo aconteceu com Dawn. Mas, conforme os dias se passaram, a ausência deles penetrou a monotonia trivial da conversa do escritório. Achavam que Evan e Dawn haviam fugido juntos. Diane não tinha intimidade suficiente com os colegas de trabalho para repreendê-los por fofocar.

Alguns especulavam que Evan abandonara a família, que tinha uma vida secreta. Outros achavam que ele podia estar apenas passando por problemas pessoais. Alguns poucos pensavam que havia morrido e ninguém encontrara o corpo ainda.

Catharine, a chefe do setor, convocou uma reunião para discutir a ausência dos dois. Fora uma reunião rápida e prática, pois todos tinham que voltar ao trabalho. Alguém se ofereceu para ir até a casa de ambos para ver como estavam. Catharine aprovou.

Diane quase nunca pensava em Evan. Mas, certa manhã, pensara bastante nele. Evan também pensara nela.

Naquela manhã, quando Diane ergueu o rosto, Evan estava a poucos metros de sua mesa. Ele usava um paletó bege. O cinto era de um tom de marrom mais escuro que os sapatos. O cabelo fora cortado recentemente. O rosto estava limpo e barbeado. Ele sorria, em silêncio.

Ele não sorria como alguém sorri para um colega de trabalho ou um amigo. Ele sorria como alguém posando para uma foto diante de um monumento turístico.

Os dentes eram brancos. Ou quase. Um deles, o pré-molar superior esquerdo, era mais proeminente do que o restante. Os dentes não eram brancos, mas quase.

Evan olhava na direção de Diane. Não olhava para Diane, mas ao seu redor. Ela via suas pupilas. Não estavam dilatadas. Eram pontos minúsculos. Ele olhava na direção de Diane, mas seu olhar parecia parar pouco antes de onde ela estava. Ele sorria.

Diane deu bom-dia a Evan. Evan virou a cabeça de leve.

— É bom estar de volta — disse ele.

— Onde está Dawn? — perguntou Diane, enfatizando o nome.

— Onde está Dawn? — repetiu Evan, enfatizando o verbo.

Seus dentes eram manchados e tortos.

— Está tudo bem? — indagou Diane.

Evan parou de sorrir e moveu o pé esquerdo na direção dela sem apoiar o peso nele.

O telefone de Diane tocou.

Evan estendeu o braço esquerdo sem dobrar o cotovelo. Ele mantinha os olhos fixos em um ponto logo à frente de Diane.

O telefone de Diane tocou.

Evan esticou os dedos. Depois dobrou o joelho direito ainda sem colocar nenhum peso no pé esquerdo.

O telefone de Diane tocou.

Entre os dedos dele havia um pedaço de papel. Pequenas gotículas de suor se acumulavam sobre o lábio superior. Ele não estava olhando para ela.

O telefone de Diane tocou.

Entre os toques, Diane ouvia a respiração ofegante de Evan. Seu corpo inteiro tremia devido ao esforço. Ele colocou a pequena tira de papel na mesa. Havia algo escrito nela.

O telefone de Diane tocou. Ela pegou o aparelho, interrompendo o toque.

— Diane Crayton! — gritou ela ao telefone.

— Oi, Diane. Sou eu, Evan — disse a vozinha em seu ouvido.

— Evan?

Evan continuava sorrindo, mudo. Ele soltou o papel.

— Não vou poder ir trabalhar hoje, Diane — anunciou a voz de Evan ao telefone. — Você pode avisar Catharine?

— Evan — repetiu Diane.

Evan se endireitou, inspirando profundamente pelo nariz e expirando profundamente pela boca.

— Não posso ir trabalhar hoje, Diane. Entendeu? — disse a voz ao telefone.

— Sim. Acho que sim.

Evan sorriu outra vez. Ele olhou para Diane. Ela viu o pedaço de papel na mesa. Não conseguia ler o que estava escrito.

— Estou sendo claro, Diane?

— Evan, não sei. Onde você está? Onde está agora?

— Não posso ir hoje.

Diane olhou a tira de papel na mesa. Evan olhou na direção de Diane, sorrindo. Então se virou, parando de olhar na direção de Diane, mas provavelmente ainda sorrindo. Ele se afastou depressa, percorrendo o corredor até sumir de vista.

— Evan? Alô?

— Diga à Catharine.

“Clique”, disse o telefone.

Diane desligou. Ela se voltou para o pedaço de papel na mesa. Não estava ali.

Correu para o escritório de Catharine. No caminho, viu Dawn.

— Olá, Dawn. Por onde andou?

— Oi, Diane. Passei alguns dias em casa, doente. Mas já estou bem melhor.

— Que bom. Sentimos sua falta por aqui. Você viu Evan hoje manhã?

— Quem?

— Evan.

— Quem é Evan?

— Evan McIntyre. Trabalha no comercial. Fica naquele cubículo ali.

Diane se virou e apontou na direção do cubículo de Evan. Mas, em vez de um cubículo, havia uma samambaia e uma cadeira vazia sob a foto emoldurada de uma nuvem. Ela não sabia que nuvem era aquela.

— Não me lembro de alguém chamado Evan já ter trabalhado aqui.

Diane olhou na direção da nuvem. Não para ela, mas perto.

Dawn sorriu. Seus dentes eram brancos.

— Você está bem?

A nuvem não respondeu.

Jackie pediu café. Por fim, lhe deram uma caneca de café. Esses momentos estavam relacionados.

A Madrugada Enlurada estava lotada, como sempre ficava pela manhã. Havia poucos lugares em Night Vale onde se podia tomar café da manhã tranquilamente na companhia de tantas outras pessoas fazendo o mesmo. Não existe nada mais solitário que uma ação feita em silêncio por conta própria, e nada mais reconfortante que exercer essa ação silenciosa enquanto outros humanos desempenham a mesma ação, todos sozinhos na companhia uns dos outros.

Em sua mão direita havia uma caneca de café, que dizia:

VIGILÂNCIA DE ERVAS DANINHAS IRMÃOS JONES CO.
“VIGIAMOS O COMPORTAMENTO SUSPEITO DAS SUAS ERVAS DANINHAS PARA
VOCÊ!”
MONITORAMENTO DE ÁUDIO E VÍDEO 24 HORAS.

Parte do charme da Madrugada Enlurada era usarem canecas obtidas de várias fontes. Às vezes, essas fontes deixavam estranhas marcas ou zumbidos nas canecas. Isso também fazia parte do charme.

Na mão esquerda segurava o pedaço de papel, que estava preso ali desde a noite anterior. Mais cedo, ela tentara queimar o papel, mas ele tinha voltado das cinzas. Ela o colocara em um pequeno cofre. O papel escapara.

Ela tentara eliminá-lo no chuveiro. Com frequência, tomar banho resolvia seus problemas. Jackie tinha pensamentos que pareciam pertencer a outra pessoa, pensamentos que questionavam

decisões, ofereciam sugestões ou apenas refletiam vagamente sobre a vida de um jeito que não parecia pertencer a ela.

Quando ela segurara o papel diretamente debaixo da água do chuveiro, ele havia se encharcado e se dissolvido, virando uma borra que descera pelo ralo. Mas depois voltara para sua mão. Ela o destruiu várias vezes; porém, o papel sempre retornava.

“Finalmente um companheiro com quem posso contar”, dissera ao chuveiro.

Em sua cabeça surgira um pensamento quase impossível de pôr em palavras, mais uma imagem geral da frequência com que Jackie se via cercada de coisas com as quais podia contar, e de como pensava pouco nelas. Ela saíra do chuveiro como a maioria das pessoas sai de chuveiros, limpa e meio solitária.

Sentada na lanchonete, sem muita esperança, Jackie amassou o papel e o enfiou no mingau de aveia, junto com os habituais mirtilos, cubos de sal e pedaços de salmão defumado. Ela engoliu tudo como se não comesse há dias, o que também podia ser o caso. Era difícil saber, e Jackie mal prestava atenção a muito mais que o papel. Sua mão esquerda se contraiu, e ela soube mesmo sem olhar.

— Droga! — exclamou, apunhalando o papel com a faca de manteiga, depois repetiu “Droga” mais algumas vezes em um decrescendo desanimado.

“KING CITY”, disse o papel.

— É, já ouvi — murmurou ela.

Ninguém ao redor notou. Jovens gritam um monte de impropérios enquanto fincam facas ao redor das mãos, todo mundo sabia disso.

O homem à sua esquerda cutucava o balcão lascado e sussurrava algo para ele. Usava um chapéu de palha bem para trás, de modo que seu rosto parecia mais longo do que deveria ser. A mulher à sua direita estava com a cadeira virada para a porta da lanchonete, fazendo anotações na prancheta sempre que alguém

entrava. De forma geral, ninguém ligava para uma jovem gritando e golpeando a mão.

Tomar café da manhã na Madrugada Enlutarada fazia parte da rotina. Em cerca de cinco minutos ela largaria o que restasse do café, sussurraria para o copo d'água pedindo a conta, que retiraria de debaixo do recipiente com os envelopes de açúcar, onde apareceria de repente. Depois, devolveria a conta com o dinheiro sob o açúcar, esperaria o som de deglutição indicar que a conta fora paga e sairia do restaurante. A ladainha típica de uma lanchonete.

Então dirigiria até a loja de penhores, retiraria as portas de onde estivessem escondidas e as recolocaria destrancadas no batente bem a tempo da hora de abrir, que era o momento que sua intuição lhe dizia que a loja deveria ser aberta. Ela ficaria ali sentada o dia inteiro, fazendo o que fazia e não mais do que isso, depois pararia de fazer aquilo e iria para casa. Não havia muito mais para se fazer na vida. A vida de uma pessoa é apenas o que ela faz.

Mas, naquela manhã, ela não pediu a conta. Não pagou nem foi embora. Observou o papel em sua mão e soube que não faria nenhuma das coisas que normalmente fazia. Essa percepção veio como uma dor no estômago e um arrepio no pescoço. Era física, como uma forte percepção sempre é. Tinha mais a ver com uma dor nos ossos que com uma ideia na cabeça.

O papel tinha perturbado sua rotina, e a rotina era sua vida. Sem ela, Jackie era apenas uma adolescente que não envelhecia e não tinha amigos. Ela se sentia indefesa diante do poder do papel, mesmo sem entender que poder era esse.

— Tudo bem! — gritou ela para o papel.

— Ok! — berrou o homem de uma mesa próxima para uma mancha na gravata.

Na cozinha, outro homem, de avental florido e rede no cabelo, assentiu para uma tina com pratos de molho.

— É — disse ele.

Era comum as pessoas assentirem para objetos inanimados na Madrugada Enluarada.

Jackie se recostou no banco vermelho rachado que cheirava a borracha e serragem. Precisava de um plano. Ela se virou para o homem à sua esquerda e disse:

— Eu preciso de um plano.

— O quê?

Ele ergueu o rosto. Sua testa era longa e sem rugas, e ele parecia estar usando muita maquiagem.

— Um plano, cara. Eu preciso colocar minha vida nos eixos.

Ela agitou o papel de forma frenética.

— Ah. Está bem, menina — respondeu ele, e voltou a encarar o balcão.

— Eu preciso encontrar o homem de paletó bege.

O homem ao lado de Jackie estreitou os olhos. Supostamente ele tinha dois.

— Como é?

— Preciso encontrar outra pessoa que o tenha visto. Tem que haver alguém nesta cidade que tenha falado com ele e possa me contar algo sobre ele.

Ele a encarou com o que devia ser uma quantidade normal de olhos.

— Vou ter que começar a falar com as pessoas. Da cidade inteira. Tentar encontrar alguém que o conheça. Ouvir com atenção o que elas disserem e o que não disserem.

— Você mencionou um homem de paletó bege? — perguntou ele.

— Deixa pra lá — disse Jackie, voltando-se para a frente e reestabelecendo a barreira entre ela e seus colegas de lanchonete, ou a “oitava parede”, como é conhecida no meio teatral.

Ela decidiu fazer uma lista de todos os que podiam saber algo a respeito do homem misterioso. Pegou a caneta que usava para

preencher os recibos na loja de penhores. A caneta era um brinde de um festival feito pela prefeitura alguns anos antes. Dizia:

FESTIVAL SHAKESPEARE NO FOSSO DE NIGHT VALE. CAIA NAS PALAVRAS DO BARDO.

Quebrar a perna tinha doído, mas ela adorava aquela caneta.

Jackie vasculhou os bolsos em busca de algo em que escrever e não encontrou nada. Os recibos em branco ficavam na loja de penhores, e mesmo assim só serviam para escrever recibos de itens penhorados. Para tudo há um método. Ainda que naquele momento não estivesse sendo seguido. A premissa de sua existência era tudo ser igual todos os dias, e o papel insistia em ser diferente. Era impossível afundar em um alegre estado de animação suspensa com um misterioso papel na mão.

Não havia cardápios nem jogos americanos em que escrever, então baixou os olhos para a mão esquerda e para o papel. Claro. Ela colocou o papel no balcão e escreveu “LISTA” na parte superior do lado em branco.

Pelo menos “LISTA” era o que pretendia escrever. Mas escreveu “KING CITY”.

— Não — disse para a própria mão.

Ela riscou as palavras e escreveu logo abaixo “LISTA”.

Só que ainda se parecia muito com “KING CITY”.

— Não — repetiu.

Não ia aceitar aquilo. Era só o que faltava.

Talvez fosse a superfície. Ela jogou o papel para o lado (de onde ele voltou de imediato, livre dos riscos da caneta, para sua mão esquerda) e escreveu diretamente no balcão.

— Ei — exclamou Laura, a garçonete, quando passou por Jackie.
— Depois eu vou ter que limpar isso.

Do corpo de Laura cresciam vários galhos, carregados de frutas.

“TESTE”, escreveu Jackie no balcão. E outra vez saiu “KING CITY”. Ela gritou de frustração. O homem de testa longa e a mulher

com a prancheta olharam para ela. *Em geral, adolescentes não gritam enquanto escrevem coisas*, pensaram todos, preocupados.

— Shhh — disse uma voz que saiu de debaixo do chapéu do homem.

Mesmo que fosse para a loja de penhores, ela não conseguiria escrever recibos para os clientes, ou etiquetas de preço que diziam “onze dólares”. Ela se sentia derrotada, e a sensação a deixou furiosa. O que fizera para merecer aquilo? Jackie socou o balcão e depois segurou o punho dolorido.

Seu celular tocou. Ela o pegou, e a mulher ao lado colocou um fone de ouvido para poder ouvir também.

— Oi, mãe?

— Oi, querida!

Sua mãe não entendia muito bem que telefones eliminavam a distância entre as pessoas e que, por isso, gritar era desnecessário.

— Não posso conversar, mãe. Estou no trabalho.

A mulher da prancheta, que segurava o fone com uma das mãos, ergueu uma sobrancelha para ela, e Jackie a rechaçou com um gesto.

— Você está precisando de alguma coisa?

— Não posso ligar para a minha filha sem motivo? Tenho que estar precisando de alguma coisa?

— Claro que pode, mãe, não foi o que eu...

— Mas já que você tocou no assunto...

— Viu? — disse Jackie sem emitir som para a mulher com a prancheta.

A mulher deu de ombros.

— O que foi, mãe?

— Preciso falar com você.

— Então fico feliz por termos nos falado. Mais alguma coisa?

Jackie escreveu “KING CITY” no balcão outra vez e estremeceu.

— Preciso falar com você pessoalmente. É importante. Tenho uma coisa para lhe contar. É sobre... Bem, é melhor você vir aqui

para conversarmos.

Os olhos de Jackie arderam. Talvez fosse uma reação alérgica. Não se lembrava de já ter tido essa sensação. Tocou o canto do olho. Estava molhado. Havia água saindo dos olhos e escorrendo pelas bochechas, e ela percebeu que estava chorando, mas não sabia se já havia chorado na vida. Ela expirou todo o ar dos pulmões sem usar a boca para comunicar nada com aquele ar. Essa falta de comunicação dizia muita coisa.

— Jackie, você ainda está aí?

— Sim, estou onde quer que eu esteja. Aqui estou. Mãe, eu já... quer dizer, você lembra se eu...

Ela ergueu o rosto e ficou paralisada sem parar de se mover. A paralisia foi interna.

Um dos cozinheiros a encarava. Ele era alto e louro. Tinha um sorriso largo e caloroso que a irritou. Ele estava fritando hambúrgueres (quem pedia hambúrguer tão cedo?), mas não tirava os olhos dela, então, quando virava os hambúrgueres, eles caíam no chão, na pia, na borda da chapa, criando um padrão aleatório de respingos que começava no ponto em que eram virados pela espátula. Seu sorriso era muito largo e caloroso. Jackie não se sentia segura.

— Jackie, venha aqui em casa. Acho que agora é um bom momento para lhe contar.

— Está bem, mãe. Eu vou. Só preciso fazer algumas coisas antes.

Ela encerrou a chamada e a voz de sua mãe sumiu.

Jackie precisaria começar de algum lugar. A velha Josie mencionara que os anjos queriam vê-la, e embora ninguém reconhecesse legalmente sua existência, eles costumavam saber o que as criaturas de existência mais legalizada não sabiam. Era, no mínimo, um ponto de partida. Ela se levantou para sair, olhando novamente para a cozinha.

O cozinheiro continuava a encará-la, virando um hambúrguer. Seu olhar de relance não registrou a queda, então em sua mente o hambúrguer ficou para sempre no ar, em rotação, sem nunca se espatifar no chão, sem nunca ser comido, apenas girando e caindo, girando e caindo.

O escritório de Catharine tinha duas plantas, três cadeiras, duas mesas, um armário, seis fotos de família em porta-retratos, um daqueles pôsteres motivacionais cheios de clichês na parede, com a imagem de dois corvos arrancando as entranhas de um gato selvagem de tamanho considerável acompanhada da legenda brega e inspiradora: “Você nunca deve parar de sonhar”, e um peso de papel de argila, provavelmente feito pelo filho de Catharine (estava assinado

“ da sua cria ”

em uma adorável caligrafia infantil).

Diane se sentou em uma das cadeiras que não tinha rodinhas. As outras duas estavam vazias. O computador zumbia e brilhava. Pontos coloridos desapareciam e reapareciam depressa na tela. Um telefone tocava em algum lugar da área dos cubículos. Um telefone foi atendido na área dos cubículos.

Uma tarântula se movia devagar entre o teclado e o mouse, como se estivesse em uma brincadeira na qual só pudesse mover uma perna de cada vez, uma brincadeira popular entre tarântulas. *Tarântulas são criaturas singelas*, pensou a casa de Diane, mas não havia ninguém lá para receber esse pensamento. Josh estava na escola, sem pensar em tarântulas. Diane estava no escritório, tentando não pensar em Josh.

A porta se abriu, e Catharine disse:

— Sinto muito por fazê-la esperar tanto.

Mas falou no tom que se usa para dizer: “Sinto muito pela morte do seu bichinho de estimação.” Ou Catharine era incrivelmente empática ou completamente dissimulada. Dependia do que era exigido de um chefe. Nesse sentido, Catharine era uma boa chefe.

Catharine se sentou na cadeira que tinha rodinhas, entre as duas mesas. Ela tirou os papéis e o peso de papel do centro da mesa, criando um pequeno triângulo livre no tampo de carvalho entre ela e Diane.

— Como está o Josh? — perguntou Catharine.

— Josh?

Diane não esperava conversa fiada. Nem que Catharine se lembrasse do nome de seu filho. Sempre se dera bem com a chefe, mas as duas só haviam conversado uma ou duas vezes desde que ela entrara para a empresa. Catharine sempre pareceu justa e bondosa, mas também tensa e distraída.

— O nome dele é Josh, não é? Do seu filho? Como ele está? Ainda fica trocando de forma física o tempo todo?

— Ah, ele está bem. Ótimo.

— Isso é bem inespecífico, mas não vou pressioná-la se você não quiser misturar trabalho com a vida pessoal — disse Catharine, sem mover o pescoço ou os olhos. — Mas estou legitimamente interessada em Josh. Eu o conheci há alguns anos quando nos encontramos no Ralphs. Você estava analisando várias embalagens de cereal, e naquele dia Josh estava com... ah, eu me lembro... dedos e orelhas muito longos, grandes olhos escuros e lindas asas negras. Ele era um menino bonito.

— Sim. Ele é um menino bonito.

— E eu estava comprando polidor de metais e um pacote com trinta e dois termômetros de carne. Eu me lembro bem daquele dia.

Catharine franziu a testa, e os olhos ficaram tristes por um instante antes que ela recompusesse o rosto e o fizesse voltar à neutralidade.

— Como ele está indo na escola? Deve estar com quinze anos. Já começou a namorar?

— Acho que talvez esteja interessado.

— Você não precisa responder se não quiser.

Catharine ergueu uma das mãos com os dedos juntos e a palma voltada para Diane.

Diane olhou para o gesto energético mas carinhoso da chefe e depois observou seu braço. A tarântula, que antes estava perto do computador, se empoleirou no ombro de Catharine. Uma de suas pernas se erguera, apontando para Diane. Era possível que a criatura ainda estivesse andando devagar, mas Diane esperava que, na verdade, estivesse imitando o gesto da dona.

Imaginando isso, Diane abriu um sorrisinho. Catharine abriu um sorrisinho em uma reação inconsciente.

Catharine nem imaginava que a tarântula estava ali. Na verdade, ela morria de medo de aranhas. Ela não conseguia nem olhar para a foto de uma aranha sem entrar em pânico e quem sabe até desmaiar. Diane entendeu mal a situação.

Catharine achou que estava criando um laço emocional com um dos funcionários. Catharine também entendeu mal a situação.

— Ah, não, tudo bem — disse Diane. — Ele está com quinze anos. Sabe como é. Ele não fala muito sobre as pessoas de quem gosta.

— Talvez seja melhor assim. É difícil conversar com os pais a respeito de romance, sexo e namoro. Eu me lembro de quando tinha essa idade. Lembro-me de quase todas as idades que já tive.

A tarântula havia se virado e descia pelo braço de Catharine. Diane imaginou que seria bom ter um animal de estimação no escritório. Como peixinhos dourados. Será que poderia criar peixinhos dourados em sua mesa? *Eles fazem muito barulho, e é preciso alimentá-los com ratos toda semana*, pensou Diane. *Talvez não.*

— Diga como posso ajudá-la, Diane — pediu Catharine.

— Eu queria falar sobre Evan. Sobre a ausência de Evan e Dawn na semana passada.

— Certo. Você insiste em afirmar que alguém chamado Evan trabalhou aqui.

Catherine inclinou a cabeça.

— Bem, sobre o mal-entendido que tivemos sobre Evan.

Catherine não respondeu nada.

— Foi um...

Diane pesou a diferença entre aceitar a culpa por uma ação e reivindicar essa ação. Por um lado, ela podia proteger seu emprego e sua reputação. Por outro, podia agir com base no que entendia ser a realidade: que um homem chamado Evan trabalhara naquele escritório.

Ela entrara em algumas discussões a respeito disso com os colegas de trabalho tanto do RH quanto do financeiro. Queria que Catharine a ajudasse a resolver o problema, mas também sabia que aquela insistência estava começando a manchar sua imagem.

A cabeça de Diane pulsava com o que não era exatamente uma dor de cabeça. Parecia que sua própria voz estava diferente, ou que pertencia a outra pessoa.

Ela também levou em consideração o fato de que no lugar onde achava que a mesa de Evan ficava não havia nada. Talvez os colegas estivessem certos. Ela começou a se convencer de que devia ter enlouquecido ou tido um surto momentâneo. Que talvez precisasse ir ao médico. Como a maioria das pessoas de Night Vale, Diane não sabia muito bem o que os médicos faziam, mas, segundo os boatos, suas atividades secretas eram benéficas.

Diane pensou em muitas coisas durante aquela curta pausa na conversa. A tarântula não teve sequer tempo de dar um passo.

— ... um engano — continuou Diane, cuja pausa mal fora distinguível de uma hesitação. — Não sei como achei que havia um homem chamado, hum...

Por um segundo ela não lembrou nada sobre o homem, muito menos seu nome.

— ... Evan que trabalhava aqui — completou ela.

— Entendo — disse Catharine.

— Mas estou curiosa. Já houve algum empregado com esse nome, ou com algum parecido? Eu cheguei perto? Será que estava confundido essa pessoa com alguém? Só estou tentando não me sentir louca, sabe?

Diane riu. Catharine, não.

— Não que eu lembre. Vou dar uma olhada e aviso. Acho que tivemos um Alan que trabalhou como representante de vendas.

— Ah, eu me lembro do Alan. Não, não era ele.

— Vai ser difícil ajudá-la se você ficar dizendo *não* para tudo, Diane.

Ambas riram.

É uma excelente piada cáustica, pensou Catharine. *Estou me conectando com os funcionários.*

Que diabo?, pensou Diane.

— É sério, vou dar uma olhada nisso, Diane. Estou feliz que Dawn tenha voltado e que nossa equipe esteja reunida outra vez.

— Sim, eu fiquei... Bem, não sei se você se sentiu assim, mas ficar sem saber estava me deixando nervosa.

— Sem saber o quê?

A tarântula descia do cotovelo de Catherine, tentando chegar ao braço da cadeira.

— Você fez uma reunião com a equipe na qual discutimos a ausência de Dawn e Ev... a ausência de Dawn. Que ela tinha desaparecido alguns dias antes e ninguém conseguia falar com ela. Nós nos oferecemos para ir até a casa dela e...

— Quando foi isso?

Catharine girou a cadeira para o computador e moveu o mouse de um lado para outro em três movimentos idênticos. Os pontos

coloridos e a tela preta sumiram, e Catharine clicou no calendário. A tarântula retraiu a perna exploradora.

— Terça-feira.

— A que horas?

— De manhã, eu acho. Acho que foi de manhã...

— Não há nada no meu calendário na manhã de terça. Tivemos uma reunião de operações à tarde, mas você não participou. Nada no dia anterior nem no seguinte. Tivemos uma reunião na quinta, mas Dawn já tinha voltado. Ela só ficou fora por quatro dias e ligou todos os dias para avisar que estava doente.

Catharine virou as costas para o computador. A tarântula, ainda em seu braço, virou-se com ela.

— Você falou com Dawn? — perguntou ela.

— Sim. Não. Só superficialmente.

— Você deveria conversar com ela.

— Vou, sim. Com certeza.

— Você também deveria tirar uns dias de folga. Quero uma equipe saudável, uma equipe feliz. Quero que cuide da sua enxaqueca.

Diane nunca teve enxaqueca e não sabia do que Catharine estava falando. Ela pensou que talvez estivesse em um dia diferente do que achava, ou que Catharine não fosse sua chefe, mas alguém usando uma máscara. Nada parecia normal.

— Vou fazer isso. Vou cuidar da... da enxaqueca. E vou falar com Dawn.

— Maravilha. — Catherine virou a cadeira para Diane outra vez.

— E, Diane?

Diane, que já se levantava para sair, parou.

— Obrigada.

— Não. Eu é que agradeço, Catharine. Obrigada pelo... obrigada por ser paciente. Eu estava confusa.

— De nada.

Os dedos de Catharine se juntaram de novo, encaixando-se perfeitamente no triângulo livre na mesa.

A tarântula alcançara o braço da cadeira e arrastava o corpo marrom até a mesa. Ela parou ao lado de uma foto de Catharine na juventude com um garoto mais jovem ainda.

— Catharine, posso mudar de assunto?

— Claro, Diane.

— Qual é o nome dela? — perguntou Diane, apontando para a aranha.

— O nome de quem?

— Ou dele. Desculpe. Eu não deveria presumir o sexo.

— Ah. Claro. É um menino — respondeu Catharine com um sorriso rígido, estendendo a mão na direção da tarântula.

A tarântula parou. Pareceu olhar para a mão de Catharine. Ou pode ter apenas percebido o movimento acima de si e ficado paralisada.

Tarântulas são criaturas singelas, pensou Diane, sem saber de onde aquele pensamento viera.

A mão de Catharine segurou a lateral da foto dela com o menino. A tarântula roçou uma das pernas em seu dedo médio. Catharine sentiu o toque, mas não sabia o que era, então, como a maioria das coisas que não entendemos, ignorou-o.

— Esta é uma foto minha com meu filho, Kim.

Diane levou algum tempo para conectar sua narrativa mental com a realidade visível. Mas, quando se deu conta de que Catharine estava falando do menino da foto, e não da tarântula, entendeu tudo.

— Entendi tudo — disse Diane.

— Que resposta estranha.

— Quer dizer, ele é lindo. Eu quis dizer que vocês dois estão lindos nessa foto.

— Éramos mais novos nessa foto. Em outras fotos estamos mais velhos.

— Tempo — disse Diane, gargalhando.

Catharine também riu.

— Não é mesmo? O que é o tempo, afinal?

Catharine afastou a mão do porta-retratos. A tarântula recolocou a perna na mesa. Diane terminou de se levantar.

— Vá falar com a Dawn.

— Vou, sim.

Catherine se voltou para o computador, sabendo que tinha relatórios a escrever.

Diane saiu da sala da chefe, sabendo que precisava falar com Dawn.

A tarântula olhou para o teto sem fazer a mínima ideia do que era um teto.



A VOZ DE NIGHT VALE

CECIL: ... que sugeriu muito, mesmo dizendo pouco. Na verdade, o mesmo poderia ser dito acerca dos outros planetas do sistema solar. Nenhum deles quis comentar.

Nossa cidade está enfrentando novamente um sério problema com tarântulas. O Distrito Escolar Unificado de Night Vale mostrou que menos de uma em cada cinco tarântulas se forma no ensino médio. Na verdade, a maioria das aranhas nunca se matricula no ensino público, preferindo fazer teias e comer insetos.

Tarântulas são criaturas singelas, pensou hoje a tesoureira da APP, Diane Crayton, sem dizer isso em voz alta para ninguém, segundo vários satélites espiões confiáveis e invasivos que escaneavam o cérebro dela no momento.

Fizemos contato com a comunidade das tarântulas para obter uma resposta à opinião privada de Diane, e logo ficamos cobertos por várias delas. Acho que todas já saíram, mas estou sentindo leves cócegas nas costas e não tenho coragem de investigar.

Talvez isso seja o início de uma enxaqueca. É melhor perguntar ao Carlos.

Ouvintes, esta noite a Polícia Secreta do Xerife saiu em peso às ruas da cidade. Não estão à procura de um assassino ou de uma pessoa desaparecida. Não há qualquer desastre ou acidente para administrar. Eles estão apenas vagando pela cidade. Alguns desses policiais estão em serviço, sentados em viaturas à espera de infrações de trânsito leves ou chamadas. Mas muitos não estão trabalhando. Estão jantando fora com a família ou assistindo a um popular evento esportivo no bar com os amigos. Alguns estão lendo livros ou vendo programas de TV que tinham perdido. Outros trabalham até tarde em uma delegacia secreta, provavelmente escondida naquela nuvem imóvel de aparência pesada.

A Polícia Secreta saiu em peso esta noite. Quase todos os integrantes da Polícia Secreta estão em algum lugar de Night Vale. Todos eles existem. Nós nos sentimos muito seguros.

Mais notícias a seguir, mas primeiro um breve recado dos nossos patrocinadores.

Pepsi. Uma bebida refrescante. Uma música suave que você ouve ao acordar, mas depois fica imaginando se sonhou com aquilo. Um corredor visto de relance nos fundos da geladeira, mas, quando olha de novo, não está mais lá. A sensação recorrente de que seu chuveiro está perdendo a fé em você. Desespero. Fome. Inanição, não literalmente, mas mesmo assim. O corredor outra vez, cheio de portas que você sabe que pode abrir. A geladeira está vazia. Você não sai de casa há dias, e ainda assim vai e vem. Isso não é comida. O que você está comendo?

Pepsi: Beba Coca-Cola.

A Câmara Municipal deu a terceira coletiva de imprensa em três horas para reiterar os perigos extremos que os anjos oferecem.

“Anjos não existem”, disseram os membros da Câmara em suas muitas vozes unificadas. “Mas se existissem seriam criaturas perigosas e repugnantes. Pensem nas muitas pernas e na voz medonha. Pensem em um anjo como um assassino escondido em sua casa. Pensem em um anjo como o próprio conceito de dor e morte desnecessários. Mas vocês terão que imaginar tudo isso, porque anjos não existem.”

“Fiquem longe deles”, concluíram.

Agora devolvemos vocês aos sons do que quer que esteja ao seu redor. Devem ser muito mais sons do que imaginam, sendo que apenas alguns indicam perigo iminente.

Encontraria a velha Josie primeiro. Jackie podia visitar a mãe depois.

A casa de Josie ficava perto dos limites da cidade, ao lado do depósito de carros usados. Quando uma pessoa não queria mais um carro e não precisava penhorá-lo, estacionava no depósito de carros usados, abria a porta e corria o mais rápido que podia até a cerca, antes que os vendedores a pegassem. Ninguém nunca aparecia para comprar um carro. Os vendedores andavam entre as fileiras de veículos, com as cerdas eriçadas e os pelos arrepiados. Eles tocavam o capô de um Toyota Sienna, radiante sob o calor do sol do deserto, ou cutucavam com curiosidade o para-choque de um Golf, quase solto de tantos buracos e preso com arames. Os vendedores de carros usados eram rápidos e vorazes, e às vezes alguém que só queria abandonar um carro acabava deixando muito mais que isso.

Jackie estacionou o carro no final da rua para evitar qualquer confusão com os vendedores. Seu estômago doía, não como se ela tivesse comido algo estragado, mas como se tivesse feito algo errado. Eram pontadas de dor no lado direito. Talvez seu apêndice tivesse se rompido. Isso existia, não é?

Jackie não estava no trabalho. Ela abandonara a rotina. Na mão havia um papel. Na mente, vagas lembranças de um homem de paletó bege segurando uma pasta de couro de veado.

Ela se aproximou da casa. Era um bangalô térreo verde-abacate com um belo gramado, que era mantido verde no clima seco às custas de algum outro lugar distante e esquecido. O gramado era cercado por seixos arranjados em desenhos geométricos; talvez

servissem para afastar o mal ou só tivessem formado aquele padrão por causa dos terremotos. A cerca entre a casa e o estacionamento era alta e feita de elos de arame. Um vendedor de carros usados uivou, pulando do teto de um carro para o de outro com uma alegria selvagem. Jackie abriu o portão de metal na lateral do jardim de Josie, que tinha uma área de descanso ao ar livre, com cadeiras de balanço de metal enferrujadas e almofadas cujo tecido fora desbotado pelo sol até ficar branco.

— Posso ajudá-la?

Ela se virou. Ali estava um ser difícil de descrever, embora a melhor e mais ilegal descrição fosse “anjo”. Todos os anjos são seres altos, sem sexo definido e se chamam Erika.

— Eu só estava aparando um pouco — disse o ser.

Ele segurava um aparador de cerca viva próximo a um trecho de terra batida. Não havia nenhuma planta por perto.

— Estou procurando a velha Josie — anunciou Jackie.

O ser se moveu. Houve um estrondo de grandes asas batendo e o clarão de uma escuridão ofuscante e luminosa, uma escuridão tão radiante que parecia que o coração de Jackie ia se partir ao meio.

— Josie? — disse o ser. — Claro. Ela está em casa. Vou buscá-la.

O ser não se moveu.

— Ah, tudo bem. Obrigada, cara.

O ser continuou imóvel.

— Então vou bater à porta.

— Não precisa — disse Josie. — Erika me chamou.

Ela vinha do quintal, curvada em uma bengala, com mechas do cabelo longo cobrindo o rosto. Mas seu corpo tinha algo poderoso, como se fosse um atleta olímpico apoiado no esqueleto de uma velha.

— Ótimo — disse Jackie. — Obrigada, Erika.

O ser continuou imóvel. Um bando de pássaros voou de uma árvore na rua, pássaro após pássaro, mais pássaros do que uma

árvore comportaria. Pareciam confusos, crocitando e esbarrando uns nos outros.

— O que posso fazer por você hoje, jovem Jackie Fierro? — perguntou Josie. — Finalmente tirou um dia de folga para se divertir?

— Não, só queria lhe fazer algumas perguntas.

Mais dor. Talvez seu apêndice tivesse mesmo se rompido. Talvez ela fosse morrer.

— Estou com um... problema. Pensei que talvez mais alguém estivesse passando por isso.

— Quase sempre estamos passando pelos mesmos problemas que todo mundo, mas como fingimos que não, parece que sempre estamos sofrendo sozinhos — falou Josie. — Entre.

Ela foi mancando até a porta da frente. Sob o braço havia um embrulho de pano, sujo de terra. Quando as duas entraram no frescor da casa, ela o colocou na bancada da cozinha e conduziu Jackie até a sala de estar.

— Sente-se onde quiser — disse. — Qualquer lugar será a coisa mais macia que sua bunda vai tocar na vida.

Jackie escolheu uma poltrona acolchoada com uma estampa antiquada.

— Uau! — exclamou Jackie, afundando-se cada vez mais no tecido que continuava a ceder.

Por um instante, a dor desapareceu. O conforto era a resposta para todos os males da vida. Não os resolvia, mas os afastava por um tempo enquanto se agravavam silenciosamente em segundo plano.

— Você queria me fazer uma pergunta? — perguntou Josie, que se sentara no sofá, com uma boa visão do embrulho na bancada da cozinha.

Ela parecia estar contando em voz baixa, batendo o pé para marcar o tempo.

— Sim. O que você sabe sobre um homem com um...

— Ah, espere, querida.

Outro ser, tão difícil de descrever quanto o que estava do lado de fora, trouxe café e um prato de Oreos.

— A melhor coisa para servir às visitas, claro. Café e Oreos. Aceita? — perguntou Josie.

— Não, obrigada.

— Não?

Josie franziu a testa. O ser também podia ter franzido. Era difícil ter certeza e, claro, impossível descrever.

— Na verdade, aceito, sim.

— Aceita? — retrucou Josie, balançando a cabeça. — Não, não. Se não quer o café ou os Oreos, não aceite o café e os Oreos. Por favor, leve isso embora, Erika.

O ser foi embora. Supostamente saiu andando. Jackie deve ter perdido essa parte. Josie encarava o embrulho na bancada.

— Nem pense nisso — ameaçou ela.

— No quê?

— Eu não estava falando com você. Faça sua pergunta.

— Josie, você sabe alguma coisa a respeito de um homem de paletó bege com uma pasta de couro de veado?

— O homem de paletó bege?

O tom de Josie se alterou, enchendo-se de interesse e, talvez, pânico. Erika tinha voltado. Os dois Erikas. Eles se sentaram no sofá, um de cada lado de Josie. Em seus rostos havia uma expressão parecida com a de um humano quando sente medo. Não, não medo. Pareciam preocupados.

— Sim — afirmou Jackie. — Um homem. De paletó bege. Carregando uma pasta de couro de veado.

Os olhos dos anjos cintilaram, o que era algo tão estranho de testemunhar quanto difícil de descrever.

— Ah, minha querida — disse Josie. — Não sei se você deveria estar fazendo essas perguntas. Tem certeza de que não preferiria comer alguns Oreos?

— Não.

— Tudo bem. Então vamos falar sobre o homem de paletó bege com a pasta de couro de veado.

Josie apertou a lateral do corpo com a mão esquerda como se estivesse com dor, mas seu rosto não expressou dor alguma.

— Não sabemos nada sobre ele — continuou Josie. — Nem Erika, nem Erika. Claro que Erika nunca sabe nada sobre nada, mas Erika é um doce, então tudo bem.

— Você sabe alguma coisa a respeito dele ou não?

— Sabemos dele, só não sabemos nada sobre ele. Sabemos que ele existe, então já é alguma coisa, mas sua existência é o limite do conhecimento.

— O conhecimento é feito de limites — afirmou Erika, o que nunca sabe nada sobre nada.

— Legal — disse Jackie.

Ela não estava sendo sincera e falou de um jeito que deixava claro para todos ali que não estava sendo sincera.

— Sim, é muito legal — concordou Erika, o doce, sendo sincero.

— O negócio é o seguinte — disse Josie. — Nós vimos muitas vezes o homem de quem você está falando. Mas nunca lembramos nada sobre ele.

Os Erikas assentiram com tristeza.

— Nem sabíamos que ele era um homem — disse o Erika que não era um doce. — Não conseguimos distinguir gênero.

Não era por isso que estavam tristes. A tristeza era alheia à conversa, mas não ao embrulho sujo de terra na bancada da cozinha.

— Eu tive o mesmo problema — disse Jackie. — Esquecia tudo o que sabia sobre ele momentos depois. Isso é... sei lá.

Ela lutou para encontrar uma combinação de palavras que englobasse quanto as últimas doze horas a tinham perturbado. Ela sabia como se sentia. Só precisava descrever em palavras.

— É uma droga — completou, por fim.

— Sim! Sim, é uma droga mesmo — concordou Josie.

Seu rosto estava lívido, e sorrisos hesitantes se abriam em sua boca sem parar. Isso tinha relação com a conversa.

Ela estendeu a mão e a colocou na de Jackie.

— Erika? Erika? Podemos ficar a sós por um momento?

Os dois seres não estavam mais no sofá. Pela janela, Jackie viu um deles colhendo amoras em um emaranhado de arbustos, embora mantivesse a cabeça levemente voltada para Jackie, talvez tentando ouvi-la.

— Jackie, há coisas que não posso contar. — A mão de Josie ainda estava sobre a de Jackie. A outra mão apertava a lateral do corpo. — Não posso contar porque são secretas, ou porque são impossíveis de expressar em palavras, ou porque não são do meu conhecimento. Principalmente porque não são do meu conhecimento. Considerando um universo inteiro de sabedorias, mundos e mais mundos de fatos e história, eu não sei quase nada. E muito do que sei não é o tipo de coisa que tenho consciência de que sei ou considero “algo que sei”. O cheiro da torrada, por exemplo. A textura da areia. Esses não são fatos que eu diria a alguém, ou que sequer pensaria em dizer a alguém.

Jackie não sabia o que responder. Ela concordava com tudo o que Josie dizia, mas também não se importava com quase nada.

— Tudo bem — falou, por fim.

— Tudo isso é para explicar que estou optando por não lhe contar parte do que sei. Ou estou deliberadamente mentindo para você. E quero que me perdoe por isso.

— Todos nós queremos coisas — disse Jackie.

Josie assentiu com tristeza. Ela se levantou, o que exigiu um complexo rearranjo de pele, juntas e músculos.

— Venha comigo.

E Jackie foi. Elas seguiram para a cozinha. Josie não deu atenção ao embrulho na mesa, por isso Jackie também não deu. Se

Josie não ia expressar interesse em relação a alguma coisa, Jackie certamente também não ia.

Josie encheu um copo d'água através de uma experiente manipulação de armários, torneiras e encanamento municipal. Nem ela nem Jackie se impressionaram com o milagre da engenharia humana representado pela facilidade com que era possível encher um copo d'água.

— Beba isto — disse ela, oferecendo-o a Jackie. — Vai ajudar com sua enxaqueca.

— Eu não tenho enxaqueca. Tenho algo muito pior.

Ela ia levantar a mão esquerda.

— Beba.

Jackie bebeu.

— Mas eu não tenho enxaqueca — acrescentou depois.

— Jackie, sinto muito por isso ter acontecido com você ainda tão nova. Ao longo de todas essas décadas em que gerenciou a loja de penhores, permaneceu jovem e alheia à crueldade da vida fora da bolha da juventude, o que é tão cruel quanto, mas de forma diferente.

— Quantas décadas? — perguntou Jackie, baixinho.

— Eu sei o que está procurando. Sei o que aconteceu. E a jornada será muito perigosa. Talvez você não sobreviva. E, se sobreviver, não será a mesma de antes. Nesse sentido, você com certeza não vai existir depois, sinto muito.

O embrulho começou a flutuar. Josie enrolou um catálogo da Decoração e Acessórios Cova e Caverna, do tipo que entulhava muitas caixas de correio da cidade, e bateu no embrulho. Ele tombou na mesa.

— Desgraçado ingrato — acusou ela.

— O que é isso? — indagou Jackie.

— Nada. Nada é. O homem de paletó bege é de um lugar perigoso. Um lugar de onde ninguém jamais voltou. Pelo menos, é o que achamos.

Josie estendeu a mão esquerda. Ali havia um pedaço de papel. Dizia o nome de um lugar.

— Você também? — perguntou Jackie.

— Nós somos muitos. Não sabemos o que está acontecendo. Precisamos saber mais.

Josie largou o papel na bancada e se sentou em um banco da cozinha, já com a tira de papel na mão outra vez.

— Por onde começamos? — perguntou Jackie.

Josie respondeu. Jackie praguejou, depois pediu desculpas.

— A biblioteca — considerou Jackie. — Não. Isso é... Isso é...

Ela indicou com as mãos o que era.

— A busca pela verdade nos leva a lugares perigosos — disse a velha Josie. — Com frequência, nos leva ao lugar mais perigoso de todos: a biblioteca. Sabe quem disse isso? Não? Foi George Washington. Minutos antes de ser devorado por bibliotecários.

Jackie abriu a porta da frente. A dor em suas entranhas cedeu por um instante, ou talvez só tenha diminuído devido à ansiedade de pensar na biblioteca.

O jardim lá fora parecia muito claro e destoante do interior escuro da casa. Os Erikas continuavam a trabalhar no jardim. Um deles começava a preencher um buraco cavado no quintal. Estava imóvel, murmurando para o buraco, enquanto uma forte luz negra envolvia a terra remexida e a empurrava de volta para o lugar.

Mãos a envolveram. Josie a abraçava, mas o ângulo estava errado, e havia uma significativa diferença de altura entre as duas. Elas ficaram no abraço estranho por um momento, sem querer reconhecer o desalinhamento daquele ato de afeição.

Quando Jackie pensou sobre o lugar ao qual teria que ir, não sentiu medo. Mas teve consciência de quão tênue era o conjunto de pensamentos e hábitos que era Jackie Fierro. Com que facilidade aquilo podia ser tomado dela e rearranjado em outra forma de matéria.

— Fique longe desse homem. Não tente segui-lo até a cidade dele. É uma armadilha.

— Josie. Eu não posso viver assim — disse Jackie, olhando para o papel na mão.

— Vai ficar tudo bem — afirmou a velha Josie. — Vai, sim.

Ela a abraçou com mais força, e Jackie se aconchegou no abraço, permitindo-se ser reconfortada. Sua barriga tinha parado de doer, ou doía de um jeito diferente.

— Isso foi uma mentira — declarou Josie. — Foi uma das vezes que menti.

— Eu sei — respondeu Jackie. — Tudo bem.

Ela também estava mentindo.

Diane estava enchendo o tanque quando viu Troy. Ela não se aproximou, e ele não a notou. Fazia quinze anos que ela não via Troy, e não queria vê-lo nunca mais.

Várias vezes ela tentou recolocar o bico na bomba, mas ele caía porque suas mãos tremiam muito. Diane não sentia nada, mas não conseguia fazer as mãos pararem de tremer. Quando ergueu o rosto, Troy havia sumido. Ele entrara no carro (um sedã branco com a lanterna traseira quebrada) e fora embora sem olhá-la nem uma vez. Ela se forçou a ficar bem quieta e respirar lentamente até a tremedeira parar. Quando suas mãos ficaram firmes, Diane recolocou o bico na bomba, abriu com calma a porta do carro e foi embora em uma velocidade razoável. O tempo todo, sentiu-se bem.

Semanas depois, passou no banco a fim de trocar dinheiro para uma arrecadação de fundos da APP. Sentado a uma das mesas estava Troy, usando um terno preto e um crachá. Diane tentou confirmar o nome sem que ele percebesse que ela estava olhando, mas não conseguiu.

Dessa vez, as mãos não tremeram nem um pouco. Na verdade, ela estava ótima, mas sentiu gosto de sangue. Sem notar, mordera o lábio inferior com tanta força que cortara a pele. Ela limpou o sangue e passou por Troy discretamente ao sair. Como não estava olhando, não viu se ele a notou.

Poucos dias depois, ela e Josh foram ao cinema. Era uma tradição mensal que começara quando ele tinha sete anos. Seu filho andava desanimado, assumindo formas gotejantes e gosmentas que sujavam os móveis e o carpete, e fazia um monte de perguntas a respeito do pai e de seu paradeiro. Ela se alternava entre pavor e

exasperação pela criatura mal-humorada que tinha tomado o lugar de seu garotinho, e anunciou que, para lhe fazer um agrado, eles iriam ao cinema.

Aquele passeio ao cinema fora a primeira noite agradável que tiveram em semanas. Ela não sabia o que assistir e, ao chegar ao caixa, pediu qualquer filme infantil popular que estivesse passando. A animação de estarem juntos em algum lugar e de sentir que ambos estavam no mesmo time havia suplantado as palhaçadas dos personagens engraçados do filme infantil (*Onde os Fracos Não Têm Vez*) que passava na tela. Ao lado dela, Josh saiu do cinema andando ereto, sem as pernas gosmentas, e segurando sua mão com uma palma e dedos humanos. Não voltou a perguntar pelo pai por semanas.

E assim começou a tentativa mensal dos dois de recapturar a leveza daquela primeira noite. Em geral era bom. Às vezes, sobretudo nos últimos tempos, ela tinha que lembrá-lo de manter uma forma baixa e sem asas largas ou emissores de fumaça que pudessem obstruir a visão do restante do público. Ele sempre fazia o que ela pedia, mas não sem vários suspiros e revirar de olhos (quase sempre assumia uma forma com olhos quando ia ao cinema, embora tivesse passado por um período em que preferia apenas ouvir o filme).

Nessa noite em especial, o cinema estava passando a sequência daquela popular franquia de animação sobre árvores que parecem árvores, mas têm órgãos humanos, e tentam impedir as construtoras de destruir a floresta. A princípio, as árvores não se dão bem, mas depois as equipes de construção aprendem a lição após ver grandes quantidades de sangue e ouvir os gritos de sofrimento. No fim, elas mesmas são evisceradas por espíritos arbóreos vingativos. Diane achou que o filme não era tão bom quanto o primeiro, mas adorou a dublagem hilária da lenda imortal do cinema, Lee Marvin. Josh disse que achou chato, mas ele dizia

isso sobre a maioria dos filmes, apesar de rir de grande parte das piadas e das cenas engraçadas de morte.

Enquanto assistia aos trailers, Diane viu Troy entrar. Ele usava uma camisa polo e segurava um esfregão. Ele foi de uma saída à outra. Parecia estar verificando as luzes do piso ao longo do corredor. Uma delas estava apagada.

Diane tentou não olhar para Josh, mas falhou, virando-se para observar as escamas prateadas do filho, o nariz chato e os olhos protuberantes atentos à tela. Josh não tinha reconhecido Troy. Por que reconheceria? O filho não via Troy desde que era bebê. Ela via a si mesma em Josh, e às vezes imaginava que ele fazia o mesmo.

Josh não via a si mesmo em Diane. E a mãe sabia disso.

Colocou o braço em torno do filho, ostensivamente um ato de afeição, mas também de proteção subconsciente. Ele olhou para a mão dela pendendo perto de seu não ombro e se voltou para Diane, confuso, mas não irritado.

Diane olhou para a frente, para a tela, pensando em como não pensar no pai de Josh. Seu pé estava inquieto. De forma consciente, ela parou de bater o pé.

A questão de Troy era a seguinte:

Diane nem sempre tem um marido. Houve um tempo em que ela sempre tinha um marido, mas agora nunca tem.

Ela sempre tem um ex-marido. Eles nunca foram casados, mas marido e ex-marido são o jeito mais fácil de descrever seu relacionamento com Troy.

Diane se interessa pela semântica do casamento, mas não pelo casamento em si. O motivo disso é o seguinte: Diane sempre tem pais. Um dia ela nunca vai ter pais, mas no momento sempre os tem. Eles são a mãe e o pai de Diane e a avó e o avô de Josh.

Seus pais nunca foram casados. Nem querem (quiseram) ser casados. Eles querem (quiseram) ficar juntos e se apaixonar. Estão quase sempre juntos e quase sempre apaixonados. Eles nunca

querem (quiseram) obter uma certidão, preencher a papelada ou ter seu amor e união aprovados por um deus sorridente.

Eles, claro, valorizam e respeitam o amor dos outros por um deus sorridente. (Aquilo é um sorriso?)

Os dois preenchem papelada e obtêm certidões quando é necessário para, digamos, um emprego, a carteira de motorista, o nascimento de Diane ou nas vezes em que precisaram jogar na loteria municipal obrigatória cujos vencedores são dados de comer a lobos famintos no Zoológico de Night Vale.

Mas eles não querem ser casados. “Nossa vida juntos é apenas isto: nossa vida juntos”, eles poderiam responder se você lhes pedisse para explicar de maneira sucinta sua escolha. Eles poderiam, mas provavelmente não o fariam. Não são santarrões ou espalhafatosos. Apenas se amam, e isso é tudo em que precisam acreditar.

Diane também quis estar com alguém e estar apaixonada por alguém. Queria fazer essas coisas sem ser casada. Ainda quer. Ela via a si mesma nos pais. Via como ela poderia ser, como a vida poderia ser, como o amor poderia ser.

Há uma correlação entre ver o que poderia ser e experimentar isso. Mas, como diz o cientista articulado que é sempre entrevistado no noticiário: “Correlação não é causação.” E: “O passado não é uma predição de resultados futuros.”

Os pais de Diane também são de raças diferentes. Quais raças são essas só importa para Diane, seus pais e sua família e amigos, não para aqueles que não os conhecem. Nem todo mundo precisa saber tudo sobre todos.

Durante sua infância no sudoeste dos Estados Unidos, Diane viu alguns pais de raças diferentes, crianças mestiças, mas nem sempre teve a oportunidade ou a inclinação de se aproximar dessas famílias. Quando era criança, os amigos ainda eram determinados pelo decreto da Câmara Municipal, de acordo com a numerologia do

nome de cada criança, na época considerada a mais sólida base para uma amizade duradoura.

Às vezes outras crianças implicavam com ela, a chamavam de coisas horríveis. Às vezes, essas crianças não eram da mesma raça que um dos pais de Diane. Mas essas mesmas crianças geralmente eram da mesma raça do outro pai.

Quando Diane entrou na adolescência, continuou a ouvir não só a respeito de sua raça, mas também de seu corpo.

Ela era uma garota, ainda não era bem uma mulher. Tinha quinze anos.

Imagine uma garota de quinze anos com pais de raças diferentes.

Muito bom. “É quase isso”, ela poderia dizer para qualquer um que descrevesse sua aparência. Diane não sabia qual era sua aparência. Nunca teve interesse em saber. Mas, mesmo assim, muita gente lhe contava.

Quando seu corpo ganhou formas de mulher, vencendo a corrida contra sua vontade, Diane começou a ouvir que era alta, baixa, gorda, magra, feia, sexy, sorria demais, sorria de menos, tinha cabelo feio, tinha cabelo lindo, tinha algo nos dentes, vestia-se bem, vestia-se de forma vulgar, tinha pés de pato, tinha pés elegantes. Sua pele era escura demais. Era muito pálida.

Ela ouvia muitas descrições diferentes de si mesma e considerava todas verdadeiras.

“Você não deve precisar tomar sol nunca, Diane”, podia dizer alguém enquanto cutucava-a de brincadeira (e com inveja) com o braço coberto pela camisa. “Você não tem a aparência de quem é, Diane”, podia dizer outra pessoa de brincadeira (e em tom repreensivo) cutucando-a com o braço nu.

A implicância com a raça rareou com o tempo. Ou melhor, disfarçou-se de avaliação. “Você parece uma pessoa normal ao telefone”, podia lhe dizer alguém ao telefone.

Ela também ouvia muitos comentários sobre o fato de seus pais não serem casados. “Você é tecnicamente uma bastarda, não é?”,

as pessoas perguntavam às vezes quando ficavam sabendo sobre o assunto.

“Você foi um acidente?”, podiam indagar outras pessoas (às vezes as mesmas). “Eles não se amam?”, podiam inquirir outros com seriedade. “Bem, eles têm uma saída fácil se não der certo, não é?”, outros ainda brincavam, sem seriedade. “Eles fazem swing?”, alguns podiam perguntar de brincadeira e outros talvez perguntassem sinceramente.

Mas o mais comum era o pressuposto de que ela nunca se apaixonaria. “É provável que você nunca conheça alguém”, presumiam alguns, “porque seus pais não lhe ensinaram a importância do casamento.”

Ela encontrou o amor verdadeiro. Seu nome era Troy. Ele tinha dezessete anos.

Ela tinha quase dezoito.

Imagine um adolescente chamado Troy.

Nada mau. Ele é um pouco menos atlético, mas não tem problema. Troy era exatamente como achava que era. Ele nunca amou Diane até se conhecerem. Depois, ele sempre a amou. Até o dia em que nunca a amou.

— Sempre vou amar você — dizia ele às vezes.

Depois, não disse isso de jeito nenhum. Não estava nem presente para dizer. Eles ficaram sempre juntos e sempre apaixonados por oito meses depois de se conhecerem, no verão em que trabalharam na Sorveteria Areias Brancas. Então Josh, que ainda não se chamava Josh, começou a se formar. No início, não passava de células espalhadas. Aquelas células se juntaram e começaram a se multiplicar em bilhões e bilhões de células até ganharem a forma de uma única célula gigante.

Então adicionaram mais células das células de Diane, e aquelas células começaram a formar olhos, pés, rins, línguas, asas e guelras, crescendo e se expandindo em uma forma semelhante a

Josh. As pessoas diziam a Diane que ela estava mudando. Ela não achava que estava diferente.

Até que um dia Josh saiu de Diane.

Ela era uma garota, finalmente uma mulher. Tinha dezoito anos.

Imagine uma mãe de dezoito anos.

Imagine um pai de dezessete anos.

Troy não conseguia. Troy não conseguia mais se ver. Olhava para Josh, a quem dera o nome do tio, um soldado de elite do exército aposentado que o garoto achava vagamente “legal”, e via um espelho fora de sincronia. Um rosto o olhava e fazia gestos diferentes, movimentos diferentes dos de Troy. Era seu rosto, mas não se parecia com ele, não agia como ele.

Ele nunca tinha experimentado tal desarmonia. Ou nunca tinha percebido que experimentara desarmonia até aquele momento.

Troy se mudou de Night Vale quando Josh tinha um ano.

Um mês depois, mandou uma carta para Diane. Dizia algo sobre uma família de militares. Dizia algo sobre ser jovem demais. Dizia algo sobre erros. Dizia algo sobre lembrarem-se um do outro. Dizia algo sobre nunca esquecer o rosto dela.

Diane não lembra se ele disse que nunca esqueceria seu rosto ou se ela nunca deveria esquecer o próprio rosto. De um jeito ou de outro, nenhum dos dois aconteceu.

Algumas pessoas disseram que Diane nunca seguraria um homem. Algumas lhe disseram que bons pais teriam exigido que Troy se casasse com ela. Algumas disseram que ela se vestia de maneira inapropriada. Algumas disseram que ela era alta demais. A maioria disse que ela nunca se casaria.

Isso não incomodava Diane. E continuava não incomodando Diane.

“Quis dizer que agora você não vai mais conhecer ninguém, muito menos se casar”, esclarecia a maioria.

Josh sempre teve curiosidade de saber quem é seu pai. Ele entendia, com base no que os amigos haviam contado, que muitas

crianças tinham dois pais, e em certos períodos ficou claro que ele notava a ausência de um. Com frequência, fazia perguntas. Às vezes, essas perguntas eram em voz alta.

Às vezes Diane ouvia que Troy é atuário. Às vezes, que Troy é florista. Às vezes, que Troy é policial. Coletor de pedágio. Professor. Músico. Comediante de stand-up. Certa vez, ouviu um boato terrível de que ele tinha se tornado bibliotecário, mas não podia imaginar Troy se tornando a mais sombria e cruel das criaturas, apesar do que fizera com ela. *Será que um ser humano pode se tornar bibliotecário?*, perguntou-se Diane.

E, naquele momento, ela, Josh e Troy, sem ser notado por Josh, estavam no cinema.

A tira apagada do piso se acendeu. Ainda sem olhar na direção dela, Troy fez um sinal de positivo para alguém fora de vista, ali perto. Os dentes de Troy brilhavam na escuridão. Ele não olhou para Diane. Troy saiu do cinema sem pressa, ainda sorrindo e com o polegar estendido.

Ela olhou mais uma vez para Josh, apertando-o por reflexo com o braço. Ele se contorceu e olhou para a mãe.

— Desculpe — pediu ela, afastando o braço.

— Não, tudo bem — respondeu ele, baixando os olhos para o Twizzler pela metade.

— Sério?

Ela recolocou o braço em volta dele.

Em silêncio, esperaram o filme começar.

Mais tarde, Diane voltaria ao cinema sozinha.

O carro de Jackie saiu na direção da biblioteca, mas logo ele se desviou. Ou ela o desviou. Seja qual for o sujeito, causou um desvio. Corromper. Ela corrompeu o carro em direção à casa da mãe.

Sua mãe tinha ligado, e ser uma boa filha era uma ótima desculpa. Qualquer coisa era melhor do que visitar a biblioteca.

Ela entrou na rua Olmo do Deserto, um nome que não evocava nada real. Passou pelo Shopping de Antiguidades. As antiguidades da vitrine eram especialmente fofas, brincando e fingindo morder o rabo umas das outras. Mas Jackie não achava que justificavam o preço de uma antiguidade e, além disso, raramente ficava em casa, então quem cuidaria dela?

Sua mãe morava no bairro Tanque de Areia, que ficava entre os condomínios Palmeira Majestosa e Mineiro Chorão. Era um bom bairro de casas, com pequenos jardins, a maioria coberto de cascalho por residentes preocupados com o desperdício de água, e quintais que se erguiam íngremes pelas colinas, inadequadas para plantar sem um terraceamento extensivo e demorado.

A casa dela era como qualquer casa que fosse cor-de-rosa com detalhes verdes, qualquer casa com uma garagem com portão de madeira meio despedaçado, qualquer casa com um arbusto de alecrim que pouco a pouco estivesse roubando o espaço de todas as outras plantas do quintal, um portão da frente que pendia de dobradiças enferrujadas e um viçoso gramado verde que frustrava os vizinhos preocupados com o desperdício de água. Seria fácil confundir a casa com qualquer outra casa que por acaso fosse idêntica àquela.

Quando olhou a casa, Jackie sentiu uma angústia que não expressava com nenhum tipo de gesto coerente ou palavra incoerente. Algo na casa não lhe era familiar. Seu coração batia no peito, que é onde bate em geral. Ela saiu do carro e pensou em tudo o mais que poderia estar fazendo naquele momento. Como pegar aquela Mercedes na loja de penhores e dirigir pelo deserto sem destino (mas, pensando melhor, ao olhar para sua mão, ela sabia exatamente aonde queria ir, não sabia?), de capota abaixada, com ar e poeira causticantes passando pelo cabelo, fingindo que o desconforto de dirigir com a capota abaixada era agradável, porque aquilo, como ação, significava divertimento. Ou enfim se regalar com um bom jantar chique (com harmonização de vinhos e antídotos por conta da casa) no ponto gastronômico mais famoso da cidade, o Torniquete. Ou ficar imóvel nas dunas à noite até que as luzes surgissem e Jackie fosse erguida por frias mãos alienígenas, levada a algum lugar secreto e muito distante para servir de cobaia e nunca mais voltar. Tanta diversão era possível, só que ela nunca fez nenhuma dessas coisas e, para ser honesta, e às vezes ela era, nunca quis. Gostava mesmo era da rotina. A rotina era sua vida.

Se parasse para pensar, sua vida não tinha sido grande coisa, mas ela nunca parava para pensar. Mas agora, toda vez que via aquele papel na mão, ela parava para pensar. Todos aqueles pensamentos eram assustadores.

Sua mãe estava esperando com a porta aberta.

— Ah, Jackie, que bom que você veio.

Jackie entrou. A casa era imaculada, como se ninguém morasse ali. Algumas pessoas gostam de deixar a casa tão arrumada que é impossível encontrar evidência de vida.

— Acho que você tinha algo a dizer — disse Jackie. — Vim para ouvir.

— Você sempre foi direto ao ponto. Mesmo quando era pequena.

Sua mãe a levou para a cozinha, que era impecável como a sala de estar. As cores eram azul-esverdeado e framboesa, as mesmas

de todos os outros cômodos da casa, com toques de menta. Parecia uma casa-modelo, e Jackie se perguntou se as laranjas perfeitas na tigela de vidro na bancada eram de cera.

Ela olhou outra vez para as laranjas, a cozinha, as paredes e os móveis limpos. Ela não sabia se já estivera naquela casa. Claro, devia ter crescido ali. A não ser que a mãe tivesse se mudado após Jackie ter saído de casa, mas ela teria ouvido falar disso, provavelmente se envolveria no processo de mudança, talvez até na escolha da casa nova. Além disso, aos dezenove anos, ela não podia ter saído de casa havia muito tempo, mas nada ali lhe era familiar. Ela passou os olhos pela cozinha, tentando adivinhar em que gaveta ficavam os talheres, o sinal mais claro da familiaridade com uma cozinha, mas não fazia a menor ideia.

— Lembra quando recebemos suas melhores amigas, Anna e Gracia, para uma festa de aniversário há alguns anos, e você estava irritada porque seu aniversário era só no dia seguinte? — perguntou a mãe.

— Ah — disse Jackie. — Hum...

Ela abriu uma gaveta, tentando parecer alguém que sabe onde estão os talheres. A gaveta estava cheia de panos de prato.

— Eu tentei explicar que o dia seguinte era um dia de semana, e a administração da escola primária manda bandos de alunos armados atrás de quem mata aula, mas você não me dava ouvidos. Sempre foi teimosa.

Os olhos da mãe estavam arregalados e ela mordia o lábio inferior. Os dedos pressionaram a bancada de fórmica até ficarem brancos.

Jackie tentou outra gaveta. Estava cheia de um líquido opaco e gorduroso, fervilhando em uma fonte de calor invisível.

Não, pensou Jackie. Ela não estava procurando uma gaveta de leite fervendo. A gaveta de talheres. Se soubesse onde ficava, conhecia a casa. Se não, bem...

— Eu nunca estive nesta casa — afirmou ela.

A mãe não pareceu surpresa.

— Quando você tinha dez anos, bateu com a cabeça nesta bancada. Achei que tinha se machucado, mas você riu. Disse que havia se lembrado do tombo engraçado que o personagem de um filme tomou e que imaginar aquilo daquela maneira, à distância, fazia a pancada doer menos. Você não parava de rir.

Como sei chegar aqui? Jackie sentiu medo outra vez, e isso a deixou zangada. Irritada, abriu com força outra gaveta, mas de novo não encontrou os talheres. É aqui que os talheres deveriam ficar, se pensarmos na cozinha em termos de funcionalidade. E quem tem duas gavetas de leite quente?

— Você estava sempre se machucando, mas tinha a tendência natural a não sentir nada — continuou a mãe. — Eu me lembro do aniversário em que você foi picada porque a piñata estava cheia de abelhas. Aquilo lhe ensinou uma lição valiosa sobre aniversários em geral. Lembra?

— Eu me lembro da loja de penhores. Eu me lembro de ir todo dia para a loja de penhores. Desde sempre. O que não lembro é onde fica sua gaveta de talheres. Onde? Onde fica a gaveta?

Nunca houve uma informação mais importante para ela. Jackie amassou o pedaço de papel na mão esquerda, depois se abanou com ele, já sem uma única dobra.

— Não tem, querida. Você sabe. Nós duas estamos ficando agitadas. É melhor você se sentar. Basta tomarmos mais água para entender isto e tudo o mais. É importante. Vai ajudar com sua enxaqueca.

— Eu não tenho enxaqueca!

A mãe olhou pela janela, e Jackie foi até onde seu olhar indicava. Sua raiva era uma criatura viva às suas costas, impelindo-a até a janela.

Lá estava o quintal, com a grama bem-cuidada cercada de cascalho. A grama era mantida por um sistema artificial de suporte à vida feito de bombas e máquinas que se estendiam centenas de

quilômetros até o reservatório mais próximo, e as raízes mal se agarravam à camada superficial de solo arenoso e fertilizante químico. Depois do gramado, no terraceamento do morro íngreme, havia plantas mais adequadas ao clima. Cactos, arbustos e árvores metálicas que mudavam de tamanho todos os dias.

— Não sei se já estive lá fora — disse ela ao se sentar à mesa da cozinha com a mãe.

— Claro que já — retrucou a mãe. — Vamos conversar sobre as lembranças que você tem do lado de fora.

A mãe rolava um abacate de um lado para outro no tampo impecável da mesa. O chão, o tampo da mesa e as paredes tinham a mesma cor, e tudo parecia igualmente limpo e novo. O abacate, claro, era falso. Assim como todos os abacates.

Então a mãe ergueu o rosto com um olhar suplicante. Fez um gesto com o abacate, como se fosse aquilo que estava tentando dizer, ou ao menos algo parecido.

— No seu aniversário de cinco anos, fizemos uma festa para você no Parque Pomar da Missão. Naquela área que é cercada e protegida para o caso de haver outro daqueles ocasionais... acidentes de aniversário.

“Era uma época mais simples. Porque eu tinha menos lembranças e muito menos para sobrepôr no mundo, e assim ele era muito mais claro, e eu também era mais nova. Portanto, o mundo era mais simples. Mas estou fugindo do assunto.

“Fizemos uma festa de aniversário para você. Houve presentes, convidados e uma faixa que dizia: FELIZ ANIVERSÁRIO! Seu pai a pegou no colo e a girou. Pais às vezes demonstram amor com velocidade. Não tenho mais a foto, mas em certo momento tive. Seu pai a pegou no colo. Era seu aniversário. Você está entendendo?

— Eu não me lembro de ter um pai.

— Bem, querida. Ele foi embora há bastante tempo.

— Não só não me lembro de ter um pai como não me lembro de você já ter me contado que eu não tinha pai.

A mãe apertou o abacate e analisou o rosto de Jackie, provavelmente por sentir que de alguma forma a comunicação tinha acontecido.

— O que aconteceu com Anna e Gracia? — perguntou Jackie.

— Quem?

— As outras garotas de uma das minhas festas de aniversário?

— Ah, não sei. Todos nós perdemos o contato com os amigos conforme envelhecemos.

Ela notou um som vindo do quintal. Sua mãe baixou os olhos quando Jackie se levantou para olhar de novo pela janela.

Ainda o quintal, o gramado, as plantas e o cascalho. Mas também um vulto no cascalho, junto à cerca. A princípio, vagamente humanoide. Depois, especificamente humanoide. Seus olhos absorviam os detalhes conforme eram descobertos. Cabelo louro. Um sorriso caloroso. Aquilo era um sorriso? Era o cozinheiro da Madrugada Enluarada.

— Quem diabo é esse cara? — perguntou Jackie, apertando os olhos e os punhos.

Era sempre fácil chamar a Polícia Secreta do Xerife, tão rápido quanto gritar “Ei, polícia!” porta afora ou sussurrar ao telefone. O telefone nem precisava estar ligado. Mas pedir ajuda não era algo que Jackie Fierro fosse propensa a fazer.

O que ela era propensa a fazer, pensou enquanto agia, era avançar porta dos fundos afora diretamente até o homem, gritando:

— Vou pegar você, seu maluco!

Não havia pegadas no cascalho, de tão vago que ele era. Jackie parou de repente. Não tinha ninguém lá. Ela se sobressaltou ao ouvir um chiado alto atrás de si.

— Não estou com medo — declarou ela, e não estava.

Ela estava com raiva, que é a prima mais produtiva do medo.

O aspersor se ergueu e a água a atingiu em cheio. Então, o restante dos aspersores, um a um, lançou seu conteúdo no ar

quente do deserto para nutrir a grama ou flutuar para longe e evaporar.

— Nunca estive nesta casa — afirmou ela, com água escorrendo pelo cabelo e pelo rosto, molhando as roupas e os sapatos. — Então como eu sabia como chegar aqui?

A mãe, vagamente visível pela janela da cozinha, deu uma grande e lenta mordida no abacate de cera e, sem olhar para a filha, começou a mastigar com dificuldade.

— Estou indo ao cinema — gritou Diane à porta do quarto de Josh, sem esperar uma resposta.

A princípio, quando ela começara a fazer isso, ele dizia “Divirta-se” ou “Vou ficar em casa hoje”, porque só saía com a mãe de vez em quando, não em noites alternadas.

— Estou indo ao cinema — gritou Diane pela quinta ou sexta vez em duas semanas, e Josh começou a ficar triste com a mãe por sair tanto sem ele. Esse ressentimento não era consciente. Ele só achava idiotice ela ir ao cinema com tanta frequência.

Quem ela pensa que é?, pensava Josh.

Quem nós somos, afinal?, pensou a casa.

Josh parou de perguntar, e Diane parou de esperar uma resposta. Ela simplesmente ia.

Eram oito da noite. O filme em cartaz era novamente a adaptação de *The Iceman Cometh*, feita por John Frankenheimer em 1973. Diane, como a maioria das pessoas, vira o filme dezenas de vezes, pois havia sessões toda noite por decreto da prefeitura de Night Vale. Ela não adorava o filme em si, mas o apreciava como um conforto familiar.

Diane chorava com frequência, sobretudo quando o personagem de Larry Slade dizia: “Como prova a história mundial, a verdade não tem a menor importância.” Não era uma cena triste ou emotiva. Na verdade, era bastante didática, mas as lágrimas dela eram de nostalgia. Murmurava a fala “É irrelevante e supérflua” junto com Larry.

Enfim, ela não estava ali por causa do filme.

Diane comprou o ingresso com a névoa senciente que trabalhava na bilheteria. Seu nome era Stacy, e Diane tinha feito uma espécie de amizade com ela, ou ao menos a reconfortante familiaridade de reconhecer uma a outra sem fazer um grande estardalhaço.

Toda vez que ela ia ao cinema, procurava Troy enquanto tentava disfarçar sua intenção. Às vezes, escondia isso até de si mesma, pensando, ao olhar em volta, que estava apenas curiosa quanto aos novos lançamentos que tinham sido aprovados pelo Conselho Ultrassecreto de Censura de Night Vale (que consistia apenas de um cara chamado Luis, que se recusava a assistir a qualquer filme devido ao risco de ver uma ideia ou gesto proibidos) ou o preço atual de uma pipoca (que os cinemas mantinham estritamente ligado ao mercado de compra e venda de carvão por razões que ninguém entendia). Mas, na verdade, estava procurando Troy e não o via.

Ela esperou uma noite em que não houvesse fila e Stacy estivesse sozinha na bilheteria.

— Você conhece um homem chamado Troy? Ele trabalha aqui.

— Claro. Mas ele não veio hoje.

— Ah, droga. Sou uma velha amiga dele. Esperava encontrá-lo hoje. Sabe quando ele costuma trabalhar?

Houve uma longa pausa. Stacy, a névoa sem rosto ou corpo a ser interpretado, continuou a flutuar pela cabine da bilheteria. Diane não sabia se tinha deixado Stacy desconfortável com a pergunta.

— Desculpe. Talvez você não possa responder...

— Não, não. Estou olhando os horários.

Diane viu alguns papéis farfalharem em uma prancheta presa à parede.

— Ele vai trabalhar amanhã das onze às quatro.

— Ah, ótimo. — Diane sentia as palavras entalando na garganta, mas respirava bem. Assentiu com o máximo de casualidade que pôde antes de responder: — Obrigada, Stacy.

A vida profissional de Diane também passava por maus bocados. Ninguém falava de Evan. Ninguém se lembrava de Evan. Ela pediu desculpa a todos, dizendo que devia ter se confundido.

— Por causa da sua enxaqueca? — perguntou Janice Rio, que era diretora assistente de vendas e, sobretudo, cuja mesa era a mais próxima de seu solitário posto avançado perto da sala do servidor.

— Não — respondeu Diane. — Eu não tenho... Não.

— Hum... — murmurou Janice.

Era o que ela fazia quando não se importava com o que a outra pessoa tinha dito, mas o ritmo da conversa exigia uma resposta. Ela se afastou antes que mais respostas fossem necessárias.

Diane não conseguiu trabalhar muito, o que não demonstrava tanta responsabilidade quanto ela gostava de pensar que tinha. Em vez de trabalhar, passou muito tempo olhando para algumas páginas de caderno que encontrara no chão do carro.

A primeira folha tinha um telefone e um endereço em uma letra que parecia a de Josh. O endereço ficava na Cidade Velha e tinha o número de uma casa no final. Anos antes, Josh tivera um amigo que morava naquela parte da cidade, mas Diane não conseguia pensar em ninguém que ele pudesse conhecer atualmente que morasse lá.

Na segunda folha de papel havia uma letra diferente, também de Josh. Sua caligrafia se alterava com regularidade, dependendo do tamanho e da forma que seu apêndice de escrita assumia. Tentáculo, asa e mão humana, mesmo regidos pela mesma mente, seguram a caneta de maneira diferente apenas pela variação no tamanho e na forma. Mesmo assim, como acontecia com qualquer coisa relacionada às transformações dele, Diane sempre reconhecia a letra do filho. Sempre havia algo no cerne da caligrafia que a tocava no ponto onde guardava todo o carinho que sentia por Josh.

O bilhete dizia: “Eu quero conhecer o cara.”

Abaixo, em uma letra que não era de Josh, escrita em outra cor: “Vou conseguir o telefone dele para você, mas não ligue ainda.”

Josh: “Não vou ligar. Dã. Ele tem uma foto? Quero saber como ele é.”

[Quem?]: “Se não tiver, eu arranjo uma.”

Josh: “Qual é o nome dele?”

E depois não havia mais nada. Diane se perguntou quem era o menino que interessava Josh. Ela não sabia se ele já tinha saído com alguém. Ele nunca se dispusera a conversar sobre namoro com a mãe.

Diane se perguntou como tocaria no assunto com o filho e depois imaginou se esse é o tipo de conversa que se tem com um adolescente.

— Então, você está interessado em namorar? — poderia perguntar ela, mas esperando o quê? Um sim? E depois? — Qual é o nome dele? — continuou em sua conversa de faz de conta.

— Não sei. Outra pessoa sabe — imaginou-o dizendo enquanto desviava os olhos do bico fino dele e observava suas mãos, que tinham duas vezes mais dedos que as dela.

— Você queria perguntar qual era o nome do garoto. Por que não devolveu o papel para seu amigo? — imaginou-se perguntando.

— Por que está lendo meus bilhetes? — imaginou-o gritando, com os olhos cor-de-rosa, os longos dentes expostos e as asas agitadas.

Diane imaginou a conversa algumas vezes em sua mesa, e o diálogo nunca terminava bem.

Ela enfiou o bilhete no bolso e mentiu para Catharine, dizendo que estava com enxaqueca (Catharine respondeu: “Dá para ver.” Diane não entendia como alguém podia ver uma enxaqueca), e saiu mais cedo do trabalho, em algum momento entre as onze e as quatro horas.

Ela estava ansiosa e dirigia rápido, ouvindo o rádio em um volume alto, mas sensato. Cecil Palmer papeava com aquele cientista que dizia que as nuvens são partículas de água e não um disfarce para naves alienígenas ou apêndices de um grande ser

celeste. Era ridículo, como a maioria das coisas ditas no rádio atualmente. Ele estava distorcendo os fatos e criando um argumento absurdo só para provocar os ouvintes.

Ela ficou decepcionada, porque Cecil e o cientista estavam namorando, e entrevistar o companheiro em um programa de notícias era um conflito de interesses. E, para piorar, o cientista só dizia bobagens.

“... gotas minúsculas invisíveis individualmente, mas como um todo formam uma nuvem branca e fofa”, disse o cientista.

Foi então que ouviu as sirenes, que a princípio achou serem da censura municipal, para poupar os cidadãos de bem de ouvir aquele tipo de conversa na programação comunitária, mas depois percebeu que estavam vindo da estrada atrás dela.

Ela estava a oitenta quilômetros por hora em uma via de cinquenta. *Tudo bem*, pensou, *eu mereço*.

Quando encostou o carro, Diane olhou o relógio do painel e percebeu que não teria a menor chance de chegar ao cinema a tempo de ver Troy. Um sentimento que chegara até seu peito escorregou de volta para a barriga. Ela não sabia que sentimento era aquele, ou se era bom ou mau.

Não existe polícia normal em Night Vale. Existia, mas decidiram que a força policial normal não era segura o bastante. Todo mundo sabia que a polícia normal existia, e alguém podia usar essa informação contra a cidade de algum jeito. Ninguém sabia como, mas a ameaça era o bastante. Após algumas reuniões da comunidade, a polícia desapareceu sem explicação oficial. Alguns dias depois, a Polícia Secreta do Xerife apareceu na cidade, dirigindo sedãs vermelho-escuros com listras douradas e estrelas pretas de sete pontas nas laterais que diziam polícia secreta, composta pelas mesmíssimas pessoas que antes eram policiais comuns. Todo mundo se sentiu muito mais seguro.

Por isso era tão estranho que o carro que a mandara encostar fosse uma viatura de polícia à moda antiga, modelo Crown Victoria,

com as luzes em cima. O policial que saiu do veículo usava apenas um uniforme comum, sem capa nem cinto para zarabatana.

Diane revirou o porta-luvas em busca do cartão do seguro e dos documentos do carro, depois o bolso, em busca da habilitação. Dali puxou o bilhete amassado de Josh.

Ela olhou o bilhete. Deve ter ficado olhando por algum tempo; ela não sabia.

Ouviu batidas altas perto de seu ouvido esquerdo.

Diane ergueu o rosto, confusa. O nó de um dedo batia na janela a poucos centímetros de seu rosto.

Ela gritou, mas não estava com medo. Seu corpo gritou antes que ela pudesse evitar. O nó do dedo parou de bater no vidro.

Ela levou a mão ao peito. Com a outra mão, apertou o botão para baixar a janela.

— Desculpe — disse, exalando longa e vagarosamente.

— Habilitação e documentos, por favor.

A voz lhe era vagamente familiar, mas estava absorta demais nos próprios pensamentos para se importar.

— Aqui.

Silêncio. Diane viu uma calça cáqui, uma camisa cáqui, um cinto de couro preto, e cotovelos enquanto ele analisava a documentação, e cotovelos enquanto ele escrevia a multa.

Isso levou vários minutos porque, por lei, a polícia é obrigada a descrever em verso a natureza da luz do sol na hora da infração, embora métrica e rima sejam opcionais.

“Causticante, amarelo, com um tipo de halo arroxeadado ao redor antes de se desvanecer na trivialidade do céu. Este sol é um lembrete de nossa insignificância quase infinita em um universo quase infinito. Mas, hoje, ao escrever esta multa por excesso de velocidade, sinto que poderia esmagar o sol como uma uva sob meu pé e que o universo é um guarda-chuva que posso fechar e guardar”, escreveu o policial na multa de Diane.

Ela agradeceu ao policial quando ele lhe entregou a multa, mas seus olhos estavam fixos no bilhete de Josh no banco do carona.

— Tome cuidado, hum... Diane — disse ele, e a mente dela clareou o suficiente para perceber de onde conhecia aquela voz.

Ela ergueu o rosto.

Ele era louro e seus dentes brilhavam. Os dois se encararam por um instante, ou ela presumiu que tinham se encarado através dos óculos escuros espelhados do policial, depois ele foi embora, voltando sem demora para a viatura.

Ela tentou inspirar e não conseguiu.

Era Troy.



A VOZ DE NIGHT VALE

CECIL: "... TODOS LOUVEM, ENFIEM O ROSTO NA TERRA SECA E CHOREM PARA TORNÁ-LA PRÓSPERA", concluiu, antes de cortar a faixa para inaugurar oficialmente a nova pista de patinação no Centro. Muito obrigado à Nuvem Brilhante pelo discurso e, claro, todos louvem a poderosa Nuvem Brilhante.

Um aviso aos nossos ouvintes: há relatos de policiais falsos nas estradas, que, em vez de cuidar de nossos interesses, trabalham sob uma autoridade arbitrária para atingir e extorquir injustamente aqueles que são menos capazes, socialmente, de se defender. Se você vir alguém dessa Falsa Polícia, aja de imediato, dando de ombros e pensando *Fazer o quê?* e depois indo ver se tem alguma coisa engraçada no Twitter.

E agora algumas notícias sérias. A estagiária da estação, Jodi, recebeu a tarefa de catalogar a estação inteira em ordem alfabética como parte do censo diário de todo e qualquer item de Night Vale por parte da Polícia Secreta do Xerife. Infelizmente, Jodi foi tão zelosa em sua tarefa que também colocou a si mesma em ordem alfabética, e o que antes era uma estagiária útil e dedicada virou uma pilha de membros e órgãos, dividida em partes sanguinolentas de A a Z.

Para a família e os amigos da estagiária Jodi: vamos sentir falta dela. Especialmente porque colocou a si mesma em ordem alfabética no começo do processo, então a maior parte da estação ainda precisa ser catalogada. Se você precisar de créditos para a faculdade ou de um lugar para se esconder do perigoso mundo exterior, venha até a estação hoje e comece uma longa e saudável carreira no radialismo.

Outras notícias: uma mulher com um volumoso sobretudo e óculos de aviação, falando em nome da Casa das Pechinchas de Jardinagem e Peças do Lenny, anunciou que talvez tenha havido um pequeno problema com alguns dos itens que eles venderam.

"Algumas das fontes de jardim que vendemos na verdade são metralhadoras giratórias ativadas por movimento", informou ela. "Além disso, é possível que tenhamos colocado

adesivos que diziam *veneno para lesmas* em explosivos. E, embora confirmemos que eles, de fato, matem lesmas, deve ser ressaltado que também matam qualquer organismo vivo no raio de centenas de metros das lesmas. Talvez devêssemos ter colocado isso no rótulo. Podem nos processar, se quiserem.”

“Pensando bem”, continuou ela. “Não nos processem. Vocês nem sabem para que parte do governo trabalhamos. Quem vão processar? Já subornamos todos os juízes. Vocês não têm a menor chance.”

Ela soltou uma risada áspera, agitando uma cigarreira absurdamente longa que terminava em um cigarro apagado. Isso levou vários minutos desconfortáveis. Sua risada se transformou em um resfolegar penoso, e depois em longos suspiros intencionais.

“Nossa”, continuou ela. “Eu estava precisando disso, acho que é tudo. Ah, sim, lembrei. Não toquem nos flamingos de jeito nenhum.”

Ela assentiu para os jornalistas presentes e voltou para seu covil perto da Prefeitura, de onde mais tarde foi desentocada e capturada de maneira ética pelo Controle de Apreensão e Soltura de Pragas.

A APP publicou uma declaração hoje dizendo que, caso o Conselho Escolar não prometa evitar que as crianças aprendam sobre atividades perigosas como uso de drogas e biblioteconomia durante o recreio, vão bloquear todas as entradas da escola com seus corpos. Eles tiraram centenas de corpos de caminhões e disseram: “Todos estes corpos nos pertencem e não vamos hesitar em usá-los para criar grandes barreiras de carne se esse for o preço para impedir que nossos filhos aprendam.”

O Conselho Escolar criticou o uso de fundos da APP para comprar tantos corpos, mas a tesoureira da Associação, Diane Crayton, disse que a tristeza é eterna, que fraqueza é apenas um sinônimo para humanidade e que tudo vai passar, tudo vai passar. Ela estava segurando uma xícara de café junto ao peito e murmurando isso para si mesma. Não sei se estava se referindo à controvérsia atual, nem se sequer percebeu nossa presença. Mais sobre esta reportagem, em algum lugar do mundo, sempre acontecendo, quer noticiemos ou não.

E um grande obrigado ao cientista local, gênio comprovado e, ah, claro, meu namorado, Carlos, que esteve aqui mais cedo para explicar a formação das nuvens. Você precisa que algo seja explicado em uma linguagem que, na sua opinião, poderia muito bem ser científica? Fique à vontade para passar no laboratório do Carlos. Às vezes ele vai estar lá. Às vezes, estará em um encontro comigo. Eu sou o namorado dele. Não sei se já mencionei isso.

Jackie girou a manivela para abrir a janela do carro (tudo em seu carro era manual, menos a marcha, que era algo um pouco inferior, cujo funcionamento nem seu mecânico entendia).

“Isso não é uma marcha. É só um saco de pedras preso ao mecanismo do câmbio por um barbante. Como esse carro anda?”, dissera ele na última vez que ela tinha ido trocar o óleo.

A resposta dela, que era a mesma para tudo o que saísse da rotina, fora dar de ombros e parar de pensar no assunto no instante em que as pessoas ao redor parassem de fazê-la se lembrar dele.

Jackie dirigia e deixava o sol aquecer sua pele. O ar corria por ela de forma muito agradável, parecendo mais real do que qualquer outra coisa naquele dia.

Ela precisava de alguém que entendesse o mundo, que o estudasse de maneira objetiva. Precisava de um cientista. Por sorte, Night Vale tinha, poucos anos antes, adquirido alguns.

Eles chegaram todos de uma vez, pois cientistas são seres gregários. O líder era um homem bonito chamado Carlos, que estava namorando Cecil, o radialista da cidade, depois de uma experiência de quase morte alguns anos antes, que envolveu o brutal ataque de uma minúscula civilização que morava sob a pista cinco do Complexo Recreativo de Boliche e Fliperama Flor do Deserto. Na verdade, era um jeito bem comum de começar um relacionamento.

Jackie achava que eles formavam um belo casal, mesmo que Carlos fosse um pouco preocupado demais com o que quer que chamasse de “ciência”, e Cecil, um pouco animado demais com... bem... com tudo. O fato de Carlos não ser de Night Vale também

era incomum. A cidade não atrai muitos novos residentes, e a maioria dos cidadãos nunca vai embora. Todo mundo gostava de Carlos, como da maioria dos forasteiros (ou “intrusos”, o apelido carinhoso que os habitantes de Night Vale gritavam, apontando, quando viam alguém desconhecido na rua). Ele era simpático o suficiente, bonito o suficiente e tinha uma inteligência repreensível, mas, apesar de tudo, ninguém temia ou desconfiava de sua ciência arguta ou de seu cabelo perfeito.

Como em seu programa de rádio Cecil falava abertamente sobre Carlos, o relacionamento dos dois era um assunto de discussão quase constante na cidade, e todas as imperfeições e defeitos do casal tornavam ambos indivíduos dignos de amor. Eles haviam transformado esses defeitos na habitual estrutura confusa, confortável, remendada e linda de qualquer relacionamento longo e saudável.

Essa ideia a respeito de relacionamentos não passava de conjectura da parte de Jackie. Ela mesma se sentia jovem demais para tentar entender a própria vida, que dirá a vida de outra pessoa junto à dela, por isso nunca tinha procurado uma parceria do tipo. De vez em quando, Jackie pensava em namoros do jeito distante que uma pessoa pensa em se tornar famosa, ter um castelo ou criar chifres de carneiro. Todos eram objetivos possíveis e realistas, mas, ao transformar objetivos em meras fantasias, ela nunca precisava se dar ao trabalho de alcançá-los e mantê-los.

Às vezes, ela se pegava pensando no amor quando olhava para os muitos satélites espiões que cintilavam no céu noturno, ou quando o vento tinha gosto de balas azedinhas de pêssego por razões incompreensíveis ou quando ela dizia uma palavra que parecia diferente das palavras de sempre. Então se perguntava como seria estar em um relacionamento, passar alguns minutos com alguém, só um toque ou um olhar, só qualquer coisa, só alguma coisa.

Eu gostaria de conhecer alguém especial um dia, pensou Jackie.

“KING CITY”, disse o papel em sua mão.

Jackie amassou o papel no volante. Não estava de todo consciente de que dirigia.

Ela parou em um shopping a céu aberto que só tinha duas lojas: o laboratório de Carlos e a Pizzaria do Big Rico. Big Rico estava passando por dificuldades desde que o trigo e os produtos derivados do trigo foram declarados ilegais. Foi a consequência de uma história longa e nada interessante, mas a essência é que primeiro o trigo e seus derivados se transformaram em cobras e depois em espíritos malignos, resultando na morte de vários cidadãos.

Jackie estacionou em um trecho de asfalto com ondulações acentuadas, causadas pelas raízes de uma árvore próxima, que reagiu aos pneus do seu carro com pancadas inquietantes que não melhoraram em nada o humor da jovem.

O laboratório de Carlos ficava nos limites do distrito científico, uma parte bastante dilapidada da cidade. Havia alguns poucos laboratórios novos em construção, mas a comunidade científica não gostava de revitalização, então resistia à injeção de capital, agarrando-se com unhas e dentes à sua história e cultura.

Não era incomum que um único quarteirão tivesse não apenas biólogos marinhos, mas também físicos quânticos morando lado a lado. Em outras cidades, isso poderia parecer o prenúncio de um desastre civil, mas no distrito científico de Night Vale aquilo funcionava muito bem.

Sem dúvida havia alguns grandes desentendimentos e conflitos muito públicos entre, digamos, os astrônomos e os ornitologistas, nenhum dos quais considerava a ciência do outro real. Às vezes é difícil para dois grupos científicos se darem bem quando o princípio fundamental de uma ciência é desmentir a existência da outra, como acontece entre meteorologistas e geólogos.

O laboratório de Carlos era identificado com uma placa iluminada em amarelo e preto e um aviso de

ESTAMOS “ABERTOS”!

escrito à mão na vitrine. A porta estava destrancada e levava a uma pequena sala de espera, como a de um consultório médico, mas com menos armadilhas mortais. Ela a atravessou e entrou no laboratório.

Carlos e sua equipe de cinco cientistas estavam aglomerados ao redor de uma mesa. Pelo laboratório havia fileiras de tubos de ensaio borbulhando e um quadro-negro coberto com números e a palavra *ciência!* em diferentes caligrafias sofisticadas. Algumas das palavras repetidas estavam rodeadas de corações em giz cor-de-rosa. Aquilo se parecia muito com um laboratório de ciências de universidade.

— Com licença — disse Jackie.

Nenhum dos cientistas notou sua presença. Todos usavam jalecos e pareciam ocupados escrevendo em pranchetas. Isso se chama “fazer um experimento”.

Ela se aproximou para ver o que estavam analisando. Sob algumas luminárias havia um flamingo de plástico cor-de-rosa.

— Cuidado — disse Carlos. — Não sabemos o que isto, ou qualquer outra coisa, faz.

Todos os cientistas assentiram ao mesmo tempo e escreveram nas pranchetas.

— Nós entendemos muito pouco.

Mais aquiescência, mais escrita.

— Com licença, Carlos? — intrometeu-se ela.

Ele se virou. De fato, algo nele tinha uma beleza ofuscante. Talvez fosse o cabelo. Ou sua conduta. As pessoas ficam bonitas quando fazem coisas bonitas. Talvez ele houvesse passado a maior parte da vida fazendo coisas bonitas e aquilo tivesse um efeito duradouro. Ele sorriu. Seus dentes eram muito brancos.

— Oi, Jackie. Desculpe, eu estava fazendo ciência. — Carlos apontou para o flamingo. — Tudo isto é muito científico. Bem aqui

há uma equação — disse ele, indicando alguns números no quadro-negro. — É importante ter equações.

— Estou vendo. Como está o Cecil?

— Animadíssimo, absorvido pelo trabalho, entende muito pouco de ciência. Eu o amo muito. O de sempre.

Os cientistas assentiram e escreveram nas pranchetas. Todas as informações eram muito importantes, mesmo que as razões não ficassem imediatamente claras. A razão das coisas quase nunca ficava clara de imediato, ou sequer chegava a se tornar clara, mas existia em algum lugar, como uma lua que havia escapado de órbita e não era mais uma lua, mas apenas um pedaço de alguma coisa que um dia existiu, girando em meio ao nada. Naquele momento, os cientistas estavam escrevendo exatamente essa metáfora. Metáforas são uma grande parte da ciência.

— Preciso da sua ajuda, Carlos.

— São poucas as coisas que amo mais do que ajudar as pessoas. Só a ciência e o Cecil. Mas estou no meio de uma experiência importante e acho que se nos esforçarmos um pouco mais podemos descobrir por que essa experiência é importante. Descobrir por que estamos fazendo o que já estávamos fazendo é empolgante, e acredito que talvez estejamos quase lá.

— Tudo bem, cara, mas...

— Além disso, a Josie nos pediu para dar uma olhada nisso, e eu lhe devo uma. Mais que uma. Devo a ela, sei lá, um monte. Eu expressaria isso em forma de equação, mas é tudo figurativo, e matemática figurativa é muito difícil.

— Carlos, olhe.

Ela ergueu a mão esquerda. Todos os cientistas esperaram com os lápis parados no ar, sem saber que observações deveriam fazer no momento. Jackie fez todos os seus truques com o pedaço de papel. Ela o jogou no chão, rasgou em pedaços, colocou sobre um bico de Bunsen. Ela até o comeu. Por que não?

No final de cada truque, ela continuava segurando um papel na mão esquerda, de onde na realidade nunca tinha saído.

Carlos largou a prancheta.

— Você também? — disse ele.

— Também?

— Deixe-me ver isso.

Ele pegou a tira de papel e a examinou com atenção. Quando a soltou, estava de volta na mão de Jackie. Os cientistas encaravam, boquiabertos. As pranchetas pendiam, esquecidas. Um deles parecia ter sofrido uma sobrecarga e se desligado.

Carlos corria pelo laboratório, acendendo e apagando bicos e ligando interruptores em um ritmo frenético. Os outros cientistas ajudavam a reiniciar o cientista desmaiado.

— Começaremos imediatamente! — gritou Carlos.

— Ah, ótimo! — gritou ela em resposta. — Por que estamos gritando?

— Eis o que sabemos até agora: a composição do grafite é o que se esperaria encontrar no grafite. A composição do papel é exatamente o que se esperaria de papel. Todas as partes são como suspeitávamos, embora o todo seja surpreendente.

“Não parece ser perigoso no nível físico. Mentalmente, exerce um poder ainda maior que o fascínio de suas propriedades sugere. Afinal de contas, e falo como alguém que veio aqui para o que deveria ser apenas uma curta temporada de pesquisa na faculdade comunitária local, esta cidade é basicamente composta de mistério.

“Desculpe, às vezes me distraio. Além disso, será que você poderia parar de jogar o papel em mim? Sei que nunca chega a me atingir, mas mesmo assim é irritante, e estou tentando ajudá-la. Obrigado. Desculpe pela rispidez. Não tem problema dizer que me irritei. Não, tudo bem.

“King City é uma cidadezinha com pouco mais de dez mil habitantes no condado de Monterey. Há fotos dela na internet. Basta pesquisar qualquer palavra na busca de imagens e uma foto dela sempre será o primeiro resultado. Não parece haver nada incomum lá, em comparação a qualquer outro lugar onde as pessoas vivem suas vidas incomuns.

“Você não é a primeira que vejo com um desses pedaços de papel. Não é importante quem são as outras pessoas. É importante para elas, mas não para você. Não pensei muito sobre isso, então acho que também não é importante para mim. Simplesmente presumi que fosse apenas outra esquisitice efêmera que passaria sozinha antes que o Cecil sequer tivesse terminado de transmitir a

reportagem a respeito dela. Mas já tem semanas. E eu não sabia que o papel fazia isso. Eu me pergunto o que mais ele faz.

“Você relatou sentir que sua vida está diferente desde que o papel chegou às suas mãos. Como se não fosse mais você mesma, o passado não fosse seu passado, e o futuro que planejou tivesse se tornado impossível. É uma sensação comum, que normalmente sentimos ao acordar ou ao receber pensamentos que não parecem nossos durante o banho. Mas, como a sensação vem se mantendo por esse tempo todo e seu início se alinha exatamente com o recebimento do papel, é seguro afirmar que os dois eventos estão conectados.

“Aqui, veja esta equação. Não faço ideia do que significa. Mas é muito longa. Vou adicionar mais algumas variáveis. Ótimo, está ótimo. Nilanjana, por favor adicione isso ao quadro-negro.

“O próximo passo lógico é visitar a própria King City. Ver se tudo isso pode ser explicado por meio da simples proximidade física, ou até se o pedaço de papel vai reagir de maneira diferente quando estiver proclamando uma localização, e não um destino.

“Ah, e Nilanjana? Desenhe outro ‘Ciência’ com um coração em volta, por favor. Coloque perto da nova equação. Obrigado, Nils.

“Mas chegar a King City não é tão fácil. Chegar a qualquer lugar partindo de Night Vale é meio complicado, pois somos cercados por um vasto deserto e nossa realidade não parece se alinhar tão bem com a realidade do restante do mundo, mas King City é um caso especialmente difícil.

“Veja este mapa. Stan, você poderia colocar o mapa no projetor, por favor? Não, slide errado. Essa é a foto de uma abelha com uma etiqueta dizendo ‘Pacto de Sangue’. É do projeto de apicultura. Sim, os três slides seguintes também. São um rascunho que fiz sobre as abelhas. É por isso que estão rotulados como ‘Notas de Pesquisa’.

“Ok, sim, ótimo. Aí está o mapa. Então, esse é o mapa de nossa região, com todas as estradas e rodovias, e quero mostrar uma coisa a todos vocês. Vamos começar aqui com um ponteiro a laser e

tentar ir de Night Vale para King City. Pegamos a rota 800, depois viramos aqui e pegamos a... mas ops, perdemos a saída. Então voltamos, talvez tentando cortar caminho por essa estradinha na montanha. Vocês acreditam em montanhas, não é? Nem todo mundo acredita. De um jeito ou de outro, acabamos a quilômetros de distância. Viram? Nenhuma das estradas se conecta. É como se fossem dois sistemas rodoviários completamente diferentes que parecem feitos para se conectar, mas nunca o fazem.

“Agora, o próximo slide nos mostra as trilhas para cavalos e caminhadas e estradinhas de terra. Não vou tentar traçar todas agora, mas acreditem: não existe sequência a pé, de carro ou com qualquer outro tipo de transporte que nos leve daqui a King City. Mesmo assim, e isso é muito estranho, podemos tranquilamente seguir várias estradas até chegar a Soledad, por exemplo, apenas alguns quilômetros depois do nosso alvo. Ok, então, uma vez em Soledad, é bem fácil. Basta seguir a rodovia até King City. É, se estiver saindo de Soledad, pode fazer isso. Mas se começar a traçar as estradas em Night Vale, quando chegar a Soledad não encontrará o caminho para King City.

“Cientificamente falando: uau. Um grande ‘uau’. Isso não faz sentido, não é? Você acha que não faz sentido? Balancem a cabeça se não fizer sentido. Todo mundo está balançando a cabeça. Viram, todos concordamos que não faz sentido.

“Mas tudo isso é trabalho de laboratório. E o que o trabalho de laboratório revela? Quase tudo. Laboratórios são muito importantes.

“Tem algo errado com King City. Essa é a resposta mais científica que posso lhe oferecer. E acho que seria perigoso ir até lá, o que você não conseguiria fazer mesmo se tentasse. Mas a simples tentativa pode causar danos irrevogáveis à sua pessoa ou à sua consciência. Não recomendo.

“Você pode tentar falar com a prefeita. Ela tem certa experiência com outras dimensões. Não consigo pensar em mais ninguém que

tenha. Além de mim, é claro. Eu tive uma vasta experiência. Mas não gosto de falar sobre mim. É pessoal, não científico.

“A maioria das pessoas não deixa a cidade. A maioria fica para sempre. Sinceramente, nem imagino há quanto tempo estou morando aqui. O tempo não funciona nesta cidade. Mas não é tempo suficiente. Não fiquei tempo suficiente.

“Ah, desculpe, preciso ir. Ou você precisa ir. Eu vou ficar aqui, onde trabalho. É que o programa do Cecil já vai começar e eu nunca perco.

Carlos concluiu:

— Não, acho que não fiquei tempo suficiente mesmo.

A lanchonete Madrugada Enluarada na rota 800 servia um café mediano. Tortas medianas.

Parte das tortas e do café era invisível e, para quem gosta de tortas e cafés invisíveis, isso era um verdadeiro diferencial. O negócio é o seguinte: se você gosta de uma coisa e só um lugar na cidade serve essa coisa, você vai ficar muito empolgado, não importa a qualidade.

Então, para quem gosta de torta invisível, a torta invisível da Madrugada Enluarada era perfeita, apesar de ser apenas mediana.

Diane não gostava de torta invisível. Seu amigo da APP, Steve Carlsberg, era uma das pessoas que defendiam a sobremesa pouco popular. “É uma torta pouco apreciada, Diane”, dizia ele às vezes, entre garfadas. “É um gosto adquirido, como acontece com uísque, coentro ou sal mineral.”

Mas Diane não se convencia. Seu problema não era o sabor (que não existia), mas a textura (que não existia).

Entretanto, Diane não estava na Madrugada Enluarada com Steve naquele momento. Estava ali para encontrar Dawn.

As duas raramente interagiam no trabalho e menos ainda fora dele. Havia muitas razões para isso, e nenhuma era interessante. Nem todo mundo é amigo de todo mundo.

Diane não tinha muitos amigos. Havia se afastado dos amigos de infância e adolescência por causa da idade, das circunstâncias e da alta taxa de desaparecimentos e mortes misteriosas em Night Vale. Quando tinha vinte e poucos anos, Diane foi ao funeral de sua última amiga de infância (Cynthia Yin, que ela conhecera na aula de censura musical no terceiro ano do fundamental e que sobrevivera a

três abduções de óvnis, um ano de encarceramento na Câmara Municipal por votar no candidato errado na eleição municipal e um encontro direto com um bando de lixeiros, só para morrer de câncer no fígado) e se perguntou se valia a pena ter amigos, fazer qualquer tipo de conexão, quando o mundo os tomava dela com tanta facilidade.

Desde então, ela continuou a fazer amigos, mas todos eles, assim como Steve, eram amizades de circunstância. Os colegas de trabalho da APP. Clientes da Madrugada Enluarada. Até as pessoas e névoas sencientes que percorriam a pé o mesmo caminho que ela pelo bairro, o que era mais um relacionamento distante de cumprimentos que uma amizade, mas cujos nomes ela sabia. (Alguns deles tinham até lhe sussurrado segredos interessantes ao passar.)

Em geral, ela se contentava com Josh, que não era um amigo, e muitas vezes nem era amistoso, mas que preenchia sua vida até não sobrar espaço para muito mais. Ela esperava com empolgação e inquietude o dia em que o filho teria idade suficiente para que o coração dela pudesse se esvaziar um pouco dele e houvesse espaço para outra pessoa se encaixar, embora ela não imaginasse quem.

Enfim, Dawn estava atrasada. Diane não via problema nisso.

Laura, uma das garçonetes, estava ao lado de uma mesa, com longos ramos cheios de folhas crescendo do peito, dos braços e do pescoço. Os clientes arrancavam as frutas dos galhos, analisando cada esfera lustrosa em busca de defeitos, cheirando-as para ver se estavam maduras.

Diane anotara algumas coisas para conversar com Dawn. Queria saber o óbvio: como você está, como vai a família, você tem família (escrito entre parênteses, pois Diane não queria presumir que todo mundo tinha uma “família” tradicional), como está se sentindo, o nome de todas as pessoas com quem já trabalhou, e daí por diante.

Mas tudo isso levava à verdadeira razão daquela conversa. Evan. O nome dele era Evan? Ela olhou o bloco de notas.

“EVAN”, dizia em uma letra desconhecida.

— Evan — disse Diane em voz alta.

— Oi, Diane — cumprimentou Laura ali de perto, enquanto cinco pessoas da mesma família arrancavam amoras e tomates do seu corpo. — Que bom rever você. Já vão atendê-la, está bem?

Diane sorriu e acenou. Laura sangrava pelos membros de madeira. Os clientes pararam de pegar a comida e observaram, desconfortáveis.

— Ops, desculpem, vou chamar outra garçonete. Já volto.

Laura foi para a cozinha sangrando. Um galho se enroscou em uma pia e se quebrou. Laura começou a chorar, ainda se encaminhando para a máquina de café, com o rosto cada vez mais pálido conforme o toco do galho vertia sangue nas xícaras.

— Ai, nossa — disse ela enquanto lágrimas escorriam de seu rosto e caíam como orvalho nas folhas já salpicadas de sangue. — Sou tão desastrada. Um verdadeiro trem desgovernado.

Um homem louro com um avental branco, bonito de um jeito normal (e, portanto, quase esquecível), vinha atrás dela com uma bandeja de pratos sujos. Quando ele contornou a mesa, Diane reconheceu Troy.

Ela se levantou antes de sequer saber o que faria. Ele não a viu. Ele trotava com seus pratos. Diane pensou que ia dizer alguma coisa, mas não sabia o quê, então se limitou a segui-lo. Sem dúvida era Troy. Será que ia segui-lo até a cozinha? Ela não saberia até chegar o momento.

Ele se aproximava da porta vaivém prateada, e os dois já tinham passado da placa do banheiro, bem além do ponto em que a presença dela poderia fazer sentido, e mesmo assim ela não lhe disse nada.

O homem, e ela já não tinha tanta certeza de que era Troy, talvez fosse apenas um homem parecido, ou até alguém que não tinha

nada a ver com ele, virou-se para Diane. Quando girou para abrir a porta com as costas, seus olhos se encontraram.

— Com licença — disse Diane, muito mais alto do que pretendia.
— Aqui é o banheiro?

Ele não disse nada. A porta se fechou, depois voltou a se abrir e fechar em movimentos cada vez menores. O homem que se parecia com Troy sumiu cozinha adentro.

— O que está fazendo, Diane?

Era Laura. Ela não sorria. Os galhos ainda sangravam um pouco no chão.

— Nada. Eu só...

— Os banheiros ficam para lá.

Diane apontou para a porta da cozinha.

— Não, para aquele lado — disse Laura, sem expressar nada além da insípida cordialidade do segmento de serviços.

Diane foi em direção ao banheiro, mas não precisava usá-lo, então se limitou a diminuir o passo ao voltar para a área do restaurante, olhando para a cozinha ao passar pela bancada de café. Não viu ninguém lá.

— Ficom bem ali, Diane — avisou Laura do outro lado do salão.

Ela apontou com o braço cheio de folhas. Seu rosto perdera a cordialidade, os olhos imóveis, impassíveis.

Diane deu meia-volta e foi para o banheiro. Ficou diante do espelho por um minuto, segurando as laterais da pia. Só podia ser Troy, ela sabia. Ou, bem, talvez não fosse. E, de um jeito ou de outro, ela estava ali para saber de... Ethan? Ellen? Não se lembrava do nome. Nada nela estava normal. Ela debruçou-se e gritou para a pia. Não obteve reação alguma. Gritou de novo, perguntando-se se as pessoas da lanchonete conseguiam ouvi-la. Em todo caso, ninguém entrou no banheiro. Diane não sabia sequer se estava gritando em voz alta, ou se só pensara em gritar. Sua garganta doía.

Ela abriu a torneira, acionou o secador de mãos e voltou para a mesa.

Dawn havia chegado.

— A garçonete me falou que você estava no banheiro. Ela disse para me sentar. Desculpe pelo atraso.

— Oi, Dawn. Que bom vê-la.

Ao falar, ela sentiu a garganta apertada e dolorida, e tentou manter a voz normal.

— O que é isto?

Dawn pegou o bloco de notas que Diane deixara na mesa.

— Não, você não precisa... — começou Diane. — São só algumas coisas...

Dawn sorriu ao ler a lista.

— Bom, em primeiro lugar, estou bem. Como você está? Tem uma caneta?

Diane indicou a caneta ao lado do sal, da pimenta e da areia.

— Ah, ótimo.

Dawn a pegou e foi ticando as perguntas ao respondê-las.

— A família vai muito bem. Minha irmã está grávida. Meu pai se aposentou e está fazendo redes. Como hobby, sabe. Ele já fez milhares, deixa todas em uma pilha gigantesca no gramado. A associação do bairro está irritada porque acha que é uma declaração política, algum tipo de instalação de arte conceitual sobre a existência das montanhas.

— Cruzes. Que controverso — disse Diane, encontrando uma brecha na conversa na qual inserir sua voz. — Quer dizer, eu acredito em montanhas, mas entendo que é um ponto de vista controverso. Nunca o importaria aos outros.

— Certo, bem, mas não é isso que ele está tentando fazer. Pare de criticar meu pai. Você não o conhece. Ele só gosta de fazer redes e depois empilhá-las. É algo que sempre amou.

— Desculpe. Não foi minha intenção. Fico feliz por seu pai estar feliz.

— Ele conta que às vezes aparecem uns garotos tentando roubar redes da pilha para pendurar entre duas árvores e deitar. Ele

expulsa a maioria dos vândalos. Meu pai fala disso como se estivesse com raiva, mas, cá entre nós, acho que gosta do desafio.

Dawn ticou a pergunta seguinte da lista e acrescentou:

— Sim, eu tenho família. Talvez essa pergunta fizesse mais sentido antes da anterior.

Diane não achava que nada naquele dia fosse fazer sentido. Ela ficou enjoada depois daquele momento no banheiro e estava muito feliz por não ter pedido comida, invisível ou não.

— Estou me sentindo bem — continuou Dawn, com a caneta na pergunta seguinte. — Tive enxaqueca há pouco tempo, mas claro que não soube até alguém me avisar.

— Claro — respondeu Diane.

Por que claro?

— Também tive intoxicação alimentar. Precisei faltar alguns dias.

— Você teve enxaqueca por causa da intoxicação alimentar?

— O quê? Não, claro que não. Foi apenas intoxicação alimentar. O homem que entrega salmão deixa peixe fresco na minha varanda todas as terças. Nos últimos dias, parece que a qualidade vem se deteriorando. Ele deixava um peixe vivo e saía mancando. Abríamos a porta e encontrávamos uma criatura molhada, com os olhos fixos e apavorados, debatendo-se no chão. Nós a matávamos com veneno de rato e comíamos filés, saladas e massas deliciosos. Mas, nos últimos tempos, ele tem deixado pilhas molhadas de filés de carne cinza-arroxeadas que espero serem de salmão. Para ser sincera, acho que ele está jogando da calçada, nem sequer vai até a varanda.

— Nunca ouvi falar de nenhum tipo de carne causar intoxicação alimentar. Só trigo e seus derivados.

— Bem, nem eu, claro, mas depois que comemos a entrega de salmão desta semana, que estava especialmente úmido e esponjoso, tanto Stuart quanto eu ficamos meio enjoados. Passamos dias sem sair da cama.

— Stuart é seu marido? — perguntou Diane.

— Quem?

— Stuart.

— Quem é Stuart?

— Você acabou de dizer que o nome dele é Stuart. O homem com quem você mora.

— Eu moro sozinha, Diane. Não poderia estar mais solteira.

De repente, Diane sentiu que as palavras que dizia estavam se distorcendo em sua boca e saindo completamente diferentes. Nenhuma parte da conversa se conectava com a outra. Talvez ela vomitasse, no fim das contas, mas tinha acabado de ir ao banheiro. Seria estranho correr de volta para lá tão cedo. A ideia desse leve constrangimento manteve seu estômago sob controle.

— Com quem você comeu salmão naquela noite?

— Com ninguém. Sozinha. Como eu disse, esta é a primeira vez que saio com alguém em mais de um mês, acho. Estou muito feliz por você ter me convidado.

— Certo. Estou feliz por você ter aceitado se encontrar comigo.

Uma mão enluvada cinza apareceu sob a borda da mesa, segurando dois cafés. Ela os deslizou com discrição, deixando-os diante das mulheres. As duas fingiram não ter visto a mão, mantendo contato visual e esperando em silêncio enquanto ela empurrava a comida que elas não tinham pedido para a mesa: uma salada grega para Diane e uma omelete Denver para Dawn. A mão fez um floreio sutil em cumprimento e desapareceu outra vez embaixo da mesa.

— Isto é sobre... — começou Dawn, voltando a olhar para a lista de Diane. — Evan?

Diane afastou a salada grega de si, com uma das mãos na barriga.

— Sim. Eu me lembro de trabalhar com Evan. Lembro que ele sumiu do escritório na mesma época em que você ficou doente. Ele me ligou no dia em que você voltou e, quando fui ao cubículo dele,

onde tinha certeza de que ele trabalhava, não havia cubículo nenhum. Só uma planta, uma foto e uma cadeira.

— Hum...

A boca de Dawn estava cheia de omelete. Ela parecia faminta. Devia ser uma consequência da intoxicação alimentar.

— E nem você nem Catharine se lembram de alguém chamado Evan trabalhar conosco?

— Desculpe. Não lembro — respondeu Dawn, depois de engolir uma garfada.

Diane sentiu ânsia na garganta e precisou de um momento para se recompor.

— É só que — disse ela após um instante. — Como você pode se sentar tão perto de onde alguém trabalhava e não ter nenhuma lembrança dele?

— Bem, Diane, eu...

— Você não ligou para o trabalho. Catharine chegou até a pedir que alguém da equipe fosse à sua casa, Dawn. Mas então você volta ao trabalho e Catharine diz: “Não, eu sabia de tudo”, e você diz: “É só uma intoxicação alimentar.” Mas estou dizendo que a sensação no escritório antes de você voltar era de que você e, e...

Diane olhou para o bloco de notas.

— ... Evan tinham desaparecido. Quase tivemos que envolver a Polícia Secreta do Xerife.

Dawn largou a caneta e empurrou o bloco de volta para Diane. Sua boca estava séria, contraída e meio suja de ovo.

— Diane, conte-me tudo o que você se lembra desse Evan.

— Eu me lembro de trabalhar com ele. Durante anos.

— Ele gostava de esportes?

— Não sei.

— Filmes? Programas de tevê? Livros? Certas raças de cachorros? Que tipo de roupa ele usava?

— Eu me lembro de um paletó bege.

— Do que mais? Usava camisas de que cor? Qual era a altura dele? Era casado? Quantos anos tinha? O que ele disse de memorável? Já contou uma piada para você? Ou talvez tenha tido algum insight durante uma reunião? Em que departamento o Evan trabalhava, Diane?

Uma longa pausa se transformou em uma pausa curta que se transformou em um instante que se transformou em nada.

— Não quero fazê-la parecer louca. Não mesmo. Olhe, só estou feliz por ter uma amiga com quem sair. Não me lembro da última vez que saí com alguém. Mas posso garantir que nunca houve nenhum Evan no escritório.

O rosto de Dawn estava corado, e ela ofegava. Parecia furiosa, mas podia ser apenas a intoxicação alimentar.

Diane viu o homem louro familiar se abaixar atrás do balcão. Ela contou até dez bem devagar, mas o homem não se levantou. Talvez ela não tivesse visto nada. Talvez tivesse começado a existir segundos antes e inventado todos os momentos até aquele para explicar como acabara sentada na mesa daquela lanchonete.

Dawn tomou um gole de café para disfarçar o silêncio, que foi mais longo do que ambas tinham previsto, de modo que acabou bebendo a caneca toda. Ela a pousou na mesa e limpou os resquícios de café e ovo da boca.

— Às vezes, as únicas coisas das quais podemos ter certeza são as que sentimos. Eu acredito em você, Diane. Discordo, mas acredito em você.

Diane sentiu um tapinha suave e solidário em sua mão. Dawn segurava a xícara de café com as duas mãos. Diane voltou os olhos para baixo e viu de relance certa mão enluvada cinza desaparecendo sob a mesa.

Quando a porta a levou de volta ao asfalto rachado pelo sol, Jackie sentiu que a ciência tinha lhe ensinado muito pouco. Carlos sugerira ver a prefeita. Isso significaria ir à prefeitura, o que a colocaria perigosamente próxima à Câmara Municipal, mas a prefeita em si era uma figura reconfortante e quiçá inofensiva.

Sem dúvida, visitar a prefeitura era melhor do que ir aonde a velha Josie queria que ela fosse. Qualquer lugar era melhor que a biblioteca.

Ela andou até o carro sem a menor pressa de sair do suave calor do final da tarde. O deserto depois das estradas e dos prédios ia ganhando bordas rosadas, com uma luz alaranjada e um profundo brilho amarelo onde o sol poente encontrava o horizonte. Era tudo muito bonito de observar, então Jackie observou. Como resultado, não percebeu o que estava no carro até abrir a porta.

— Erika! Você quase me matou de susto.

Jackie precisou reiniciar sua respiração de propósito.

O ser incrivelmente alto, ao que parecia feito de intensos feixes de luz negra, deu de ombros, e ela ouviu o que pareciam ser centenas de minúsculas asas baterem ao mesmo tempo.

— O medo é uma reação racional à vida.

Jackie não tinha tempo para a filosofia de um ser cuja existência era ilegal reconhecer. Ou talvez tivesse. Não ia fingir que entendia coisa alguma sobre o tempo.

— Você está no meu carro, então se explique ou dê o fora.

Erika se virou para olhá-la. No lugar onde ficam os olhos nos seres humanos havia um brilho obscuro cujo gosto Jackie sentiu no fundo da garganta. Tinha sabor de bala de morango e terra.

— Estou aqui com uma mensagem dos anjos. Estamos com medo. Todos nós. Talvez eu esteja com mais medo que todo mundo.

Jackie se forçou a encarar diretamente o olhar de Erika, ou tão diretamente quanto podia, já que não localizava os olhos.

— Essa mensagem deveria ser útil para mim?

— Não deveria ser nada. É apenas uma mensagem. Mensagens são para o emissor, não para o receptor.

— Então, cara, espero que ter me contado isso tenha ajudado você. De verdade. Mas pode sair do meu carro agora? Senão vai acabar na prefeitura, porque é para lá que estou indo.

De novo o som de asas se agitando. Uma voz suave estava cantando em algum lugar bem acima deles.

Erika deu de ombros.

— Na verdade, aceito uma carona. Você se incomoda?

— Tem dinheiro para a gasolina?

Jackie amassou o pedaço de papel na mão esquerda e o jogou no peito de Erika. O papel quicou na janela e voltou a cair no colo do anjo.

— Tenho medo desse papel — revelou Erika.

“KING CITY”, disse o papel.

— Até os anjos têm medo... — comentou Jackie.

Erika encarou inexpressivamente um colo inexpressivo. Várias antenas de escuta nos telhados próximos se voltaram para o carro. Uma pequena luz pulsante no painel repetia o aviso

ANJO RECONHECIDO

Jackie apertou um botão para desligar o alarme.

— Desculpe, eu quis dizer que até vocês têm medo — falou ela em voz alta para as escutas. — Sério, você tem dinheiro para a gasolina?

— Houve um tempo em que fui dono de extrema riqueza. Fui uma das pessoas mais ricas. Mas anjos não usam dinheiro, ou pelo

menos sempre me dizem isso.

Erika cruzou os braços.

— Imaginei. Tudo bem, Erika, vamos embora.

Ela ligou o carro de alguma maneira, embora nada no motor devesse estar funcionando.

“Pedras. Isso não passa de um saco de pedras”, resmungara seu mecânico durante a última manutenção programada, com lágrimas escorrendo pelas bochechas.

Quando ela engatou a marcha, Erika apontou para o deserto.

— Veja.

Em meio ao espectro do pôr do sol, o gigantesco prédio de vidro retornara. Havia outros com ele, diversas aparições fantasmagóricas de vidro, e círculos de luz cuja fonte não parecia ser o sol, que se punha depressa. Muitas vozes entoando algo à beira do inteligível surgiram com essa visão.

— E daí? — perguntou Jackie, saindo do estacionamento. — Às vezes eu vejo relances de uma velha sem rosto no meu espelho. Essas coisas acontecem.

— Não — disse Erika. — Está tudo errado. Estamos preocupados com a velha Josie. Estamos preocupados por ela. Estou apavorado. Estou apavorado.

Algumas de suas longas mãos se esfregavam umas nas outras.

— Tenho certeza de que essas visões no deserto não são motivo para preocupação. São apenas nossos olhos nos pregando peças. Nosso corpo mente para nós com frequência. Você nunca teve aula de biologia no ensino fundamental? — indagou Jackie.

Erika se virou para continuar fixando o que quer que fossem seus olhos no ponto onde as luzes surgiram até o deserto não ser mais visível. Ele se voltou para a frente.

Seguiu-se um silêncio confortável entre Erika e Jackie, apenas a respiração, a brisa e o suave ruído do trânsito.

— Sério, cara, você não tem mesmo nenhum dinheiro para a gasolina? — perguntou Jackie, após alguns momentos.

— Acho que tenho uns dez dólares — respondeu o anjo.

— O que está procurando? — perguntou Dawn para a nuca de Diane.

Diane parou. Estava se sentindo bem um segundo antes, mas naquele momento sentiu uma pontada de nervosismo. Ela sabia a impressão que estava passando, agachada ali, erguendo a lixeira do quartinho do zelador perto do elevador.

— Perdi uma coisa na semana passada, um pedaço de papel.

— Já devem ter levado o lixo da semana passada.

— Eu sei. Mas talvez tenha caído. Papel solto. Deixa para lá.

Diane se levantou.

Ela era bem mais alta que Dawn. Pelo menos dez centímetros mais alta. Diane não se considerava uma mulher alta.

— O que você perdeu? Talvez eu possa ajudar.

Diane não tinha exatamente evitado Dawn desde a conversa que tiveram na lanchonete Madrugada Enluarada, mas permitira que os processos naturais do trabalho desgastassem qualquer ligação que tivesse se formado entre as duas. Ela não se incomodava em ser uma desconhecida. Não se incomodava em se afastar. E pensar naquele dia na lanchonete trazia de volta o enjoo; o ovo no lábio de Dawn, as duas realidades das histórias de Dawn, o sangue pingando dos galhos de Laura. O rosto da outra mulher a deixou tonta de lembranças.

— Não, está tudo bem. Tudo bem. Era um pedacinho de papel.

— Tipo um recibo?

— É, mas escrito à mão, acho.

— Um bilhete, então?

— É, um bilhete.

— O que o bilhete dizia?

Sem querer, Diane tinha parado de respirar. Quando percebeu, tomou fôlego.

— Tudo bem. Você não precisa me contar — afirmou Dawn.

— KING CITY — falou Diane sem saber como sabia o que dizer.

— King City?

— Acho que dizia “KING CITY”, a lápis, em maiúsculas.

— Só isso?

— Sim. Só “KING CITY”.

Dawn a encarou, e Diane ficou sem saber o que dizer.

— Não sei mais como ajudar você, Diane — afirmou Dawn, em uma mistura perfeita de confusão e decepção, e voltou para a mesa.

Diane ficou no trabalho, sem trabalhar, quando todos os outros foram embora: Dawn, Catharine, os caras (todos se chamavam Shawn) do comercial, Piotr, Celia, Maya, Martellus, Ricardo e Tina.

Quando todos foram embora, ela entrou no computador de Tina (um talento especial de Diane era adivinhar senhas com base na personalidade da pessoa, e havia muito adivinhado que a senha de Tina era “QuemSouEuAfinal”, seguida por dezenove pontos de interrogação) e procurou o registro telefônico do escritório.

Ela erguia o rosto de tempos em tempos para se certificar de que ninguém voltara para buscar uma jaqueta esquecida ou para usar o Círculo de Pedras Sanguíneas do escritório para não precisar esperar até chegar em casa. Mas o lugar estava quieto. Diane mais sentia do que ouvia o silêncio. Ela estava tão tensa que ele havia se tornado tangível.

Não havia registro das pessoas que tinham ligado para o escritório, só das chamadas feitas, então aquilo não serviu para nada. Depois pesquisou as folhas de pagamento de todos os funcionários. Procurava qualquer sinal de alguém chamado...

Diane não lembrava quem estava procurando.

Evan. Estava procurando Evan. Pegou um papel em branco na impressora de Tina, escreveu “EVAN” a lápis e em letras maiúsculas

e colocou a folha em uma pasta de papel pardo vazia.

Uma busca no computador de Tina não revelou nenhum Evan. Encontrou algumas ocorrências de “levantamentos” na pasta intitulada “RH” e várias ocorrências da palavra “relevante” no e-mail de Tina. Mas nenhum “Evan”.

Diane deu mais uma volta pelo escritório vazio para se certificar de que estava vazio mesmo. Ela sentia que era observada.

No computador de Dawn (senha “Tud0e5taPerd1d0”), Diane abriu o navegador e digitou o endereço de todas as operadoras telefônicas em que foi capaz de pensar. Na terceira tentativa, depois de colocar apenas duas letras, o navegador preencheu automaticamente o endereço de uma tela de login. Quando ela apertou o enter, o navegador já tinha preenchido o nome de usuário e a senha.

Diane entrou na conta de telefone de Dawn.

Checou o histórico de chamadas recentes e encontrou as quatro datas em que Dawn esteve fora, mas nenhum registro de que ela ligara para o escritório.

Claro, isso não significava que Dawn não tivesse outro telefone em casa. Diane tentou pesquisar outras operadoras de telefone e provedores de internet. Não houve mais preenchimentos automáticos.

Do lado de fora da sala de Catharine, Diane tentou girar a maçaneta, mas a porta estava trancada. Fixou os olhos na maçaneta de níquel escovado.

Ela não era o tipo de pessoa que invade a sala da chefe. Ou melhor, era esse tipo de pessoa, mas nunca tinha se considerado esse tipo de pessoa. O tipo que faz coisas que alguém possa considerar errado ou reportar a uma agência governamental local ou a um clube amador de vigilância. Ela era responsável e calma, assim pensava, e com calma assumiu a responsabilidade de passar pela porta.

Primeiro, lembrou-se do velho truque de televisão em que um detetive abre a fechadura com um cartão de crédito. Depois imaginou ter o poder de atravessar paredes e, conseqüentemente, portas.

Então, imaginou ser uma chaveira profissional, com uma pequena mochila cheia de fios curtos que enfiaria com cuidado na fechadura. Ela teria manchas gordurosas de graxa nos dedos e no rosto, um olhar frio e concentrado e uma chave de fenda com cabo de plástico entre os dentes.

Depois pensou que o zelador devia ter as chaves.

No quatinho destrancado do zelador, Diane encontrou um armário de metal. No armário de metal destrancado, Diane encontrou um molho de chaves em um chaveiro de borracha amarelo.

Do lado de fora da sala de Catharine, Diane imaginou que ia simplesmente saber qual era a chave certa, e que funcionaria na primeira tentativa.

Imaginou a mesma coisa com a segunda chave, com a terceira e com todas as treze chaves. Enquanto isso, sentia que era observada. Diane erguia o rosto após cada tentativa, mas não havia ninguém. O Círculo de Pedras Sanguíneas murmurava uma melodia familiar no canto.

Na décima terceira chave, a maçaneta girou. No momento em que a porta estava aberta, mas ainda não transposta, Diane pensou que ainda podia dar meia-volta e não se tornar uma pessoa que já invadira lugar algum na vida, mas então deu um passo à frente e se tornou essa pessoa para sempre. Fechou a porta, certificando-se de que as persianas estavam abaixadas, e sentou-se na cadeira giratória à mesa de Catharine.

O computador da chefe de Diane não tinha senha, só a pergunta “Você é a Catharine?” com botões para sim e não. Ela clicou no botão de sim, e a tela se acendeu.

Ela fez uma busca pelo nome de Evan. Obteve resultados parecidos com os do computador de Tina. Não encontrou nenhum “Evan” como nome ou ex-funcionário.

Procurou e-mails relacionados a Dawn para ver se havia alguma menção a sua ausência ou alguma mensagem incomum.

Diane imaginou ser uma hacker, mas não uma especialista em linguagem de programação e segurança de rede, e sim uma hacker de filme, digitando rapidamente, cada dedo pulando com habilidade de tecla em tecla enquanto uma longa corrente de segredos importantes percorria a tela em uma fonte antiquada, movendo os olhos de um lado para outro, absorvendo cada número, letra e informação importante.

Ela imaginou encontrar mais que apenas nada.

Sentiu uma leve coceira na mão que segurava o mouse. Sob o brilho fraco do monitor estava a tarântula, com uma das pernas em seu dedo mindinho. A tarântula parou como se hesitasse invadir ainda mais o espaço físico de Diane. Ela se encolheu um pouco de susto, mas depois se acalmou e processou a situação.

Diane não se incomodava, pois era comum Josh tomar a forma de uma variedade de aracnídeos, portanto ela não tinha medo de aranhas ou da maioria dos insetos. Achou fofo o animal parecer tímido ou respeitoso.

Na realidade, a tarântula só via largos blocos de cores e formas em movimento e percebeu que havia feito contato com uma criatura muito maior que ela. Sentiu um pavor enorme e estava imóvel com base no instinto se-você-se-mover-vai-ser-vista-e-se-for-vista-vai-ser-devorada.

Diane continuou verificando pautas e minutas de reuniões de planejamento. A tarântula considerou seu movimento uma ameaça e correu para a escuridão do escritório.

Ela imaginou encontrar grandes provas. Imaginou-se em um filme *noir*, uma luz fraca, mas muito contrastante, atravessando as persianas e formando tiras brancas e enfumaçadas no breu da sala.

Diane imaginou seu rosto levemente iluminado pela luz azul do monitor. Imaginou não o próprio rosto, mas o de um detetive experiente usando o típico chapéu.

Sentia que era observada. Ouviu um leve baque atrás de seu ombro. Sentiu um arrepio subir pela nuca. Estava sendo observada.

Ela não virou a cabeça. Não se moveu. Mexeu apenas os olhos, que estavam tão voltados para a direita que sua bochecha doeu.

Havia uma sombra junto às persianas. As persianas estavam fechadas. Havia alguém do outro lado.

A pessoa não era alta nem baixa. Ela não sabia se a pessoa a via. A pessoa não ia embora nunca.

Se você for vista, vai ser devorada, pensou a tarântula usando um vocabulário que não era humano.

Sem perceber, Diane parou de respirar. Quando notou, continuou a prender o fôlego. As mãos ficaram onde estavam.

Ouviu cliques rápidos. A maçaneta chacoalhou de um lado para outro. Diane não lembrava se trancara a porta. Em algum momento, teria que respirar. A maçaneta chacoalhou.

Diane respirou. Sua respiração saiu muito alta. Será que era sempre tão alta assim?

O computador entrou no modo de proteção de tela. Ela não sabia se a mudança na luz era visível através das persianas.

A maçaneta chacoalhou outra vez. Depois bateram na porta. De novo. Três batidas fortes.

Ela não podia fazer nada. Ficou onde estava. Não fez nada. A sombra voltou à janela e ficou ali por um longo instante. Diane não sabia o tempo exato. Para ela, imóvel na cadeira, pareceu uma eternidade.

Então, a sombra sumiu quando sua fonte se afastou da janela. A luz começou a entrar pelas laterais da persiana.

Ela ouviu um rangido abafado, como o de rodas. Rodas de um carrinho. O carrinho do zelador. O som se afastou pelo corredor.

Diane imaginou que zeladores trabalhavam até tarde e que ele ainda ficaria no escritório por algum tempo. Talvez horas. Ela desligou o monitor e esperou na sala de Catharine em silêncio, sozinha, respirando.



A VOZ DE NIGHT VALE

CECIL: ... alergia a mariscos, nojo de mariscos, desinteresse por mariscos, discordância filosófica com mariscos ou uma incerteza geral em relação a todo o conceito de mariscos devem avisar aos organizadores do evento quando fizerem a reserva.

E agora um recado dos nossos patrocinadores:

Nós sabemos que em certos momentos da vida não podemos fazer nada além de esperar. Talvez tenhamos que esperar horas. Talvez tenhamos que esperar horas escondidos em uma sala escura até o zelador ir embora para não sermos pegos bisbilhotando arquivos confidenciais no trabalho. Você poderia estar esperando por várias razões. Só que agora está esperando por essa razão. Sim, nós sabemos muito sobre você.

Esse período de espera cruel não ficaria melhor se você pudesse usá-lo, digamos, para ver os episódios mais recentes de seus programas de TV preferidos? Imagine como seria menos tedioso invadir ilegalmente a sala da sua chefe se você pudesse assistir à TV agora, Diane.

Todos esperávamos mais de você.

Hulu Plus: A escolha dos criminosos.

Esse foi o recado dos nossos patrocinadores.

E agora uma palavra a respeito de bibliotecários. Desde a mais tenra infância, todos nós somos avisados de que a criatura mais perigosa e traiçoeira é aquela que ronda as bibliotecas públicas. Todos nos lembramos de quando éramos crianças e ouvimos isso de homens exaustos em ternos amarrotados apertando grossos livros antigos junto ao peito.

“Agggh!”, diziam eles, apontando para um desenho que era apenas um retângulo com a palavra BIBLIOTECA escrita no meio.

“Aiiigh!”, continuavam, apontando para a foto mais nítida já tirada de um bibliotecário, uma polaroide borrada e meio queimada.

“Ah! Ah! Ah!”, concluíam, apontando outra vez para o primeiro desenho. Era sempre uma apresentação muito curta.

Então os homens saíam correndo das salas de aula, olhando em volta apavorados e murmurando: “Não temos tempo, simplesmente não temos tempo”, e nunca mais eram vistos.

Esses alertas, por mais divertidos que fossem, são um assunto sério que deveria ser aplicado em nossa vida adulta séria. Bibliotecários são criaturas medonhas de poder inimaginável. E, mesmo que você imaginasse seu poder, seria ilegal. É absolutamente ilegal sequer tentar visualizar a aparência desses seres.

Então, tomem cuidado com os bibliotecários, está bem?

E agora vamos ver como está o trânsito.

Eis um homem com um novo emprego. Eis um homem. Ele tem um novo emprego. Tão novo que nem começou ainda. Agora ele está indo para lá. É seu primeiro dia. Não como humano, mas nesse emprego. É aproximadamente seu décimo milésimo dia como humano. E mesmo assim, apesar de todos esses dias, ele não tem muito talento para ser humano. Ainda comete muitos erros. Depois de todo esse tempo, ainda não tem confiança em si mesmo.

Ele vai até o emprego. Seu carro é bom. Melhor do que ele pode pagar, mas tão bom quanto espera poder pagar em breve. O carro é baseado em uma aspiração. O terno risca de giz cinza, o sorriso, o relógio prateado, o jeito de andar, tudo é baseado em uma aspiração. Ele não pensa em si mesmo como o ele que existe no momento, mas como o ele que logo existirá. Não está longe de quem ele realmente é. Muito em breve será essa versão de si mesmo.

Mas, então, ele vê algo. Não importa o quê. É alguém morrendo. É repentino e não é culpa de ninguém, mas também poderia ter sido evitado. Ele está sentado em seu belo carro e vê essa morte. E não vai para o novo emprego. Não chega a ir. Na verdade, como não chega a ir, não seria correto chamar de novo emprego. É o emprego que ele nunca teve. É um futuro que, como a maioria dos futuros, nunca aconteceu.

Essas foram as notícias do trânsito.

Novas estatísticas do grupo comunitário ativista Cidadãos por um Governo Transparente demonstram que continua sendo difícil ir à prefeitura para falar com a prefeita Cardinal e sair de lá com vida, que mais da metade dos cidadãos que estiveram diante da Câmara Municipal foi comida pelos seus membros e que o governo ainda não é transparente.

“Ainda os vejo com nitidez”, disse Frankie Ramon, porta-voz do grupo. “Eles não são nem leves silhuetas, continuam totalmente visíveis e opacos. É como se não estivessem fazendo o mínimo esforço.”

A seguir: uma repentina perda de consciência seguida por um despertar como uma nova pessoa, vivendo uma nova vida, mas com todas as mesmas antigas perguntas sem resposta. Daqui a três, dois,

Jackie deixou Erika em frente à prefeitura. Não era seguro para Erika ficar tão perto da fonte de leis da cidade.

— Obrigado — agradeceu Erika ao abrir a porta do carro.

— Ei — falou Jackie. — De nada. Obrigada pelo dinheiro.

— Você é uma boa pessoa, Jackie Fierro — disse ele. — E isso torna o mundo um lugar perigoso para você.

Mais uma vez o som de asas se agitando, e uma névoa escura tomou conta do ar às costas de Erika. Após se retirar do carro, ele ficou com mais de dois metros, alto demais para caber no carro compacto de Jackie.

— Seja feliz — disse ele, enquanto seus pés e depois o restante do corpo afundava na calçada. — Se não for possível, Jackie, simplesmente seja. Apenas continue a ser.

E sumiu terra adentro.

— Por que você pediu carona se conseguia fazer isso? — perguntou Jackie, suspirando.

Ela atravessou a rua com o carro e parou em um pequeno estacionamento reservado àqueles que visitavam a prefeita ou queriam se oferecer aos terríveis caprichos e à misericórdia inexistente da Câmara Municipal.

A prefeitura era um prédio majestoso quando estava despida do veludo preto que a cobria toda noite. Quando não protegia o prédio, o tecido ficava amontoado no gramado amarelado e seco. Jackie atravessou a entrada em arco sem se dar ao trabalho de falar com o guarda na porta. Para não ver nada que não devesse ver, o guarda usava uma máscara que bloqueava a audição e a visão. Mesmo que

ela tivesse tentado falar alguma coisa, só teria acrescentado minutos de frustração a um dia bem frustrante.

Para chegar à sala da prefeita era preciso passar pela entrada da Câmara Municipal. Jackie fez esse percurso o mais rápido que seu corpo permitiu, apertando o pedaço de papel na mão. As portas estavam abertas, e ela viu as silhuetas disformes e ouviu os guinchos predatórios da Câmara Municipal. O corredor cheirava a giz e cabelo queimado.

Pouco antes, uma nova lei tornara obrigatório visitar a Câmara Municipal a fim de contestar uma multa por excesso de velocidade e, como resultado, os cidadãos haviam começado a aceitar todas as multas por excesso de velocidade que recebiam mesmo quando nem estavam dirigindo, quando sentavam-se tranquilamente em um banco ou dormiam na própria cama. Melhor pagar do que se arrepender depois, era o sentimento geral.

Ela imaginou entrar na sala da Câmara Municipal naquele momento. Quem poderia imaginar o perigo e a dor de uma visita à Câmara Municipal? Claro, quem poderia imaginar um inextricável papel que se gruda à mão de uma pessoa e acaba com a concentração e, quem sabe, com a vida dela? Será que a Câmara Municipal resolveria esse problema para Jackie, de um jeito ou de outro? Será que isso seria melhor, no fim das contas?

De algum lugar na mesa da sala de reuniões, em meio ao caos dos membros da Câmara reunidos, Jackie ouviu um choro baixo e um estalo alto e decidiu continuar andando depressa.

O escritório da prefeita ficava no segundo andar, em uma área do prédio decorada com painéis de madeira e muitas fotos de faróis emolduradas. O recepcionista da prefeita era um idoso que assentiu com um sorriso quando Jackie explicou o que queria, e apontou para uma das poltronas de veludo encostadas à parede.

Talvez ao menos estivesse em um lugar que podia ajudá-la. O senhor atrás da mesa indicou a porta, depois ergueu cinco dedos e assentiu outra vez.

— Não tem problema, eu espero.

Ela pegou uma revista na mesa à frente. “Dez Maneiras de Redecorar seu Círculo de Pedras Sanguíneas.” “Como Perder Peso sem Esquecer Sua Mortalidade.” “Uma Receita de Bolo que Só Pessoas que Odeiam Nosso Governo Vão Querer Experimentar, Então Nos Envie Suas Melhores Fotos do Preparo e Faremos Você Sumir.” Coisas chatas como essas, mas divertidas durante os poucos minutos que a prefeita levou para atendê-la.

O senhor tamborilou os dedos suavemente na mesa para chamar a atenção de Jackie e apontou para a porta com a palma da mão aberta.

— Valeu, cara. De todas as pessoas com quem eu conversei hoje, você é a minha preferida.

Ele deu de ombros, voltando-se para a escada e deixando-a abrir a porta sozinha, o que era difícil. Era uma daquelas que exigia um leve sangramento.

— Ai — disse ela ao entrar na sala. — Aqui estou eu que nem uma idiota pensando *Empurre*. Não, *Puxe*. E me esqueci completamente do *Sangre*. Deveria haver uma placa ou coisa assim.

A prefeita, Dana Cardinal, era um retrato de grandeza que só podia ser posado: sua silhueta junto às grandes janelas, a luz despejando-se na mesa cheia de papéis espalhados entre luz e sombra. Era tudo perfeitamente arranjado para demonstrar autoridade.

— Eu concordo, mas é difícil fazer qualquer coisa neste prédio — disse a prefeita.

— Claro. Não quis dizer que você estava fazendo algo errado.

— Quis, sim. Não tem o menor problema. Se não pudermos ser julgados por nossas ações, não podemos ser julgados. E deixe-me dizer uma coisa. — A prefeita virou-se para ela e apoiou os cotovelos na mesa. — Nós podemos ser julgados. Sem sombra de dúvida. Então, Jackie, você veio me ver. Algo a está perturbando?

Jackie se sentou na cadeira em frente à mesa da prefeita e fez o truque com o papel. No chão. De volta à sua mão. Rasgado. De volta à sua mão. Mentalmente incendiado. De volta à sua mão. A prefeita assentiu com seriedade, sem parecer surpresa.

— É, então — disse Jackie. — Mas isso é só parte do problema. Tem outra coisa: não sei se já estive na casa da minha mãe. Ela me perguntou se eu me lembrava da minha infância, e eu não lembro. Eu não lembro, Dana.

Jackie jogou o papel na lixeira de carvalho entalhada à mão ao lado da mesa da prefeita. A bolinha de papel bateu na borda e entrou. Jackie colocou na mesa o papel que voltou a aparecer na sua mão.

— Não consigo escrever nada além de “KING CITY”. Não consigo pensar em mais nada — acrescentou ela. — Acho que preciso ir até lá, mas parece que ninguém acha que devo ou que sequer conseguiria ir.

A prefeita abriu um sorriso reconfortante, não feliz. Ela olhou pela janela o dia que se extinguia aos poucos.

— Jackie, todos esses são problemas sérios. Não quero dizer que esses problemas não são sérios. Mas peço desculpas por não poder fazer muita coisa. Isto aqui está meio agitado, como você pode ver.

Ela fez um gesto, indicando a quietude absoluta da sala.

— Meu irmão está doente. Não sabemos o que ele tem. Eu adoraria estar em casa cuidando dele, mas preciso estar na prefeitura. Não sabemos o que aconteceria se eu não aparecesse todos os dias, mas achamos que o que nos protege da ira irrestrita da Câmara Municipal tem a ver com a presença do prefeito na prefeitura todo santo dia. Então, aqui estou. Pela minha cidade. Meu irmão está com febre e calafrios. Ele diz que vê luzes no deserto. Eu lhe disse que todos nós vemos luzes no deserto. Ele respondeu que não, que são luzes diferentes. Não as mesmas que sempre vemos.

Círculos de luz voando baixo, indo e vindo. Não sei mais o que dizer a ele.

— Círculos de luz voando baixo? Porque eu...

— Ele aperta um pedaço de papel junto ao peito. Não quer mostrá-lo para ninguém. Diz que não quer que peguemos sua doença. Sempre pensando nos outros, mesmo enquanto definha. Ele está morrendo, Jackie. Além disso, a grande feira da cidade está chegando. Há várias tendas para armar. Vários tipos de organizações misteriosas querem uma barraquinha no melhor lugar para poder manipular os jovens de Night Vale e convencê-los a desaparecerem, incriminarem a si mesmos ou, na melhor das hipóteses, tornarem-se parte das organizações.

— Seu irmão tem um pape...

— Desculpe, Jackie. Não tive a intenção de reclamar.

A prefeita balançou a cabeça, depois assentiu e voltou a balançar a cabeça.

— Não, sim, eu tive a intenção de reclamar. Não tenho mais ninguém com quem reclamar. Eu sou jovem, Jackie. Você sabia disso?

— Claro.

— Eu sou. Eu sou jovem. E este trabalho é difícil. Não sei se posso ajudá-la, porque, vou ser honesta, estou tendo um pouco de dificuldade para controlar tudo isto. Mas é meu emprego. Fui escolhida para ser prefeita. Fui escolhida e vou servir a minha cidade da melhor forma que puder. E isso significa ajudar outras pessoas como você quando elas vêm pedir ajuda. Desculpe, Jackie. Sou uma péssima prefeita.

— Ah, imagine. — Jackie fez uma leve pausa. — Não, você está se saindo muito bem.

Ela se debruçou por cima da mesa e estendeu a mão. A prefeita não a pegou. Continuou a olhar pela janela, com a humanidade e a empatia escondidas em uma testa muito franzida, uma pincelada honesta em uma pintura entediante. A prefeita se deu conta e

alterou a expressão para algo mais oficial, menos pessoal: um levíssimo sorriso.

— Vamos recomeçar. Jackie, vou fazer tudo o que puder para ajudá-la. Talvez eu não consiga ajudá-la. Com muita frequência, não consigo. Mas sempre tento.

— Que ótimo, cara, obrigada.

A prefeita esfregou as mãos uma na outra.

— King City está se tornando um problema para Night Vale. Sei que há papéis nas mãos dos cidadãos, além de confusão, frustração e medo. Não, não medo. Preocupação. Há preocupação.

— Eu não estou com medo nem preocupada. Estou arruinada. — Jackie experimentou a palavra na língua e viu que estava correta, então a repetiu: — Estou arruinada.

— Não sei por que King City se conectou a Night Vale. Às vezes, outros lugares fazem conexões misteriosas com o nosso. Uma pequena vila de pescadores na Rússia. A hostil cidade vizinha, Desert Bluffs. Aquela outra dimensão deserta que me aprisionou durante meses. Nem sempre o mundo exterior fica no exterior.

— Então devo ir a King City?

— Claro.

— Você acha?

Jackie estava feliz por uma figura de autoridade enfim lhe dizer o que ela deveria fazer.

— Provavelmente, não. Nem sei se é um lugar real. Pode ser apenas uma ideia em um papel.

— Mas eu falei com...

— Eu não sei o que é King City — continuou a prefeita, bocejando. — Não sei um monte de coisa. O que sei é que sempre haverá problemas para Night Vale. São muitos. Em geral, eles passam. Com frequência, matam muita gente, mas o que são as pessoas além de mortes esperando para acontecer?

— Nascimento que já aconteceram? — disse Jackie sem pensar.

A prefeita riu. Ela ficava diferente quando ria. Quando parou de rir, sua aparência voltou ao normal.

— Obrigada, Jackie. Estava precisando disso. Quanto a você, bem, sei que veio até aqui esperando que eu lhe desse uma resposta ou um conselho que resolvesse seus problemas.

— Então...

A prefeita se levantou, uma despedida muda. Jackie também se levantou, uma capitulação muda.

— Você diz que sua vida está desmoronando. Sua vida não pode desmoronar. Sua vida é sua vida. Você não a perdeu. Só está diferente agora.

— Você sente o mesmo em relação ao seu irmão? Que a vida dele não pode desmoronar? Que só está diferente agora?

Dana se surpreendeu.

— Sim — respondeu ela. — Acho que sim.

— Tudo bem, cara, mas quero minha antiga vida de volta, seja lá o que ela fosse.

Dana balançou a cabeça.

— Sabe, Jackie, antes de ser prefeita, eu era estagiária na estação de rádio comunitária. Uma das únicas estagiárias sobreviventes. Ser estagiário na estação de rádio é um trabalho perigoso e terrível. Mas, alguns dias, sentada nesta sala, com mais responsabilidades do que deveria ter, sinto saudades do meu tempo de estagiária. Pelo menos eu tinha permissão de ser jovem. Pelo menos tinha permissão de ser a Dana, não a prefeita Cardinal.

— Espero que seu irmão melhore — falou Jackie.

— Ele vai ficar como ficar. E todos nós vamos aprender a aceitar o que quer que aconteça.

Jackie se despediu com os olhos.

— Tchau, Jackie — disse a prefeita, se despedindo com a boca.

Jackie puxou a porta, que não se moveu. Ela empurrou a porta. Nada.

— Ah, certo. Nossa. Deveria mesmo haver uma placa — comentou ela, sangrando.

Na sala de espera revestida de painéis de madeira, um homem louro com um grande sorriso estava sentado à mesa.

— Olá? — perguntou ela.

— Sim? — replicou ele, educado, em tom de atendimento ao cliente.

Não era o mesmo homem que estava ali quando ela chegou. Jackie não sabia onde já o tinha visto, mas vê-lo a deixou inquieta.

— Não tinha outra pessoa aqui antes? Um cara mais velho e mudo?

— Ah, não — disse ele, e seu sorriso não vacilou. — Só eu estava aqui. Tenha um bom dia, está bem?

— Claro. Está bem — respondeu Jackie.

Enquanto ela descia a escada, ele pegou alguns formulários e uma caneta e sorriu em silêncio para os papéis, sem escrever nada. Dessa vez, Jackie nem estremeceu ao passar pela entrada da Câmara Municipal. Nada, nem mesmo os terríveis membros da Câmara, era mais assustador que a impressão de que ninguém podia ajudá-la, muito menos ela mesma.

— Você não voltou para casa ontem à noite.

Josh disse isso do sofá, com um livro aberto no colo. Ele tinha garras e antenas vermelhas. Usava uma calça jeans larga e uma camiseta do Mountain Goats, que lhe fez ser expulso da escola certa vez por causa da forte mensagem política de apoio aos que acreditam em montanhas.

Diane parou na porta da cozinha. Ela não esperava que Josh já estivesse acordado. Só teve três horas de sono e torceu para acordar antes dele.

— Estou aqui agora. Odeio quando você usa essa camiseta.

— Montanhas existem, mãe.

— Eu acredito em montanhas, Josh. Essa camiseta só me lembra da vez que tive que buscá-lo na escola e esperar na recepção enquanto o vice-diretor me dava um sermão sobre quanto é inadequado criar uma criança acreditando em um absurdo desses. Foi vergonhoso.

— Bem, eu não tenho vergonha das minhas crenças.

— Eu tenho vergonha de ouvir que sou uma péssima mãe.

— Você não tem ficado muito em casa.

Foi uma mudança drástica de assunto, não uma resposta. Ele não olhava para ela nem para o livro. Era difícil saber para onde Josh estava olhando por causa dos olhos pretos pendendo das extremidades de longas hastes curvadas na cabeça.

Diane entrou na cozinha e começou o processo de fazer café. Ela sempre moía os próprios grãos. Não achava que o café ficava mais gostoso por causa disso, mas gostava do processo de moer grãos: tirar o saco gelado do freezer, o ruído baixo dos grãos batendo na

bancada, o alívio terapêutico de acertá-los com um martelo por vários minutos até virarem pó.

— Como vai a escola? — gritou ela para a sala após retirar os óculos de proteção e lavar as mãos.

— Você não voltou para casa ontem à noite.

Ela secou as mãos.

— Eu voltei mais tarde para casa ontem.

— De onde?

— Do trabalho.

— Você nunca trabalha até tarde.

— Trabalhei até tarde ontem à noite?

Ela detestou o tom de dúvida em sua voz, mas nunca teve jeito para mentiras.

— Fazendo o quê? O que você estava fazendo que só voltou para casa de madrugada e não respondeu minhas mensagens de texto nem meus e-mails?

— Meu telefone estava desligado.

— Por quê?

Ela voltou à sala, e Josh se levantou para encará-la. Ele estava alto, e a calça jeans caía em dobras largas nos calcanhars.

Diane gostaria de saber qual era a aparência de Josh. Gostaria que existisse uma única coisa que pudesse supor acerca do filho. Ela gostaria que o pai dele estivesse presente para equilibrar tudo. Josh também gostaria de todas essas coisas.

— Eu tive um encontro.

Josh não respondeu, então Diane preencheu a pausa, nervosa.

— A bateria do meu telefone acabou, e eu estava... Hum.

— Você acabou de dizer que estava no trabalho.

Josh tentou cruzar os braços, mas as garras se engancharam uma na outra, então ele as fechou diante de si, constrangido.

— Sim, estou saindo com uma pessoa. Sei que não falamos muito sobre namoro. Mãe e filho, sabe? É... constrangedor. Você não acha?

— Não, mãe, não acho. É muito legal. Qual é o nome da pessoa?
Uma boa mentira requer duas coisas: (1) segurança ao contar, e (2) uma narrativa lógica que não possa ser desmantelada pela verdade.

— Dawn — disse Diane com segurança, cumprindo um dos dois requisitos.

— Don?

— Sim, Dawn.

Josh voltou a se sentar.

— Há quanto tempo você está saindo com Don?

— Algumas semanas. Estamos indo ao cinema e saindo para jantar, nos conhecendo.

Diane começou a ter medo que Josh encontrasse Dawn e tentasse falar com ela sobre o relacionamento. Em sua mente, ela agendou um término feio com Dawn para os dias seguintes. Ou será que isso aumentaria a probabilidade de Josh falar com ela? Com certeza removeria Dawn da lista de possíveis amigos.

— Então você dormiu na casa de Don ontem à noite?

Certo. Ela ainda namorava Dawn no aqui e agora, e precisava se concentrar.

— Você não tem permissão para me fazer esse tipo de pergunta, Joshua.

— Tem razão. Eca.

Ela examinou os olhos opacos e oscilantes de Josh e a mandíbula coberta de filamentos. Pela expressão, era difícil saber se ele estava brincando ou sendo agressivo, mas ela ouviu o divertimento em sua voz.

O rosto de Diane relaxou.

— Sim, eu tenho saído muito. Desculpe, Josh. Às vezes não conto o suficiente do que está acontecendo comigo. Sou egoísta.

— Tudo bem — disse ele, baixando a cabeça, abrindo e fechando o livro em um gesto preguiçoso.

Ele tinha vergonha de precisar tanto da mãe. Na sua idade, sentia que devia ser praticamente independente, mas nas semanas anteriores, conforme ela passava cada vez menos tempo em casa, Josh percebeu que contava com a presença da mãe. Isso lhe causou certo pânico, e esse pânico se manifestava na exigência de saber onde ela esteve, e ele se odiava por exigir saber, mas ao mesmo tempo não resistiu à pergunta.

— Ouça. Isso vale para os dois lados, querido. Somos só você e eu e temos que confiar um no outro. Você é meu bebê...

— Mãe...

— Você é meu bebê. Meu amigo. Você é tudo, está bem? E isso significa que, quando me exclui, eu fico sem nada. Tenho um emprego, uma casa, alguns amigos, um carro e seus avós. Mas também não tenho nada.

Josh abriu a mandíbula para falar.

— Espere — disse ela. — Você não precisa me contar tudo. Mas só: como vão as coisas? Como está se sentindo? Você deve estar passando por uma fase difícil. Ou talvez não. Eu realmente não sei.

Ela se sentou diante dele. Houve um silêncio, e ela deixou o silêncio se perpetuar.

— Você pode perguntar — murmurou ele.

— Josh, eu pergunto o tempo todo. Acabei de perguntar. E só recebo respostas monossilábicas!

Ela ouviu sua voz se elevando e tentou contê-la.

— Desculpe. Só quero que a gente converse sobre a vida. Não o tempo todo. Às vezes. Prometo não ficar entediada quando você me contar de seus...

Ela olhou para a camiseta dele.

— ... shows do Mountain Goats, se você prometer não ficar entediado quando eu contar sobre a vez que a copiadora do escritório quebrou quando eu estava usando.

— Parece um tédio.

— Não foi. A história foi proibida para menores de dezoito anos por linguagem imprópria e violência contra máquinas.

Josh não riu, mas relaxou, e era só isso que ela esperava de uma piada ruim.

— Então, estou namorado Dawn — disse Diane, pensando que não era o tipo de pessoa que mente para o filho, mas novamente percebendo que era uma pessoa diferente de quem achava que era.

— A mamãe está namorando. Nojento, não é?

— Não é nojento — murmurou Josh.

— Estamos saindo bastante, mas quem sabe quanto tempo vai durar? Conte-me de você.

— Sei lá.

— Está namorando?

Josh forçou uma risada.

— Não.

— Interessado em um garoto?

— Não.

Diane não queria pressionar mais o filho, torcendo para que ele entrasse na conversa por vontade própria.

O silêncio agravou o ar com os zumbidos e baques de corpos e utensílios, da cafeteira, de uma buzina distante, de um passarinho piando, de seu sangue se movimentando de forma irregular e furtiva sob a pele do pescoço (onde ela começou a sentir cócegas), da velha sem rosto que morava em segredo na casa deles dando passos lentos e cuidadosos no corredor do segundo andar, e de todos os outros sons dos quais o silêncio é feito.

— Por que acha que estou interessado em um garoto? — disse Josh.

— Bem, você tem quinze anos. Presumi que adolescentes só pensassem em outros adolescentes, não é?

— Não, eu penso, acho. Digo, não em um garoto. Teve um, mas ele era meio esquisito. Acho que o assustei.

Diane evitou fazer qualquer comentário, com medo de interromper aquele inesperado momento de comunicação. Deixou Josh contar sua história.

— Tem uma garota chamada Lisa. Meu amigo Matt diz que ela gosta de mim, mas acho que na verdade ela é legal com todo mundo. Não acho que ser legal com alguém signifique que você gosta dessa pessoa, ainda mais quando você é legal com todo mundo. Quer dizer, Matt só pensa em namorar e arranjar namoradas para os amigos. Várias garotas estão apaixonadas pelo Matt, e às vezes ele arranja encontros com elas para os amigos, como se fosse o cupido. Elas saem com os amigos só para poderem ficar perto dele, e no final todas voltam para o Matt. Acho que esse é o jogo dele: arrumar encontros para os amigos para reservar futuras namoradas. É. Deve ser por isso que ele está tentando me fazer sair com a Lisa, porque ele ainda está namorando a Rosita, e se eu saísse com a Lisa...

— Josh.

— O quê?

Ele pareceu surpreso, como se achasse que estava sozinho.

— Você gosta da Lisa?

— Talvez. Sim? Eu não a conheço.

— Você sente alguma atração por ela?

— Acho que não? Um pouco? Na verdade, não.

— Então não se sinta pressionado a sair com ela. Se gosta dela, não tem nada de errado, mas não faça isso pelo Matt. Quem precisa resolver esse problema é ele. Não você.

— Tudo bem.

Silêncio. Diane usou o novo momento de silêncio para se criticar por interromper o filho com lições de moral. Mas, afinal, sua função como mãe não era interromper a vida de Josh com lições de moral?

— Detesto perguntar — perguntou ela, detestando ter feito isso — porque não quero que pareça que estou bisbilhotando.

Josh ergueu as hastes oculares até estarem, sem sombra de dúvida apesar da opacidade negra, olhando diretamente para ela.

— Encontrei um bilhete no meu carro outro dia.

Os ombros de Josh se enrijeceram e suas antenas se voltaram para trás.

— Acho que caiu do seu caderno. Era curto. Normalmente eu não leria algo tão pessoal, mas vi e peguei antes de sequer saber o que era.

Essa mentira também cumpriu um dos dois requisitos que compõem uma boa mentira.

— Que bilhete?

Josh sabia que bilhete era aquele. Estava procurando aquele bilhete. Temia que a mãe encontrasse aquele bilhete. Torcia para não ter que conversar a respeito daquele bilhete.

Às vezes, Diane encontrava bilhetes que ele escrevia. Já aconteceu antes. Às vezes era realmente por acaso, e às vezes a velha sem rosto que morava em segredo na casa deles colocava os bilhetes onde Diane iria encontrá-los porque estava entediada e achava os problemas dos outros interessantes. Diane sempre afirmou respeitar a privacidade do filho e sempre falou sério, mas também sempre lia o bilhete inteiro antes de perceber do que se tratava. Ela não estava ciente desse comportamento, que para Josh era muito familiar.

— No bilhete você perguntava a um colega de turma sobre um garoto. Um garoto em quem estava interessado.

Josh ia suspirar de alívio, mas se deteve quando o ar estava saindo, de forma que ficou parecendo um bufo exasperado. O bilhete não era sobre um garoto, mas um homem. O assunto do bilhete era o seguinte.

Quando tinha seis anos, Josh perguntara à mãe quem era seu pai. Diane dissera que ele não tinha pai. Algumas crianças têm pai, e outras, não. Josh era uma dessas crianças.

Aos dez anos, Josh perguntara onde estava o pai, já sabendo, naquela idade, que era impossível bebês nascerem sem uma mãe e um pai biológicos. Diane respondera que não sabia.

Quando tinha treze anos, Josh perguntara à mãe quem era seu pai, para procurá-lo. Diane lhe dissera que isso não ia acontecer. Que ele ainda não tinha idade suficiente para procurar o pai. Quando fizesse dezoito anos e morasse sozinho, não sob o teto dela, poderia fazer o que quisesse, mas que seria muito mais feliz se não tentasse encontrar um homem que não se importava com ele o suficiente para criá-lo.

Depois dessa conversa, Diane ficara algumas semanas sem falar com Josh, exceto para perguntar a que horas ia voltar da escola e se tinha dever de casa, ensaio do coral ou algum evento dos escoteiros (faltavam poucas tarefas para Josh ganhar sua faixa de Pacto de Sangue).

Josh considerava a mãe uma boa mãe e uma boa pessoa. Era bondosa, sorria, dava abraços carinhosos e se preocupava com seu bem-estar. Josh também considerava Diane uma mãe difícil e uma pessoa difícil. Ela era implacável, exigia gentileza, passava tempos sem falar com o filho e dizia coisas cruéis, mas sutis, que o magoavam muito.

“Você ainda tem que *amadurecer* muito”, dissera Diane a Josh quando ele tinha treze anos e era um dos últimos garotos que conhecia a entrar na puberdade. Ele não tinha como se defender, porque para alguém com desenvolvimento tardio a única coisa pior do que pensar em se desenvolver tardiamente era falar sobre o assunto.

De sua parte, Diane não tinha uma boa razão para não contar a Josh sobre o pai. Ela não tinha uma boa razão para a maioria das coisas que fazia. Basicamente, fazia o que lhe parecia certo no momento e justificava suas decisões para si mesma mais tarde. Nesse sentido, ela não era diferente de ninguém que conhecia.

Em certos momentos (como no dia do cinema ou depois da multa por excesso de velocidade), ela teve vontade de contar a Josh a respeito de Troy, mas esse nome parecia errado em sua boca, e a ideia de falar dele a deixava tonta, como se tivesse acordado de um sonho quase idêntico a sua vida e precisasse diferenciar os dois. Ela não odiava Troy. Diane não odiava ninguém. Só não queria falar sobre ele, então não falava.

Aos quinze anos, Josh não perguntara à mãe quem era o pai. Não queria chateá-la, em parte pelo bem dela, em parte pelo próprio bem.

Então, escreveu aquele bilhete para um amigo que conhecia algumas pessoas que conheciam alguns dos vultos encapuzados que conheciam um agente de uma agência do governo misteriosa e ameaçadora que tinha acesso total à prefeitura. E esse agente poderia obter algumas informações sobre a identidade do pai de Josh.

Agora sua mãe pensava que era um bilhete sobre um garoto de quem ele gostava. Ela não parecia nem um pouco chateada, e ele não lhe daria razão alguma para se chatear.

— Ah! Aquele bilhete. Eu escrevi aquilo para o meu amigo DeVon — disse Josh, falando a verdade, antes de falhar em cumprir ambos os requisitos de uma boa mentira: — O primo dele, hum, o Ty, estuda na nova escola na... Estrada DuBois, perto da rota 800? E o DeVon está sempre me dizendo que o Ty está solteiro e é muito bonito, e eu disse que queria conhecê-lo, e o DeVon falou: “Vou ver o que posso fazer”, e eu perguntei: “Você tem uma foto?”, e o DeVon meio que respondeu: “Espere um pouco, vou arranjar uma, mas espere. Vou ver se ele está interessado.”

— Você conseguiu a foto? — perguntou Diane.

— Consegui.

— E?

Josh não sabia os detalhes de sua paixão imaginária, e a mentira vacilou.

— Ele é bonito? — insistiu Diane.

Ela não ficou constrangida por seu filho ter idade para namorar, embora fosse se permitir ficar mais tarde, quando estivesse sozinha.

— É — respondeu ele, antes que sua mente raciocinasse.

A última coisa que Josh queria era que a mãe pedisse para conhecer esse Ty imaginário ou, pior, que perguntasse a DeVon sobre o primo bonito.

— Quando vou conhecê-lo?

— Mãe!

— Desculpe. Desculpe.

E a conversa terminou. Ambos sentiram, embora tenham continuado a falar um com o outro. A conexão, ou o que quer que tivesse vindo à tona nos últimos minutos, sumiu de vista outra vez.

— De um jeito ou de outro, não estou muito interessado. O DeVon é muito meu amigo. Seria estranho sair com o primo dele.

— Josh. — Ela não chorou, embora fosse se permitir chorar mais tarde. — Estou tão orgulhosa de ter um filho tão inteligente e atencioso.

— Você vai chorar?

— Não.

Diane se levantou e foi para a cozinha. Ela já tinha voltado a pensar em Evan e onde poderia procurar informações sobre ele. Estava cansada e suprimia o começo de um ataque de pânico. Precisava de um tempo a sós, de tempo para pensar.

— Preciso de café e você precisa ir para a escola — foi como explicou aquilo em voz alta.

Diane tomou o café em uma caneca lascada da Rádio Comunitária de Night Vale que ganhara alguns anos antes durante uma arrecadação de fundos. Ela não optou por doar para a estação. Mas tinha expressado seu gosto pelo programa de Cecil a um amigo. Seus comentários acabaram sendo captados pelos milhares de escutas que a estação escondera pela cidade. Usando um complexo algoritmo que afere idade, patrimônio líquido e

entusiasmo pela programação, a gerência extraiu uma doação diretamente da conta bancária de Diane sem que ela fizesse um cheque, mandasse um envelope ou sequer soubesse que o dinheiro fora sacado. Era uma abordagem conveniente para todos os envolvidos. Um dia ela recebeu a caneca e uma camiseta com aquela famosa frase de Eleanor Roosevelt (“Um dia destruiremos a lua com nossa indiferença!”), e assim soube que era patrocinadora da RCNV.

— Posso ir para a escola de carro? — perguntou Josh, tentando aproveitar a boa vontade que tinha desenvolvido naquela manhã.

— Não.

— Mãe.

— Eu disse não.

— Você acabou de dizer que eu sou inteligente e atencioso.

— Verdade. Mas não disse que é um motorista hábil e responsável.

— Mas você quer que eu melhore, não é?

— É isso o que você queria, Josh? Eu tento conversar com você, tento falar com você, e temos uma manhã de verdadeiro progresso. Um verdadeiro avanço. Você foi gentil, articulado e encantador, e para quê? Só para pegar o carro emprestado?

Josh ficou imóvel. Esse era o momento que mais temia. As conversas com a mãe sempre terminavam assim. Ele só queria que a conversa acabasse e ele pudesse sair para o mundo, onde continuaria procurando o pai. Queria entender quem era em relação ao pai que o abandonou (o pai o abandonara? Ele não sabia, e essa era a questão), assim como entendia quem era em relação à mãe, nos bons e nos maus momentos. Depois, vendo a si mesmo em comparação a e entre essas duas pessoas, ele podia começar a descobrir quem era de verdade sob todas as formas que assumia todos os dias, sob qualquer que fosse a aparência que tinha para o mundo no momento.

— Fico me perguntando se o único momento em que você tem vontade de conversar comigo é quando quer alguma coisa. Isso é incrivelmente dissimulado.

— Mãe. Eu...

— Dissimulado significa algo que não é genuíno. Não sei se já lhe ensinaram essa palavra na escola.

— Vou perder o ônibus.

— Então é melhor se apressar.

Josh jogou suas coisas na mochila e saiu.

Diane fixou os olhos no café, sabendo que tinha arruinado um momento maravilhoso com o filho, sabendo que ele devia odiar ficar perto dela quando Diane ficava assim.

— Eu amo você! — gritou ela, esperando que não fosse tarde demais.

— Também amo você — respondeu ele, não alto bastante para ser ouvido.

Como a ciência e o poder público não tinham resolvido seu problema, Jackie ficou sentada no carro no estacionamento da prefeitura, sem saber o que fazer em seguida. Ninguém resolveu nada. Ninguém a ajudou.

Ela observou os trabalhadores saírem da prefeitura para começar o longo processo de cobrir o prédio com o veludo preto. Era bom observar pessoas lidando com um problema que não a envolvia ou afetava em nada. Jackie não precisava ajudar, agir ou decidir. Parte dela queria reclinar o banco o máximo possível e passar aquela noite ali mesmo. Ficar parada e deixar o mundo seguir em frente com suas estranhas e terríveis atividades sem ela.

Mas, antes que tivesse sequer terminado de pensar isso, já estava dando a partida no carro e saindo de ré do estacionamento. Não ia parar. Não podia. Havia algo nela que tornava tão impossível desistir quanto os mais impossíveis de seus problemas.

Dirigir pela cidade no começo da noite era tranquilo. Não havia tantos carros nas ruas. Basicamente, só os agentes de uma agência do governo misteriosa e ameaçadora começando sua lenta patrulha pela cidade. Ainda estava cedo para os vultos encapuzados rondarem as calçadas, procurando pedestres para levar e fazer o que quer que fizessem (quase nenhum encontro era testemunhado e, quando era, a testemunha era inteligente o bastante para cobrir a parte de seus sistemas sensoriais que estivesse testemunhando até que tudo, fosse o que fosse, tivesse terminado).

As luzes estavam acesas em vários estabelecimentos comerciais ao longo da rota 800. O letreiro de neon da lanchonete Madrugada Enluarada se destacava enquanto o dia se transformava em noite.

Um ponto de luz verde-claro na morna escuridão do deserto, como a rádio a descreveu certa vez. Ela pensou em comer lá, a fome era um problema bem simples de resolver, mas Jackie ficava nervosa só de pensar em ver aquele homem (o homem louro na cozinha) sorrindo para ela. Será que era o mesmo homem louro que vira na prefeita?

Ela balançou a cabeça, mas o pensamento não queria ir embora.

O homem louro, dizia o pensamento.

“KING CITY”, disse o papel.

O homem no quintal de sua mãe. Cabelo louro. Um sorriso. Era de lá que o reconhecia. Sentiu o coração bater no pulso, onde raramente batia.

Pontos de luz espalhavam-se pela escuridão arroxeadada do crepúsculo: lanternas traseiras vermelhas de carros, luzes amarelas de varandas, postes alaranjados e o estranho pulso de luz branco-esverdeada centenas de metros acima do Arby's. À distância, uma linha irregular de um tom suave de azul, como uma rachadura no céu. Acima de tudo isso, o brilho esbranquiçado das estrelas, da lua e dos holofotes dos helicópteros de vigilância.

As crianças de Night Vale crescem ouvindo o zumbido de helicópteros no céu gravando, monitorando ou o que quer que os helicópteros façam. É um som reconfortante, informando que você está sendo bem cuidado por juízes irrepreensíveis que ditam o que é bom e o que é mau.

Jackie não se sentia reconfortada, só acostumada. Não estava pensando, apenas fazendo. Sem ligar para a velocidade do carro, ela saiu da rota 800, entrando em uma rua sem nome que levava aos Ermos Arenosos e à favela do distrito dos baristas. Mas, antes de tudo isso, na rua sem nome ficava a lanchonete Tacos do Jerry.

A luz acolhedora da Tacos do Jerry era a coisa mais convidativa que ela vira naquele dia. Era um pequeno quiosque, reaberto recentemente após um terrível acidente alguns anos antes

envolvendo um viajante do tempo, mas já se dizia que a comida valia os anos de espera e silêncio.

Ela parou no estacionamento, aliviada por ter diante de si uma tarefa tão simples como pedir comida e consumi-la. Enfiando a mão no bolso, adicionou papéis de um tipo diferente e com um tipo diferente de valor ao papel que já tinha na mão.

O único outro carro no estacionamento era uma caminhonete prateada. Cabine dupla. Velha. Alta. Longa. Com as janelas sujas de terra seca. Ela já a vira muitas vezes. Pertencia a John Peters (você sabe, o fazendeiro).

Ele estava no balcão, pegando um pedido da especialidade da casa, uma enchilada misteriosamente crocante.

— Oi, John! — gritou ela enquanto se aproximava.

Ele se virou com a enchilada crocante na mão.

— Olá, Jackie. Como vai a loja?

Ela apoiou um dos cotovelos no balcão e dispensou com um gesto a sombra que esperava seu pedido do outro lado do vidro fosco.

— Está indo. Com certeza está indo. Só estou, bem, dando um tempo, acho. É o que as pessoas fazem. Como estão as coisas com a fazenda e tal?

— Ah, o de sempre. É uma fazenda, sabe como é.

— Claro.

Uma grande mordida crocante na enchilada.

— Cara, isso aí está com uma cara boa.

Ela se voltou para a figura indistinta atrás do vidro.

— Vou querer uma dessas e um Taco Especial do Jerry. Quanto fica?

Um recibo apareceu por sob o vidro. Ela deu uma olhada no preço.

— Sério? Caramba.

John Peters a observou forçar uma lágrima sobre o recibo e empurrá-lo de volta. Momentos depois do pagamento, a comida foi

entregue através de uma escotilha.

— Os preços subiram um pouco — comentou John.

— Nem me diga.

Ambos atacaram a comida. Quando nada mais dá certo, comer com certeza ajuda.

— O que você sabe sobre um homem de paletó bege com uma pasta de couro de veado? — inquiriu Jackie, sem querer interromper o tranquilo silêncio da alimentação, mas também não querendo guardar a pergunta para si.

John parou de mastigar.

— Você viu um homem de paletó bege com uma pasta de couro de veado? — indagou ele.

— Vi. Só que não me lembro muito bem dele.

— Não — disse John. — Imagino que não. Ele tem esse efeito nas pessoas.

Jackie observou o deserto obscuro, fora do círculo de luz onde eles estavam. Havia movimento lá. Ela jurou ter visto o homem de paletó bege em questão correndo bem no limiar da luz. Mais borrão que pessoa, mas ainda na corrida desesperada que parecia uma fuga, não um simples deslocamento.

— Aquele é...? — perguntou Jackie a quem só podia ser ela mesma, já que John não estava olhando.

Ela largou a comida no balcão e começou a se afastar do quiosque, mas John segurou seu ombro, impedindo-a.

— Não vale a pena. Provavelmente você não o alcançaria. E não lembraria se alcançasse. Ele é perigoso.

— Perigoso?

— Se eu fosse você, ficaria longe da cidade dele.

Ele apontou para a mão dela. Jackie mostrou o papel.

— King City? — perguntou ela.

“KING CITY”, confirmou o papel.

— Acho que ele está aqui por causa da Diane — disse ele.

— Diane Crayton?

— Não sei se a está ajudando ou caçando, mas sem dúvida sempre parece espreitar onde quer que ela esteja.

— Diane Crayton — repetiu Jackie, em resposta à própria pergunta.

Ela considerou a informação.

— Se eu fosse você, não chegaria nem perto da cidade dele — aconselhou John. — Quem sabe o que encontraria, ou o que descobriria e preferiria não saber.

Ele pegou um copo de isopor com orchata e tomou um longo gole, com os olhos fixos onde o homem podia ou não estar correndo.

— Normalmente não nos destroem — comentou John. — Normalmente, destruímos a nós mesmos.

Outro carro parou no estacionamento. Era um Chrysler bem conservado com ao menos algumas décadas de idade. Dele saiu uma mulher sobre quem essa afirmação também era verdadeira.

— Mãe? — disse Jackie quando a mulher entrou no Tacos do Jerry.

A mãe de Jackie sorriu. Ela usava exatamente as mesmas roupas daquela manhã.

— Oi, John. Como vai a fazenda?

— Até conseguirmos um pouco daquela água federal, só planto milho imaginário. Cresce tão bem quanto qualquer outra coisa. Também vende muito bem. Além disso, não dá muito trabalho.

— Imagino que não.

A mãe de Jackie cumprimentou a sombra (Jerry?) atrás do vidro, deu uma olhada no cardápio normal e, como não encontrou nada que chamasse sua atenção, disse o código para receber o cardápio secreto.

— Eu me sinto confortável com segredos — disse ela, passando os olhos pela página amarela oferecida. — Bem, tenho que admitir que tudo isso parece ótimo. Vou querer o número quatro e nunca contarei a ninguém.

— Mãe, você sempre teve aquele carro?

A mãe desviou os olhos do cardápio.

— Sim, claro, querida. É o único que já tive. Quem precisa de mais de um carro na vida?

— Certo. É, não. Eu sei.

Mas por que Jackie não tinha nenhuma lembrança dele?

— Acho que é melhor eu voltar para a fazenda — disse John, parado na porta da lanchonete.

— Está escuro lá fora — observou a mãe de Jackie.

— É verdade — concordou ele, protegendo os olhos e olhando para o céu noturno. — Está bem escuro lá fora. Bem, é melhor eu voltar para a fazenda.

Ele piscou, jogou os guardanapos e o copo de isopor no lixo e voltou para a caminhonete.

— Mãe, mais cedo você estava falando da minha infância.

— Sim, querida, acho que estava.

A mãe pegou alguns guardanapos e se sentou. Ela não olhou para Jackie.

— Por quê?

A mãe riu. E continuou rindo.

— Mãe, o que está acontecendo? Por que não me conta?

A mãe não parou de rir. Agora também estava chorando. Jackie não sabia o que fazer. A comida chegou, e sua mãe continuava rindo e chorando. Hesitando várias vezes ao longo do caminho, Jackie foi em direção à mesa onde sua mãe se sentara e colocou um braço nas costas dela. Jackie olhou pela janela, para o próprio carro. Ela também queria rir e chorar. Sentia que tudo lhe fora tirado, embora isso só tivesse acontecido com a maioria das coisas.

Jackie olhou para além do estacionamento, para a poeira levantada pela partida de John redemoinhando entre a luz e a escuridão, onde ainda via-se o movimento que parecia o de um homem correndo.

— Diane Crayton — disse a si mesma.

Não conseguia mais ouvir a mãe.

Diane gostava de acompanhar as notícias.

Mesmo quando a TV a cabo saía do ar, ela assistia ao noticiário local. O sinal do noticiário local era muito forte, então, mesmo que alguém não tivesse o serviço a cabo, recebia o noticiário. Mesmo que a TV a cabo estivesse funcionando, o noticiário apareceria em todos os canais. Ou mesmo que alguém não tivesse antena. Mesmo que a televisão estivesse desligada, às vezes o sinal era forte o bastante. Muito, muito forte. Era difícil ignorar o noticiário.

Este é o slogan da estação: “É difícil ignorar o noticiário. Vá em frente. Tente. Viu?”

De um jeito ou de outro, Diane assistia ao noticiário local porque este se dirigia a ela. Literalmente, se dirigia a ela.

Um dos âncoras do programa matutino (que estava de gravata e paletó, tinha olhos fundos e dentes pontiagudos e não aparecia em fotografias), disse:

— Olá, Diane Crayton.

A princípio, Diane não respondeu porque estava comendo cereal. Era cedo, ela tinha acabado de sair do chuveiro e preparava-se para ir trabalhar. No chuveiro, tivera um pensamento repentino sobre todo o espaço entre as paredes de uma casa e quanto espaço formaria se fosse todo transformado em um cubo oco. Ela nem imaginava de onde viera aquele pensamento.

— Olá, Diane — disse a âncora.

— Oi. Olá. Bom dia — respondeu Diane, educadamente cobrindo a boca e mastigando o restante da colherada de Flakey O's, um cereal feito por uma empresa local conhecida pelos anúncios agressivos e controversos.

— Como está Josh? — indagou a âncora, que usava um blazer marrom com lapelas marfim.

Ela estava de cabelo solto, tinha lábios e unhas marrons reluzentes e olhos vermelhos brilhantes.

Josh já pegara o ônibus para a escola. O dia seguinte à conversa deles foi bom. O dia seguinte a esse, não tão bom. Então os olhares desencontrados e as portas fechadas voltaram.

Diane recebera algumas ligações preocupadas da escola porque Josh estava faltando às aulas e fazendo coisas perigosas como expressar curiosidade acerca das misteriosas luzes que sobrevoavam a cidade à noite em público e tentar entrar nas salas da Câmara Municipal sem o equipamento de proteção. Ele também estava chegando tarde em casa todos os dias.

Ela tentara falar com ele sobre Ty, mas Josh se irritou quando ela tocou no assunto. Ele se limitava a revirar os finos olhos amarelos, apertando as longas orelhas contra a cabeça, e dizer: “Está tudo bem”, “Nada de novo” ou “Não quero falar sobre isso.”

— Josh está bem? — perguntou a âncora.

— Está ótimo.

— Como você sabe?

Diane não respondeu.

— Ele está passando por um momento difícil, Diane — comentou o âncora, e os dois apresentadores compartilharam um sorriso. (Aquilo era um sorriso?)

— Ele se apaixonou, imagino, acho, e não deu certo — contou Diane, já sem comer mais cereal.

— É só isso que o está incomodando? Só uma paixão malsucedida? — pressionou a âncora, demonstrando ao menos alguma experiência em jornalismo.

— Não sei. Queria saber. Não sei. Ele está diferente, como se alguma coisa tivesse saído dos trilhos dentro dele, mas não sei como ajudá-lo. Ele tem mandado mensagens de texto durante a aula. Isso quando aparece na escola.

— Ele está mandando mensagens para alguém em particular?

— Não que eu saiba.

— Você precisa checar sua conta telefônica, Diane — sugeriu o âncora, debruçando-se sobre a mesa mais do que parecia possível.

— Isso é meio invasivo.

— Você é a mãe dele. Tem permissão de ser invasiva enquanto ele estiver morando sob seu teto e você estiver pagando as contas — disse a âncora.

— E não é como se você tivesse algo contra olhar a conta telefônica dos outros — adicionou o outro.

Então os dois âncoras soltaram uma risadinha aguda, com severidade proposital, e um rumor baixo foi sentido por muita gente em toda a Night Vale nos segundos seguintes.

— Não acho que tenha a ver com uma paixão — falou um dos âncoras.

— Concordo com Tim — acrescentou a outra.

— Obrigado, Trinh.

— Ontem à noite, quando o encontrei, ele estava pequeno, mais ou menos do tamanho de uma bola de basquete — contou Diane. — Ele era redondo como uma bola de basquete. Mas, ao contrário de uma bola de basquete, era liso, escuro e pesado. Não sei como conversar com ele quando está assim.

— Você nem imagina quantos pais dizem isso — ronronou Tim, sorrindo, com uma das sobrancelhas erguidas.

Diane ouviu um som curto de cliques do fundo da garganta de Tim, ou “moela”, como os âncoras do noticiário chamam.

— Você precisa apoiá-lo — disse Trinh.

— Mas o que isso significa? Eu paro do lado de fora do quarto. Eu bato à porta. Digo “Josh”. Repito. Digo que o jantar está na mesa. Chamo para ver televisão. Ele responde “legal”. Só isso. Tudo é “legal”. E ele não vai mais à escola.

Um grito agudo veio de algum lugar da casa de Diane, assim como o som de um espelho se quebrando. A porta da geladeira se

abriu e uma caixa de leite de amêndoas caiu no chão como se tivesse sido arremessada da prateleira. (E foi.) A velha sem rosto que morava em segredo na casa deles estava tendo mais um de seus ataques.

— Droga — resmungou Diane, revirando os olhos, e se levantou.

— Relaxe, Diane. O leite não é um desastre. Não precisa limpar isso agora.

— É, termine sua história.

— Bem, quando sai do quarto, ele se senta à mesa e não abre a boca. Os olhos se retraem. O cabelo cresce muito ao redor das mãos e dos pés, sedoso, liso e macio. Suas narinas se dilatam. O que devo dizer em relação a isso? Qual é a coisa certa a fazer?

Ela suspirou, observando o leite de amêndoas se espalhar pelo chão.

— Para ser sincera, às vezes tenho vontade de bater nele — revelou.

Ela não sabia que ia falar isso.

Os âncoras se entreolharam e embaralharam papéis em branco na mesa falsa. O leite de amêndoas formou uma poça junto aos armários. Diane precisava pegar folhas de papel toalha para limpá-lo, mas sentia que não conseguiria se mover.

— Quer dizer, eu nunca faria isso. Só penso. Isso me torna uma má pessoa?

— Você só é uma má pessoa se fizer coisas ruins — disse a âncora.

— Obrigada.

— Isso não é uma absolvição, Diane. O contraponto é que você só é uma boa pessoa se fizer coisas boas.

— Desligue a televisão e olhe esta faca que comprei no eBay — sussurrou a voz da velha sem rosto às costas de Diane.

Ela se virou e observou o corredor, mais por hábito do que por interesse. Estava vazio e estranhamente escuro. Ela sentiu um dedo roçar na sua bochecha.

A velha sem rosto não gostava quando as pessoas assistiam à televisão. Diane não a viu, nunca a vira, mas quando olhou para baixo havia uma longa faca de caça na mesa. Estava cega pelo uso, mas limpa e em ótimo estado.

— É uma bela faca, velha sem rosto. Foi barata?

Silêncio.

Ela desligou a televisão. Os âncoras continuaram na tela, falando o que fazer em caso de tornados no deserto, e a mente de Diane disparou com as possíveis maneiras de expressar melhor seu amor por Josh.

Uma boa pessoa é alguém que faz coisas boas. Era um preceito aparentemente simples, mas não era. Implicava que ela ou qualquer outra pessoa sabia o que são coisas boas. O que podia fazer de bom nessa situação, e por quais padrões?

Diane pegou o celular e digitou: “Filho, desculpe por ser difícil às vezes. Sinto muito pelo que quer que você esteja passando. Não precisa me contar. Mas sou sua mãe, e se houver alguma coisa que nós...”

Ela chegou ao limite de caracteres.

Diane não gostava de mandar um único texto em várias mensagens. Ela deletou algumas palavras. Escreveu outras. Mudou a parte em que dizia que Josh não precisava lhe contar nada para dizer que existem certas coisas que as mães precisam saber, e se é um problema sério...

Limite de caracteres.

Ela deletou algumas coisas e redigitou outras, algo sobre reservar uma noite. Só uma noite. Até mesmo uma hora. Para conversar. Mesmo que só falassem de programas de TV.

Deletado.

Reescrito. Algo a respeito de saber como é difícil ser adolescente.

Deletado.

Algo que começava com: “Como foi a aula?”, mas depois recaía em querer conversar mais tarde.

Deletado.

Diane encarou o celular. A última mensagem de texto que trocara com Josh era de alguns dias antes. A mensagem final era sua: “q horas vc volta?” A mensagem anterior a essa, também: “atrasada. comprando comida. quer alguma coisa?” Ela foi subindo pelas mensagens que trocara com o filho. Algumas semanas antes, havia: “desculpe mandei para a pessoa errada.” A mensagem anterior a essa também era de Josh, na mesma data: “quero muito conhecer o cara.”

Diane tinha se esquecido da mensagem errada. Ela a releu agora sabendo do recente contexto do bilhete sobre conhecer um garoto. *Invasivo*, pensa ela, quando vê alguma coisa que não é de sua conta. *Sou uma boa mãe*, pensa ela, quando está preocupada com o bem-estar do filho.

Josh queria conhecer um garoto. Não era complicado. Ele estava tendo dificuldades de permitir que ela entrasse em um mundo já repleto de desconforto e baixa autoestima. Josh só queria conhecer um garoto, e sua bisbilhotice o tinha deixado nervoso. Uma paixonite. Um adolescente em sua primeira experiência amorosa. Era fofo.

Ela não chorou, mas quase.

Ela enviou a mensagem: “Lembrete: amo muito você. Só isso.”

O quase choro se transformou em choro. Um bom choro. Um choro triste, mas bom. Os âncoras olharam-na com preocupação, mas continuaram a dar as notícias. Ela sentiu algo acariciar suas costas com delicadeza.

— Obrigada, velha sem rosto — disse ela. — Que agradável.

O celular vibrou. Ela baixou os olhos. Josh tinha respondido a mensagem.

“Quero conhecer o Troy.”



A VOZ DE NIGHT VALE

CECIL: E agora os eventos da comunidade.

No sábado haverá um jogo de softball entre a rádio comunitária e o noticiário local de Night Vale. Eu não me incomodo de contar a vocês que não gosto desse jogo. As criaturas que trabalham no noticiário, por causa do formato e da quantidade de apêndices, muitas vezes seguram o bastão de maneiras perturbadoras para o olho humano. Em geral, elas ganham assustando tanto o outro time que a equipe adversária inteira se senta em silêncio enquanto o time do Noticiário de Night Vale joga no campo vazio. Não perca o que tem tudo para ser um grande jogo!

No domingo acontecerá o Festival do Milho Imaginário, celebrando o produto mais importante de nossa cidade. Venha experimentar receitas simples e saudáveis de milho imaginário e participe de um concurso de fantasias patrocinado pelo *Diário de Night Vale*. Estão pedindo que todos se vistam segundo o tema “Declínio da palavra impressa em uma sociedade que está regressando a um estado de bestialidade acéfala”. O vencedor da melhor fantasia ganha um ano sem precisar fazer a assinatura do *Diário*, imposta por empregados do jornal armados com machadinhas. Também haverá brinquedos, jogos, empolgação apreensiva, futuros esperados, dores de estômago, suor, decepção, suor, amor, olhares que significam mais do que deveriam, mas menos do que precisam, e uma cabine de mergulho.

Na segunda-feira a Funerária Sheraton distribuirá amostras grátis.

Na terça-feira tudo será ao contrário. Acordaremos cansados depois de dormir, descobriremos que é noite e escovaremos nossos dentes com placa bacteriana. Iremos de costas para o trabalho, onde desfaremos planilhas, perderemos ideias para cancelar reuniões e desveremos centenas de fotos de gatinhos. Então, voltando para casa com uma onda de cafeína, vamos cuspir animação líquida em xícaras e, descansados, mas grogues, retornaremos a sonhos dos quais mal nos lembramos.

Quarta-feira é o Dia de Feder Como um Pirata. Todos os habitantes da cidade são encorajados a participar da excêntrica diversão de não tomar banho durante semanas e se esfregar com cinzas e sangue.

Na quinta-feira, os funcionários da Coruja Negra Vinis farão uma sessão espírita para contatar o espírito de Patsy Cline. Se você quiser participar, basta entrar em silêncio e, por favor, usar uma gravata western. Todos estamos usando gravatas western agora. E não use aqueles sapatos. Nossa, temos que lhe explicar tudo? Talvez seja melhor você não ir. Como de costume, os discos de vinil não estarão à venda.

Vamos pular a sexta-feira esta semana, mas compensaremos isso com uma Sexta-Feira Dupla na semana que vem. Marquem nos calendários.

Esses foram os eventos da comunidade.

Acabei de receber uma atualização. A Polícia Secreta gostaria de retirar sua declaração anterior de que estará em peso nas ruas esta noite. Essa informação não deveria ter sido divulgada.

“Você acha que quer saber das coisas, mas quando fica sabendo é tarde demais. Você não queria saber aquilo. Você não queria mesmo saber aquilo”, diz o comunicado da Polícia Secreta. “Esta é uma daquelas coisas que você desejaria nunca ter sabido.”

A declaração diz ainda que a memória é uma tênue invenção humana e que nada importa no Grande Esquema das Coisas, então tanto faz.

Mais notícias: um homem de paletó bege, segurando uma pasta de couro de veado, foi visto na cidade. Não me lembro de nada sobre ele nem por que isso é notícia, mas pareceu importante na hora. Eu anotei: “Conte aquela informação importante sobre o homem de paletó bege”. O que era? O que eu deveria dizer?

— Não é uma boa ideia, Josh.

— Por que não?

O grito dele foi abafado pela porta trancada do quarto.

— Porque...

No segundo seguinte à palavra *porque*, Diane pensou bem em quais poderiam ser as próximas palavras.

Porque ele é uma pessoa perigosa? Talvez. Troy não parecia ser uma ameaça, mas qualquer um pode ser uma pessoa perigosa.

Porque isso só vai decepcioná-lo? Provavelmente. Ele já desaparecera uma vez, podia desaparecer de novo. Também podia ser apenas um pai horrível.

Porque é complicado. Mais complicado do que você é capaz de processar em seu cérebro jovem, ela queria dizer.

Porque Diane não tinha exatamente uma razão, mas sentia uma tempestade a caminho, uma confluência entre o reaparecimento de Troy, o interesse de Josh e o desaparecimento de Evan, e ela queria abraçar Josh para protegê-lo do que quer que fosse acontecer.

— Porque eu estou dizendo — respondeu Diane.

Não houve resposta audível.

— Preciso ir — disse ela.

— Aonde você vai? São sete da noite.

— Vou sair.

— Com quem? Com Don?

Ambos assumiram o tom esperado e disseram suas falas como se estivessem seguindo um roteiro, mas a cena tinha se invertido de alguma forma. Ambos queriam consertá-la, mas nenhum dos dois sabia como.

Ela ia sair e tentar encontrar Troy de novo, talvez fazer outra visita ao cinema. Precisava confrontá-lo antes que o filho o fizesse. Josh o encontraria, isso era inevitável, então seria melhor se ela pudesse proporcionar esse encontro nos próprios termos, em vez de nos do filho ou, pior, nos de Troy.

Além do mais, como ela havia chegado a um beco sem saída em sua busca por Evan no escritório e com Dawn, o único lugar onde poderia obter mais informações era o arquivo de registros, mas os cidadãos comuns não tinham permissão de saber onde os registros civis eram guardados. Ela achava que eles ficavam em algum lugar no porão da prefeitura, mas, a não ser que tivesse uma autorização oficial de alto nível para visitar o local onde os registros eram guardados, ficaria presa nos labirintos elaborados e complicados feitos para capturar repórteres e genealogistas bisbilhoteiros.

A outra opção era ir à biblioteca pública. Poucas pessoas voltavam de uma visita à biblioteca.

Alguns anos antes, uma garota sobrevivera ao clube de leitura de verão na Biblioteca Pública de Night Vale. Com a ajuda do canivete escondido nos exemplares em capa dura de *A filha do otimista*, o emocionante romance de retorno de Eudora Welty, Tamika Flynn derrotou o bibliotecário que aprisionara seus colegas de turma.

Mas são poucos os que viram um bibliotecário de perto e sobreviveram ou ficaram em condições físicas de contar a história.

Talvez Diane precisasse de Troy. Policiais têm acesso a todo tipo de bancos de dados. Se passasse apenas poucos minutos pesquisando os computadores da delegacia, quem sabe encontraria alguma coisa a respeito de Evan. Algo para guiá-la a uma nova direção: registros de imóveis, uma certidão de nascimento ou casamento, qualquer quantidade de diários de sonhos obrigatórios que ele teria tido que arquivar na prefeitura se fosse um residente legalizado e, se não tivesse feito isso, algum tipo de registro de prisão.

Para fazer isso ela precisava se afastar ainda mais de Josh, mais do que já fizera durante a vida inteira dele, e, para isso, tinha que manter o namoro imaginário com Dawn.

— Sim, com Dawn.

— Por que você não convida Don para jantar?

Diane não respondeu. Josh abriu a porta com as asas batendo depressa e sem esforço.

— Mãe, o Ty nunca existiu. DeVon me ajudou a descobrir que o nome do meu pai biológico é Troy Walsh. Não encontramos nenhuma foto, mas o DeVon está vendo se um amigo dele consegue uma. Quero conhecer meu pai. Pronto, contei a verdade. Eu me abri como você sempre me pede. Agora é você. Sua vez. Você tem saído com alguém. Às vezes esses encontros duram a noite inteira. Tudo bem, acho que é assim mesmo e não preciso dos detalhes, mas nunca tive um pai, e você não me deixa conhecê-lo, e agora está em um relacionamento sério com alguém e também não me deixa conhecê-lo.

— Dawn é uma mulher — corrigiu Diane de maneira automática, com base em uma verdade que era irrelevante para a mentira, e se arrependeu na mesma hora.

— Então você não quer mesmo que eu tenha um pai, não é? — disparou ele, também de maneira automática, com base em uma mágoa que não era irrelevante para sua vida, e logo depois: — Não, desculpe. Não, tudo bem. Eu não tive a intenção... Tudo bem.

Ele estava agitado e voltara à defensiva, sem nem saber como tinha chegado lá.

Diane não fez nada. Ela respirou, sem querer. A velha sem rosto que morava em segredo na casa deles passou rastejando pelo teto, mas nenhum dos dois percebeu.

Josh retribuiu o olhar de Diane por um segundo, depois deu um passo para dentro do quarto e fechou a porta.

Há muitas coisas que não entendemos sobre suco de laranja, pensou a casa.

Diane foi até a cozinha e abriu a geladeira. Ela não queria nada dali, então ficou parada diante do eletrodoméstico por um bom tempo, sem saber o que fazer.

O telefone vibrou. Uma mensagem de texto. “Oi.”

Ela respondeu ao número desconhecido: “Oi?”

Diane fixou os olhos na caixa de suco de laranja na geladeira, na fruta colorida e redonda do logotipo, com um chapéu de palha escondendo os olhos no rosto esburacado, um fino sorriso de dentes humanos perfeitos, apenas um pouquinho separados, e uma língua cor-de-rosa em formato de folha. Ela não sabia por que estava concentrada no suco de laranja, mas já não sabia por que estava fazendo qualquer coisa.

Troy estava em todos os lugares. Havia tantos dele, e Josh queria conhecer apenas um. Era um encontro que ela não achava que seria capaz de impedir, então precisava de mais tempo para entender quem Troy era atualmente e o que queria. E ainda tinha Evan. Por que ela estava se esforçando tanto para encontrar Evan?

Parecia que sua vida tinha se desgarrado de alguma maneira, seu progresso saía dos trilhos. Josh e Troy eram uma coisa. Mas ela sentia uma mudança maior, e toda essa mudança havia começado quando Evan desaparecera e fora esquecido por todos, menos por Diane. Havia algo errado em sua vida, em Night Vale, talvez no mundo. A magnitude não estava clara, mas, fosse o que fosse, ela fazia parte daquilo.

O telefone vibrou.

“quanto tempo”

Diane não sabia o que isso significava e não queria responder.

Ela precisava ir para o cinema. Estava indo para o cinema.

Voltou para a porta fechada de Josh.

— Josh, desculpe. Sei que nada disso faz sentido para você. Nada disso faz sentido para mim também.

Nada.

— Eu amo você.

Um longo nada.

— Eu não sou perfeita. Não sou. Desculpe.

— Também amo você — veio a voz lá de dentro, baixinho.

Ela expirou. O telefone vibrou outra vez.

“você se lembra de mim?”

Ela fixou os olhos no telefone. O código de área do número era uma foto do tamanho de um selo de uma floresta incendiada cheia de caracóis luminescentes em várias cores vivas. Ela não o reconhecia, mas não era da cidade.

Bzzz.

“você se lembra de mim diane”

“quem é?”, digitou ela.

Nada.

Nada.

Ela estava cansada de esperar as coisas acontecerem; faria algo acontecer. Ia ligar para o número. Encostou o telefone no ouvido.

Ele vibrou quente junto à orelha dela, e Diane gritou por causa da proximidade.

Outra mensagem de texto.

“evan”

Havia uma foto anexada.

Era um homem. Ela tinha certeza de que nunca vira seu rosto. Ele usava um paletó bege e segurava uma pequena pasta marrom que parecia ser de couro. Estava com uma calça grafite e uma camisa azul-clara, aberta na gola.

Ela olhou para o rosto. Encarou-o por um bom tempo, tentando relembrar os olhos, a boca, a curva do nariz, a testa. Ele não era exatamente um desconhecido, mas Diane era incapaz de manter os olhos focados nele. Toda vez que olhava para as bochechas, as orelhas ou o queixo, via-se focada no paletó bege ou na pasta de couro.

E, quando seus olhos recaíam sobre o rosto dele, era como se o visse pela primeira vez. Não havia reconhecimento.

Bzzz.

“lembrou?”

“evan. eu me lembro, mas ninguém mais se lembra.”

“ninguém nunca se lembra diane”

“estava procurando você. onde você está?”

Diane estendeu a mão para pegar uma caneta e anotar aquele número. Ela precisava de evidências físicas, não apenas digitais, da existência dele.

“vou encontrá-la”

Ela começou a digitar: “na verdade eu estava saindo. vamos nos encontrar no Centro”, enquanto pegava a bolsa e andava até a porta da frente.

Enquanto escrevia a mensagem: Bzzz.

“cheguei!”

Ela ouviu uma batida forte na porta da frente diante dela. De repente, Diane se lembrou de que tinha deixado a geladeira aberta.

Diane estava sentada em uma mesa no canto da lanchonete Madrugada Enluarada sem saber muito bem como chegara ali. Ela olhou para a direita e viu seu carro parado no estacionamento.

— Não vire a cabeça.

Sentado diante dela havia um homem de paletó bege. Ele lhe era familiar.

— Olhe para mim, Diane.

No colo havia algumas anotações com sua letra. Uma dizia: “Evan McIntyre.” Outra dizia “King City?” A segunda fora circulada duas vezes e sublinhada.

Como ela tinha ido parar ali? Relembre seus últimos passos. O que tinham feito com ela? Ou o que ela tinha feito consigo mesma? Ela se sentia fora de si, olhando para sua vida através dos olhos de um estranho, e não gostava nada do que via.

Diane voltou a observar o outro lado da mesa, e o homem não estava ali. Ela piscou por um segundo, e ele voltou.

— Olhe para mim — disse ele. — Ou vai esquecer.

— Evan — falou Diane, em dúvida.

— Meu nome não é Evan — retrucou o homem cujo nome não era Evan, então disse seu nome.

— Evan — disse Diane, em dúvida.

Ele repetiu seu verdadeiro nome.

— Evan, não importa qual é seu nome. Desculpe, mas não importa. Por que você desapareceu do escritório?

Ela se perguntou quanto tempo havia que estava na Madrugada Enluarada e se Josh estava preocupado. Preocupava-se mais com a preocupação dele do que com ele. Ao mesmo tempo, era uma

vitória Evan ser real, estar sentado diante dela, existir alguma confirmação de que ele tinha existido e trabalhado no escritório.

O homem se empertigou, endireitando os ombros, um gesto ao mesmo tempo receptivo e defensivo.

Laura se aproximou da mesa e serviu café para os dois. Diane pediu o almoço. Laura desenhrou o crânio de uma vaca no bloco de pedidos, usando o dedo e um tinteiro preso ao bloco. Era um desenho detalhado que demorou vários minutos para ser finalizado enquanto Evan e Diane esperavam pacientemente. E, quando Laura lhes mostrou, ambos concordaram que capturava a beleza e a impermanência da existência física.

— Desculpe, querido, o que foi mesmo que você pediu? — indagou Laura, antes de voltar para a cozinha.

— Só o café — disse Evan. — Obrigado.

— Você tem olhos lindos — comentou ela.

Laura não sabia por que disse isso. Também não acreditava em livre-arbítrio, mas não fazia diferença.

— Eu ou ele? — perguntou Diane, de brincadeira, embora quisesse mesmo saber.

— O que foi, querida?

— De qual de nós você estava falando?

— Não estou entendendo.

— Estava falando de mim ou do Evan?

— Quem é Evan, querida?

Diane voltou a olhar para o outro lado da mesa, mas ele não estava ali.

— Você chegou sozinha, Diane. Há poucos minutos.

Havia apenas uma xícara de café na mesa. Apenas um jogo americano. A cadeira de couro sintético diante dela estava vazia e encostada à mesa.

— Deixa pra lá. Obrigada — disse ela.

Laura se virou para ir embora, balançando os galhos pelo ar onde Evan estivera minutos antes.

Diane respirou fundo.

Ela olhou para onde os olhos de Evan estariam. Não se lembrava de sua aparência, mas imaginava a localização aproximada. Não o viu aparecer. Ele simplesmente estava ali de novo, encarando-a também. Ela queria desviar os olhos.

— Concentre-se — disse ele, visível outra vez.

— É difícil para mim.

— Também é difícil para mim. Quase ninguém se lembra de mim. Nem mesmo na minha cidade. Mas você, sim. Você se lembra de mim. Preciso da sua ajuda, Diane.

Diane segurou a xícara de café com força. Pensou na última vez em que falara com Josh e deixou a raiva conduzi-la pela estranheza da conversa.

— Você não pode me pedir ajuda assim, sem mais nem menos. Eu não conheço você. Você aparece no meu escritório, se insinua nas minhas lembranças, e depois some da minha vida. Mesmo agora, continua sumindo.

— Não é algo que eu consiga controlar.

— Não quero desculpas.

Ela deslizou uma caneta e um pedaço de papel em branco pela mesa, ainda com os olhos nele.

— Quero que escreva seu nome.

Ele abriu a boca.

— Agora. Sem papo.

Diane é uma pessoa simpática. Pessoas simpáticas não têm talento para serem diretas. Pessoas simpáticas não gostam de fazer os outros se sentirem pressionados, obrigados ou insultados. Pessoas simpáticas gostam de fazer os outros se sentirem bem. É difícil manter a simpatia quando se é assertivo. É possível ser respeitoso e assertivo, é claro, mas isso não tem nada a ver com ser simpático.

— E, enquanto estiver fazendo isso, vou tirar uma foto sua. Eu me recuso a ser colocada nessa posição ridícula outra vez.

Ela ergueu o telefone.

— Não estou tentando ridicularizá-la, Diane. Fico feliz em ajudá-la de todas as formas que puder — disse ele, escrevendo seu nome no papel.

Diane olhou para o nome, assentiu e na mesma hora o esqueceu.

— Ajudar? Evan, eu não me lembro de como cheguei a esta lanchonete. Pode imaginar como isso me deixa desconfortável?

Laura voltou antes que ele pudesse responder. A garçonete colocou uma tigela de frutas e uma pilha de pedras-pomes em frente à Diane. Ela encheu os dois cafés mais uma vez.

— Aqui está sua salada grega — disse Laura. — E mais café para o bonito.

Ela olhou para Evan e ergueu as sobrancelhas para Diane, sorrindo. Diane não desviou os olhos do homem. Laura deu de ombros, afastou-se e esqueceu o que acabara de acontecer.

Diane tirou várias fotos dele.

— É difícil expl...

— Tente — interrompeu ela.

O homem de paletó bebe com a pasta de couro de veado explicou. Diane entendeu. Ela assentiu. Protestou. Decidiu que nunca faria o que ele queria, depois concordou em pensar no assunto.

Tomou um gole de café. Não se lembrava do que ele acabara de dizer.

— Você vai precisar disto.

Ele lhe entregou um pedaço de papel que dizia “KING CITY”.

— O que é isto? — disse ela.

Em vez de responder, ele apontou para o homem de avental branco e cabelo louro que passava pela mesa.

— É dele que estou falando. É dele que estou falando — sussurrou o homem de paletó bege no ouvido esquerdo de Diane embora estivesse sentado diante dela.

— Troy?

Ela seguiu Troy com o olhar.

— Como o conhece?

Ela se virou para onde o homem de paletó bege estava sentado. Ele havia sumido, é claro. A cadeira estava afastada, e o café, pela metade. Na mesa havia algum dinheiro que era obviamente americano, mas que ela não reconhecia.

— Já expliquei isso. Lembra? — sussurrou ele em seu ouvido direito. — Entregue o papel para Josh. Quero conhecê-lo.

— O que você quer com Josh?

Ao ouvir o nome do filho, sua desorientação se afunilou em um sentimento de intensa proteção. De jeito nenhum ela deixaria alguém arrastar uma criança para aquela confusão. Não houve resposta. Ela olhou pela janela.

O homem de paletó bege corria para o deserto. Mal dava para vê-lo no limite do estacionamento iluminado. Os braços se agitavam loucamente, a pasta também. As pernas erguiam grandes nuvens de areia. A cabeça estava jogada para trás, e até mesmo de longe era possível ver o suor escorrendo pelo pescoço. Aquele tipo de corrida indicava uma fuga, não um simples deslocamento. Então ele ultrapassou o limite tênue das luzes do estacionamento e desapareceu.

Diane olhou para o pedaço de papel em sua mão. Dizia “KING CITY”. Ela reuniu suas coisas, escondendo a caneta na bolsa, morrendo de medo de ter deixado uma potencial contravenção na mesa à vista de todos.

Ela continuava sem saber quanto tempo passara na lanchonete. Será que tinha se despedido de Josh? Será que ele sabia onde ela estava? Diane mandaria uma mensagem para ele.

Antes de sair, perscrutou a lanchonete em busca de Troy. Não o viu.

Jackie acenou para ela do balcão. Elas trocaram cumprimentos. Jackie a observava de um jeito estranho. Atento e desconfiado.

Diane tentou fingir estar à vontade. Elas trocaram algumas palavras sem muito significado. Então a conversa mudou de tom.

— O que foi? — perguntou Diane, e Jackie balançou a cabeça, impaciente.

— Deixa pra lá. O que você tem aí?

Jackie indicou o papel na mão de Diane. Ela percebeu que Jackie estava segurando um papel idêntico, mas não pensou nisso por tempo suficiente para ficar curiosa.

— Nada — respondeu Diane, enfiando o papel na bolsa.

Ele ficou na bolsa.

— Sortuda — falou Jackie, e voltou-se para o café, largando o próprio papel no balcão.

Diane continuava sem entender, mas deixou o assunto se encerrar ali, já que Jackie parecia irritada. Diane disse algo casual em despedida, e Jackie repetiu o que a outra disse como uma piada sarcástica, o que Diane julgou desnecessário e grosseiro.

Enquanto andava até o carro, ela enfiou a mão na bolsa para pegar a chave.

Sua mão encontrou um papel amassado. Ela o pegou. “KING CITY”, dizia. Por que aquilo estava na sua bolsa? De onde viera aquele pedaço de papel? Largou-o no chão e, sentindo-se culpada, pegou-o para jogá-lo em uma lixeira. Antes que pudesse fazer isso, ouviu um estrondo, que a sobressaltou.

Troy estava ali, jogando grandes sacos de lixo na caçamba.

— Ah, oi — disse ele, e entrou depressa pela porta dos fundos.

Ao que parecia, ela estava segurando um pedaço de papel. Não sabia o que era, nem de onde tinha vindo ou quanto se arrependeria de tê-lo guardado. Ela o colocou de volta na bolsa.

Jackie chegara a um beco sem saída na investigação. Em termos de tacos, estava indo bem. Considerando sua habilidade de nunca soltar o pedaço de papel da mão esquerda, estava indo cada vez melhor. Mas a tentativa de descobrir o que estava acontecendo não ia nada bem.

Ela havia passado a noite inteira sem pregar os olhos, tentando despregar a mente. Só podia ter deixado passar alguma coisa, alguma conexão entre os eventos e os indivíduos que se misturavam nas lembranças daquele dia. Mas, se havia tal conexão, Jackie não conseguia vê-la. Talvez não fosse inteligente o bastante. Ou talvez o mundo não fosse. Talvez o mundo não fosse inteligente o bastante para criar uma história que fizesse sentido. Talvez só juntasse elementos aleatórios de forma aleatória, formando, assim como na famosa frase de Shakespeare, “um espetáculo de movimento e circunstâncias irracionais que, no fim, não significam nada”.

Na manhã seguinte, só restava uma pista. Ela vira aquele homem louro na casa de sua mãe. E o vira quando visitara a prefeita. E na lanchonete Madrugada Enluarada. Estava na hora de conversar com ele e descobrir qual era seu envolvimento no que quer que aquilo fosse.

Foi de carro até a Madrugada Enluarada. A clientela de sempre estava lá, o que queria dizer que havia muitos dos clientes assíduos e também as pessoas que nunca deixavam a Madrugada Enluarada, sempre sentadas nas mesmas mesas e comendo pratos que pareciam não terminar nunca. A marca de uma boa lanchonete é ter clientes presos no tempo. Uma conhecida regra para comer

bem é que, se não houver clientes presos no tempo, provavelmente não vale a pena nem pedir uma porção de batatas fritas.

Jackie se sentou em seu lugar habitual ao balcão.

— Oi, Jackie — disse Laura, movendo-se com dificuldade atrás do balcão, arrastando os galhos grossos e lenhosos. — Está com fome?

Ela inclinou um convidativo galho carregado de frutas em sua direção.

— Obrigada, Laura, mas quero só um café.

Laura abriu caminho até a máquina de café derrubando frascos de ketchup e maionese e montes de garrafas de água vazias com os galhos.

Jackie observou a cozinha. Não havia nenhum homem louro.

Ela se virou para observar o salão. Diane Crayton estava se levantando da mesa. Parecia que havia alguém com ela, mas Jackie não se lembrava de quem. Olhou de novo para a mesa de Diane e seu coração disparou, então olhou outra vez para a cozinha sem entender por que seu coração estava acelerado.

Diane passou por ela. Jackie decidiu pará-la, conversar um pouco, de algum modo que parecesse casual. Ela precisava saber se Diane estava mesmo envolvida de alguma forma.

— Oi! Diane! — cumprimentou Jackie com um casual quase aceno.

Diane se sobressaltou.

— Calma — falou Jackie, baixando a mão em um gesto tranquilizador. — Só estou dizendo oi.

— Claro. Eu estava... — Diane respirou fundo. — Estava perdida em pensamentos.

Ela moveu a mão para indicar onde seus pensamentos estavam. Riu para indicar que estava feliz e despreocupada. A combinação do movimento da mão com a risada indicava que ela se sentia alarmada e desconfortável.

— Entendo perfeitamente. Sem problemas.

— Desculpe. Preciso ir. Espero que a lágrima que lhe dei dê algum lucro.

— É. A lágrima. É ótima. Tenho certeza de que um comprador vai aparecer em breve. Sempre há procura por lágrimas.

— Como está sua mãe?

Jackie lhe lançou um olhar fuzilante.

— O que sabe sobre minha mãe?

Diane franziu o rosto inteiro.

— O que foi? — disse ela.

A conversa desandou a partir daquele ponto. Jackie sentia que Diane estava escondendo alguma coisa. Parecia que todo mundo estava escondendo alguma coisa dela ultimamente; como se Jackie estivesse no meio de uma brincadeira de esconde-esconde da qual nunca quisera participar. Ela desistiu da conversa e virou-se de volta para o café.

Diane sorriu, mas apenas com a boca.

— A gente se vê por aí, Jackie.

— Sou completamente visível.

Jackie achou que era uma ótima piada, mas Diane não riu.

O café de Jackie tinha chegado em uma caneca com o logotipo de um homem gigantesco e desproporcional olhando de soslaio para o mundo. Sob ele havia uma frase que fora vandalizada por algum objeto pontiagudo, arrancando quase todas as letras:

M E L I G A N O 4

6

Havia uma mancha onde o sangue não fora bem limpo.

Ela bebeu e esperou. Ela esperou e bebeu. O ato de beber era um ato de espera. Às vezes nem sorvia o café, apenas encostava os lábios na borda da caneca e depois a recolocava no balcão.

A mulher da prancheta estava ali, como sempre, e cada vez que Jackie tomava um gole a mulher anotava alguma coisa. Parecia estar trabalhando em conjunto com uma mulher parada do lado de

fora da lanchonete com um ponto no ouvido. De vez em quando acenava loucamente para ela, e a outra respondia com um aceno igual, depois ambas desviavam os olhos rápida e indiferentemente, assobiando alto e dizendo: “Não conheço aquela pessoa. Se me pedir para definir um desconhecido, vou dizer: aquela mulher. Não poderia conhecê-la menos.”

Jackie voltou a olhar para a cozinha, e ali estava o homem outra vez: louro, bonito de todas as formas esperadas (e, nesse sentido, esquecível), encarando-a e jogando quantidades intermináveis de hambúrgueres no ar, uma fonte de hambúrgueres caindo no chão em um raio de um metro e meio ao seu redor.

Ela se levantou. A mulher com a prancheta começou a escrever freneticamente, e Laura disse:

— Ei, Jackie, aonde está indo?

Mas não se levantou porque os galhos ficaram presos na porta do freezer.

Jackie disparou para os fundos, onde ficavam as portas vaivém de aço da cozinha. Empurrou-as com força e entrou em uma cozinha vazia. Todos os hambúrgueres continuavam ali, prova da recente presença do homem.

Passou lentamente pela mesa de preparação, parando para olhar embaixo, onde as panelas e os pratos ficavam guardados. Ninguém.

Não havia porta dos fundos. Ele só podia estar ali.

Um estrépito suave. As espátulas penduradas se moveram. Ela foi bem devagar naquela direção, olhando para a pia ampla e para o frigorífico.

O frigorífico. A pesada porta magnetizada. Estava levemente entreaberta?

Ela estendeu a mão muito devagar. Dedos fecharam-se na maçaneta. A cozinha estava vazia e silenciosa. Ninguém na lanchonete parecia estar olhando. Até a mulher com a prancheta voltara à função de ticar as pessoas que entravam. Jackie estava sozinha, e ninguém a ajudaria se algo desse errado.

— Isso sempre acontece comigo — disse, abrindo a porta magnetizada.

Prateleiras de carne e vegetais, nada mais. Não havia nenhum lugar onde se esconder.

Um estrondo às suas costas. O homem louro empurrou a pilha de pratos atrás da qual estava se escondendo, espalhando cacos de cerâmica por todos os lados. Ela saiu correndo atrás dele, e ambos bateram nas portas vaivém ao passar. Ela estava bem atrás dele enquanto ziguezagueavam por entre mesas e clientes surpresos.

A mulher com a prancheta fazia anotações enquanto murmurava equações, aparentemente sem interesse na perseguição.

Jackie disparou pela lanchonete tão rápido quanto uma pessoa pode disparar atrás de um desconhecido por uma lanchonete, o que não era nada rápido. O homem louro saiu pela porta da frente com Jackie nos seus calcanhares. Ela era mais jovem, mais rápida e ia pegá-lo. Seus pés batiam com força no asfalto, tão quente ao sol do meio-dia que ela sentia o calor através das solas dos sapatos.

— Peguei você! — gritou ela, antes mesmo de alcançá-lo.

— Troy! — exclamou Diane, que vinha correndo de seu carro. — Troy, preciso falar com você!

O homem louro virou à direita, em direção à estrada e ao posto de gasolina abandonado do outro lado da rua.

Tanto Diane quanto Jackie tentaram segui-lo e colidiram uma com a outra. Em consequência, ambas colidiram com o chão.

— Droga! — gritou Jackie para o asfalto.

Ela ficou com um longo arranhão vermelho no rosto. Uma contusão começou a se formar na coxa de Diane, mas ela ainda não sabia. Ambas olharam para o posto de gasolina, mas o homem tinha sumido.

— Droga! — repetiu Jackie com a boca. — Droga! — repetiu sem parar socando o asfalto.

Diane lhe lançou um olhar furioso, esfregando a perna.

— Por que estava perseguindo Troy? — perguntou.

Jackie lhe lançou um olhar furioso. *Diane Crayton*, dissera John. Diane estava envolvida, e aquela era a prova.

— Por que eu o estava perseguindo? Por que você tem aquele papel?

Diane não entendeu o que aquela pergunta tinha a ver com o que acabara de acontecer. Jackie voltou a olhar o posto de gasolina.

— Eu quase o peguei, Diane. Aquele cara esquisito.

— Quase o pegou? O que aquele “cara esquisito” fez com você?

Jackie tentou pensar em uma explicação racional para por que suas ações faziam sentido. Sua cabeça doía.

— Ele só encara e sorri. Qual é a dele? Quer dizer...

— Talvez você seja jovem demais para entender, mas não pode sair correndo atrás das pessoas só porque quer saber qual é a delas.

Sem querer, Diane empregara sua voz didática de mãe, e as duas notaram.

— Ah, então a atitude madura é se jogar em pessoas em estacionamentos. Maravilha. Tenho certeza de que quando eu tiver a sua idade vou me lembrar disso.

Diane suspirou e se levantou, vendo se seu corpo ainda era capaz disso. Ela olhou a adolescente de cima a baixo.

— Se quiser ser tratada como adulta, Jackie, precisa agir de acordo.

Em sua mente, Jackie ouviu a voz da ex-amiga Noelle Connolly, transbordando de condescendência paternal: *Ah, Jackie, já cogitou fazer vinte?*

— Vai pro inferno — disse ela.

— Ah, ótimo. Que ótimo.

Diane se virou e voltou para o carro. Jackie a seguiu.

— Ei, aonde pensa que vai? Como você conhece aquele cara? Como sabe que o nome dele é Troy? Sério, qual é a dele?

Diane se controlou e respondeu apenas com um leve tremor na voz.

— Não é da sua conta. Troy é alguém do meu passado, e estou tentando falar com ele para acertar as coisas com meu filho. Meu filho, que é a única criança que estou interessada em criar no momento. Você vai ter que encontrar outra pessoa para fazer isso por você.

Entrou no carro e bateu a porta. Jackie fez um gesto pela janela que respondia de forma sucinta muito do que fora dito. Diane deu de ombros e saiu da vaga de marcha à ré.

— Vou descobrir quem é aquele cara e o que você tem a ver com ele! — gritou Jackie enquanto Diane manobrava. — Vou destrinchar essa história todinha. Fique fora do meu caminho enquanto isso.

Diane respondeu acelerando. Jackie jogou o papel nela.

— Vai pro inferno — retrucou Jackie.

“KING CITY”, disse o papel, de volta à sua mão.

— Ela não sabe do que está falando — disseram simultânea e separadamente Diane e Jackie, mas ambas tinham suas dúvidas.

Sentada no carro estacionado diante de sua casa, que não estava pensando em nada naquele momento, Diane pegou o telefone e o papel que Evan lhe entregara.

Diane não se lembrava muito bem do encontro com Evan na lanchonete. Mas lembrava que ele tinha lhe mandado mensagens de texto. Ela também tirara fotos dele. Também lhe pedira para escrever seu nome.

Lembrava-se de Jackie perseguindo Troy. Ao pensar nisso, Diane esfregou os arranhões no antebraço esquerdo. Por que Jackie estava atrás de Troy? Havia um grande poço de desconhecido sob a ponte instável do relacionamento entre o filho e ela, e toda vez que ela olhava para baixo, o poço estava mais fundo que antes. Estava irritada com Jackie, mas furiosa com Troy. Outra jovem presa no rastro que ele ia deixando ao levar sua vida tranquila e despreocupada.

Diane olhou para o pedaço de papel. Dizia “KING CITY”, e no verso tinha o nome de Evan. Seu nome não era Evan. Ela olhou o nome no papel e o disse em voz alta. Repetiu-o, depois largou o papel.

— Evan McIntyre — disse em voz alta, e deu de ombros. — Vai ser esse, então.

Diane pegou o celular e viu uma das fotos que tirara de Evan na lanchonete. Ele usava um paletó bege. Ela fixou os olhos na foto, depois os fechou, torcendo para gravar a imagem na mente, ou no fundo das retinas, ou na nuvem mística do inconsciente coletivo, seja o que for que nos faz lembrar as imagens. Ela não era cientista.

Murmurou o nome dele de olhos fechados, tentando se apegar à sua imagem. Os olhos, o nariz, a boca, a testa. Nada. Ela olhou novamente para a foto. Estudou seus lábios e pensou nos muitos adjetivos que podiam ser usados para descrevê-los. Então, olhou para o nariz e catalogou os adjetivos que podiam ser usados para descrevê-lo.

Ao olhar para o nariz, esqueceu os adjetivos que tinha pensado para os lábios. Olhou outra vez para os lábios e esqueceu o nariz. Ela nem chegou às orelhas.

Diane olhou o histórico de mensagens e tentou enviar uma resposta a Evan. Outra maneira de se lembrar de alguém é criar mais memórias com essa pessoa. Quanto mais houver para esquecer, mais tempo leva o esquecimento.

Ela digitou: “Oi, foi bom conversar com você naquela noite. Vamos repetir um dia desses.”

Parecia um encontro. Ela deletou a mensagem sem enviar.

Uma mosca voou do apoio de cabeça direito do banco traseiro para o apoio de cabeça esquerdo.

Diane a viu fazer isso.

Ela escreveu uma mensagem diferente: “Evan, não consigo lembrar sobre o que conversamos. Você poderia voltar?”

Apertou enviar.

Diane sentiu uma dor aguda no polegar. Não gritou, apenas se contraiu. A mensagem continuou não enviada. Ela tentou outra vez. Outra pontada de dor, quase até o osso. Uma pequena gota de sangue se formou no meio do polegar direito.

É uma característica comum dos smartphones. Se é impossível entrar em contato com uma pessoa por mensagem ou se as agências secretas do governo que controlam as companhias telefônicas não querem que você entre em contato com uma pessoa, o telefone tem permissão de causar leves danos físicos. Diane colocou o polegar na boca para limpar o sangue.

No dia anterior, o telefone pegara fogo quando ela tentara ligar para Evan. Tinha passado a maior parte da manhã sentindo cheiro de cabelo queimado e tivera que passar na farmácia para comprar loção de calamina para a orelha e depois na floricultura para colocar a lateral da cabeça em terra aerada por quinze minutos, por ordens médicas. Ela não sabia por que o médico lhe disse para fazer isso, mas ninguém sabe por que médicos fazem qualquer coisa. Médicos são criaturas misteriosas.

Diane olhou para a mosca no encosto esquerdo do banco traseiro pelo espelho retrovisor. Fixou os olhos nela. Sentiu os olhos da mosca fixos nela. A mosca moveu suas seis patas. Deslocou-se um pouco para a esquerda, um pouco para a direita. Estava ali, pequena e sozinha, no meio do que, para ela, era um vasto campo de tecido. Não havia onde se esconder.

— Estou vendo você — disse Diane.

— Não é o que você está pensando — afirmou a mosca.

— O que estou pensando?

— Que estou espionando.

— Sim, isso mesmo. E o que está fazendo então, Josh?

Ele voou para a frente do carro e pousou no painel.

— Eu queria pegar uma carona com você.

— Estou indo para o trabalho.

— Então vou voando.

— Nada disso. Ou você anda ou pega um transporte. Não vai voar ao ar livre até fazer dezoito anos. É perigoso.

A mosca ficou desanimada.

— Josh, você não pode se esconder no meu carro. Como vou confiar em você se não tenho certeza de que meu espaço particular é particular?

— Não achei que você fosse me ver.

— É sobre essa confiança que estou falando.

— Desculpe.

Apesar de moscas não serem capazes de baixar a cabeça em um gesto de penitência ou submissão, e apesar do fato de que, mesmo que fossem, seria tão sutil que o olho humano não notaria, ela ouviu essa ação na voz de Josh. Não precisava ver o filho na forma humana para entender sua linguagem corporal. Mesmo quando Josh tomava a forma de uma névoa senciente (o que raramente fazia, apenas uma ou duas vezes após assistir a um filme de terror, quando acreditava que, se não tivesse forma física, nenhum monstro ou fantasma o pegaria), ela sabia quando ele estava revirando os olhos, curvando os ombros, sorrindo maliciosamente ou quando não prestava atenção.

— Eu sempre consigo reconhecê-lo, Josh. Sou sua mãe. Você poderia ser qualquer coisa e eu saberia que era você.

Josh não respondeu. Esfregou uma perna na outra com vigor porque era algo que ele vira moscas fazer, mas não sabia por que faziam.

— Por que quer ir para o Centro comigo?

— Só para passar o tempo. Talvez passar na locadora ou coisa assim.

— Primeiro, você não pode matar aula. Entendeu?

— Sim.

— Em segundo lugar, você não pode se esconder de mim. Isso é desonesto, Josh.

— Tudo bem. Tudo bem.

— E, terceiro... — Ela hesitou. — Você vai procurar os registros do seu pai, não é?

Josh não respondeu.

— Não quero que você faça isso. Ele é seu pai, sim, mas não confio nele.

— Já confiou em algum momento.

— Eu criei você por quinze anos. Eu lhe dei comida e roupas. Eu o amei e ainda amo. Amo porque você está comigo há quinze anos. Sou sua mãe porque ficamos juntos durante sua vida inteira. Eu

mereci ter você como filho. Troy não é seu pai só porque participou da sua concepção. Troy não merece ganhar seu amor como filho só porque você é biologicamente filho dele. Eu fiz todo o trabalho. Eu investi meu tempo. Eu amei você. Troy não pode ter o mesmo peso na sua vida porque não mereceu isso. Eu preciso me proteger. E preciso proteger você. Então me prometa que vai deixar tudo isso pra lá. E eu prometo que vou descobrir tudo o que puder sobre ele e, quando chegar a hora, vou lhe contar.

— Tudo bem — respondeu a mosca, embora não parecesse achar que estava tudo bem.

— Agora se apresse ou vai perder o ônibus. Chega dessa história, está bem?

Diane apertou o botão da janela automática do banco do carona. Com um chiado robótico, a janela se abriu. A mosca saiu voando em uma larga espiral.

— Eu amo você! — gritou Diane. — Nada de voar!

— Tudo bem — respondeu o zumbido suave de um garoto humano com rosto de mosca.

Mais tarde ela repassaria aquela conversa várias vezes na cabeça, uma das últimas que teriam antes de Josh desaparecer.

Jackie socou o volante do carro, o que não machucou nem um pouco o carro. Às vezes é fácil esquecer quais coisas do mundo sentem dor e quais não sentem.

O *que* Diane sabia a respeito daquilo? O que ela tinha a ver com tudo isso? Será que ela era a mente por trás do homem louro, do homem de paletó bege com a pasta de couro de veado, talvez até do comportamento estranho de sua mãe?

John Peters parecia achar que ela estava envolvida. E por que não Diane? Night Vale era uma cidade cheia de maldades escondidas e seres secretamente maléficos. Ou pelo menos era isso que os novos folhetos do Conselho de Turismo anunciavam (“Uma cidade cheia de maldades escondidas e seres secretamente maléficos”), juntamente com uma foto de um grupo diversificado de habitantes sorrindo e olhando para a câmera na prisão sem janelas onde ficariam presos até turistas suficientes visitarem a cidade para pagar sua libertação.

Se Diane estivesse mesmo por trás daquilo, Jackie precisava conversar com alguém que a conhecesse. Claro, ela parecia uma boa pessoa, mas muita gente e muitas coisas pareciam boas e mesmo assim eram terríveis por dentro, como frutas silvestres venenosas, esquilos raivosos ou um deus sorridente. (Aquilo é um sorriso?)

Foi assim que Jackie acabou indo parar na sala multiuso da Escola Primária de Night Vale, que era, entre seus múltiplos propósitos, o quartel-general da APP. Diane era a tesoureira desde que seu filho estudou ali e manteve o cargo mesmo depois que ele foi para o ensino médio e passou pela puberdade (e pela miríade de

formas físicas que esta havia lhe proporcionado). Josh era apenas alguns anos mais novo que Jackie, e ela gostava dele. Algumas de suas formas eram meio assustadoras, especialmente as de quimera, mas em geral ele era um garoto legal. Jackie esperava que tudo desse certo para ele do jeito vago com que se sente afeição por quase estranhos. Que a vida dele se tornasse melhor do que a dela.

A sala multiuso era um espaço atravancado adequado a seus muitos usos. Havia um pequeno palco onde peças escolares podiam ser encenadas. Havia pilhas de cadeiras dobráveis para reuniões da APP e das várias organizações de apoio (Álcool, Drogas, Imortalidade) que usavam a sala após o horário das aulas. Havia um círculo completo para demonstração e adoração de pedras sanguíneas, bem como um círculo de pedras sanguíneas de tamanho infantil para que os alunos pudessem fazer os rituais por conta própria. Também havia uma pipoqueira, mas ninguém tinha permissão de tocá-la. Ninguém sabia bem por que era proibido tocá-la, mas valia a pena ter cuidado com avisos como esse, por isso a pipoqueira havia passado décadas intocada em seu lugar incrivelmente inconveniente no meio da sala.

— Diane? — chamou Jackie, torcendo para ela não estar lá.

A melhor pessoa que poderia encontrar seria Susan Willman, que era conhecida por ser fofqueira e não gostar de Diane. Susan ficaria animadíssima para contar qualquer fofoca que tivesse sobre Diane. Jackie também sabia que ela ficaria muito feliz em inventar fofocas acerca de Diane, então talvez no final das contas ela não fosse a melhor opção. Jackie teria adorado encontrar uma sala vazia, para remexer nos registros da APP e verificar arquivos ou notas de Diane que pudessem lhe dar qualquer pista. O pior que podia acontecer era...

— Ah, oi, Jackie — disse Steve Carlsberg. — Diane não está aqui. Só estou arrumando as coisas para uma reunião que vai acontecer agora nesta sala.

Ele gesticulou ao redor e sem querer derrubou um arquivo de papelão da mesa, espalhando todos os arquivos pelo chão.

— Ops! Deixe-me recolher isso. Então, como posso ajudá-la?

Jackie suspirou. Steve era um cara legal. Uma boa pessoa. Mas era tão... ele era tão... Bem, era Steve Carlsberg. Todo lugar tem um cara desses. E Steve era ele.

— Oi, Steve — disse ela, e o ajudou a recolher os arquivos.

Ao fazer isso, seu papel fez o místico truque de reaparecer em sua mão, algo que ela nem notava mais. Steve ofegou.

— Uaaaaau! Então você tem um daqueles papéis? Que sortuda.

Ele assobiou, com as mãos nos quadris.

— Sortuda? — disse ela. — Eu não consigo trabalhar, estou vendo coisas e um cara louro bizarro anda me seguindo pela cidade. Além disso, em certos dias sinto que não consigo andar, mal consigo respirar. É, esse papel me dá mesmo uma baita sorte.

Steve assentiu.

— Deve ser o máximo. Nada estranho nunca acontece comigo, virando minha vida de cabeça para baixo e me forçando a entrar em uma jornada de grandes descobertas para colocar tudo no lugar. Não que eu me importe, claro. A APP já é bastante recompensadora por si só, e é bom me envolver com o que a Janice está fazendo.

Janice era a enteada de Steve. A mãe de Janice era irmã de Cecil, o locutor da rádio comunitária. Steve e Cecil não se davam nada bem. Era uma espécie de piada local, embora Jackie imaginasse que seria menos engraçado se esse tipo de rixa acontecesse na própria família. Ela sempre sentia pena de Janice, mas Janice não era o tipo de garota que deixa os outros sentirem pena dela.

— Então você sabe sobre esses papéis? — perguntou Jackie.

“KING CITY”, disse o papel.

— Ah, sim — respondeu Steve. — Um monte de gente tem recebido isso. Um sujeito usando um paletó bege, ah, qual é mesmo o nome dele? Esqueci. Toda hora esqueço um monte de coisas

sobre ele. Esse cara está distribuindo os papéis por aí. Eu vi uns sujeitos no boliche outra noite. Um time inteiro na pista 19 estava lá sentado, chorando, com os punhos esquerdos fechados. Eu vi alguns dos funcionários do Ralphs parados diante de prateleiras vazias, olhando para o teto, com pedacinhos de papel pendendo dos dedos flácidos. De vez em quando eu via alguém largar o papel, que descia espiralando até o chão de linóleo, só para flutuar de volta para a mão da pessoa, e todos gemiam coletivamente.

“Depois que você ganha um, não consegue mais se livrar dele. Parece que o cara responsável por isso tem uma motivação, mas pode ser só um hobby. Tenho pensado em começar a criar abelhas, mas, sabe, abelhas precisam de muito espaço para se movimentar e são caras, a não ser que sejam criadas em uma fazenda, mas para que ter um bicho de estimação se você não pode criá-lo em um apartamento?

Com Steve era assim. A parte importante ficava enterrada embaixo de um monte de divagações sinuosas.

— Um homem de paletó bebe?

— É. Com uma pasta de couro de veado. Não me lembro de mais nada sobre ele. Tirei uma foto. Acho que está aqui em algum lugar.

Ele se esticou até a prateleira e começou a revirar os papéis. Enquanto procurava, várias outras pilhas caíram no chão. Quando se afastou, suava um pouco por causa do esforço.

Jackie sentia nojo de Steve. Não sabia por quê. Ele sempre fora gentil com ela, gentil com todo mundo. Como dizia o ditado: “Nem todas as vans sem janelas têm equipamento de vigilância.” Em outras palavras, nem tudo é tão bom quanto parece.

— Ora, não é estranho? Simplesmente não lembro onde está a foto — disse Steve. — É a coisa mais irrit... Cuidado!

Ele agitou os braços para Jackie. Ela ergueu as mãos, com os dedos abertos. O papel caiu, e caiu de novo, e caiu de novo.

— Você estava quase encostando na pipoqueira — falou Steve.
— É melhor tomar cuidado.

— Não está nem quente, cara — comentou Jackie, a ponto de tocar a pipoqueira para demonstrar.

— Não, não faça isso! — exclamou ele, com a voz falhando.

Ela suspirou diante da opressão da sabedoria convencional, mas baixou a mão.

— Então o homem de paletó bege entregou papéis para um monte de gente?

— Não sei quantas pessoas são, mas com certeza é um bom número. A velha Josie tem um, mas imagino que você sabia. Eu soube que até Stacy recebeu um recentemente, e ela é uma névoa senciente. Um ser adorável. Uma vez me contou qual é a melhor forma de conservar uvas. Era uma receita divertida. Nunca experimentei.

— Você conhece bem Diane Crayton? — pressionou Jackie.

Ele riu, embora não fosse uma piada. Ele riu porque estava feliz. Jackie estremeceu porque não sabia exatamente o que a irritava nele.

— Mulher incrível. Trabalha na APP há anos. Nunca consegui fazê-la mudar de ideia quanto à torta invisível, mas fora isso nós nunca discordamos a respeito de nada. Conversamos muito nos últimos tempos, porque ela precisava de alguém para falar sobre Josh. E toda aquela história com Troy.

— Ah, é? — Jackie foi incapaz de simular um tom casual ou paciente. — Quem é Troy?

— Eu não deveria contar. — Steve franziu a testa. — A história não é minha e coisa e tal. Ei, posso ver seu papel?

— Pode.

Ele se sentou diante dela e pegou o papel de sua mão. Analisou-o, admirou-o. Seu rosto estava tão cheio de empolgação que ele teve dificuldade de manter as palavras em ordem ao se despejarem de sua boca.

— Então você sabe que estamos sempre sendo observados por agentes de uma agência do governo misteriosa e ameaçadora, não

é? (“Claro.”) E que eles têm alguma ligação com o Governo Mundial? (“Aham.”) Bem, às vezes acho que sou a única pessoa na cidade inteira que reflete sobre essas coisas, mas já pensou em por que o Governo Mundial está interessado em nós? Ou por que sempre tem luzes acima do Arby’s? Ou o que são esses carros-fantasmas que atravessam a rota 800 tarde da noite em velocidades e ângulos absurdos? Não sei por que essas perguntas não atormentam outras pessoas. Cecil fica furioso quando falo disso. (“Sério?”) Ninguém mais as vê. Mas eu vejo. Setas brilhantes no céu. Linhas pontilhadas. O mundo inteiro é um mapa que explica como lê-lo se você procurar pelas instruções. (“Legal. Claro.”) Enfim, então acho que, a princípio, o Governo Mundial era tão difícil de gerenciar que os líderes, criaturas de pele verde e olhos amarelos que não piscam e se recusam a olhar fisicamente para o mundo que comandam, se reuniram e se dividiram em oito comitês. E cada um desses comitês foi separado em seis subgrupos. E cada subgrupo tinha três divisões. Tudo foi feito para manter as coisas organizadas, mas todos perderam a noção do que deveriam fazer. (“...” [Jackie desistiu sequer de tentar fingir que estava prestando atenção.]) Em vez de governar o mundo, as divisões, os subgrupos e os comitês só discutiam uns com os outros para saber quem estava a cargo de que e em qual Red Roof Inn seria a festa de fim de ano do Governo Mundial. E nenhum dos agentes entende mais que agenda deveria seguir nem tem a mínima ideia de como seria essa agenda. Então esses agentes são tão misteriosos quanto a própria agência, usando suas habilidades sem nenhuma orientação, mas mantendo fora do caminho qualquer comitê, divisão ou quaisquer outros rivais, embora tenham perdido a noção do motivo de tal rivalidade. O que acho apavorante no Governo Mundial não é o mundo ser mantido sob um punho de aço, mas o mundo ser areia em uma peneira. As pessoas que o comandam não sabem mais do que nós sobre por que existem luzes no céu acima do Arby’s ou os carros-fantasmas.

Apavorante, não é? Acho que a grande conspiração do nosso mundo não passa de uma discussão entre idiotas.

Ambos respiraram fundo. Jackie estava observando pela janela uma folha em um galho oscilar de um lado para outro, quase caindo. Quase.

— E este pedaço de papel — acrescentou Steve, erguendo dedos vazios e comprimidos, tentando dar ênfase.

Ele olhou para sua mão sem papel. Jackie lhe mostrou o papel na própria mão.

— O que tem ele? — perguntou Jackie.

— O quê? Ah. Não sei. — Steve balançou a cabeça. — Esqueci. Há tantas coisas para saber; tantas coisas a descobrir. Eu perco a noção de onde estou no labirinto.

Ele usou as mãos para indicar um labirinto. (Pense no gesto mais comum para *labirinto*.)

— O importante é aproveitar o que se tem — continuou ele. — O truque do papel é legal. Faça de novo.

Ela não fez.

— Mas não vá a King City de jeito nenhum — aconselhou ele. — As pessoas gostam de pensar que existem outros lugares além de Night Vale por aí, por causa de todo esse deserto, mas não é verdade. Se você tentar ir a um lugar como King City, é provável que nunca mais volte.

Steve fez uma pausa.

— Acho que aquele homem ainda não entregou o papel à pessoa que deveria recebê-lo — sugeriu ele.

— Ah, é? — disse Jackie, tentando encorajá-lo sem parecer ansiosa demais.

— Acho que está procurando uma pessoa em especial, e ainda não a encontrou. É uma mensagem, e a mensagem ainda não foi recebida, sabe? Eu me pergunto o que acontecerá quando o alvo, seja quem for, enfim receber a mensagem. Pode ser algo muito ruim. Muito ruim.

A porta se abriu. Diane entrou. O barulho fez Steve voltar a si.

— Olá — disse ele. — Sua amiga Jackie e eu estávamos falando agora mesmo de você. Coisas boas, é claro.

Diane olhou com ódio para a garota de dezenove anos, que retribuiu seu olhar com um ar de desafio.

— Ela não é minha amiga, Steve. Jackie, seja o que for que a fascina na minha vida e nas pessoas que estão nela, preciso que você me esqueça e nos deixe em paz.

Jackie percebeu que não era considerada uma mulher ou um ser humano, mas sim uma adolescente. Sentiu uma onda de raiva embaraçosamente juvenil, mas não conseguiu suprimi-la.

— Estou cuidando da minha própria vida, cara. O que quero saber é por que você sempre acaba envolvida em tudo.

— Desculpe, Diane — falou Steve. — Eu pensei... Quer dizer, eu não sabia.

— Tudo bem, Steve. Eu sei que você adora uma boa conversa. Jackie, o que você está fazendo aqui? Está me investigando? Me seguindo?

— Você não é tão interessante assim.

Jackie se levantou tão rápido que a cadeira dobrável caiu para trás, batendo na pipoqueira. Steve e Diane se retraíram, mas nada visível aconteceu, então os dois relaxaram.

Jackie não estava gostando do rumo que aquela conversa estava tomando, mas também não sabia como virar o jogo. Ela se aproximou bem do rosto de Diane, como uma criança brigando em um parquinho, ou como uma criança maior e mais velha brigando em um bar. Ela se sentia insegura, boba e jovem, e transformou o desconforto dessa sensação em raiva, projetando-a em Diane.

— Eu já tenho um adolescente mal-humorado na minha vida. Vá para casa, Jackie.

Jackie se sentiu uma idiota (*Ah, Jackie, já cogitou fazer vinte?*), então gritou:

— Você precisa sempre aparecer em todo lugar em que estou?

— Esta é a sala da APP. Eu sou membro da APP.

— Dane-se. Vou nessa — disse Jackie, depois apontou para Steve. — Steve, depois vamos conversar mais sobre King City. Dê um oi para a Janice por mim.

— Pode deixar. Foi ótimo conversar com você.

E ele estava falando sério, o que era a pior parte de Steve Carlsberg.

Jackie saiu como uma flecha pela porta, sem querer sair assim e se odiando por fazê-lo.

Diane olhou para Steve com uma curiosidade renovada, perguntando-se se aquela era a primeira vez que realmente quis saber algo que Steve podia lhe contar.

— Steve, afinal, *o que* você sabe sobre King City?

Havia um Troy que varria o cinema.

Havia um Troy que nunca saía de casa.

Havia um Troy que era terapeuta.

Havia muitos Troy em Night Vale, e Jackie encontrou todos. Ela carregava um caderno e uma câmera, e logo fez um registro de todos os Troy da cidade. Fazia várias anotações não porque tivesse talento para investigar, mas porque isso lhe dava algo para fazer e ajudava a não se perder na confusão e no desespero das aterrorizantes implicações da multiplicidade de Troy.

Se parasse de fazer anotações por tempo suficiente para pensar, ela afundaria em uma espiral de perguntas: eles se conheciam? Tinham a mesma idade? Todos tinham nascido, ou simplesmente haviam se materializado ali? Quando via que estava pensando demais, fazia outra anotação, talvez a respeito do clima úmido (“pescoço suado, mesmo na sombra”) ou da cor das nuvens (“verdes, com listras roxas: parece que vai chover”).

Naquele dia, Jackie estava atrás do Troy que era gerente de empréstimos no Último Banco de Night Vale (“Colocamos nossos clientes em segundo lugar. As profecias apocalípticas têm prioridade!”). Esse Troy tinha horários bem regulares, não apenas no trabalho, mas também na vida pessoal, por isso era especialmente fácil de seguir.

Era sua terceira hora de trabalho, e logo ele sairia para almoçar. O almoço normalmente consistia em uma salada ou algo leve, menos no dia da semana que ele ia à Pizzaria do Big Rico. Ela o observava pela janela, cantarolando e sorrindo para os clientes.

Havia um Troy que dirigia uma Vespa cereja usando um capacete azul-claro.

Havia um Troy que dirigia uma minivan Plymouth 1997.

Havia um Troy que dirigia um táxi.

Será que alguns deles moravam juntos? Estariam seguindo o mesmo plano? Será que tinham sido criados artificialmente pelo governo?

Ela estava pensando demais e se sentindo enjoada. Anotou algo sobre a multidão da hora do almoço na rua (“Está na hora do almoço. Há uma multidão na rua.”).

Troy resolveu almoçar no escritório naquele dia. Não fazia nada incomum com a salada. Ele comia. Do carro, ela o observou comer. Ninguém se importava com uma mulher de binóculos em um carro estacionado. Era uma cena comum. Havia três outros carros com mulheres de binóculos só naquele quarteirão, e para os padrões da cidade isso era pouco.

Em nenhum momento Jackie conseguiu abordar um dos Troy. Eles sempre a evitavam, a maioria não com o mesmo desespero fugitivo do que trabalhava na Madrugada Enluarada, mas dava no mesmo. Nem um único Troy se aproximava o suficiente para ela fazer perguntas. Ela até tentara marcar uma consulta com o Troy terapeuta, mas quem se sentara diante dela fora um homem baixo e careca vestindo um colete.

“Receio que haja um surto de gripe”, dissera ele. “Ele me pediu para atender seus clientes por um tempo. Então me diga: o que você se lembra, especificamente, de sua infância?”

Ela tinha se levantado e saído sem dizer uma palavra. Precisava se manter focada. Apesar do que Diane dissera, Jackie tinha idade suficiente para se concentrar e fazer aquilo. Provavelmente era até uma vantagem ser jovem. Seu corpo era mais forte e rápido; sua mente, mais aberta. A juventude era melhor que a velhice. Era bom ser jovem por tanto tempo.

No dia seguinte o Troy terapeuta estava de volta ao trabalho, sem nenhum sinal de doença. Mas Jackie sabia que se entrasse no prédio de repente o homem careca reapareceria, perguntando sobre sua infância.

Havia um Troy que morava em um prédio perto da estação da rádio comunitária.

Havia um Troy que morava no condomínio Retiro dos Coiotes e colecionava cactos no parapeito da janela.

Havia um Troy que sumia por longos períodos, então ela não sabia onde ele morava.

Havia um Troy que era jardineiro.

Ela anotava e prestava atenção ao respirar. Troy comia a salada.

“Comendo salada”, diziam suas anotações. “Continua comendo.”

Uma das anotações era o desenho de um gato. Jackie não sabia ser uma detetive. Só sabia cuidar da loja de penhores. Ela ergueu o rosto e parou de escrever no caderno.

Troy não estava mais comendo a salada. Estava falando com alguém. Ou melhor, estava virando as costas e balançando a cabeça enquanto alguém tentava falar com ele. Ela não via quem era. Troy se levantou, jogou o resto da salada no lixo e foi embora do banco depressa, ainda balançando a cabeça. Jackie saiu do carro para segui-lo, mas parou quando viu Diane se aproximar de Troy na calçada. Claro que Diane estava ali. Quem mais poderia ser?

Observou Diane seguir Troy até eles virarem a esquina e sumirem. Ela largou o caderno e praguejou. Um homem de terno, sentado em uma cadeira dobrável perto de seu carro, anotando todas as suas ações, estremeceu.

— Relaxe, cara — disse ela, depois praguejou de novo, deliberadamente, mais alto que antes.

Havia um Troy que sabia o que estava acontecendo.

Havia um Troy cujas ações tinham, de alguma maneira, levado ao fim da rotina que sustentava a vida de Jackie.

Havia um Troy observando-a, e ela o observaria até ele cometer um erro, até alguma parte do mistério ser revelada, até ela entender.

No dia seguinte, quando Jackie chegou para vigiar o Troy que trabalhava no banco, ele não estava lá. Ela entrou e perguntou. A mulher do caixa parou de cantar “E assim o mundo acaba”, que lia em um livro encapado com um couro estranho, apenas por tempo suficiente para lhe dizer que ele tinha se demitido na noite anterior sem dar nenhuma explicação. Mas Jackie sabia o motivo. Outra pista perdida por causa de Diane.

Havia um Troy. Havia um monte deles. E um deles lhe daria as respostas que procurava.



A VOZ DE NIGHT VALE

CECIL: ... depois passei semanas sem sentir o gosto de nada. Ninguém dá um jantar como Earl Harlan.

Pessoal, estou muito animado com a próxima notícia. A equipe do grupo Cidadãos por uma Guerra Espacial Sangrenta organizou o primeiro mercado de pulgas de Night Vale. Nessa sexta-feira, no centro recreativo, artistas, artesãos, treinadores e criadores de antiguidades e sopros de ar frio indicando a provável presença de um fantasma trarão suas mercadorias para a cidade.

O Último Banco de Night Vale será o principal patrocinador do mercado de pulgas. Haverá estacionamento de graça e helicópteros monitorando todos os compradores do alto. O mercado de pulgas do Último Banco também terá comida de alguns dos melhores restaurantes da cidade, como a Pizzaria do Big Rico, Cacos de Vidro, Vergonha, Torniquete e Pinkberry. A entrada custa cinco dólares e apoia a instituição de caridade local Cidadãos por uma Guerra Espacial Sangrenta.

O Último Banco de Night Vale também vai oferecer contas bancárias grátis para aqueles que quiserem seguir as leis locais, recentemente alteradas para exigir que todo e qualquer cidadão tenha uma conta bancária no Último Banco de Night Vale. Você pode depositar o que quiser, desde que seja no Último Banco de Night Vale.

A Câmara Municipal gostaria de relembrar a todos os cidadãos para, por favor, usarem métodos adequados para organizar o lixo comum e reciclável. Por exemplo, a reciclagem deve ser dividida entre papel, plástico, penas, dentes e vidro, cada um em um saco de cor diferente. Além disso, a coleta do lixo comum acontece todas as terças e sextas pela manhã, ao passo que a reciclagem é coletada em intervalos não divulgados. Você saberá que a reciclagem foi levada porque os sacos de reciclagem terão sumido e haverá um grande X marrom-avermelhado na sua porta da frente. Ou talvez seja uma cruz. Não fica claro no folheto que me entregaram, que não tem palavras, só fotos em preto e branco de

sombras compridas em paredes de tijolos. Quer dizer, panfletos municipais são meio inúteis, mas pelo menos este é assustador.

E agora vamos ouvir as notícias do trânsito.

Um homem desempregado usando terno risca de giz cinza estava sentado no capô de seu belo carro, observando outros carros irem a algum lugar. Ele não ia a lugar algum. Agora sabia disso.

Todo esse tempo ele viveu para o futuro. O futuro era a terra firme na qual se equilibrava, e o presente, apenas uma leve neblina. Mas então ele entendeu que o futuro era uma piada sem graça e o que quer que possuísse no presente era o que sempre teria. Ele não tinha muito no presente. Ele tinha um carro muito bom.

O homem ligou para uma pessoa. Não importa quem. Era sua amante. Eles se chamavam assim. Era o nome que preferiam. Não importava para eles o que os outros pensavam da palavra.

“Onde você está?”, perguntou a amante. “Disseram que você não apareceu.”

“É”, disse ele.

“Você está bem? Está machucado? Quando vai voltar para casa?”

Estava machucado? Ele parou para pensar. Achava que não. Examinou o próprio corpo. Tirou o terno e o relógio prateado, colocou-os no chão e ficou ali com o telefone, nu, olhando para si mesmo. *Não, não estou machucado*, pensou. *Não fisicamente*.

Ele abriu a boca para responder, mas ao erguer o rosto viu algo no céu. Era um planeta enorme, sem a luz de sol algum. Um titã invisível, formado por densas florestas negras, montanhas pontiagudas e profundos oceanos turbulentos. Estava tão longe que não sabia ao certo se sequer o via, mas mesmo assim parecia mais real e presente para ele que os carros passando pela autoestrada lá embaixo.

Ele desligou sem responder, o que era, de certa forma, uma resposta. Olhou para cima. Não via mais o planeta. Vestiu o terno. Pegou o relógio. Estava coberto de terra. Entrou no carro e dirigiu.

Esse foi o trânsito.

E agora uma palavrinha dos nossos patrocinadores. Ou não agora, mas mais tarde. Muito mais tarde. Você não vai saber quando acontecer; ou será apenas uma das muitas palavras que encontrará naquele dia. Mas chegará carregada de significado e importância invisíveis e, aos poucos, se espalhará por sua vida, infectando cada momento leve com seu peso, sem ser notada. É impossível escapar de nossos patrocinadores. Vocês ouvirão a mensagem deles de um jeito ou de outro. E nunca saberão.

Quando o telefone tocou, Diane corou.

Naquela manhã, ela estava no trabalho, mas não estava trabalhando. Procurava informações sobre King City no computador. Parecia um lugar bastante normal. Uma autoestrada. Alguns restaurantes. Casas. Uma cidade cheia de pessoas que tinham sonhos, desejos, pesadelos, dúvidas paralisantes e sentiam coisas semelhantes ou exatamente iguais ao amor.

Diane tirava conclusões gerais com base na pequena quantidade de dados que era sua vida inteira. Estava absorta na pesquisa, com o rosto grudado ao monitor.

Quando o telefone tocou, ela fechou o navegador e abriu uma planilha por instinto. Seu rosto estava vermelho quando ela levou o telefone do escritório à orelha.

— Você pode vir à minha sala, Diane?

— Claro, Catharine.

— Está tudo bem? Você parece ofegante.

— Estou bem.

Diane se lembrou de soltar o ar.

A porta da sala de Catharine estava aberta, mas mesmo assim Diane bateu. Catharine se virou na mesa e traçou uma linha no ar com a palma da mão virada para cima.

“Sente-se, por favor”, dizia a mão.

Diane se sentou. A tarântula estava empoleirada no cabelo grosso e ondulado de Catharine. Ela não se movia muito. Alongava de leve a pata da frente de vez em quando. De tempos em tempos, Catharine coçava a cabeça com um abridor de cartas. A tarântula se

deslocava cerca de um centímetro para um lado ou para o outro para não ser atingida.

Catharine passou a manhã inteira sentindo o couro cabeludo coçar. Pensou nas características de diversos xampus, se estava usando a marca certa. Culpou o ar seco do deserto. Não culpou a tarântula empoleirada no seu cabelo porque não sabia que ela estava lá. Se tivesse alguma ideia de que havia uma tarântula no seu cabelo, Catharine poderia ter se comportado de forma surpreendente e arriscada.

A tarântula não fazia a mínima ideia de onde estava ou do que estava acontecendo. Ela sentia movimento de vez em quando e, por sua vez, movia-se com cautela, preparando-se para um possível predador ou presa. A tarântula conhecia o conceito de fome e gravidade.

— Diane, estou preocupada — disse Catharine. — Alguém entrou no meu escritório durante a noite. Não estou acusando você de bisbilhotar meu escritório durante a noite depois do expediente, mas o que você estava fazendo bisbilhotando meu escritório durante a noite depois do expediente?

Ela deu um tapa na mesa, e Diane se sobressaltou. A tarântula não teve qualquer reação visível.

Diane repreendia Josh com frequência por falta de confiança, e naquele momento violou a confiança da chefe da mesma forma. Seja honesta, disse a si mesma. *Seja honesta e aceite as consequências.*

— Talvez eu tenha dado uma olhada aqui, sim — respondeu.

— Talvez você tenha dado uma olhada aqui.

— Sim.

Catharine suspirou e uniu as mãos. A tarântula também juntou as patas da frente, mas foi apenas coincidência.

— E por que talvez você tenha dado uma olhada aqui, Diane?

Diane começou a falar de Evan McIntyre, mas Catharine a fez se calar com um gesto.

— Entrar no meu escritório sem permissão foi inapropriado. Nisso nós concordamos, não é?

Diane odiava aquilo. Detestava que falassem com ela como ela falava com Josh. Só que estava certa quando falava com Josh daquele jeito. E Catharine também tinha razão no que dizia. Mesmo assim, era horrível ouvir. Ela entendeu como Josh se sentia quando ela falava desse jeito com ele, fosse por boas razões ou não.

— Sim. Desculpe, Catharine.

— Não podemos permitir pessoas com comportamento inapropriado aqui. O escritório não é um lugar para comportamento inapropriado. É um lugar para comportamento apropriado, entende?

Ela estava certa, e Diane lhe disse isso.

— Diane, preciso que você saia do escritório. Não está despedida nem nada. Nunca despedimos ninguém aqui. Vamos chamar isso de uma “licença permanente não remunerada” enquanto eu consulto as agências relevantes.

Diane não conseguia se fazer acreditar no que estava acontecendo, embora entendesse perfeitamente a situação. Sua vida estava mudando, ali diante dela, de maneira muito casual, com apenas algumas poucas palavras envolvidas.

— Você sabe que existem agências relevantes, não é? — perguntou Catharine.

— Sim.

— Sempre existem agências relevantes.

— Desculpe. Eu me deixei levar.

— Pode ir agora.

Catharine coçou a cabeça outra vez. A tarântula voltou a se mover.

Diane se levantou, ainda olhando para baixo.

— Sinto muito, Catharine.

— Feche a porta ao sair.

Diane obedeceu. Pela fresta, ela viu Catharine coçar a cabeça vigorosamente com o abridor de cartas, os dentes cerrados e os

tendões e as veias do pescoço saltados. A tarântula, parecendo farta daquilo, pulou para a mesa às costas da mulher.

Diane arrumou suas coisas tentando chamar o mínimo de atenção possível. Queria dar a impressão de que estava apenas indo almoçar. E, de certa forma, era mesmo o que ia fazer. Só que nunca mais voltaria.

Apenas quando saiu do prédio a noção do que tinha acontecido se abateu sobre ela. Ela nem gostava daquele emprego, mas também não desgostava dele. Era grande parte de sua vida, e aquela parte havia chegado ao fim. Ela se sentiu à deriva, mas também sentiu fome. A fome não estava relacionada, mas se misturou a todos os outros sentimentos.

Após uma rápida parada no caixa eletrônico do Último Banco de Night Vale, Diane foi até o Bufê de Saladas Sapo Desaparecido. Ela não sabia se queria salada ou não, mas eles também serviam pratos com mais substância, como porções de alcaparras e leite com laranja. Ela só precisava esvaziar a mente, e, se isso significava comer algo um pouco mais pesado, tudo bem.

Demorou um tempo, mas ela percebeu que o homem que estava um pouco mais à frente na rua era Troy, de terno escuro. Ele usava uma bolsa carteiro e uma gravata vinho e prata, e olhava distraidamente o celular enquanto seguia em sua direção.

Diane ficou furiosa. Sua vida estava desmoronando, ela havia sido demitida de um emprego em que sempre fora quieta, responsável e respeitada e um abismo que nunca tinha existido entre ela e o filho havia se formado, e ali estava Troy, usando outro disfarce, andando pelas ruas da cidade como se pertencesse àquele lugar. Como se tivesse tanto direito de estar ali quanto ela.

Ela apertou o passo sem saber o que faria em seguida.

A poucos metros de distância, Troy ergueu o rosto. Não dava para saber se ele a vira ou não. Seu olhar logo se voltou para o relógio no pulso. Ele parou e, em um gesto fluido, como um passo de dança moderna, olhou do relógio para as placas da rua enquanto

dava meia-volta, um movimento completo que contava a história de um homem atrasado andando acidentalmente pela rua errada.

Ela o seguiu, pensando no que gostaria de fazer com ele, e também no que de fato faria.

— Troy! — gritou, pois não conseguia alcançá-lo. (Ele andava tão rápido assim? Ela já estava quase correndo.)

Um carro acelerou ali perto e o motorista cantou pneu, soltando um guincho alto, uma pequena nuvem de fumaça e fedor de borracha que abafaram seu grito.

Diane olhou para o carro, para as marcas escuras e para as pequenas nuvens de fumaça branca. A motorista era Jackie Fierro. Claro que Jackie estava rondando, sempre observando. Jackie praguejou e olhou para algo às costas de Diane, no fim da rua.

Quando ela voltou o olhar para onde Jackie olhava, Troy já se misturara à multidão do almoço.

Foi então que soube que só lhe restava uma opção. Ela precisava de informações e não podia mais usar os recursos do trabalho (a vergonha a fez estremecer outra vez).

Estava na hora de visitar a biblioteca. A biblioteca teria registros de Troy Walsh.

Diane já enfrentara os bibliotecários antes. Ela e o filho haviam feito várias investidas à Biblioteca Pública de Night Vale, assim como às menos traiçoeiras, mas ainda potencialmente letais, bibliotecas escolares de Josh.

Foi para casa de carro e juntou tudo de que precisaria para pegar um livro emprestado: corda reforçada, um arpéu, uma bússola, uma pistola sinalizadora, fósforos, uma lata de spray para cabelo, uma estaca de madeira afiada e, claro, o cartão da biblioteca. Ela não lembrava direito, mas fez uma oração silenciosa para não ter multas por atraso.

Vestiu uma roupa azul. (Todo mundo sabia que bibliotecários não enxergavam a cor azul. Devia ser apenas uma lenda urbana, mas

Diane estava disposta a tentar qualquer coisa para melhorar suas chances.)

Na cama, abriu quatro diagramas diferentes da biblioteca. Observou as inconsistências de cada um, tentando determinar que caminhos eram verdadeiros e quais levavam à morte certa. Todos indicavam que a seção de história europeia ficava no canto nordeste do segundo andar, mas Diane sabia que aquilo era mentira, pois só existia um livro de história europeia, e era um panfleto sobre o pequeno país de Svitz, perdido em um incêndio durante as festividades do Dia da Limpeza dos Livros no ano anterior. O folheto não deveria ter sido queimado, mas tinha a foto de uma girafa na capa (o mamífero alto nacional de Svitz), e os Limpadores de Livros a confundiram com um revólver. Uma girafa podia parecer várias coisas para alguém usando roupa de proteção e máscara de solda, então foi um erro compreensível.

Sem aquele livro, a seção de história europeia não existia mais. Ela jogou os mapas fora, pois obviamente eram falsificações grosseiras. Percebendo que não saberia o que fazer com a pilha de apetrechos e armas improvisados mesmo que fossem necessários, desfez-se deles também.

Ela teria que se guiar por memória e instinto. Mães de adolescentes se dão bem em bibliotecas. São sábias e atentas, resultado de anos de experiência, além de implacáveis e destemidas na busca de uma boa educação para os filhos.

Antes de entrar no carro, Diane foi até o quarto de Josh. Naquele dia ele era um abajur.

— Josh, eu amo você. Só queria que você soubesse.

— O quê? De onde isso veio?

Ele virou um vaso cheio de girassóis.

— De lugar nenhum. Só queria dizer que amo você.

— Também amo você — falou ele, as pétalas inclinadas para o lado em uma confusão desconfiada.

— Vai ficar tudo bem — acrescentou ela, sem fazer a mínima ideia se ia ficar tudo bem.

Jackie tirou os suprimentos do carro. O estacionamento da biblioteca estava vazio, como de costume.

A entrada da biblioteca pública era uma porta dupla de vidro comum na qual se lia: EMPURRE. Acima, uma placa de plástico azul dizia: BIBLIOTECA PÚBLICA DE NIGHT VALE. Só. A dramaticidade de sua reputação não se refletia na arquitetura.

Jackie respirou fundo uma vez, depois outra. Cada vez era um momento no qual ela continuava respirando e não estava na biblioteca.

O prédio era baixo e tinha janelas altas que davam para o balcão de atendimento vazio e para uma área ladrilhada com bebedouros e um banheiro. Tudo estava silencioso. Não havia sinais de que algo vivo habitava aquele lugar. Lembrava uma tumba ou um shopping que faliu antes que a primeira loja abrisse.

Ela empurrou a porta. Lá dentro o ar era frio e seco. Ela aguçou os ouvidos. Silêncio. A porta levava a um longo corredor que terminava em outra porta dupla de vidro. Depois do corredor havia várias salas de leitura, para ler, e salas comunitárias, para a comunhão, e salas de sangria, para outro tipo de comunhão. Também estavam vazias e quietas.

Jackie atravessou o saguão de entrada em silêncio. O único sinal de movimento era sua sombra atravessando feixes de raios de sol no chão.

Ela passou por um quadro de avisos que anunciava os eventos comunitários:

COMPETIÇÃO DA ABÓBORA. TRÊS OBJETOS.
VOCÊ SABE QUAL DELES É A ABÓBORA??

VENDA DE GARAGEM. TUDO É DE GRAÇA. QUASE NADA É PERIGOSO.
ALGUMAS COISAS SÃO. VOCÊ VAI ACABAR DESCOBRINDO QUAIS.

ESTOU ESCONDIDO EM ALGUM LUGAR. VOCÊ CONSEGUE ME ENCONTRAR?
NÃO, ALI NÃO. NÃO FAZ MAL.
LOGO, LOGO VOCÊ VAI ME ACHAR. PROMETO.

Coisas assim, com telefones impressos em pedacinhos de papel que podiam ser arrancados e informados às agências locais do governo ou à Polícia Secreta do Xerife. Todos os avisos pareciam ter ao menos dez anos. Estavam quebradiços, retorcidos e mal presos às tachinhas enferrujadas.

Nenhum movimento à frente. Nenhum movimento às suas costas.

Ela colocou a mão na maçaneta de uma das portas de vidro, mas parou quando ouviu passos atrás de si. Quem enfrentaria aquela tumba estéril? Além dela, é claro.

Jackie deu meia-volta e se viu a centímetros de Diane, que estava com os olhos fixos no celular.

— Ah! — gritou Jackie.

Diane ergueu o rosto, os olhos arregalados.

— Ah! — gritou Diane também.

Seus dedos estavam machucados, e o telefone tinha gotas de sangue. Ela devia ter tentado contatar um número proibido.

— Oi, Jackie.

— Você me seguiu até aqui?

— Claro que não.

— Então por que aparece em todos os lugares em que estou na mesma hora que eu?

Diane pensou. Era uma pergunta justa, embora o problema das perguntas justas seja que elas são feitas sobre um mundo injusto.

— Acho que estamos procurando o mesmo tipo de coisa sobre o mesmo tipo de pessoa — disse Diane. — E por isso estamos sempre cruzando o caminho uma da outra. Além disso, Night Vale não é uma cidade muito grande, não é?

— Não sei. Nunca tinha pensado nisso.

Ambas pensaram no assunto. Depois, como é mais seguro em Night Vale, pararam de pensar no assunto.

— Tudo bem. Bem, legal ver você — disse Jackie, com a mão na porta, bloqueando a entrada de Diane.

— Jackie, por menos que eu goste de conviver com você, e quero que saiba que embora esteja tentando ser a adulta aqui, porque eu sou a única adulta aqui, eu não gosto nem um pouco de conviver com você. Por menos que goste disso, a biblioteca é um lugar perigoso, nós duas sabemos. E como, ao que parece, ambas precisamos entrar aí, devíamos fazer a coisa certa e entrar juntas.

Ou algo do tipo. Jackie perdera o interesse ao ouvir “eu sou a única adulta”. Não, não o interesse; a paciência.

Jackie queria que Diane fosse para casa. Assim como Diane não precisava de outro filho, ela não precisava de outra mãe.

Diane sabia que a garota precisava de ajuda. Baixou o rosto, mantendo o contato visual e abrindo um sorriso leve, algo que normalmente funcionava quando Josh estava de mau humor ou distante.

Jackie virou a cabeça e olhou pelas portas de vidro o balcão de atendimento vazio. Uma falsa corda de veludo demarcava o local onde a fila ficaria se houvesse alguém vivo ali, e ao lado viam-se as prateleiras de livros perigosos. Jackie não sentia medo, mas tinha consciência de que o que estava fazendo não era saudável.

— Ok, tudo bem — disse Jackie.

— Ok, tudo bem, o quê?

— Ok. Você pode vir comigo.

— Então, só para esclarecer: estamos nesta juntas?

— É, cara. Que se dane. Vamos — disse Jackie sem olhar para trás.

Diane entrou primeiro enquanto Jackie segurava a porta. Ao lado ficava a fenda para devolução de livros ou de qualquer outra coisa que se quisesse devolver à biblioteca. Jackie, sendo quem era, ergueu a tampa de metal por um instante, só para olhar. A fenda era escura e úmida, e as duas ouviram o estalar intermitente de algo sendo esmagado lá dentro. Diane estremeceu e, segurando a mão de Jackie, fechou a tampa com delicadeza. Jackie afastou a mão da outra e continuou andando.

No balcão de atendimento havia impressoras e computadores que pareciam obsoletos fazia vinte anos ou mais. Nada que lembrasse as máquinas de última geração lançadas com regularidade nas lojas de eletrônicos da cidade e proibidas de imediato pela Câmara Municipal. Havia manchas de origem indeterminada por todo o balcão. Jackie tocou uma delas; ainda estava pegajosa.

As manchas criavam uma trilha irregular no balcão, subindo por um porta-lápis. Jackie ficou na ponta dos pés e olhou dentro dele. A princípio pareceu vazio, porém, quanto mais ela olhava para a pequena escuridão, mais distinguia um padrão, ou uma textura, no fundo. Não tinha certeza, mas parecia haver um pequeno amontoado de cabelo molhado no fundo do porta-lápis. Ela se afastou, apoiando outra vez o peso nos calcanhares.

— O que você veio fazer aqui? — perguntou Jackie.

— Olhar os registros públicos. E você?

— Os arquivos de jornal.

— Que bom. Não vamos precisar nos dividir.

— É. Parece que não.

Segundo o mapa mais confiável de Diane, os arquivos ficavam mais ou menos no meio da biblioteca.

— Bem, que bom que não precisamos ir até o fundo — disse ela.

Jackie não respondeu.

Elas seguiram em frente, passando pelas estantes do *Diário de Night Vale* perto das janelas. Devido aos custos cada vez mais altos de impressão e à demissão necessária de grande parte da equipe, havia muito tempo o *Diário* passara para um formato baseado em imaginação. As estantes estavam vazias, com exceção de um pequeno bilhete lembrando que, se você imaginasse a aparência hipotética de um jornal de Night Vale, precisaria enviar um cheque de 19,95 dólares ao *Diário* para pagar sua Assinatura Imaginária mensal.

A biblioteca tinha o formato de um *b* minúsculo atarracado; o corredor de entrada formava a haste. À frente ficava o início da curva inferior, onde estava a maior parte da biblioteca. Primeiro vinha a seção de referência, com livros grossos cheios de palavras perigosas e fichários repletos de informações secretas. As prateleiras da seção de referência adentravam as sombras das partes mais profundas da biblioteca, e as duas mulheres viraram imediatamente à esquerda para evitá-las.

Diane manteve os olhos à frente, seguindo a trajetória decidida de seus passos, mas Jackie não conseguiu resistir, parou e olhou. Nas sombras, ela teve a impressão de ver o eco de um movimento. Não exatamente movimento, mas a sugestão deixada no ar depois de encerrado o movimento. Ela correu atrás de Diane. Quando passaram pela seção de enciclopédias geológicas, Jackie viu dentes brancos espalhados pelo corredor. Fixou o olhar neles, torcendo para se tornarem algo menos terrível, de aparência menos humana, mas os dentes continuaram a ser dentes. Ela decidiu manter os olhos à frente, imitando Diane.

Depois da seção de referência ficava uma grande área central para leitura, que descia em inclinação leve até uma fonte. A fonte não tinha água. Devia ter quebrado anos antes e ninguém que tentara consertá-la havia sobrevivido. De vez em quando, soltava

um chiado semelhante a um rosnado, como se os canos estivessem tentando expulsar alguma coisa.

Ao redor da fonte ficavam mesas de carvalho com cadeiras estofadas nunca tocadas. Atravessar um espaço aberto como a área para leitura era garantia de atrair todos os bibliotecários do prédio, então nenhum leitor hipotético avançaria dez passos, muito menos iria até lá e puxaria uma cadeira para se sentar. A área para leitura era uma armadilha muito bem planejada pelos bibliotecários, mas era perfeita demais. Nem mesmo o bibliófilo mais idiota (e *qualquer um que escolhesse ter contato regular com livros não podia ser lá muito inteligente*, pensou Jackie) cairia nessa.

Diane e Jackie circularam a área para leitura, agachando-se atrás das mesas de acesso público à internet, equipadas com os mesmos computadores antigos do balcão de atendimento, nenhum dos quais parecia estar ligado na tomada. Elas se entreolharam, os rostos pálidos, mas concentrados. Sem falar ou respirar, com o maxilar contraído em uma expressão de urgência, elas chegaram à conclusão de que precisavam seguir em frente. Podiam buscar as respostas nos computadores antigos, mas seria perigoso demais ficarem paradas em um único lugar, tentando encontrá-las. Isso sem contar com o perigo habitual de qualquer computador ali desenvolver uma senciência espontânea e maliciosa, como a que destruíra o Departamento de Ciências da Computação da faculdade comunitária de Night Vale.

Depois dos computadores ficava a seção infantil. Os pufes eram novos, assim como as realistas estátuas infantis em rocha vulcânica. A seção não tinha absolutamente nenhum livro, mas exibia vinte ou trinta estátuas de crianças com rostos contorcidos de terror e dor. Era a única parte da biblioteca que deixava todos os cidadãos contentes. “Bem, pelo menos temos aquelas estátuas”, diziam. “A biblioteca pode ser uma ameaça à vida de todos os visitantes, mas tem uma ótima seção infantil. E pufes confortáveis. Pelo menos isso.”

“BRRGGHHHHH”, disse a fonte.

Diane parou um instante para olhar as estátuas. Uma delas se parecia muito com Josh quando era mais novo e às vezes virava pedra. Nos últimos tempos, era raro ele virar pedra. Será que tinha alguma foto dele feito de pedra? Não, ela achava que não. Deveria tirar mais fotos dele. Ou tentar se lembrar melhor dele. Ou se lembrar mais dele.

Isso se ela conseguisse deixar a biblioteca com vida.

— Por que paramos? — sussurrou Jackie.

Ela olhou a seção infantil em busca de movimentos ou sombras, mas o lugar parecia tão vazio quanto todo o resto.

Diane lançou a Jackie um olhar silencioso que dizia:

— Cale a boca.

— Então vamos — respondeu Jackie com o próprio olhar silencioso.

— Paciência. Tenha um pouco de paciência. Eu só estava vendo as novidades da seção infantil. Ouvi elogios. Além do mais, ainda agora estávamos enrolando na recepção — argumentou Diane apenas com os olhos.

— Aquilo foi diferente. Foi, sim, foi diferente. Só... Cara, siga em frente — retrucou Jackie sem palavras.

— Estou indo. Olhe, esta sou eu, seguindo em frente — disse Diane sem de fato dizer, seguindo em frente.

Jackie lhe lançou um olhar de raiva, mas Diane não o viu, então o olhar só teve efeito nela própria.

Estavam quase nos arquivos da cidade, mas para chegar lá teriam que sair de debaixo das mesas dos computadores e atravessar o espaço entre as seções infantil, de arquitetura e de ciência.

Diane esperou, absorvendo o aparente vazio da sala, preparando-se para o que poderia acontecer, mas Jackie saiu correndo em direção às estantes de microfilmes. Diane ofegou, sem conseguir segurar Jackie para protegê-la da própria bravata.

Jackie, cheia de afobação adolescente, só parou nos armários dos arquivos ao trombar neles com uma pancada surda e se virou, com os braços esticados, os olhos arregalados, pronta para enfrentar o que viesse. Nada. Diane prendeu a respiração. Ninguém.

— Viu? Ninguém — disse Jackie.

O sorriso dela beirava a arrogância, mas depois de todos os anos de convivência com o filho Diane desenvolvera certa paciência para esse tipo de atitude. Ela correu até lá agachada, saindo de debaixo da mesa, levantando-se apenas ao chegar ao armário. Elas se encostaram nos arquivos e olharam para o ponto de onde tinham vindo. A seção infantil, depois os computadores, a seção de referência, a curva em direção ao balcão de atendimento e à saída.

Se precisassem fugir, não sairiam dali vivas. Por isso, não deveriam de forma alguma ser encontradas.

— Tudo bem, o que está procurando? — sussurrou Jackie.

— Troy — respondeu Diane, também aos sussurros.

Jackie fez uma careta.

— É pelo bem do Josh — murmurou Diane.

— O quê? — perguntou Jackie no mesmo tom.

Diane não sabia se Jackie não entendera ou se estava expressando incredulidade; de um jeito ou de outro, ela descartou a pergunta com um gesto. Para encontrar informações sobre qualquer cidadão de Night Vale, bastava saber o nome e analisar os abrangentes e detalhados registros da vida da pessoa.

E ali estava. “Walsh, Troy”, logo depois de “Vulto Alado, Primeiro nome desconhecido” e “Vos, Natalie”. Ali estava a certidão de nascimento com tudo preenchido, menos o nome. O atestado de óbito, pós-datado com a hora exata. Uma pedra legal que alguém tinha encontrado e na qual escrevera “Troy” com um marcador preto. Amostras de sangue. Amostras de urina. Amostras de saliva. Amostras de caligrafia. Impressões digitais. Fotos tiradas enquanto

ele dormia. Um parágrafo poético descrevendo sua aura. Um vídeo dessa descrição, apresentado como dança interpretativa.

Diane balançou a cabeça. Nada incomum ou útil.

Jackie juntou toda paciência que tinha, colocou uma das mãos no ombro de Diane e apertou de leve, tentando transmitir todo o “Legal, mas não tem nada aí. Sinto muito por você ter vindo até aqui e perdido seu tempo. Vamos embora”.

Diane apontou o indicador para ela, mas mudou de ideia e o ergueu, fazendo o gesto defensivo se tornar uma súplica. “Só mais um segundo?”, pediu o dedo.

— Tanto faz.

Jackie cruzou os braços e voltou o olhar entediado para a sala vazia atrás delas.

Diane examinou o arquivo inteiro outra vez, folheando com rapidez, procurando o que quer que tivesse deixado passar, porque certamente deixara alguma coisa passar.

Uma luz fluorescente tremulou no teto alto pintado de cinza. Jackie estreitou os olhos. Ela não tinha visto nada. Não houve nada, tinha certeza.

BRRGGHHHHH. A fonte. Mas será que tinha ouvido outro som além do gemido da fonte?

Jackie se virou e tocou o ombro de Diane.

— Precisamos ir.

Diane olhou para a área de leitura. Nada parecia diferente da última vez em que olhara ou, pelo menos, quase nada.

— Por que não faz o que veio fazer aqui e me deixa terminar isto? Tenho certeza de que você vai ficar muito bem sozinha.

Ela havia adotado sua voz de mãe, e ambas perceberam. Jackie deu uma última olhada para onde viera o som — até onde sabia, aquela era a sala das revistas —, na extremidade oposta da biblioteca. Por causa do ângulo, ela não enxergava seu interior. Talvez tenha visto uma sombra projetando-se pela porta aberta, mas não queria vê-la, então seu cérebro a ignorou.

No corredor ao lado, Jackie encontrou os arquivos do *Diário*, da época em que o jornal tinha forma física. Começou a folhear os fichários de publicações antigas. Um sistema de microfilme fora considerado caro demais pelo governo da cidade, e de um jeito ou de outro teria sido arruinado pelos fluidos dos bibliotecários ou pelo sangue de suas vítimas.

— King City tem que aparecer em algum momento.

— Hum... — disse Diane.

Ela não estava ouvindo porque encontrara algo que tinha deixado passar. Presa ao verso do relatório de aura havia uma fotografia antiga. Ela não sabia quão antiga, porque estava colada com o lado da imagem para baixo. Levantou as extremidades, tentando desgrudá-la, mas a fotografia estava bem presa.

— Droga — disse Jackie, não em resposta a coisa alguma, mas só para ter algo para falar enquanto procurava, tediosamente, informações que talvez nem existissem.

Diane puxou a foto, que se desprende com um estalo. Ela a virou. Era uma foto da época em que as pessoas faziam poses rígidas durante os longos minutos que a imagem levava para se fixar em papel químico. Ela avaliou aquilo com o máximo de atenção e racionalidade que pôde antes de chegar à conclusão verbal:

— Ah, merda.

— Por que “ah, merda”?

A cabeça de Jackie surgiu por trás de um fichário.

Diane mostrou a foto, e Jackie a analisou com atenção, aproximando o rosto dos rostos planos encarando-a de um passado distante.

— Ah, merda — repetiu Jackie.

— Pois é.

— Bem, também tenho más notícias.

Jackie mostrou uma ficha pautada que dizia em bonitas letras maiúsculas:

TODO O MATERIAL SOBRE KING CITY FOI CATALOGADO COMO GEOGRAFIA,
PROIBIDO.

E, em seguida, outra frase que fora apagada com marcador preto, riscada com tanta força que a tinta havia manchado o verso da ficha.

Diane assentiu, sem se surpreender. Tudo parecera fácil demais até aquele momento, então ela esperava algo assim.

— A estante de materiais proibidos fica logo depois da seção de biografias, perto da seção de ficção.

A área indicada ficava à mesma distância da entrada, na direção oposta. Não haveria escapatória se fossem notadas. Ambas refletiram. Jackie se sentou no carpete de padrão institucional e se permitiu sentir alguns segundos de autopiedade. Depois se levantou, os olhos cheios de determinação.

— Ouça, Diane — disse ela em tom baixo, mas claro. — Fez sentido nós duas fazermos isto juntas porque ambas precisávamos de algo. Mas agora você pode ir embora. Você encontrou...

Ela voltou os olhos para a foto na mão de Diane e estremeceu.

— Enfim, você tem um filho que precisa de você. Precisa voltar para casa. Eu consigo fazer isto sozinha.

Diane pensou em Josh e quis concordar. O importante era sair da biblioteca e voltar para sua família, para sua mal-humorada e solitária família adolescente. E ficou furiosa com o que respondeu:

— Não. Entramos na biblioteca juntas e vamos sair juntas.

— Diane, não precisa...

— Jackie, se eu fosse embora e você morresse, eu iria me sentir mal. Provavelmente me sentiria mal pelo resto da vida. E não gosto de me sentir mal. Então vamos.

Jackie sorriu. Aquilo não significava muita coisa, mas significava algo. Diane também sorriu, querendo dizer mais ou menos o mesmo.

Ela olhou para o arquivo inútil de Troy e deu de ombros, decidindo levá-lo consigo. Não era nada de mais, mas já tinham chegado até ali. Enfiou-o debaixo do braço.

As duas partiram em direção à estante proibida, passando pela seção de biografias e pela aterrorizante seção de ficção.

Nada atrai mais um bibliotecário do que histórias de ficção. Até as crianças mais jovens de Night Vale sabem disso.

— Espero que haja algo sobre King City lá — falou Jackie.

“BRRGGHHHHH”, disse a fonte.

Dessa vez, sem dúvida outro som se sobrepôs a esse. Como uma risada, mas furiosa. Como um choro, mas agressivo. Como uma garra, um rabo ou uma asa batendo em estantes.

Diante e Jackie não ouviram, embora não houvesse nada que pudessem fazer se tivessem ouvido.



A VOZ DE NIGHT VALE

CECIL: ... ou, pelo menos, todos os sobreviventes. E é por isso que as equipes da polícia e dos paramédicos não são mais obrigados a procurar restos mortais em bibliotecas públicas.

Vários cidadãos preocupados confirmam que algo está muito errado com aqueles lindos flamingos de plásticos que todo mundo comprou na Casa das Pechinchas do Lenny. Quem chega perto demais deles ou, pior, os toca, desaparece. Alguns desses azarados reapareceram poucos instantes depois, curvados, com a pele enrugada e longos cabelos brancos, como se uma vida inteira tivesse passado.

“Ah, voltei! Voltei”, disseram todas essas pessoas. “Achei que nunca mais veria este lugar.”

Quando lhes perguntavam para onde tinham ido, muitos morriam de velhice na mesma hora.

Outros simplesmente não reapareceram.

Até mesmo os que têm a sorte de não desaparecer relatam estranhos efeitos colaterais.

“É, eu toquei em um”, disse Sheila, a mulher que está sempre na Madrugada Enluarada com uma prancheta, registrando as atividades das pessoas. “E o mundo ficou claro pela primeira vez na minha vida. Como se eu nunca tivesse visto nenhuma parte dele. Eu *nunca* tinha visto nenhuma parte dele, não entendia nada. E foi quando percebi que tinha voltado a ser um bebê. Vivi a vida inteira de novo, fazendo as mesmas escolhas, sobrevivendo às mesmas tragédias e às mesmas alegrias, cometendo os mesmos erros, incapaz de evitar, até voltar ao momento em que toquei o flamingo, quando virei um bebê de novo. Vivi essa repetição centenas de vezes. Minha vida, que antes parecia um movimento orgânico, transformou-se em um roteiro terrível que sou obrigada a cumprir, com um final eternamente postergado. Eu nunca vou morrer, mas nunca vou viver. Por favor, me ajudem.”

Então, chorando, ela tocou no flamingo novamente.

Também houve algumas reclamações de que o plástico dos flamingos é barato e se deforma com facilidade. Será que a Casa das Pechinchas do Lenny tem nos vendido pássaros decorativos de baixa qualidade e que possivelmente criam fendas temporais? Vamos investigar em algum momento do futuro, quando estivermos mais interessados do que agora. Até lá, continuaremos na ignorância, felizes como sempre.

E agora temos o prazer de apresentar três horas de propaganda sem intervalos comerciais.

Jackie e Diane passaram correndo pelas estantes de não ficção, cheias de livros informativos sobre todos os assuntos que, no momento, não eram proibidos pelo governo da cidade, pela Polícia Secreta do Xerife ou pelo Governo Mundial. As prateleiras estavam quase vazias. Elas tentavam andar fazendo o mínimo de ruído.

No caso de Jackie, isso só resultou nos habituais passos pesados com os calcanhares.

Com mais delicadeza. Priorize o silêncio à velocidade, pensou Diane, encarando as costas da adolescente, mas sem querer dizer aquilo em voz alta.

Mais rápido, caramba, pensou Jackie, enquanto Diane ficava para trás.

Depois da não ficção ficava a ficção científica. Ninguém sabe por que a ficção científica ficava separada do restante da não ficção. A tradição é algo poderoso. Aquelas prateleiras eram muito menos censuradas que a seção principal de não ficção, pois em geral a ficção científica falava de coisas cotidianas que todo mundo já conhecia.

Elas se esconderam atrás de uma longa fileira de romances, cuja maioria dos títulos estava ilegível sob marcas de dentes e garras. Diane ergueu o rosto e viu uma prateleira cheia de livros de Ursula K. Le Guin, sujos com quatro manchas finas amarronzadas. *Pobre bibliófilo*, pensou Diane, *levado à força bem quando encontrou a leitura perfeita*.

Jackie sentiu um cheiro. Era diferente do odor habitual de armários úmidos e água sanitária das bibliotecas. O cheiro era de café queimado durante uma crise de sinusite, uma ardência

estagnada no nariz. Ela se virou para Diane, cujos olhos estavam voltados para baixo. As bochechas dela estavam coradas, e as narinas, dilatadas.

— Você também sentiu.

Diane assentiu, levando o dedo aos lábios.

Um zumbido distante. Elas olharam em volta. Diane pegou a mão de Jackie. Jackie não percebeu. O zumbido distante talvez fosse um rosnado próximo.

— Continue andando — disse Jackie.

Diane não se mexeu. Jackie se ergueu, puxando-a pela mão. O barulho era distante e próximo ao mesmo tempo. Algo entre um rosnado e um zumbido.

— Ficar escondidas não vai afugentar o que quer que seja aquilo — argumentou Jackie.

Diane se apoiou na estante de ficção científica enquanto Jackie a guiava, pé ante pé e em silêncio, até a seção de biografias.

A seção era grande, ocupando quase toda a parede que levava aos fundos da biblioteca. O único livro ali era a biografia oficial de Helen Hunt. Havia um monte de exemplares. Era uma seção de biografia bem suprida. Se alguém precisasse saber sobre a vida de uma pessoa, por exemplo, a de Helen Hunt, aquela seção seria extremamente útil.

Alguns exemplares com a capa à mostra revelavam uma sorridente Helen Hunt. Os olhos de Helen encaravam o observador. O sorriso tinha um toque seco, uma raiva tensa. O cabelo estava preso para trás, revelando na testa as intrincadas tatuagens de trevo pelas quais Helen Hunt é conhecida. Entre os dentes da atriz, Diane viu o borrão cinzento na famosa escuridão da famosa goela. O cinza parecia se mover, tremular. Ia de um lado para outro. Jackie também viu. Um reflexo brilhante, como o olho de um gato em uma sala escura, reluzindo entre os dentes da premiada atriz. Jackie tapou a boca com uma das mãos e tentou não respirar. Diane se aproximou do ombro de Jackie. Helen não estava mais sorrindo. Elas deviam

ter se enganado. A atriz franzira a testa, zangada, ainda mostrando todos os dentes. Ou não, a mulher na capa dos livros sem dúvida estava se movendo.

Sua boca se abriu, e o borrão cinzento lá dentro ficou rápido e agitado. Diane deu um leve empurrão em Jackie, e as duas saíram correndo da seção de biografias antes que Helen tivesse a chance de fazer mais alguma coisa.

Elas se embrenharam na seção de ficção, cercadas por livros que não diziam nada além de mentiras. Ofegavam por causa da corrida, mas tentavam manter a respiração o mais silenciosa possível. Ainda assim, não tinham muito sucesso na tentativa.

De uma das prateleiras, um braço tentou alcançá-las. Parecia ser mais ou menos humano. Diane fez um som que não era bem um grito, mas era bastante similar. Jackie parou, virou-se e tapou a boca de Diane.

— Bibliotecário — disse Diane na palma da mão de Jackie.

O braço conectava-se a uma figura que vazava da parede, com a pele úmida, os olhos secos e um corpo que tremeluzia variações da forma humana.

Diane se grudou a Jackie, apavorada, desistindo de tudo por um momento. Jackie a sustentou, os olhos fixos na figura.

— Parece humano demais para ser um bibliotecário — sussurrou Jackie. — Acho que é só o espectro que assombra a seção de biografias. É inofensivo.

A parte final do braço do espectro, que não era exatamente a mão, se estendeu na direção delas. O corpo escorria pela parede como petróleo, preto e viscoso.

— Tem certeza? — perguntou Diane.

A figura se aproximou, pairando. O rosto era esburacado e gotejava, os olhos eram secos e cinzentos. Diane grudou em Jackie, incapaz de se conter.

— Ah, quer saber? — disse Jackie. — O espectro pega pessoas às vezes. Já levou uma porção. Devem estar todas mortas. É

melhor irmos.

Ela segurou o braço de Diane e a puxou pelo corredor em direção à criatura. Uma fenda se abriu sob os olhos do ser, formando uma boca distorcida, paralisada em um grito mortal. Diane tentou fazer Jackie correr, mas a jovem manteve o passo firme e lento. A criatura se aproximou, e Jackie a empurrou com força para o lado com uma cotovelada. Elas se projetaram para a frente, através e para além da criatura. Diane se virou para ver se o espectro as seguia. Ele tinha sumido.

— Não teve graça nenhuma — disse ela.

— Foi um pouco engraçado, sim. — Jackie observou o rosto de Diane. — Ah, qual é, cara. Saber não teria ajudado em nada. Na escola, tive que fazer tantos trabalhos sobre Helen Hunt que aprendi a lidar com o espectro. As intenções dele não são boas, claro, mas é lento e fraco demais para causar grandes problemas.

Diane lançou um olhar irritado a Jackie, mas também sentiu seu respeito renovado. Jackie era mais corajosa que ela, Diane percebeu, de forma repentina, tanto quanto já teve certeza de qualquer fato na vida. E embora, por ser mais velha, ela fosse mais responsável, Jackie possuía habilidades que Diane não tinha. Ela não sabia o que fazer com essa informação, mas tinha consciência dela.

As duas passaram pelos livros, pelo fantasma e chegaram a uma estante de metal bege, presa à parede, com algumas dezenas de livros e pastas. Havia uma escadinha disponível para os clientes mais baixos ou para aqueles que procurassem informações na última prateleira. Preso à estante havia um bilhete escrito à mão: Estante de Material Proibido.

— Segundo o índice, deve estar aqui.

— Deve ser aquilo — disse Diane, apontando.

Na prateleira, entre um livro de caligrafia para autodidatas (os grandes poderes temiam que servisse de porta de entrada para a posse de canetas) e um calendário de 1988 chamado “Montanhas

do nosso mundo”, havia uma caixa de sapatos com as palavras: KING CITY.

— Deve ser isso, sim, concordo.

Jackie a pegou.

— Legal, bem, foi divertido, mas vamos embora — disse ela.

As duas se viraram em direção à saída, mas não se moveram.

O zumbido distante voltara. Entre elas e a saída havia a seção de ficção, e na seção de ficção estava o barulho. Um gorgolejo, como se alguém com graves problemas pulmonares estivesse tentando respirar, e estalos como os de juntas movendo-se em corpos velhos. Um rosnado e um zumbido; o choro ameaçador e a risada raivosa. Todos os sons aconteciam ao mesmo tempo, vindos de uma enorme forma, uma sombra que se definia cada vez mais conforme entrava na luz. Tentáculos se estendiam e contraíam entre os livros. O cheiro de café queimado era insuportável.

— Aquilo é...? — perguntou Jackie, e um apêndice branco e viscoso envolveu seu pescoço.

Jackie não tinha ar para registrar a angústia que sentiu, então arregalou os olhos e se balançou de um lado para outro. O apêndice cintilava e, fosse qual fosse a substância pegajosa que o cobria, fazia sua pele arder. Ela começou a ficar pálida; sua mente parecia estar a quilômetros de distância. Via formas e cores, mas não sabia se ainda era o mundo ou se estavam apenas em sua cabeça.

Diane congelou. Nunca tinha lutado nem mesmo contra um ser humano. Nunca fora atacada. Ao imaginar hipoteticamente ser atacada, mesmo que só por um ser humano, achava que não seria capaz de se defender. Jackie era mais corajosa, mas se Diane não fizesse nada, ela ia morrer. Isso mesmo. Ia morrer, e Diane não estava fazendo nada, de tão apavorada que estava.

Jackie largou a caixa de King City e esticou os braços enquanto era puxada para as sombras. Tentou segurar qualquer coisa que pudesse desacelerar sua jornada para trás.

O bibliotecário soltou um uivo gorgolejante, e outros uivos soaram por toda a biblioteca. Logo surgiriam mais deles.

Diane olhou em volta desesperadamente, mas só o que a cercava eram livros. Livros inúteis. Ela baixou os olhos para o arquivo de Troy, aninhado nos braços. Ali. A pedra que tinha feito alguém se lembrar de Troy. Uma de suas extremidades tinha se desgastado até ficar pontiaguda e afiada.

Diane a pegou e apunhalou o apêndice viscoso que puxava Jackie. O apêndice se afrouxou.

Ela deu um passo à frente, contra todos os instintos, e enfiou o braço entre o tentáculo e o pescoço de Jackie. Ela puxou com toda a sua força, e Jackie se debateu freneticamente. Parecia que, mesmo que Diane puxasse, o espaço não era grande o bastante para Jackie escapar, mas o apêndice era tão escorregadio com sua substância tóxica (que queimava a pele através da jaqueta de Diane) que Jackie conseguiu soltar a cabeça.

Elas tropeçaram para trás. O pescoço e o rosto de Jackie estavam cobertos de manchas roxas, e o suor ensopava suas roupas. Mesmo assim, ela se lembrou de pegar a caixa de King City no chão. O apêndice do bibliotecário se retraiu, enrolando-se novamente no imenso corpo, depois voltou a avançar em direção a elas.

Ao se abaixarem e saírem correndo por um corredor paralelo, Diane viu, através dos espaços entre os livros, o bibliotecário sair das sombras. Ela viu, em detalhes e por inteiro, a aparência de um bibliotecário. Seu estômago se revirou.

Diane nunca esqueceria a visão, recorrente em sonhos e ataques de pânico, até o momento de sua morte, quando a esqueceria. No dia em que enfim morreu, uma das coisas que passou por sua mente foi: *Bem, pelo menos eu não preciso mais me lembrar daquilo.* Isso a deixou feliz, e ela morreu sorrindo.

Mas isso aconteceu muito mais tarde.

Jackie fazia de tudo para acompanhar Diane. Ela era mais jovem e rápida, mas o veneno percorria suas veias. Seus passos não tinham firmeza e a respiração chiava alto por entre os dentes cerrados.

As duas atravessaram correndo a seção de ficção e entraram na de biografias. O rosto de Helen Hunt desaparecera, substituído por uma boca escancarada, distendida do queixo à testa, de cujas profundezas o borrão cinza avançava para elas.

Então as estantes acabaram. À frente estava a ampla área para leitura. Uma armadilha mortal. No instante em que pisassem ali, todos os bibliotecários veriam as duas e tudo estaria acabado. Elas se viraram para olhar para trás, e aquele apêndice branco e pegajoso esgueirava-se em sua direção, deixando um rastro grosso e oleoso no carpete.

Elas se entreolharam. Jackie se apoiou no braço de Diane, já com um pouco de dificuldade para ficar de pé.

— Nós vamos conseguir — afirmou Jackie. — É só seguir em frente sem pensar nas consequências.

Diane assentiu, e as duas correram o mais irrefletidamente que conseguiram em direção à área para leitura. Ouviram urros vindos de todas as direções, e cada vez mais apêndices brancos saíam do chão e do meio das estantes. Formas bulbosas pairavam no teto. Todos os bibliotecários haviam aparecido para saudá-las.

O som de centenas de pernas finas. Um zumbido. Olhos vermelhos, ou pontos vermelhos, ou sangue esguichado no ar. Havia mandíbulas primárias, mandíbulas secundárias e mandíbulas terciárias residuais, e cada uma delas se voltava para as duas mulheres que corriam rumo à saída.

Elas não podiam correr em linha reta por causa da fonte quebrada, então a contornaram. Mesmo fraca, Jackie tinha encontrado uma energia impetuosa dentro de si e apertou o passo. Diane ofegava e diminuía a velocidade, amaldiçoando os anos de planos nunca concretizados de ir à academia. Jackie agarrou seus

ombros e a empurrou. Elas se tornaram um animal de quatro patas em fuga. Presas, ferrões e aqueles apêndices brancos e moles batiam nos ladrilhos da fonte bem atrás delas. O zumbido soava em toda parte.

À esquerda ficava a seção de referências. Jackie não olhou, mas ouviu o que quer que estivesse nas sombras avançar sobre elas. Então passaram pelo balcão de atendimento. A tampa da fenda para devolução estava se levantando, e uma língua semelhante a um tentáculo (ou um tentáculo semelhante a uma língua) escorria como lodo.

Ouviram uma voz retumbante e incoerente. Parecia que o prédio inteiro, as paredes, o piso e a própria estrutura de metal diziam-lhes que iam morrer.

Diane viu as portas de vidro da biblioteca se aproximarem, mas os apêndices sem ossos dos bibliotecários se enroscavam às maçanetas, bloqueando-as.

Elas não iam conseguir.

— Não vamos conseguir — disse Diane.

— Vamos, sim.

Jackie girou o ombro para a frente, jogando todo o seu peso nas portas de vidro e nos apêndices venenosos. Vidro quebrado e sangue tóxico de bibliotecário espalharam-se pelos ladrilhos do saguão de entrada. Jackie caiu em uma pilha de vidro e gosma cinza. Diane passou correndo pelo buraco que se formara e carregou Jackie. Ela era muito leve.

As duas correram para fora da biblioteca até o estacionamento vazio. O prédio atrás delas se expandiu e depois voltou ao normal com um chiado. As duas se viraram, mas nada as perseguia. As portas da frente não estavam quebradas, e não havia sinal de nenhuma criatura. Tudo voltou ao estado de silêncio e espera de sempre.

Jackie puxou o máximo de ar que pôde para os pulmões latejantes. As pernas tremiam, mas ela continuou de pé.

— Eu disse que íamos conseguir. Viu? — disse Jackie para o chão, com as costas curvadas. — Viu como eu estava certa?

— Você está bem? Está machucada?

— Um pouco, cara, mas estou bem.

Diane sorriu para Jackie. Após um instante, Jackie retribuiu o sorriso. Então as duas começaram a rir. Não conseguiam parar. Elas se apoiaram uma na outra e riram. Jackie ainda estava coberta de manchas roxas e suando em bicas, mas as duas riram disso também.

— Você estava certa — concordou Diane. — Você estava certa. Ah, meu Deus, estamos mesmo vivas, não é?

Jackie fez um gesto de desdém.

— Mais importante, nós temos respostas. — Jackie indicou a caixa que segurava e o arquivo na mão de Diane. — Quer dizer, eu realmente espero que a gente tenha respostas.

Diane assentiu e suspirou. O suspiro não era de desespero nem de alívio, só ar.

— Agora vamos voltar a lidar com essa confusão.

— Parece que sim — concordou Jackie.

Ela olhou para seu carro e Diane olhou para a calçada, e ambas quase foram embora.

— Ei — disse Diane. — Quer olhar essas coisas comigo? Só para ver se juntas descobrimos alguma coisa?

— Claro — respondeu Jackie, ainda olhando para o carro. — Acho que seria legal.

Diane colocou o braço nos ombros de Jackie para ajudá-la a ir até o carro, mas sua energia praticamente se esgotara no pânico de quase ter deixado Josh órfão, então Jackie também colocou um braço ao redor de Diane. Mancando, mas seguindo em frente, elas carregaram uma à outra para longe da biblioteca.

A caixa intitulada KING CITY tinha um livro e uma pequena pilha de recortes de jornal. O livro se chamava *Fatos divertidos sobre King City e seus arredores*. Fora escrito pelo famoso ator e historiador civil Harrison Ford. Era uma encadernação barata, e bastava passar os olhos pelas páginas para notar a falta de cuidado na revisão e no projeto gráfico.

Jackie folheou até algum ponto no meio.

Fato nº 1.061 sobre King City

Você sabia? King City é a única cidade da Califórnia que teve um prefeito desde o instante em que foi fundada. Nunca ficou um segundo sem prefeito. Sempre teve!

De novo.

Fato nº 702 sobre King City

A moda de tocar Dark Side of the Moon durante O mágico de Oz foi popularizada por George Taylor Morris, habitante de King City.

De novo.

Fato nº 986 sobre King City

Nós temos a maioria das laranjas.

— Que merda é essa? — perguntou ela, folheando mais rápido o livro imprestável. — Eu quase morri por isso?

Fato nº 3 sobre King City

Nenhum animal foi machucado.

Ela jogou o livro no chão do carro e pegou os recortes de jornal.

KING CITY RELATA SÉRIOS PROBLEMAS COM OS CONCEITOS DE EXISTÊNCIA E PERDA

23 DE JANEIRO DE 2003

POR LEANN HART
Repórter Sênior de Vida e Estilo

Uma cidade na região central da Califórnia sem conexões aparentes com a cidade de Night Vale ou com a vasta extensão de deserto onde moramos relata problemas com ideias como existência e perda. Eles dizem que a realidade não é mais a mesma e que a vida parece vazia por algum motivo, ou que sempre foi e eles só notaram agora.

Em um comunicado de imprensa enviado a nós por razões que não compreendemos, King City indicou que se sente fora de sintonia com cidades que ficam a poucos quilômetros de distância e que talvez todos os que conhecem sejam variações da mesma pessoa. “Todos são uma pessoa”, diz King City. “Há muitos dessa pessoa.”

Além disso, precisam eleger um prefeito. “Não temos prefeito há muito tempo. Está na hora de eleger um prefeito”, disseram eles.

O jornal local, o *Sussurro de King City*, tem publicado grandes fotos de um homem de paletó bege com uma pasta de couro de veado. Não tem publicado mais nada. Ninguém sabe quem ele é, e ninguém se lembra das fotos depois de vê-las.

A impressão dessas fotos coloridas e brilhantes parece cara. “É um desperdício”, pensaram todos, mas ninguém se manifestou.

Quando uma multidão de cidadãos enfurecidos carregando tochas o contatou para comentar o assunto, o editor do *Sussurro* se escondeu.

Quem está fora de King City diz que está ficando cada vez mais difícil encontrar a cidade, como se ela estivesse pouco a pouco sumindo do mapa. Estradas que levavam até

lá não vão mais. E quem tenta chegar à cidade simplesmente desaparece.

“Tenho certeza de que não desaparecíamos em King City”, disse Wanda Nieves, uma moradora que emitiu o próprio comunicado de imprensa, consistindo apenas dessa frase.

Nós, do *Diário de Night Vale*, estamos usando a quantia gigantesca de dinheiro que ganhamos no sempre lucrativo ramo jornalístico para investigar por que os cidadãos de King City nos mandam irritantes comunicados de imprensa falsos e também, se for possível, por que King City está saindo de nossa realidade sob a influência de um misterioso homem de paletó bege.

Como sempre, esta matéria contém relatórios adicionais de agentes de diversas agências governamentais sem nome, que acrescentam e subtraem palavras e frases das matérias para enviar mensagens codificadas a compatriotas que vivem sob disfarce em partes distantes do mundo.

Logo em seguida havia outra matéria com a mesma diagramação e a mesma foto, um autorretrato de Leann Hart do qual ela aparentemente tinha muito orgulho e que foi usado, durante grande parte dos anos de 2003 e 2004, como ilustração para a maioria de suas reportagens.

KING CITY ESTÁ ÓTIMA E NEM É TÃO INTERESSANTE ASSIM

23 DE JANEIRO DE 2003

POR LEANN HART
Repórter Sênior de Política

Uma cidade na região central da Califórnia sem conexões aparentes com a cidade de Night Vale ou com a vasta extensão de deserto onde moramos está ótima. Tem uma população de cerca de *[uma mancha marrom]* e uma taxa de desemprego de *[rabiscado com lápis]*.

O sol brilha lá, assim como aqui. Às vezes o sol não brilha, e as pessoas chamam isso de noite. Nesse sentido, e em todos os outros, é completamente normal.

Nós, do *Diário*, não sabemos muito bem por que estamos publicando esta reportagem, pois a existência de King City não é em si interessante. Verdade seja dita, e com frequência não deveria ser, a cidade em si não é interessante.

Bom prefeito.

Os cidadãos de King City, ao serem entrevistados por telefone, primeiro quiseram saber quem eu era.

“Ah, eu sou uma repórter”, respondi. “Só estou verificando se você tem algo a dizer.”

“Ok”, disseram os cidadãos. “Você quer saber algo específico?”

“Não, não, não. Eu nem sei do que se trata a reportagem. Talvez, se vocês começassem a falar, pudéssemos pensar em alguma coisa juntos.”

“A maioria das pessoas não me pede para falar sobre nada”, disseram os cidadãos. “Bem, acho que não estou feliz com meu emprego, mas também não estou infeliz, nunca esperei que meu emprego fosse satisfatório. É tão comum ouvirmos que o emprego não será satisfatório que a surpresa seria se de repente acabasse sendo. Não estou feliz, mas não me incomodo com isso.”

“Isso não foi nada interessante”, comentei.

“Sinto muito.”

“Eu também.”

Os cidadãos de King City podem ter dito mais alguma coisa. Mas eu desliguei, então não sei.

Não entendo muito bem a utilidade dessas informações para você, mas basta saber que King City, uma cidade no distrito de Monterey, a norte do México, sul de Oregon, sob o céu, sobre muita terra, e depois sobre outra parte do céu, está ótima. Nada há nada para relatar. O dia aqui na redação foi meio parado.

Como sempre, esta matéria contém relatórios adicionais de agentes de diversas agências governamentais sem nome que assassinaram um homem inocente só para que um de seus companheiros, fora de contato, mas com acesso ao jornal, pudesse ler o nome do homem assassinado e perceber que o nome dele é a mensagem em si.

* * *

Jackie ergueu as duas matérias. Eram idênticas em todos os sentidos, menos na realidade do relato.

— Isto não é nada encorajador — disse Diane.

— Cara.

Jackie queria dizer muito com aquilo, mas não encontrou outras palavras para se expressar.

— E isto não ajuda — acrescentou Diane, erguendo a foto do arquivo de Troy.

— Não. Só piora tudo. Não estou vendo seu carro. Quer uma carona?

— Sim, por favor. Eu vim andando. Precisava acelerar minha circulação antes de entrar na biblioteca. Mas acho que já basta por hoje.

— É. — Jackie viu que não havia mais nada a acrescentar, nenhum trocadilho, escárnio ou piada. Portanto se limitou a repetir: — É.

Diane analisou a foto enquanto Jackie ligava o carro. Toda vez que olhava para ela, sentia a cabeça latejar. Talvez tivesse mesmo enxaqueca.

— É possível desenvolver enxaqueca já com certa idade? — perguntou ela.

— Por que as pessoas não param de falar de enxaqueca?

— Você também?

Elas compartilharam um olhar confuso.

— Tudo bem. Dane-se. Não preciso de outro mistério idiota para solucionar — falou Jackie.

A foto que Diane segurava era antiga, amarelada, rachada e tinha as bordas retorcidas. Nela, havia um homem que sem dúvida era Troy. Não podia ser mais ninguém. Estava com uma menininha no colo. Os dois posavam no centro da cidade, mas em um lugar que já não existia havia uns cem anos.

Diane estudou a beleza e o sorriso suaves. Sem dúvida era Troy.

— Talvez devêssemos conversar com Leann Hart — sugeriu Jackie.

— É. — Diane poderia ter acrescentado algo, porém não tinha energia. Então se limitou a repetir: — É.

Ela achou que talvez fosse vomitar. Se não naquela hora, mais tarde. Em algum momento de sua vida, ela vomitaria. Era apenas uma questão de estatística.

Diane e Jackie leram em silêncio os recortes de jornal em exposição na parede, posicionados ao redor de uma grande machadinha desgastada. Era uma entre as muitas machadinhas que faziam parte do trabalho de Leann Hart. Era um negócio decadente, mas Leann o mantinha vivo.

Os recortes mostravam algumas das manchetes mais famosas do *Diário de Night Vale*:

Nuvem Brilhante ameaça fazendas:
animais mortos caem do céu

Câmara Municipal aprova cantarolar:
apenas em residências, máx. 50 decibéis

Está tudo bem. Superbem.
Siga em frente.

“Cachorros ferozes na verdade são apenas sacos plásticos”, diz prefeita

Cientistas anunciam: “Relaxem. O Sol não é real.”

VERMES!

Todos louvem a Nuvem Brilhante!

Night Vale está livre de trigo
Trigo e seus derivados se transformam em cobras mortais

Dia de limpeza das ruas: Salvem-se. Fugam! Fugam!

Como editora do *Diário de Night Vale* nas últimas três décadas, Leann presenciara a popularidade constante e o repentino declínio

do jornalismo impresso.

Muitas de suas ideias tinham uma boa relação custo-benefício (reduzir para quatro edições por semana). Algumas pareciam ideias boas, mas falhavam por razões inesperadas (substituir as edições nos jornaleiros por leite semidesnatado, que, ao que parece, estraga depressa sob o sol). E algumas eram extremamente bem-sucedidas (atacar blogueiros independentes com machadinhas).

A última era uma decisão controversa, pois atacar uma pessoa com uma machadinha (ou com qualquer outra coisa) é tecnicamente um crime. Mas Leann contornava a situação usando argumentos semióticos com a polícia sobre a diferença entre um ataque e um plano de negócios. “Eu tenho um diploma de MBA”, dizia ela com frequência aos oficiais de polícia. Poucos policiais têm MBA, por isso raramente discutiam com ela.

No escritório de Leann havia uma parede inteira de machadinhas, fixadas em diversos ângulos por parafusos em painéis de madeira. A maioria era nova e brilhante. No centro, havia cinco machadinhas antigas com cabos curvados de madeira cinzenta. As cabeças eram menores que as das outras. Eram resistentes e cegas, e cada uma trazia uma das cinco perguntas fundamentais do jornalismo (O quê? O quê! O quê?! O quê. Por quê?).

Em outra parede havia dois diplomas universitários escritos à mão em cirílico. Nenhum deles podia ser o MBA, pois, desde o começo dos anos 1960, todos os diplomas de MBA eram emitidos em microchips subcutâneos.

Após ler e reler tudo o que estava na parede, Jackie quebrou o silêncio.

- Deixe que eu falo, ok?
- Tudo bem — disse Diane.
- Quer dizer, pode falar se quiser.
- Não, sério, fale você.
- Você obviamente quer...
- Olá.

Esta última fala foi de Leann, que entrara na sala com uma machadinha. Sua voz soava distante, como se ela continuasse no outro cômodo embora estivesse sentada em um sofá sob a parede de machadinhas, fazendo um gesto para que as duas se sentassem diante dela nas cadeiras lisas e brancas. (Será que eram de marfim? Improvável, sobretudo porque o marfim fora proibido. Até mesmo elefantes vivos tinham as presas confiscadas pelos rígidos fiscais.) As cadeiras eram altas e duras com almofadas finas mas surpreendentemente confortáveis. Diane e Jackie fizeram de tudo para não se mover muito nelas. (Claramente não era marfim. Talvez algum tipo de osso? Os nós onde as pernas se encontravam quase pareciam articulações.)

— Então? — questionou Leann.

A voz dela parecia ainda mais distante, como se estivesse gritando do final de um longo corredor.

Diane olhou para Jackie, que olhava para Diane.

— Pode falar — disse Diane.

Jackie mostrou as duas matérias sobre King City.

— Oi, Leann. Eu sou Jackie, e esta é Diane C...

Leann agarrou as matérias na mesa e as segurou sob a luz.

— Onde conseguiram isto?

— Na biblioteca.

Leann arregalou os olhos e murmurou “biblioteca”. Não ficou claro se estava impressionada ou cética.

— King City, não é? — disse ela. — Cidade tranquila. Suburbana sem o glamour. Não tem muito o que falar sobre ela.

Ela colocou as matérias na mesinha de centro. Jackie abriu a boca, mas Diane foi mais rápida.

— Mas e esta outra matéria? Qual delas está dizendo a verdade?

Jackie fechou a boca e olhou para Diane.

— Um bom jornalista não precisa discutir a verdade — falou Leann, apontando para os diplomas. — Alguns detalhes são secretos ou extraoficiais.

— O que... — disse Jackie.

— O que chamou sua atenção nesse prefeito? — perguntou Diane. — Você não menciona o nome dele. Só diz “Bom prefeito”. Escreveu isso aqui como um parágrafo inteiro: “Bom prefeito.”

— Bem, eles têm um bom prefeito — respondeu Leann.

— Mas... — disse Jackie.

— Calma, Jackie — interrompeu Diane. — Leann, precisamos de qualquer informação que você tiver. É importante.

— E por que é tão importante? — indagou Leann, testando o fio da machadinha no dedo.

Uma gota de sangue escorreu do corte, e ela sorriu.

— Eu não sei quem sou e não entendo como a progressão do tempo se relaciona comigo — disse Jackie.

Leann assentiu.

— Todos nós já passamos por isso.

— Perdi o emprego — contou Diane. — Eu me distanciei do meu filho. Estou confusa. Sinto-me como o suspiro antes de um grito.

— Escutem, mocinhas. — “Mocinhas”, murmurou Diane, mas não interrompeu. — Uma boa reportagem não desperdiça palavras ou espaço. Não posso me dar ao luxo de desperdiçar o espaço da coluna descrevendo cada detalhe insignificante ou todas as informações pertinentes ou não sobre uma história.

— Mas e quanto a... — começou Jackie, mas Diane falou por cima dela.

— Vamos simplificar. Qual das duas matérias é verdadeira? Em qual podemos confiar?

Leann pensou.

— Não sei. Ou não me lembro. Ou um jornalista nunca revela seus segredos.

— São os mágicos — disse Jackie. — Os mágicos nunca revelam seus segredos.

— E jornalistas não são uma espécie de mágico? — retrucou Leann, erguendo uma sobrancelha.

O efeito foi muito irritante.

— Não — respondeu Jackie. — Definitivamente, não.

— Acho que o que Jackie está tentando dizer, Leann, é que...

— Estou tentando dizer o seguinte — interrompeu Jackie, pondo-se de pé.

Ela estendeu a mão até o ombro de Leann e pegou uma machadinha (a gravada com “O quê?!”). Ergueu a machadinha acima da cabeça e colocou a mão na mesa entre todas elas. Antes que uma das mulheres pudesse reagir, ela brandiu a machadinha e cortou ao meio o pedaço de papel em sua mão. Depois de novo, desta vez uma série de cortes leves e rápidos, como um chef retalhando verduras. Quando o papel estava picado, ela pegou os pedacinhos e jogou-os no ar, caindo no carpete grosso.

— Olhe — disse Jackie.

Ela mostrou o pedaço de papel intacto que dizia “KING CITY”.

— Eu preciso saber tudo o que você sabe a respeito desse lugar — disse ela, balançando o papel.

— Como você fez isso? — disse Leann.

— Um mágico nunca revela seus segredos.

Claro, Diane tinha notado o pedaço de papel na mão de Jackie, mas aquilo era atordoante. Ela percebeu que não tinha nada a perguntar, ou tinha muitas coisas a perguntar, mas não sabia como.

— Por que não me contou? — disse Diane, por fim.

— Tem um monte de gente na cidade com esses papéis — falou Jackie. — Diane, eu notei que você tinha um também, mas não sei o que fez com ele.

— O homem queria que eu entregasse o papel para meu filho. Mas não dei. Joguei fora. Ou não, eu... eu não lembro o que fiz com ele.

— Sortuda. — Jackie, voltando-se para Leann, continuou: — Eu fico com essa tira de papel na mão porque ela não sai. Então, Leann, qual dessas histórias é verdadeira? Você tem alguma ideia?

— Acho que ambas são — respondeu Leann. — Estou supondo porque não faço a menor ideia.

Ela estreitou os olhos para avaliar melhor Jackie. Muito impressionada dessa vez.

— Obviamente você esteve em King City — observou Jackie. — Escreveu duas matérias sobre o lugar. Pode nos colocar em contato com alguém de lá?

— Ah, não, nunca estive na cidade nem conversei com ninguém de lá. Sou repórter, não detetive.

Jackie parou diante da casa de Diane. Ela olhou para a própria mão, que amassava sem parar o papel e depois deixava que se reabrisse sem vincos. O percurso foi silencioso desde que contara a Diane toda a história do papel.

— Eu conheço o homem de paletó bege de quem você está falando — disse Diane, quebrando o silêncio. — O nome dele é Evan.

— Se você diz. Eu não me lembro do nome que ele me falou. Efran, talvez.

— Eu trabalhava com ele, acho. Mas estou começando a achar que o que pensamos talvez não necessariamente corresponda à verdade.

— John Peters. O fazendeiro. Ele me disse que você estava envolvida com o homem de paletó bege.

— O John disse isso?

— Bem, não, não diretamente. Mas sem dúvida insinuou.

Diane balançou a cabeça.

— Aquele homem. Sempre gosta de estar por dentro de todas as fofocas. Tanto que acho que ele inventa metade delas.

— Todos esses homens — comentou Jackie. — Cada um carrega um mistério que não é tão interessante quanto pensam. Não quero os mistérios deles. Quero uma vida estável.

Diane assentiu. Sentia a mesma exaustão que Jackie.

— Ou talvez queira envelhecer — acrescentou Jackie. — Talvez seja isso o que quero. Mas quero fazer isso porque estou pronta, não porque outra pessoa está pronta para mim.

Ela notou que passara a ver em Diane uma mulher que, sim, por acaso era mais velha que ela, mas, sim, também tinha as próprias preocupações, o próprio fardo de aflição na vida. Jackie suavizou o tom de voz.

— Quem estamos seguindo, Diane? Quem era o homem louro da lanchonete? E do banco, do cinema e sabe-se lá de onde mais?

— Ele também é policial — completou Diane.

O peso de uma coluna de moedas é impressionante, pensou a casa.

— Quem é ele?

— O pai do Josh. Deixou a cidade quando ele nasceu.

— Babaca.

Diane sorriu. Ela não falava da partida de Troy desde aquela época. Sempre lhe pareceu um erro seu. Um momento constrangedor. A reação de Jackie foi honesta e simples, e em apenas três sílabas jogou toda a culpa em Troy.

Depois de todas as discussões com Josh e dos estranhos acontecimentos no trabalho, era bom ter alguém que acreditava nela.

— Ele reapareceu há pouco tempo. Não sei por quê. Temo que queira voltar para a vida do Josh. E, claro, Josh está interessado em conhecer o pai, seja lá o que essa palavra signifique.

— Ah, deixe-o fazer o que quiser. Vai descobrir que o pai é um idiota. Tipo, o Troy era bonito. Você ficou grávida. Ele saiu da cidade. É um babaca. Josh pode entender tudo isso por conta própria. Ele não é tão mais novo que eu.

Verdade, não era. A escala limitada da vida humana surpreendia Diane. Havia tão pouco tempo entre idades imensamente diferentes. Ela tinha estabelecido que Jackie era diferente de Josh, assim como ela própria era diferente de Jackie, mas a quantidade de anos entre os três não era grande coisa.

— Nenhum de nós sabe o que quer fazer da vida quando se tem essa idade. Na sua idade, na minha idade — disse Diane. — Acho

que em qualquer idade, na verdade. Achamos que sabemos, e às vezes estamos certos, mas só em retrospecto.

O tom era algo entre recordação e sermão. Jackie suspirou, mas deixou-a falar. Ela sabia que mensagens eram para o emissor, não para o receptor.

— Troy e eu nos amávamos. Chamávamos de “amor incondicional”, e era mesmo. Quando surgiram condições, o amor acabou.

— Tudo o que aconteceu me fez pensar em um monte de coisas que faço de tudo para não pensar. Tipo, nunca amei ninguém — contou Jackie. — Não que eu me lembre. Eu conheço esta cidade, mas não sinto que estou na mesma escala de tempo que ela. Algo deu errado.

— O amor é difícil — declarou Diane, que não tinha ouvido o que Jackie dissera. — Queria que Josh pudesse amar o pai condicionalmente.

— O garoto é esperto. Ele vai saber o que fazer.

— Quantos anos você tem, Jackie? Se não se importar com a pergunta.

— Dezenove, eu acho.

— Você acha?

— Eu não me sinto com dezenove.

Jackie olhou pela janela, para as casas do outro lado da rua, que não estavam pensando nada.

— Uma mulher que se autointitula minha mãe me perguntou coisas sobre a minha infância, mas não me lembro de nada. As pessoas acham que sou jovem, mas se for verdade eu sou jovem há muito tempo. Não sei quantos anos eu tenho.

Falar disso fazia Jackie sentir que estava em algum lugar alto, olhando para baixo, ou como se olhasse direto para um ponto sem nuvens no céu azul.

— As pessoas olham para mim e me chamam de garota, ou dizem que sou jovem demais para ter uma loja de penhores. Elas se

perguntam como lido com um negócio difícil como esse, e eu não sei. É só o que faço. Sempre fiz. É a única coisa que sei fazer. Pelo que sei, faço isso há séculos.

— Bem, quando se tem dezenove anos, tudo parece eterno — afirmou Diane, olhando o painel e tocando de leve a saída do ar-condicionado. — Não sei. Já cogitou fazer vinte?

— Preciso ir — disse Jackie.

— Tudo bem.

— Este carro é meu.

— Certo.

Diane pegou suas coisas.

— Ah — completou. — Eu disse que ia deixá-la fazer as perguntas para Leann e depois não deixei. Não foi correto da minha parte.

— Acho que todos nós mandamos mal de vez em quando.

Diane e Jackie se encararam por um instante, e isso não mudou os sentimentos que tinham uma pela outra. Mas se encarar era tranquilizador.

Diane desviou os olhos e fechou a porta. Quando ergueu a mão para acenar e abriu a boca para dar tchau, o carro de Jackie foi embora.

Ela entrou em casa, largou suas coisas e ligou o rádio. A voz de Cecil a relaxava. Ele anunciava os eventos da semana. Havia uma nova exposição no Museu de Tecnologias Proibidas que parecia interessante. Infelizmente, Diane nunca tinha ido ao museu porque todas as exposições são confidenciais, e ninguém tem permissão de vê-las. É crime ir àquele museu.

Diane folheou a correspondência do dia enquanto Cecil continuava falando. Não importava o que ele dizia. O mundo é aterrorizante, como sempre. Mas Cecil fazia com que ela lembrasse que não há problema em relaxar em um mundo aterrorizante.

A correspondência era lixo: alguns catálogos de mobília, uma oferta de cartão de crédito, um rato morto e um panfleto de cupons

dando cinquenta por cento de desconto na lua. A velha sem rosto que morava em segredo na casa deles tinha censurado a oferta de cartão de crédito, usando carvão para borrar linhas e valores. Diane olhou os cupons, pensando que seria um ótimo negócio se alguém quisesse a lua. *É uma rocha medonha*, pensou Diane. *Eu não compraria nem de graça*.

A lua é um truque de luz sugerido pelos mares para nós, pensou a casa.

No rádio, Diane ouviu a palavra “Chuckwalla”. Era sua rua. Ela parou de pensar na lua e na correspondência e foi até a sala, fixando os olhos no rádio. Como seus ouvidos não podiam se abrir, ela arregalou os olhos para escutar melhor a voz de Cecil. Ouviu o que ele tinha a dizer, passando de leve inquietação a inquietação moderada a pânico total.

Não havia muitos Mazda cupês azuis com duas listras vermelhas. Pouco antes, Diane estava dentro de um.

Havia muitos Ford hatch vinho. Diane tinha um deles.

Tudo o que temia estava acontecendo ao mesmo tempo. Ela só temia uma coisa.

— Não! — gritou.

Gritou aquilo sem parar porque não sabia o que fazer para mudar as coisas e ao menos gritar fazia com que se sentisse melhor. Ninguém a ouvia além da casa e da velha sem rosto que morava ali em segredo.

Diane abriu a porta que dava para a garagem. Ligou a luz. O Ford hatch vinho desaparecera.

— Droga, Josh.

Diane correu até o quarto do filho. Ela bateu. Bateu outra vez. Abriu a porta. Ele não estava ali.

Ela temeu pela segurança de Jackie. Ficou furiosa com a desobediência de Josh.

Josh não atendia o celular. Nem Jackie. As ligações iam direto para a caixa postal.

Diane mandou mensagens de texto para ambos. Sem resposta. Ela saiu correndo porta afora, pela rua Chuckwalla, passando por várias transversais, em direção ao acidente.

O telhado é a cabeça, o cabelo ou o chapéu da casa?, pensou a casa.

— Isto é só o começo — sussurrou a velha sem rosto de trás da máquina de lavar de Diane.



A VOZ DE NIGHT VALE

CECIL: ... acidente na esquina da avenida Lampasas e a rua Chuckwalla. Todas as vias na direção oeste estão fechadas. Paramédicos estão no local.

Embora só haja um carro danificado no local da batida, um Mazda cupê azul, que subiu no canteiro e bateu em um poste, testemunhas descreveram um segundo carro, um Ford hatch vinho, que tirou o Mazda da rua e foi embora em alta velocidade. A motorista do Mazda, uma mulher com cerca de vinte anos, foi levada para o hospital.

Não há relatos de outros danos.

A Polícia Secreta do Xerife suspeita que o caso seja uma batida seguida de fuga e está pedindo que qualquer um com informações entre em contato com eles. Também estão usando esse tempo para aprender um pouco mais sobre a arte em giz tridimensional.

Vários policiais desenharam uma orca saltando uma onda no mar agitado. A coisa toda tem mais de três metros de largura. É extraordinário, porque não só parece realista, mas também dá a impressão de que a baleia está saltando da rua. Muito impressionante terem desenhado isso nos últimos quinze minutos enquanto investigavam um grave acidente.

Uau.

E agora um recado dos nossos patrocinadores.

Tem tido dificuldades para dormir? Está sempre acordado? Pássaros moram em você? Está coberto de insetos? Sua pele é irregular e dura? Você tem folhas que ondulam na brisa?

Parece que você é uma árvore. Você está perfeitamente saudável. Além disso, não precisa dormir. Você é uma árvore, uma árvore muito, muito inteligente. Está ouvindo o rádio? Algum humano está ajudando você? Que plano você tem para nossa frágil espécie? Por favor, árvore, eu imploro: poupe-me. Por favor, árvore. Poupe-me.

Essa mensagem foi apresentada pela Old Navy. Old Navy: O que vai acontecer com minha família?

Jackie acordou confusa como sempre. Dormir é confuso. Sonhos são desconcertantes. O conceito de fazer a transição entre a percepção de uma realidade e a outra é considerado um tipo de loucura tolerável.

Até aí, normal.

Mas os bipes e os vários tubos transparentes cheios de fluidos eram estranhos. A cama em que estava não era a sua. Ela tentou se mover e sentiu alguém puxar seu braço. As unhas eram afiadas, perfurando sua pele. Ela olhou para a agulha intravenosa em seu braço, sem entender o que estava acontecendo.

Uma enfermeira entrou.

— Vejam quem acordou — disse a mulher em tom alegre.

Todas as câmeras do quarto se viraram obedientemente para olhar. Havia várias câmeras no quarto. Nesse sentido, era como qualquer outro quarto em Night Vale.

— Que droga é essa?

— Você sofreu um pequeno acidente — contou a enfermeira. — Eu não me preocuparia com isso. Mas, enfim, não aconteceu comigo. Talvez você devesse se preocupar. Tenha um ótimo dia! — cantarolou, e saiu chispando porta afora.

Ela era o tipo de pessoa que cantarolava e chispava.

O quarto do hospital era pequeno. Tinha apenas uma pia, um armário de suprimentos e uma janela com vista para uma mina de carvão abandonada. O hospital fora construído perto da mina para a conveniência da empresa de mineração e dos muitos mineiros feridos. Não era uma mina segura. Felizmente, tinha sido fechada anos antes, devido aos muitos protestos, e convertida em uma

prisão para a Polícia Secreta do Xerife manter os cidadãos que não votavam corretamente em eleições municipais, deixando seu passado sórdido para trás.

Entre a porta e a janela ficava a cama de Jackie, e na cama, ela. No teto havia várias câmeras e um alto-falante. Seu braço esquerdo estava engessado. Como ela tinha ido parar ali?

O alto-falante chiou. Uma voz autoritária de gênero indefinido disse: “Pergunte a sua médica se ela tem um plano para o futuro. Pergunte qual é. Critique-o.”

— Olá? — disse Jackie.

Havia uma médica a seu lado. A médica devia ter entrado pela porta e se aproximado da cama. Só que Jackie não a vira fazer isso.

A médica esfregou as mãos.

— Bem, o que temos aqui?

A médica lavava as mãos, embora Jackie não se lembrasse de vê-la andar até a pia. Então estava de volta e com o rosto bem próximo do dela. Não havia transições, a mulher simplesmente estava em um lugar e depois aparecia em outro.

— Você sofreu um terrível acidente. Está sentindo muita dor?

— Não sei. Acho que não.

— Nós lhe demos muitos analgésicos. Os analgésicos evitam que você sinta dor. Mas a dor existe. Você terá que acreditar em mim. Mas posso lhe contar um segredo?

Jackie não tinha muita certeza.

— Acho que sim.

— O segredo é que você não precisa acreditar em mim. Você não tem nenhuma razão para confiar em mim.

A médica piscou e sumiu de novo. Ou saiu pela porta. Provavelmente era o que tinha feito, só que Jackie não a vira sair.

O alto-falante ganhou vida outra vez.

“Faça uma pergunta a sua médica que só ela saberia a resposta. Pergunte a sua médica se você vai poder tocar piano depois. Depois

de tudo. Depois que tudo isto tiver terminado e não restar nada. Você vai conseguir tocar piano? Pergunte a sua médica.”

— Desculpe — disse a médica, ao lado da cama de Jackie novamente. — Não sabemos como desligar isso.

Ela fez um gesto vago para o quarto como um todo, incluindo Jackie.

— Você terá problemas por algum tempo — continuou ela. — Vai ser difícil. Talvez note alguma dificuldade para andar e viver, em geral. Você deve olhar para o céu e gritar como ele é vazio pelo menos duas vezes ao dia.

— Eu me envolvi em que tipo de acidente? — indagou Jackie.

A médica sorriu.

— Do tipo acidental — sussurrou ela.

E sumiu de novo.

— Havia um pedaço de papel na minha mão. Onde ele está? — perguntou Jackie para o quarto vazio. — Não consigo senti-lo. Não consigo senti-lo no gesso.

A enfermeira entrou apressada. Ela era o tipo de pessoa que se apressa.

— Você encontrou um pedaço de papel na minha mão?

— Não se preocupe nem por um segundo — cantarolou ela. — Antes de engessarmos, eu guardei aquele papel a salvo nesta caixa aqui.

Jackie usou toda a energia que tinha para se sentar. O rosto estava quente. A enfermeira tateou o interior da caixa, franzindo a testa. Então a virou de cabeça para baixo. E sorriu para Jackie.

— Parece que ele sumiu. Desculpe, querida. Você está com uma cara triste. Era importante?

Jackie sentiu o rosto empalidecer. Ela não sentia o papel na sua mão, mas sabia.

A enfermeira deu de ombros e escapuliu pela porta (ela também era o tipo de pessoa que escapulia).

Jackie moveu os dedos no gesso. Eles doeram muito. Bem feito para eles por ficarem dormentes e lhe darem a esperança de que o papel enfim tinha desaparecido.

Várias máquinas emitiram bipes. Nenhuma delas parecia estar ligada a Jackie. O alto-falante emitiu um gorgolejo: “Faça a sua médica uma pergunta direta que tenha uma resposta clara. Tente fazer sua médica se comprometer com alguma coisa pelo menos uma vez na vida. Faça a sua médica uma pergunta retórica e espalme as mãos em desespero. Coloque-a em uma posição na qual ela sinta que não pode ajudá-la, mesmo que possa.”

Jackie estava sozinha.

A médica estava parada a seu lado.

— Você vai ficar bem. Eu acho — disse a médica. — Mas não conheço você. Talvez cometa um monte de erros e acabe terrivelmente infeliz. Mas os ferimentos vão sarar em algum momento. Essa é a boa notícia. Também trouxe más notícias.

Jackie estava sozinha de novo.

A voz do alto-falante saiu como um sussurro: “Pergunte por que a sua médica. Diga assim: ‘Por quê?’ Veja se descobre para nós, está bem? Veja se consegue descobrir por quê.”

As máquinas apitaram. Jackie fechou os olhos e voltou à normalidade relativa dos sonhos.

Diane estava ao lado de Jackie. Primeiro ela fora ao local do acidente, mas não havia muito para ver lá. Só algumas marcas de pneus e uma elaborada obra de arte 3D em giz. Então pegou um táxi e passou por alguns dos lugares preferidos de Josh (a locadora de filmes, o Complexo Recreativo de Boliche e Fliperama Flor do Deserto, os Ermos Arenosos nos arredores da cidade), mas ele não estava em nenhum deles. Devia estar (isso se não estivesse ferido também, mas ela não tolerava pensar nisso) em um dos muitos empregos do pai, fazendo exatamente o que Diane não queria que fizesse. Haveria consequências quando Josh voltasse para casa naquela noite. Haveria um prestar de contas.

Enquanto isso, precisava saber como Jackie estava. Fora Josh, não ela, que causara o acidente, mas mesmo assim Diane se sentia pessoalmente culpada, como se tivesse sido ela ao volante.

Jackie havia quebrado a ponta da faca de plástico que a enfermeira lhe entregara com o jantar e estava usando a borda pontiaguda para cortar o gesso do braço.

Ela não vira Diane entrar, mas tinha se acostumado a isso. A maioria dos efeitos não tem causa visível. Você acorda e há um rosto amistoso acima de você, ou uma parte sua que nunca vira e nunca mais verá lhe foi tirada, ou uma parte sua que você nunca teve e agora tem. É assim que os hospitais funcionam.

Para Diane, tudo em Jackie parecia dolorido. A pele se descolava do crânio, o cabelo estava lambido. Até os dentes pareciam soltos. O pescoço e o rosto continuavam cobertos de manchas roxas causadas pelo veneno do bibliotecário. O pouco de força que restava a Jackie era usado para cortar o gesso recém-colocado.

Diane usou gesso quando tinha doze anos. Ela caíra de uma árvore e quebrara a perna. É um ferimento comum em crianças, pois árvores não gostam de humanos jovens e são conhecidas por pegá-los e jogá-los longe se chegarem perto demais. Ela fora atacada por uma figueira no escritório da mãe. Figueiras não são árvores altas, mas são parrudas, bem mais fortes do que parecem. Diane conseguira se libertar, mas ao fazer isso tropeçara na escada e rolara até o andar de baixo, caindo no alçapão secreto daquele andar, que se abria revelando a pilha de pedras pontiagudas do porão. Desde então, assim como a maioria das pessoas, ela tinha medo de plantas.

— Coça demais, eu sei — disse ela.

— Não estou tentando coçar. Estou vendo se o papel ainda está lá.

Jackie havia feito um buraco de bom tamanho no gesso.

— Mas também coça, obrigada.

“Pergunte a sua médica se ela é policial. Ela é obrigada por lei a revelar essa informação se você perguntar”, disse o alto-falante.

A enfermeira entrou de repente no quarto.

— Ah, parece que o gesso não se firmou direito — cantarolou enquanto Jackie nem disfarçava o que fazia, usando todo o movimento do braço para rasgar o gesso. — Vamos ter que refazer, não é?

Jackie encostou o olho inchado e fundo no buraco no gesso. Não viu nada. Serrou a borda desgastada do buraco com a impotente ponta da faca.

— Acho que estou quase lá.

“Pergunte a sua médica se ela é você. Pergunte a sua médica se todo mundo está em sua mente. Peça a sua médica dicas para viver em sonhos lúcidos”, disse o alto-falante.

— Refazer o gesso — disse a enfermeira com uma voz ressoante como um sino de igreja, batendo o braço com força na mão livre de Jackie. — Refazer o gesso.

As pupilas da enfermeira se verticalizaram, e Jackie soltou a faca, relaxando a mão.

— Eu preferiria a dor à fadiga — falou.

Sua cabeça caiu para trás e os braços se abriram em um gesto flácido.

— Basta relaxar — falou a enfermeira, embora não estivesse mais no quarto.

— Você não parece bem — comentou Diane.

— Não estou me sentindo bem.

— Por quanto tempo vai ter que ficar aqui?

— Não sei. Provavelmente até amanhã de manhã. Talvez hoje à noite. Nem sabia que este lugar ainda estava aberto. Você sabia?

Diane não sabia, mas estava distraída demais por sua preocupação com Jackie e sua frustração com Josh para se importar.

— O que aconteceu?

— Eu estava dirigindo pela Chuckwalla, saindo da sua casa. Cheguei à Lampasas. Aí, de repente, estava deitada nesta cama.

— Não viu o carro que bateu em você?

Vendo o estado de Jackie, Diane começou a se preocupar mais com Josh. E por que ele não tinha parado depois do acidente?

— Não.

— Desculpe pelo que aconteceu mais cedo. Acho que a aborreci. Não consigo falar com gente mais nova. Falhei muito com Josh.

— O problema é o seguinte, cara. Você me vê como um número, e eu não sou. Não sou só isso. Ou, ah, sei lá. Nossa, tudo dói.

— Jackie, quero ajudá-la a encontrar o homem de King City. Você é direta e impetuosa, e eu não. Preciso disso. Preciso que você me ajude a entender o que o Troy, o Evan e todo o resto querem com Josh. Preciso proteger meu filho.

— Estou cansada, Diane.

Jackie queria bocejar, mas o maxilar não se abria o suficiente.

— Ele é meu filho, Jackie. Você precisa... Desculpe. Eu posso voltar depois.

— Não, em geral. Cansada. Arrasada.

Ela ergueu o gesso, recém-refeito, embora a enfermeira não tivesse voltado para o quarto.

— Quando eu tirar isso, vou estar segurando um papel que diz “KING CITY”, e vou continuar segurando-o por séculos, sem envelhecer, sem amadurecer, ainda em Night Vale, como sempre estive. Nunca vou recuperar minha vida. Nunca vou ter vida. Vou ser a Jackie Fierro de dezenove anos, sem propósito, com uma tira de papel na mão, para sempre.

Seu corpo inteiro tremia de dor e frustração. Diane ficou em silêncio. A enfermeira entrou, andando de um lado para outro no pé da cama. Após alguns minutos, Jackie adormeceu, por causa dos medicamentos e da energia gasta no discurso.

A televisão se ligou sozinha para falar dos problemas climáticos locais. Os âncoras do noticiário debatiam sobre o clima de que gostavam mais. Um disse “sol quente”, enquanto a outra disse “sol frio”. Ambos riram, e o chão tremeu um pouco.

— Como ela está, Diane? — sussurrou um dos âncoras para Diane.

— Ela está passando por um momento difícil, mas vai ficar bem, acho.

— Que bom ouvir isso.

— É mesmo, Tim — disse a outra âncora. — Como você está, Diane? Como está Josh?

Uma foto de Josh apareceu no canto esquerdo superior da tela. Na foto, ele era uma cafeteira francesa.

— É seu filho? — perguntou Jackie, por fim.

Ela acordara outra vez, mas estava muito sonolenta.

— É.

Diane estava preocupada. Não, não preocupada, com medo. Não, não com medo, aterrorizada.

— É sua cara.

Dizer isso pareceu exigir um grande esforço de Jackie. Ela voltou a fechar os olhos.

— Ele está bem — disse Diane a Trinh. — Ele está bem — repetiu, como se para tornar a afirmação mais verdadeira que antes.

— Soubemos que ele estava em busca do pai biológico — informou Tim.

— Sim, exatamente, sim — concordou Trinh.

— Josh e eu temos conversado sobre isso — contou Diane. — Não quero que ele procure o pai. Mas o importante é...

Da TV veio uma barulheira de orquestra, interrompendo-a. Um gráfico animado apareceu na tela sob a foto de Josh. O gráfico dizia DETETIVE ADOLESCENTE. As letras eram vermelhas e amarelas com contorno prateado, e um grotesco arpejo digital martelava a cada letra que aparecia.

Diane esfregou a testa.

— Isso está aparecendo para todo mundo?

— Mais notícias esta noite sobre o adolescente local Josh Crayton, o detetive amador em busca do pai biológico — anunciou Tim.

— Estamos recebendo relatos de que o investigador júnior está desaparecido — disse Trinh.

Para dar ênfase, a palavra DESAPARECIDO surgiu sobre a foto de Josh.

— O quê?

Diane se levantou.

— Não, ele só está dirigindo por aí à procura do pai. Só faz algumas horas — argumentou ela.

— Sobre esse furo jornalístico, vamos agora falar com Ben, que está ao vivo no Hospital Geral de Night Vale — disse Tim.

— Sim, obrigado, Tim — falou outra voz. — Estou ao vivo do lado de fora da UTI do HGNV.

Diane ouvia a voz de Ben tanto ao vivo, do lado de fora da porta, quanto após alguns segundos, na televisão. Sentiu que havia um buraco no lugar de seu coração.

— Vocês estão...

Ela se virou. A enfermeira sumira. Jackie estava dormindo.

Diane chorou. Desde que se tenha algum controle sobre a situação, aconselhava seu pai (ainda que não ajudasse em nada), não é preciso chorar, só agir. Aquela declaração fazia sentido até as lágrimas descerem.

— Jackie — disse Diane com a voz falhando. — Está ouvindo?

Bateram na porta.

— Podemos entrar, Diane? — perguntou a voz atrás da porta.

— O que está acontecendo? — disse Jackie, ainda de olhos fechados.

— Podemos entrar, Diane? — repetiu a mesma voz da televisão.

— O noticiário da TV. Eles estão dizendo que Josh sumiu.

Jackie abriu os olhos e forçou o corpo a se erguer. O rosto ficou pálido de esforço e dor.

Diane continuava chorando e não cobriu o rosto. Deixou as lágrimas caírem abertamente. Ela pensou em todos os minutos, cada minuto, um por um, em que deixou Josh sozinho enquanto perseguia fantasmas inúteis pela cidade. Se estivesse em casa, ele não teria sumido.

O Ben da tela da televisão batia na porta de um quarto de hospital.

Jackie colocou as pernas para fora da cama com um esforço lento e cuidadoso.

— Ele é um adolescente. Deve ter fugido por um tempinho. Ligue para ele. Pegue um táxi. Vá para casa. Ligue para ele.

— Ele não teria fugido. Só pegou o carro sem me dizer. Só isso.

— Às vezes adolescentes fogem. Você pode ficar aqui sentada vendo a TV falar disso ou pode fazer alguma coisa.

As lágrimas de Diane pararam. Seus olhos secos e vermelhos encararam os olhos cansados e machucados de Jackie. Ela recolocou Jackie na cama com cuidado, ajudando-a a se deitar, e a cobriu. Colocou a mão na testa de Jackie e acariciou sua têmpora. Jackie deixou seus olhos se fecharem outra vez.

— Tem razão — disse Diane, tentando não demonstrar pânico. — Tudo bem. Tudo bem. Tudo bem.

Jackie fechou os olhos e voltou a dormir de imediato.

Diane abriu a porta e saiu correndo pelo corredor vazio até o elevador. Atrás dela, na TV, Ben estava em um corredor idêntico, batendo freneticamente em uma porta idêntica.

— Sra. Crayton, uma palavrinha sobre seu filho desaparecido — disse o repórter da tela ao microfone, esmurrando a porta. — Sra. Crayton, está aí dentro?

Diane esperou as portas do elevador deslizarem até fechar diante de um corredor vazio e silencioso.



A VOZ DE NIGHT VALE

CECIL: "... o hospital que, claro, fechou há anos e não está sendo dirigido por profissionais reconhecidos da área médica, ou sequer por alguém que está, ou já esteve, vivo. Não vá lá. Não vá", concluiu o comunicado de imprensa da seção de delicatessen do Ralphs. Bem, eu, por exemplo, mal posso esperar para comer um sanduíche lá.

E agora o trânsito.

Há um homem de terno risca de giz cinza coberto de terra. Suas mãos estão mais sujas que o resto, mas é uma sujeira diferente. Estão cobertas de listras cor de ferrugem. Os últimos dias não estão claros para ele.

Houve um tempo em que sua vida parecia um corredor que levava a uma porta. Agora é um jardim cheio de pedras.

Como ele sujou as mãos? Não se lembra. Mas a questão o fez acelerar seu belo carro, mesmo sem saber por quê.

Estava em um deserto. Não parava de olhar pelo espelho retrovisor, que só mostrava por onde ele já tinha passado. Ele também não sabia por que estava fazendo isso.

Ao olhar para o céu, ele via, agora muito mais próximo, um planeta enorme, sem a luz de sol algum. Ou não via mais. Estava lá e não estava ao mesmo tempo. Era uma proporção entre o literal e o metafórico. Ele acelerou. Quão rápido um bom carro pode andar? Por quanto tempo mais ele podia continuar acelerando até chegar à velocidade máxima?

Parecia haver uma cidade à frente. Sem dúvida havia uma cidade à frente. Era uma cidade bem definida e, na velocidade em que o carro estava, não ficaria à frente por muito tempo. Olhou o espelho retrovisor outra vez. Só uma paisagem que sua passagem deixara intocada. Só uma estrada seguindo para trás. Nada que ele já não soubesse. Ele já não sabia nada.

Este foi o trânsito.

Uma atualização a respeito do problema dos flamingos. Os flamingos são muito perigosos e, ao que parece, tiram quem os toca de sincronia com a realidade. Acha que vai ser divertido ficar fora de sincronia com a realidade? Não vai. Você está errada, pessoa que acabei de imaginar discordando de mim.

A velha Josie disse que, com a ajuda dos amigos não angélicos chamados Erika que moram com ela, está tentando localizar todos os flamingos espalhados pela cidade. Ela penhorou alguns na loja de penhores há pouco tempo, mas não encontrou a dona, Jackie Fierro. Como as portas da loja de penhores são removidas dos batentes e enterradas sempre que a loja está fechada, Josie e seus amigos nada-celestiais entraram com facilidade e recuperaram os flamingos mesmo sem a presença de Jackie.

Enquanto isso, a Câmara Municipal anunciou que os flamingos parecem mesmo ser um problema sério e que deve investigar isso algum dia.

“É, com certeza”, disseram eles em um monótono uníssono, saindo das sombras dos aposentos da Câmara com olhos, bocas e corpos ardentes. Basicamente não passam de chamas gigantescas. “Vamos cuidar disso AGORA. Haha, claro. É muito importante para nós e estamos levando super a sério. É que, hum, detestamos falar nisso, mas hoje é o dia em que um sacrifício humano é feito em nossa honra. E, embora o problema dos flamingos pareça terrível, seria muito pior interromper algo tão importante como o sacrifício à Câmara Municipal. Então, é...”, concluíram em uma única voz monótona.

Vamos atualizá-los com mais notícias sobre o problema dos flamingos assim que tivermos mais informações e sentirmos vontade de falar sobre isso em voz alta.

Sheila, a mulher que registra em sua prancheta todas as pessoas que entram na Madrugada Enluarada, veio ao estúdio. Está sentada do lado de fora da minha cabine sem olhar para nada em especial, desenhando com indiferença na prancheta. Eu perguntei por que ela veio aqui.

“Eu só precisava de algo diferente”, disse ela. “Uma única coisa diferente vai quebrar esse ciclo. Não posso passar pela minha vida de novo. Eu nem lembro como uma vida é. Só me lembro de uma série de eventos programados. Mas não me lembro de já ter vindo a esta estação. Acho que, talvez, se ficar aqui sentada em silêncio por tempo o bastante, sem fazer o que deveria estar fazendo, finalmente ficarei livre.”

Eu disse que não me incomodo que ela fique sentada ali. Estou aqui para servir a comunidade. Foi o que eu disse.

Nossa, ela deve estar mesmo abalada. Aqui estou eu, falando sobre ela por um minuto inteiro, e Sheila não ergueu o rosto uma vez sequer. Sheila? Sheila? Desculpem, ouvintes. Preciso ir lá ver se ela está bem. Deixo vocês com o som amplificado e eletronicamente distorcido de um estômago humano digerindo.

Diane estava no quarto vazio de Josh, discando outra vez. Todas as ligações caíam direto na caixa postal. Ela verificou as mensagens de texto, lendo e relendo a última dele (“Ótimo. Vou chegar mais tarde hoje.”).

Ela ligou para a Polícia Secreta do Xerife. Ligou para os amigos de Josh. Ligou outra vez para Josh. Ligou de novo para a loja de quadrinhos e para a locadora de filmes. Ligou outra vez para Josh. E outra.

Ele tinha que estar com o telefone. Era ilegal não carregar o tempo todo algum tipo de aparelho através do qual o Governo Mundial pudesse rastrear sua localização. A maioria das pessoas optava por um celular porque o aparelho também fazia coisas úteis como realizar ligações e atrair pássaros. Alguns atrasados ainda preferiam as velhas coleiras de rastreamento, por mais volumosas e impossíveis de retirar que fossem.

Ela folheou os papéis na mesa de Josh e os que estavam enfiados nos livros. Encontrou todo tipo de desenhos, rabiscos e folhas de exercícios. Abriu as gavetas dele, encontrando utensílios de escrita ilícitos (ela não se importou. Ele era um adolescente. O que podia fazer? Impedir um garoto de escrever só porque é ilegal?), algumas baratas com logos corporativos e parte de um baralho de tarô. Ela confiscou o baralho de tarô, fazendo uma nota mental para lhe dar um sermão sobre aquilo quando ele estivesse em segurança em casa (logo ele estaria em segurança em casa, ela tinha certeza), mas também o guardou para o próprio uso mais tarde.

Não tinha notícias do filho, e ninguém mais com quem ela falara sabia onde Josh estava. Todos ofereceram as mais sinceras condolências. Ela sentia a preocupação com Josh como um gosto real na boca. O sabor era de frutas cítricas podres.

Diane tentou mandar outra mensagem de texto. Quando apertou o botão de enviar, sentiu a familiar dor lancinante no polegar. Apertou outra vez. Sentiu de novo. A tela do telefone ficou turva com as manchas de sangue. Josh não estava disponível ou, pior ainda, era proibido ligar para ele por decreto civil.

Ela soltou um grito agudo de raiva e fechou a gaveta da escrivaninha com um chute. O pôster emoldurado de Lee Marvin em *Dívida de sangue*, que ficava acima da escrivaninha de Josh, balançou.

Ela se sentou na beirada da cama, pousou a cabeça nas mãos e soltou um soluço que inchou o rosto e fez seus olhos arderem. Ela escorregou pela lateral da cama até estar sentada no chão. Voltou sua atenção para a respiração e exalou o ar em direção ao céu. O ventilador de teto soprou seu hálito de volta.

De onde estava, dava para ver embaixo da escrivaninha. Havia uma claridade esvoaçante, como uma mariposa branca.

— Josh? — perguntou, esperançosa, tola.

Ele nunca fora uma mariposa, mas gostava de experimentar formas novas.

Diane enfiou a mão sob a escrivaninha e sentiu algo leve, fino, pequeno. Não era uma mariposa. Papel?

Papel. Mesmo antes de pegá-lo e segurá-lo diante do rosto, ela sabia o que dizia.

“KING CITY.” Várias e várias vezes, como se a pessoa que escrevera aquilo fosse incapaz de escrever outras palavras.

Não era o mesmo papel que o homem de paletó bege lhe dera. Era mais fino e barato. A letra também era diferente. Mais trêmula; as curvas do G e do C eram bulbosas e tortas, feitas com uma

caneta fina. As palavras no papel que Evan lhe pedira para entregar a Josh estavam escritas com um lápis mal apontado.

Ela reabriu a gaveta da escrivaninha. Passou a mão pelos utensílios ilegais de escrita e encontrou uma caneta com a cor e o calibre da escrita que tinha na mão.

Como ele sabia sobre King City? Diane tirou a bolsa do ombro e a jogou na parede. Esmurrou a escrivaninha. Praguejou. Bateu os pés. Nada adiantou.

Olhou para a bolsa, caída perto da porta. Lembrou-se do papel que Evan lhe dera. Ia jogá-lo fora na Madrugada Enluarada, mas o recolocara na bolsa depois de ver Troy. Ela revirou a bolsa. E, assim como a chave do carro, o papel sumira.

— Não — repetiu Diane, sem parar, no chão do quarto vazio de Josh.

“KING CITY”, repetia o papel, sem parar, na mão de Jackie e provavelmente também na mão de Josh.

Diane pegou o telefone e tentou ligar para ele mais uma vez. Sentiu o telefone queimar sua orelha. Sentiu cheiro de cabelo queimado. Deixou tocar muitas vezes, até a dor se tornar excruciante, até o cabelo pegar fogo, até ela não conseguir fisicamente segurar o telefone junto à orelha nem mais um instante, então deixou tocar mais um pouco.

Jackie se recostou e colocou os pés no balcão. Era a primeira vez que voltava à loja de penhores em dias.

Quando saiu do hospital, não sabia para onde ir. Não gostava de ficar na loja, mas era sua casa, e ela só queria ir para casa.

Em quase todos os sentidos, as coisas continuavam iguais. Mas seu corpo inteiro doía, e ela sabia que o papel estava dentro do gesso como os ninhos de centopeia escondidos que às vezes aparecem da noite para o dia na cama das pessoas.

A habitual posição, recostada no balcão, estava acabando com suas costas, então ela se levantou do banco e ficou de pé. Nunca tinha feito isso. Olhou pela vitrine através da qual, não fazia tanto tempo assim, tinha observado um homem de paletó bege correr para longe.

Havia círculos de luz, rentes ao chão, no deserto, um prédio alto e vozes. Enquanto ela observava, mais prédios apareceram, uma floresta de arranha-céus, seu brilho desaparecendo ao se aproximar da areia. Círculos de luz. E vozes. Uma multidão de vozes.

Era King City. Jackie agora sabia. De alguma maneira, de toda aquela distância, a cidade chamava por ela. Jackie cuspiu nas luzes, mas só atingiu a vitrine.

Olhou a saliva escorrer pelo vidro e sentiu, pela primeira vez em sua curta e longa vida, um desespero absoluto. A investigação que fizera com Diane não tinha livrado Jackie do pedaço de papel, permitido que escrevesse qualquer palavra além de “KING CITY” ou acabado com as visões no deserto. Sua vida não era mais a mesma nem nunca mais seria. Por um breve instante, ao conviver com

Diane de igual para igual, ela desejou envelhecer, mas aquela sensação passou.

O corpo doía. Primeiro o veneno do bibliotecário, depois o acidente e o que quer que tivessem feito com ela no hospital. Seu corpo não parecia mais jovem. Toda a energia lhe fora roubada. Ela se sentia velha apesar da aparência jovem, mas não era nenhum dos dois. O sino da porta tocou.

— Estamos fechados — avisou Jackie. — Desculpe. Eu sei que aí diz que estamos abertos. Mas não estamos.

Sem resposta.

Ela ergueu o rosto e viu uma mulher de terninho. A mulher olhou para Jackie, mas não pareceu vê-la. Ela segurava uma caixinha de papelão em uma das mãos e uma grande enxada de madeira na outra. A cunha da enxada tinha uma mancha marrom-avermelhada com alguns tufo peludos e disformes.

— Como já falei — disse Jackie — estamos fechados.

A mulher colocou os itens no balcão e começou a lavar as mãos, cantarolando para si mesma.

— Ei, desculpe, cara. Não posso aceitar essas coisas. Não posso mais fazer isso.

A visitante terminou de lavar as mãos. Ela tremia, e seu cabelo cobria o rosto. Ela não olhava para a caixa nem para Jackie.

— Pegue suas coisas e vá embora, caramba.

A mulher não foi. Ficou ali parada como se estivesse esperando ser dispensada. Jackie suspirou. As costas doíam muito e a mão coçava loucamente sob o gesso. Ela nunca se sentira tão distante de si mesma.

— Tudo bem. Não posso lhe dar um recibo, porque só diria “King City” várias vezes, e não vou lhe pagar nada, você não vai morrer por nenhum período de tempo e não vou colocar isto à venda. Basta assinar aqui e pode ir. Está bem?

A mulher assinou o nome *Catharine* no recibo e largou a caneta.

— Agora acabou? — perguntou ela, baixinho.

Jackie assentiu. Catharine estremeceu e saiu, ereta e sorridente, uma mulher diferente da que havia entrado na loja.

Jackie pegou a enxada e, com o braço saudável, apoiou-a sem jeito à lixeira ao lado. Abriu a caixa. Dentro dela estava o corpo destroçado de uma tarântula. Ela fora acertada várias vezes com a enxada até ficar em pedacinhos, um quebra-cabeça impossível de resolver. Jackie olhou pela porta e observou os faróis do carro de Catharine sumindo à distância pela autoestrada. Jackie jogou a caixa no lixo com um calafrio.

As luzes e as vozes no deserto tinham desaparecido. Ela ficou sentada sozinha na loja de penhores escura, sem olhar para nada em particular, sem pensar em absolutamente nada. Em algum lugar, Catharine se sentia melhor. Em lugar algum, a tarântula não sentia nada.

Diane comprou uma passagem de ônibus para King City. Simples assim.

O ônibus saía às sete da manhã. Ela levou uma mala pequena e um pouco de dinheiro vivo. Entrou no ônibus, que era como todos os ônibus (cinza, com uma estrutura longa e retangular, duas janelas frontais planas, sete rodas e diversas fendas estreitas nas laterais, para que os passageiros tivessem uma visão bem obstruída do mundo exterior).

O ônibus saiu da rodoviária e pegou a autoestrada. Diane tentou mandar mensagens e ligar para Josh outra vez. Fazer isso era doloroso, emocional e fisicamente, mas mesmo assim ela insistia. Queria que Jackie estivesse ali. Seria mais fácil ter outra pessoa ao lado, alguém tão firme, destemido e jovem quanto ela, mas Jackie estava trilhando a própria jornada dolorosa, e Diane teria que se virar sozinha.

O homem sentado do outro lado do corredor adormeceu assim que a viagem começou. Ele usava macacão e chapéu de madeira. Só tinha um braço, no qual apoiava a cabeça. No tríceps, tinha uma tatuagem de uma alface cheia de formigas. Do meio das folhas largas saíam duas pernas humanas nuas, e abaixo delas uma faixa dizia CORAZÓN.

Ela o ouviu respirar. A inalação era longa e nasalada, um fio de respiração esticado até o limite adentrando o nariz. A expiração começava com um ruído abafado, como o som da porta de um freezer se abrindo, e espiralava até se transformar em um chiado.

Diane fechou os olhos. Tentou sincronizar sua respiração com a do homem. Colocou um dos braços atrás da cabeça e se

concentrou na própria respiração.

No dia anterior, decidira ligar para a Polícia Secreta do Xerife e registrar o desaparecimento do carro e do filho. Quando pediram uma descrição do carro, ela descrevera cores e formas. Aquilo batia com a imagem que a polícia tinha de um Ford hatch vinho desaparecido. Quando pediram uma descrição de Josh, ela chorara. Aquilo batia com a imagem que a polícia tinha de um adolescente desaparecido.

A Polícia Secreta, que aparecera à porta alguns segundos depois de ela dizer “Polícia Secreta” ao microfone porcamemente escondido acima da geladeira, prometera que ia procurá-lo.

“Estamos procurando por ele agora”, disseram, imóveis.

Um helicóptero sobrevoava a casa, mas sem qualquer relação com o caso. Quase sempre havia helicópteros sobrevoando a casa.

Helicópteros asseguram nossa liberdade, pensara a casa.

HELICÓPTEROS ASSEGURAM NOSSA LIBERDADE, diziam os outdoors por toda a cidade.

“Helicópteros asseguram nossa liberdade”, dissera a Polícia Secreta do Xerife a Diane na cozinha, e também durante todas as blitzes de rotina, em eventos comunitários e através de alto-falantes presos em viaturas que percorriam bairros tranquilos em manhãs de domingo.

Ela mostrara à polícia o papel coberto com as palavras “KING CITY”.

Um dos policiais tinha segurado o papel próximo ao rosto e o mostrara a um colega, que o cheirara e o deixara cair no chão, onde outro policial passara rastejando depressa com um saco plástico transparente e grossas luvas de borracha. O oficial rastejante tinha recolhido o papel com a mão enluvada, colocado no saco, depois o selara e escrevera “NÃO!” com marcador preto. O policial se afastara rastejando, deixando o saco para trás.

Não parecia que a ajudariam em nada. No dia seguinte, ela havia acordado cedo e pegara um táxi até a rodoviária.

Quando o ônibus partiu, ela tentou dormir, mas não conseguiu. Tentou ficar quieta, mas em certo momento sentia uma coceirinha e era obrigada a começar de novo. O ônibus manteve uma trajetória lateral, que parecia plana e reta. Toda vez que ela estreitava os olhos para olhar através da fenda, via a mesmice do deserto.

A bateria do celular estava quase acabando, embora ela o tivesse carregado antes de sair de casa. De um jeito ou de outro, não havia sinal para fazer ou receber ligações. Ela queria ter levado um livro aprovado pelo município, como *Vacation*, de Deb Olin Unferth ou a *Obra completa de teatro e poesia de Kurt Russell*.

O homem do outro lado do corredor não se moveu em momento algum. Sua respiração se manteve constante, um metrônomo movido a ar.

O ônibus estava em movimento contínuo fazia horas, e ela não tinha conseguido dormir, ler ou usar o celular. Não havia complexidade visual na paisagem que passava, nem textura visceral na viagem. Ela se sentia grata pelo homem com a tatuagem de alface. Amava aquele cara. Sua estética e sua aura eram perfeitas. Ela o amava como se ama uma antiga ponte, um suéter de lã ou o som de uma tulipa crescendo.

Enquanto o encarava, o ônibus desacelerou e virou à direita. Enfim, King City. Ela tinha apenas o esboço de um plano. Quando chegasse, tentaria o departamento da Polícia Secreta, onde quer que estivesse escondido. Talvez houvesse um locutor de rádio — alguma versão de Cecil Palmer para King City, na Califórnia. Ela podia entrar em contato com essa pessoa e pedir que transmitisse um chamado para Josh, como quando Cecil generosamente anunciava pelo rádio a localização e as informações pessoais de cidadãos de Night Vale sem que ninguém pedisse.

O ônibus parou em um sinal de trânsito. Eles estavam claramente nos limites da cidade. Havia um depósito de carros usados. O ônibus entrou em uma curva, e a fenda de visão lhe mostrou uma casa velha que se parecia muito com a de Josie. Diane se inclinou

para o corredor e olhou a silhueta familiar de uma cidade pela frente do ônibus: a biblioteca, o centro recreativo, o Pinkberry, o distante Obelisco de Arenito.

Ela foi até a frente do ônibus e se debruçou sobre a linha branca, tomando o cuidado de não atravessá-la.

— Estamos em Night Vale? — perguntou Diane.

— Sim — respondeu a motorista.

Seu crachá dizia MAB.

— Mas este é o ônibus de King City.

— Verdade.

Os óculos escuros de Mab escondiam quaisquer sentimentos que ela pudesse ter quanto às perguntas.

— Mas nós não paramos nem viramos.

— A estrada não tem muitas curvas.

Eles passaram pelo Shopping de Antiguidades. Naquele dia, as antiguidades na vitrine estavam animadas, pulando umas sobre as outras e brincando.

Diane tropeçou por cima da linha branca quando o ônibus entrou na rua Somerset.

— Pés atrás da linha, por favor.

Ela obedeceu.

— Não estou entendendo. Por que não paramos em King City?

Mab parou o ônibus no terminal de ônibus/trem/pedalinho do Centro. Ela se virou e tirou os óculos escuros. Seus sentimentos em relação às perguntas de Diane não estavam claros porque ela não tinha olhos.

— Meu ônibus saiu de King City. Por que eu iria parar lá?

— Desculpe.

— Você entrou no ônibus em King City. É um ônibus sem paradas de King City para Night Vale. Sem curvas, como você disse.

— Está bem, desculpe.

Diane se voltou para os outros passageiros, esperando que alguém compartilhasse de sua confusão ou a defendesse. O ônibus

tinha saído de Night Vale. Não tinha? Mas todas as poltronas estavam vazias. Ninguém a bordo além dela e da motorista. Agora nem mesmo a motorista. Mab estava de pé do lado de fora, novamente de óculos escuros, fumando um cigarro de cravo.

Diane voltou para seu lugar e pegou a mala. Antes de sair, ajoelhou-se e colocou a mão na poltrona do homem do outro lado do corredor. Estava fria.

Ela saiu do ônibus.

Ligou para Steve Carlsberg, que tinha carro. Steve adoraria levar Diane a King City. Ele ficou animado. Reclamou de não ter recebido nada do homem de paletó bege e concordou em faltar ao trabalho. Ele a pegaria na rodoviária e iriam naquela manhã mesmo.

— Manhã? — disse ela. — Que horas são?

— Oito. É bom sair cedo. Ah, vai ser divertido! — exclamou Steve.

Ela ouviu o barulho do carro. Ele já estava a caminho.

Diane desligou e verificou as horas. O ônibus tinha saído às sete da manhã e ficou na estrada por no mínimo seis horas. Eram 8h03.

Mab apagou o cigarro e o engoliu. Ela voltou para o ônibus, fechou as portas e foi embora.

Diane esperou. Comprou um café e uma banana na estação e esperou. Comprou outro café e esperou. Olhou para as telas de chegadas e partidas e esperou. Verificou o relógio e esperou. Eram 9h34.

Ela ligou para Steve.

— Onde você está? Tudo bem?

— Como assim, Diane?

— Achei que você vinha me pegar e íamos de carro até King City.

— Ir de carro até King City? Uau, eu adoraria. Que legal. Quando quer ir?

— Assim que você puder.

— Então vou tirar o resto do dia de folga. Onde você está?

— Estou na rodoviária do Centro.

— Beleza!

Diane esperou. Eram 11h15.

— Steve! Onde você está?

— No trabalho. Por quê? O que aconteceu?

Diane ligou para um táxi e pediu ao motorista para levá-la ao aeroporto.

No dia anterior, ligara para a companhia de seguros. Esperava conseguir um carro substituto para ir até King City.

A companhia de seguros tinha perguntado onde seu carro estava.

“Não sei.”

“Se você não sabe onde está seu carro atual, como podemos substituí-lo?”

“Ele foi roubado.”

“Então você não está vendo seu carro no momento?”

“Não.”

“Se não vê o veículo, como pode ter certeza de que ele existe? Você já ouviu falar do gato de Schröding...”

Diane tinha desligado e ligado outra vez, esperando falar com outro atendente.

“Você não respondeu minha pergunta.” O telefone havia tocado apenas uma vez, e a voz entrara imediatamente. “Não podemos substituir um veículo que não existe.”

“Vocês têm a placa do meu carro e todas as informações sobre ele no sistema.”

“Isto? São apenas uns e zeros. São apenas luzes piscando em várias cores e formas. Não há nada físico ou real nos dados. Aqui. Acabei de mudar seu nome do meio para uma sequência de cinco fs. ‘Diane Fffff Crayton.’ Está escrito bem aqui na minha tela: Diane Fffff Crayton. Você aceita que este seja seu nome só porque está no nosso sistema?”

“Não.”

“Não, você não aceita. Assim como não aceitaríamos que um veículo existe só porque existe um número aqui no meu siste...”

“Cale a boca e escute!”, gritara ela.

Não sabia se já tinha gritado ao telefone na vida.

“Meu filho desapareceu. Meu carro desapareceu. Eu preciso encontrá-lo, e preciso de um carro para isso. Não tenho tempo para sua lógica absurda.”

“Lógica absurda é um oxímoro.”

“Lógica absurda!”, berrara ela ao telefone.

“Hisssssssssssssssss!”, havia respondido o atendente.

“Vocês são uma companhia de seguros. Eu pago para substituírem ou consertarem meu veículo, ou me compensarem no caso de alguma coisa acontecer com meu veículo. Aconteceu uma coisa com meu veículo.”

Silêncio.

“Preciso de um carro, porque preciso do meu filho. Você me entende? Dá para ter um pouco de empatia? Só um pouquinho de compaixão para resolver isto?”

Outro longo silêncio.

“Você está...”, dissera ela.

“Sim. Ainda estou aqui.”

“Você...”

“Calma, Diane. Nós ouvimos. Pedimos desculpas. Dê-nos um instante. É difícil para nós. Ouvir que o filho de um cliente desapareceu nos magoa profundamente. Por favor, nos dê um pouco de espaço.”

Diane controlara outro ataque de raiva. Nos estágios do luto, Diane já tinha passado pela negação, tristeza e desespero. Estava prestes a entrar no último estágio: vingança.

“Vamos ver o que podemos fazer. Não vai levar mais que duas semanas”, dissera a voz do outro lado da linha, claramente chorando.

“Duas semanas...”

“Também é duro para nós”, soluçara o atendente.

Diane havia desligado.

O táxi parou no aeroporto. O Aeroporto de Night Vale não é grande. A maioria das aeronaves eram teco-tecos, aviões particulares, drones militares secretos e aviões governamentais usados para pulverizar agentes químicos na cidade, mas ela encontrou uma companhia que fazia ponte aérea para levá-la até King City. Ela era uma das quatro pessoas a bordo do avião de vinte e quatro lugares.

Diane nunca tinha voado, nunca deixara Night Vale. Não sabia se tinha medo de voar ou não, mas sem dúvida o avião parecia pequeno e frágil. Ele decolou, estremecendo com o estrondo, e ela ficou tonta quando a aeronave subiu em meio às nuvens. Encostou a cabeça na janela, mas a viagem turbulenta fazia com que ela batesse no plástico duro, tornando impossível dormir. Então observou o deserto vermelho e plano passar devagar abaixo deles. Olhou o horizonte, imaginando se um dia voltaria a acreditar em montanhas depois de ver aquela planície do alto, e se alguém um dia descobriria do que as nuvens são feitas. Provavelmente era melhor não saber.

Ela olhou para seus companheiros de viagem, achando interessante todos usarem fones de ouvido azuis e óculos de armação grossa. Deviam fazer parte de uma agência do governo misteriosa e ameaçadora. Diane não sabia se estava sendo seguida — ou se eles estavam seguindo o piloto ou sei lá —, mas os três pareciam entediados e cansados.

Após duas horas, o avião aterrissou. O dia foi longo e caro, e ela só tinha dinheiro para mais algumas corridas de táxi em King City.

Enquanto o avião taxiava até o portão de desembarque, que não passava de uma escadinha de madeira perto do terminal, Diane observou pela janela o mundo virar da direita para a esquerda. Atrás do aeroporto, viu uma cidadezinha vigiada por um distante Obelisco de Arenito.

— Senhoras e senhores, chegamos ao nosso destino final, Night Vale. Por favor, permaneçam sentados até a aeronave parar por

completo e o aviso de livre-arbítrio se acender.

— Não. Não! — gritou Diane, socando a janela, com a voz falhando e os olhos cheios de lágrimas.

Não resistiu. Ela se virou para olhar a cabine, consciente da cena que estava fazendo. Havia mais doze passageiros no avião. Todos usavam bonés de beisebol e camisas de tricô. Estavam sentados juntos nas fileiras dos fundos e não pareciam ter percebido sua explosão.

— Obrigado por voar conosco — disse o piloto enquanto Diane arrastava a mala para fora do avião.

Colocou-a no chão e se sentou nela, bem ali no asfalto, sem saber o que fazer em seguida.



A VOZ DE NIGHT VALE

CECIL: ... com prejuízo de palavras, lucro de gestos e movimentos de sobrancelhas mais ou menos equilibrados.

A empresa Seguros Automotivos de Night Vale S.A. anunciou hoje que, por causa da alta dos custos, não oferecerão mais substituições, reparos ou compensações por nenhum acidente envolvendo automóveis.

“É muito caro consertar ou substituir um carro”, disse Bob Sturm, vice-presidente de finanças. “Quer dizer, veja a quantidade de acidentes que acontecem. Eles se acumulam. Como vamos pagar por tudo isso?”

Ao ser questionado se iriam baixar os prêmios já que não estão mais cobrindo nenhuma forma de reparo, Sturm respondeu que não, mas que a companhia vai mandar cartões de condolências com palavras gentis aos clientes, e os clientes que sofrerem um acidente podem passar por uma de suas dez filiais para um abraço e um tapinha de vai-ficar-tudo-bem nas costas.

Sturm concluiu a declaração tossindo um pouco de sangue e gargalhando.

E agora uma atualização sobre o destino de Sheila, da Madrugada Enlustrada, com sua prancheta e sua caneta, revivendo a vida várias vezes em uma reencenação triste e vazia do que um dia foi uma experiência orgânica. Ela disse que o ciclo enfim parece ter se quebrado e que as coisas estão melhorando.

Perguntei se não estava na hora de ela sair do estúdio e voltar para sua vida, mas Sheila disse que não se imagina fazendo isso, não mais. Então propus que se tornasse estagiária da estação. Não é o máximo? Eu lhe dei a túnica de estagiária e falei dos deveres habituais (cuidar dos mimeógrafos, fazer café, revisar meu romance erótico). Acho que ela vai fazer um ótimo trabalho e aprender muito aqui.

Tenho certeza de que todos os nossos antigos estagiários realizaram grandes feitos na vida. Não acompanhei nenhum deles nem pensei muito sobre o assunto, mas tenho

certeza de que todos se saíram melhor por terem estagiado aqui.

Sheila está muito feliz. Ela pegou a prancheta que antes usava para registrar quem entrava e saía da Madrugada Enluarada e a quebrou no joelho. Isso foi um desperdício, Sheila. Acha que estações de rádio comunitárias têm verba que nos permita desperdiçar pranchetas dessa forma? Nunca mais faça isso, Sheila.

Mudando de assunto, muitos de vocês escreveram para a estação pedindo mais informações a respeito de nossa arrecadação de fundos anual, que aconteceu há dois meses. Parece que as sacolas, as canecas e os DVDs da segunda e da quinta temporada de *Mad About You* ainda não chegaram para muitos dos doadores.

Nós, aqui da Rádio Comunitária de Night Vale, pedimos desculpas pelo atraso. Saibam que todas as recompensas foram enviadas há semanas, mas, como todos nós sabemos, o tempo é esquisito em nossa linda comunidade. Como resultado, essas semanas poderiam ter sido sentidas por vocês como meros segundos e a entrega teria parecido instantânea, ou essas semanas poderiam ter sido sentidas por vocês como milênios, e você terá uma forma antiga, terrível e ociosa quando receber seu brinde. Essas e todas as outras possibilidades continuam sendo... possíveis.

Saibam que nossa estação existe por causa de doadores como você. E também por causa de uma longa e muito improvável série de eventos galácticos que ao longo de bilhões de anos conspiraram para nos trazer até este exato momento da existência. Agradecemos pelo apoio. Mais uma vez, pedimos desculpas pelo atraso no recebimento dos itens e também pelo caráter absurdo do tempo.

A seguir, vou descrever uma foto entediante em mil palavras lentas e intermináveis.

Jackie bateu na casa da mãe. Após um instante, a porta se abriu.

— Olá, querida. Entre.

A mãe lhe deu as costas e voltou para a cozinha, e Jackie mancou atrás dela. Sentou-se com cuidado diante da mulher que não reconhecia.

— Mãe — começou Jackie. — Mãe, os últimos dias têm sido difíceis. Vamos começar por aí. Não posso mais trabalhar. E se não estou trabalhando não sei quem sou. Talvez isso não seja saudável. Não deve ser. Mas foi tudo o que fiz até onde me lembro. O que... ok. Lembranças. Vamos conversar sobre isso em breve. Mas tenho tentado entender tudo isso. Parece que estou tentando subir um escorregador enquanto todas as outras pessoas estão descendo por ele.

Jackie pegou uma das maçãs tão perfeitas que pareciam de cera. Cheirou-a. Era de verdade.

— Nos últimos tempos, tenho me encontrado muito com Diane Crayton. Não desse jeito, mas, sabe, a Diane? A que trabalha na APP? Naquele escritório que ninguém sabe o que faz? Enfim, Diane e eu não gostávamos uma da outra. Mas acho que eu estava errada. Acho que estou errada sobre um monte de coisas.

“Sofri um acidente, e a outra pessoa envolvida foi embora. E acho que essa outra pessoa é o filho da Diane, que está desaparecido, e eu fico com pena dele. De verdade. Mas meu corpo está tão destruído quanto meu carro. Não consigo me mover direito e estou lenta e cansada.

“Eu o entendo. Às vezes temos vontade de fugir. Estou me sentindo mal por ter dito isso a Diane, mas é verdade. Desculpe,

mãe. Você deve pensar diferente, mas talvez ele esteja certo em partir. Diane gosta muito dele. Não são os outros que nos magoam, mas o que sentimos por eles.

A mãe não respondeu. Não estava nem olhando para Jackie. Seus olhos estavam pousados no teto.

— Isso me fez pensar no que você disse. E não, eu não me lembro da minha infância. Não acho que já tenha estado nesta casa. Não sei quem você é. Nem sequer me lembro de ter qualquer outra idade além da atual, e não me lembro de fazer nada a não ser o que fazia. Não sou normal, não é? Quer dizer, sei que muita coisa em Night Vale não é como em outros lugares, mas acho que não sou normal nem mesmo para os padrões daqui.

A mãe pegou a maçã de sua mão e a colocou na tigela, depois se levantou.

— Vamos para o quintal?

Elas foram. A mãe colocou a mão em seu braço.

— Jackie, o que quero que você entenda, tanto sobre mim quanto sobre Diane, é o seguinte: não é fácil criar uma criança em Night Vale. As coisas ficam estranhas com frequência. Os monstros são reais aqui. A maioria das cidades não têm monstros de verdade, acho, mas nós temos.

“Você era meu bebê. Mas bebês se tornam crianças e vão para escolas de ensino fundamental que as doutrina a derrubar governos, e se interessam por meninos e meninas, ou não, e de um jeito ou de outro mudam. Vão para o ensino médio, onde aprendem coisas perigosas. Chegam à idade adulta e se tornam coisas perigosas.

“Mas nada disso é tão difícil quanto o principal. Todos nós sabemos disso, mas a maioria dos jovens não perde tempo pensando nas consequências. O tempo não funciona aqui.

“Você era criança, depois se tornou adolescente, aí ficou mais velha e achei que talvez estivesse na hora de cuidar da loja de penhores. Só por alguns dias. Só às vezes. Eu precisava de uma

folga depois de gerenciá-la por anos enquanto criava sozinha uma filha.

“Eu lhe ensinei a penhorar um item. ‘Em Night Vale, as lojas de penhores funcionam da seguinte forma’, falei. Eu lhe ensinei sobre a lavagem das mãos, o canto, a breve morte e como fazer um recibo. Eu lhe ensinei a enterrar as portas à noite para que não fossem roubadas. Depois que ensinei isso, você começou a gerenciar a loja sozinha, e fiquei muito orgulhosa.

“Mas o tempo não funciona em Night Vale. Então um dia acordei e percebi que você estava gerenciando a loja de penhores havia décadas. Séculos, talvez. Não sei. Você se agarrou à loja de penhores, mas se afastou de mim. Por acaso, ofereci onze dólares ao primeiro cliente que atendemos juntas, e durante os anos em que teve dezenove, você se esqueceu daquele momento entre nós e só se lembrou da oferta de onze dólares como um ritual imutável e sem sentido. O povo da cidade não se lembrava de uma época em que você não gerenciasse a loja, mas eu lembro. Porque, do meu ponto de vista, você só está cuidando da loja havia alguns meses. Tudo isso é muito recente para mim. Para mim, a sua vida é muito linear. Mas, enquanto isso, para você, fazia muito tempo que me esqueceu, assim como a casa da qual se mudou no mês passado. Sua infância inteira foi perdida para todos, menos para mim. Todos aqueles anos passados comigo. Todos aqueles anos em que abri mão de tudo para ficar com você.

A mãe estava chorando. De repente, Jackie se lembrou de que o nome dela era Lucinda. Lucinda estava chorando. Jackie também chorava, mas limpava as lágrimas assim que surgiam, ainda desconfortável com aquela sensação.

— Querida, seja boa com as mães de Night Vale. Tenha piedade de nós. Também vai ser muito difícil para Diane. As coisas ficam estranhas aqui. Os filhos nos esquecem, e o curso da vida deles fica congelado. Ou mudam de forma todo dia e acham que só porque estão diferentes as mães não vão reconhecê-los. Mas nós sempre

reconhecemos. Uma mãe sempre reconhece o filho, mesmo quando ele não a reconhece. Talvez Josh ache que está certo em fugir. Talvez você concorde. Mas só sei que Diane está na mesma situação que eu. Não temos nossos filhos. Temos os ecos distantes e distorcidos de nossos filhos que esta cidade nos envia.

Jackie abraçou Lucinda sem saber o que dizer, mas certa de que um gesto diria mais que qualquer palavra clichê. A mãe chorou, mas não no colo de Jackie, e sim ainda de costas para ela, e Jackie começou a achar que era ela quem a estava reconfortando. Talvez Jackie precisasse de conforto.

Jackie ergueu o rosto, com a visão turva pelas lágrimas, e viu Troy parado ali, observando-as. Seu rosto não era inexpressivo, mas a expressão transmitia pouco. Lucinda não pareceu surpresa em vê-lo. Sua expressão também transmitia pouco. A expressão de Jackie transmitia raiva e confusão, sobretudo com os olhos e as sobrancelhas. Troy sumiu de novo.

— Quem é aquele homem, mãe? Por que ele está no seu quintal?

A mãe fez um gesto de desdém com a mão.

— Não se preocupe com ele. Venha, vamos entrar. É só o seu pai.

— Troy é meu pai?

Jackie se sentou com dificuldade na cadeira. Lucinda suspirou.

— Depende do que você entende por pai, querida. Ele contribuiu com parte do seu material genético, sim. Nunca serviu para muito mais que isso.

— Mas Troy estava com Diane. Ele é o pai do Josh.

— Sim, ele passou um tempo com ela depois de mim. Ainda era muito jovem na época. Ele é estranho, também não sei se o tempo funciona para ele.

Jackie se inclinou para a frente. Sua mãe se inclinou para trás. Não houve nada agressivo ou defensivo nos movimentos, mas um foi uma reação ao outro.

— Então Josh é meu meio-irmão.

— Querida, acho que você vai acabar descobrindo que relacionamentos desse tipo não existem pela metade. Ele não é nem um pouco seu irmão agora, mas acho que poderia ser se você quisesse. Dependeria de como você se relacionasse com ele.

— E Diane é tipo minha madrasta?

— Ela é mãe da pessoa que poderia ser seu irmão se você quisesse. Parece que talvez também seja uma amiga. Mas só isso.

Jackie abriu a boca, mas Lucinda a interrompeu.

— Querida, por favor, não me pergunte por que não contei nada disso antes. É o que você sempre faz. Já lhe contei muitas vezes, e você sempre fica perplexa e jura que não vai esquecer. Mas aí sua memória some e você não me reconhece mais. Não se lembra de que eu fazia seu almoço, que amarrava seus cadarços, que a ajudei

com as lições constrangedoras da puberdade, e nem onde guardo os talheres.

— Onde fica a gaveta de talheres?

— Eu não tenho, querida. Você sabia disso. Tenho um alçapão de talheres. Fica embaixo de uma das gavetas de leite quente.

— Embaixo da gaveta de leite quente... — falou Jackie como se fosse algo de que estava finalmente se lembrando e não algo que tinha acabado de descobrir.

Ela pensou em Diane e Josh, e no rosto de Diane quando descobriu que o filho estava desaparecido.

Sorte a dele, pensara ela, embora se compadecesse da dor de Diane.

[abismo sem fundo de arrependimento e tristeza], pensou ela naquele momento, relembrando. Jackie amava Diane por sentir falta de Josh. Amava Diane por viver sua vida a despeito de Troy.

Também se sentia mais desconfortável em relação à Diane. Ela era uma mãe, uma amiga, uma irmã ou uma estranha? Jackie não sabia o que fazer com essa nova informação.

Diane vivenciava o tempo em uma progressão normal. Suas lembranças eram imediatas e consistentes. Suas ações produziam reações e consequências. Ela sentia o terror da perda, o medo da dor e desenvolvia relacionamentos complicados e amorosos com aqueles que a cercavam. Jackie, não. Para ela, até coisas que haviam acontecido instantes antes começavam a se misturar ao passado distante.

— Desculpe — disse Jackie, e abraçou a mãe, apertando-a com força como se tentasse impedir que a linha do tempo das duas divergisse. — Desculpe por não lembrar, mãe.

Lucinda sorriu.

— Um dia você vai envelhecer, querida. Todos envelhecemos. Alguns levam mais tempo que outros. Agora você sempre tem dezenove anos. Um dia nunca terá dezenove anos.

Jackie foi até o sofá para se sentar ao lado da mãe. O sofá era imaculado. A mãe gostava mesmo de coisas limpas.

— Vou me lembrar pelo máximo de tempo que conseguir — prometeu ela.

Jackie abraçou a mãe com força e, após um momento, a mãe retribuiu.

— Sinto muito que as coisas sejam assim, mãe. Não estou pedindo desculpas. Sinto muito porque isso me deixa triste.

— Eu também, querida. Eu também. Ah, é melhor você ficar com uma coisa.

Ela abriu uma gaveta na mesinha de centro e procurou algo ali dentro. Por fim, puxou uma foto. Uma foto extremamente antiga, amarelada e rachada, com as bordas retorcidas. Nela, havia um homem que sem dúvida era Troy. Ele estava com uma menininha no colo.

— Você e seu pai.

Ela a entregou para Jackie, que quase engasgou.

— Eu tirei essa foto quando você era bem pequena. Antes que ele saísse de nossa vida.

— Mas, mãe, esta foto... Esta foto deve ter sido tirada há pelo menos cem anos. Esta é a prefeitura no centro da cidade, mas há ruas de terra e cabanas de madeira em vez de lojas e cavalos com asas imensas em vez de carros. As pessoas não voam em cavalos selvagens há... Bem, eu literalmente não sei quanto tempo faz.

— Bem, querida, você está presa nessa idade há muitas décadas. Eu tirei essa foto há apenas catorze ou quinze anos. Na época, era uma polaroide comum. Mas veja como ficou. Mudou para se igualar a sua idade, e ainda me lembro como era. É bem parecida com você. Fique com ela.

Jackie colocou a foto no bolso. Lucinda abriu um sorriso leve.

— De agora em diante vai ser diferente. — Jackie olhou para a mãe com uma expressão séria. — Prometo. — E então completou, com certa hesitação: — Vai, sim.

Jackie desviou os olhos.

— O que vale é a intenção, querida. Ou pelo menos é disso que tentamos nos convencer.

— Mãe, preciso ir.

Jackie gemeu com o esforço para levantar o corpo machucado do sofá.

— Vejo você de novo em breve.

— Seu pai não é mau. Mas também não é um homem muito bom.

Jackie foi até a porta. Ela sentia a presença firme e reta da foto no bolso e das bordas retorcidas e pontudas do papel no gesso.

Lucinda continuou sentada onde estava, mas logo começaria a fazer outras coisas. Ia limpar, ler, consertar o carro e todas as outras coisas que fazia para preencher os dias. Afinal de contas, ela tinha a própria vida.

Steve Carlsberg deixou algumas mensagens dizendo que se perguntava se o desaparecimento de Josh teria alguma coisa a ver com King City, que achava uma ótima ideia Diane ir a King City, que podia levá-la até lá de carro e que aguardaria Diane retornar a ligação.

Ninguém mais tinha ligado. Diane tentou dizer “Polícia Secreta” no microfone acima da geladeira, mas ninguém apareceu.

Ela foi até a garagem e pegou a bicicleta do filho. Nunca teve muito dinheiro e, com a recente demissão, achou melhor parar de andar de táxi. Além disso, nem sempre dava para saber se os taxistas de Night Vale pegariam ou deixariam você na hora marcada, pois paravam com frequência para fazer aulas de improvisação teatral e oficinas de artesanato.

A bicicleta de Josh estava empoeirada e com o pneu de trás quase vazio. Havia muito ele ansiava por se livrar dela. Era uma bicicleta infantil, com um quadro grande, rodas menores e adesivos coloridos de *A queda de Ícaro*, de Pieter Bruegel, o Velho.

Ela se manteve nas ruas secundárias, pedalando com cuidado. A viagem durou pouco menos de uma hora, e Diane sentia uma dor latejante na panturrilha quando parou diante da loja de penhores. Havia um sedã preto com vidro fumê no fim do estacionamento: as janelas se abriram o suficiente para que ela visse dois agentes de óculos escuros de uma agência do governo misteriosa e ameaçadora. Uma agente ergueu a câmera e tentou tirar uma foto de Diane, mas o flash disparou, refletindo apenas a janela do carro para a lente. A agente praguejou. Diane acenou como sempre fazia e entrou na loja.

Jackie estava debruçada no balcão. Seus olhos estavam fechados e ela respirava devagar, alheia ao mundo ao seu redor e perdida em uma complexa sucessão não consecutiva de imagens mentais vívidas, mas não estava dormindo.

Diane colocou a mão no balcão de vidro.

— Jackie?

Sem resposta.

— Jackie!

Diane bateu no balcão.

Os olhos de Jackie se abriram e se focaram no balcão. Ela sabia que Diane estava ali, mas estava perplexa demais com o que descobrira na casa da mãe para se importar. Era um problema que estava tendo com o mundo em geral naquele dia.

— Jackie, preciso de ajuda.

Diane enfiou a mão na bolsa, pegou um saco plástico onde se lia “NÃO!” e tirou de lá um pedaço de papel com as palavras “KING CITY” escritas diversas vezes com a letra de Josh. Ela o colocou no balcão.

Jackie estremeceu e empurrou o papel para longe.

— Jackie, preciso que você...

— Por que trouxe isso para cá?

Diane ficou sem saber o que dizer. Havia muitas razões, mas parecia que Jackie não consideraria nenhuma delas boa.

— Não é um projeto de artes, Diane. Estou vivendo com isso. É real.

Jackie balançou o gesso, e ambas ouviram o farfalhar do papel lá dentro.

— Acabei de sair do hospital.

— Eu não tive a intenção...

— Você não vira gêmea de alguém só por se vestir igual. Não vira melhor amiga só por fazer o mesmo corte de cabelo. Eu não vou para King City, está bem? Mal consigo andar. Parece que minha mente não faz as mesmas conexões de antes. Eu estou sem carro.

Não consigo fazer meu trabalho. Se ninguém me lembrasse daquele maldito papel eu poderia ficar aqui sentada para sempre e nunca mais pensar nele nem em mais nada.

Ela balançou a cabeça.

— Desculpe, Diane. Sei que é difícil para você. Sei que é muito doloroso. Você é mãe e está se esforçando bastante. Mas está sendo muito difícil para mim. Não posso ajudá-la. Não posso nem ajudar a mim mesma.

— Encontrei isso no quarto do Josh. — Diane não levantou a voz. Não corou de raiva ou frustração. Não persuadiu nem bajulou. Apenas disse o que sabia, como sabia, e torceu para ser suficiente. — Não sei se isso tem alguma relação com Troy, mas sei que meu filho foi para King City. Não sei como sei, mas sei. Ele não está mais em Night Vale. Uma das últimas coisas que Ev... hum...

— Evan.

— ... Evan mencionou para mim foi Josh. Tentou dar um papel igual ao seu para ele. Não o entreguei, mas acho que Josh pegou mesmo assim. E acho que foi para King City.

Diane sentia-se perdida em seu âmago, uma exaustão que não era bem física, mas que desacelerava seu corpo mesmo assim. Jackie sentia a mesma exaustão, e todo o seu corpo era uma única dor distante. Elas sentiam isso uma ao lado da outra, sem que nenhuma das duas percebesse.

— Todas as pistas apontam para King City — disse Diane. — Mas qualquer tentativa que faço de chegar lá por conta própria falha. Não sei mais o que fazer. Acho que se fôssemos juntas, se trabalhássemos juntas, chegaríamos lá. Poderíamos conseguir.

Diane se apoiou no balcão, imitando a postura de Jackie e colocando o rosto bem próximo ao dela. Elas sentiram o hálito uma da outra.

— Jackie — disse ela. — Jackie.

Jackie ouviu, mas não demonstrou.

— Tive uma razão para penhorar aquela lágrima com você semanas atrás. E não sei qual foi. Tudo o que faço é por uma razão, e não sei nenhuma delas. Tudo faz sentido e o sentido é oculto para mim. Vivemos em um padrão que nunca detectaremos, e ele vai nos arrastar por hierarquias invisíveis até nossa morte.

Ela nunca tinha pensado em nada daquilo, mas era como ler um roteiro diante de seus olhos. As frases eram óbvias e imediatas, e ela as dizia assim que pensava nelas.

— Estamos juntas nessa. Não sei o porquê e nunca saberei, mas estamos. Jackie?

— Sim, Diane?

— Desculpe por não expressar isso de uma maneira adequada, mas eu a respeito muito. Não existe ninguém em quem eu confie mais para me ajudar a encontrar meu filho. Não existe ninguém, entende?

Diane sentiu um calor ao redor dos olhos.

Jackie deu de ombros.

— Sinto muito por você, cara, sério mesmo. Hoje descobri algumas coisas de que não lembrava antes. Queria poder ajudar. Mas meu corpo inteiro dói. Estou literalmente me arrastando por aí.

— Não posso curá-la. Você vai sentir dor, muita dor, de um jeito ou de outro. Mas acho que podemos encontrar respostas, Jackie. Escapamos da biblioteca juntas. Trabalhamos bem juntas, seja lá por quê. Não estou pedindo que você... Só estou pedindo... Só quero que tentemos.

Ela juntou as mãos diante do peito como em uma oração. Jackie observou aquela mulher, a mãe de quem um dia poderia se tornar seu irmão. Pensou no que Lucinda dissera sobre ser mãe e sobre perder um filho aos poucos.

— Baixe as mãos. Não sei por que está fazendo isso, mas é estranho. Tudo bem. Certo. Eu vou com você.

Diane bateu palmas uma vez e a abraçou.

— Vou fazer o meu melhor para ajudar — disse Jackie. — Mas meu melhor talvez não seja grande coisa.

Ela se desvencilhou com cuidado do abraço de Diane e apontou para a bicicleta pela vitrine.

— Nenhuma de nós duas tem carro. Então como vamos chegar lá? Com essa sua biccicletinha fofa?

Diane franziu a testa.

— Não, acho que não.

Diane pensou em várias opções. A óbvia era alugar um carro, mas ela estava quase sem dinheiro. Seu único cartão de crédito era um American Express Urânio, perigoso de se usar porque não permitia crédito rotativo e era feito de urânio enriquecido. Poucos comerciantes aceitavam cartões American Express Urânio ou sequer os permitiam nas lojas, mas ela recebia o dobro do valor em milhas se alguém o aceitasse e sobrevivesse.

Diane jogou a cabeça para trás, suspirando para o alto, torcendo para um pensamento sensato cair com um baque em sua mente. Ela piscou. Olhou para cima. Nada.

— Podemos pedir o carro de alguém emprestado — sugeriu Jackie.

— Sem dúvida Steve emprestaria. Ele é sempre muito prestativo e gentil. Mas não tem andado muito confiável nos últimos di...

O baque sólido de um pensamento.

— Que tal aquilo?

Em uma das prateleiras mais altas havia uma Mercedes com poucos anos de uso, oferecida com urgência por um rapaz de terno risca de giz cinza e sujo de terra. O sedã de luxo estava perfeitamente equilibrado nos eixos de transmissão, apoiado de lado na prateleira de madeira de três metros de comprimento.

Jackie sorriu, depois estremeceu. Sorrir doía. Não emocional, mas fisicamente, devido ao trauma nos músculos. Ela não sorria desde o acidente.

— A chave está na ignição — disse ela.

— Ótimo — comentou Diane, mas não fez nada porque: — Como nós vamos...

— Sei lá.

— Mas como você o colocou lá?

— Não lembro.

— Então voltamos à estaca zero.

— Parece que sim.

Nenhum tempo se passou e nada aconteceu, mas a Mercedes desapareceu da prateleira e surgiu no estacionamento. Em torno delas havia uma caixa de ferramentas aberta, uma trilha de penas e pilhas de rolamentos. O ar cheirava a fósforo queimado.

Elas levaram um bom tempo para absorver a nova realidade, então, como boas cidadãs de Night Vale, interpretaram aquilo como inexplicável e esqueceram para sempre.

— Acho que tiramos o carro lá de cima do mesmo jeito que coloquei — falou Jackie.

Ela não lembrava que jeito foi esse.

— Uau! — exclamou Diane. — Estou impressionada. Espero que eu tenha ajudado de alguma maneira.

— Cara, com certeza ajudou.

— Que gentileza a sua.

— Vamos?

Enquanto Jackie pegava alguns objetos pessoais no escritório no segundo andar, Diane vagou pela loja, olhando o que fora penhorado. Encontrou sua lágrima e ficou decepcionada por ninguém tê-la comprado ainda, mas feliz por Jackie tê-la exibido de forma tão proeminente na prateleira. E depois viu algo que a surpreendeu.

Abaixo de um conjunto de estatuetas de porcelana fofas representando jovens casais cometendo crimes graves e escondendo as evidências, havia uma lata de lixo. No topo da lata havia uma caixa. Era uma caixa de papelão comum. Ela sabia exatamente que tipo de caixa era. Era a caixa na qual os envelopes

nº 9 vinham. Diane conhecia esse tipo de caixa. O único escritório que usava envelopes nº 9 em Night Vale era aquele onde, até pouco tempo antes, ela trabalhava.

Diane agachou-se para examiná-la. Havia um longo cabo de madeira apoiado à lateral, pertencente a uma enxada de um metro e vinte centímetros de comprimento. A extremidade de metal estava manchada e pegajosa com tufo de pelo marrom-escuro.

Diane colocou a enxada no chão e tocou a tampa da caixa. Ficou triste. Não sabia por que estava triste. Ficou assustada. Não sabia por que estava assustada.

Ela levantou a tampa e viu. Ela viu. E sentiu. E por um instante ela não era. E depois era. Levou a mão à boca.

Quando Jackie chegou à Mercedes, mancando, Diane já estava no banco do carona.

— Vamos nessa — disse Jackie.

Diane apoiava o cotovelo na janela. Ela estava um pouco pálida e olhava para fora com o olhar perdido.

Jackie não sabia exatamente como era ter um filho desaparecido, mas devia ser exaustivo. Ela conhecia a exaustão. Conhecia a dor.

— Você está bem?

— Penhorei aquela lágrima porque as aulas iam começar e eu precisava de dinheiro — contou Diane. — Foi só por isso. Inventei aquelas outras coisas porque achei que pudessem fazê-la vir comigo.

— Eu sei.

— Então tudo bem.

Jackie deu a partida no carro, apertou os dois pedais e deu marcha à ré, soltando um guincho de borracha queimada e uma nuvem de fumaça cinza. A agente do sedã preto tirou fotos da partida delas, todas estragadas pelo flash, cada clique seguido por palavrões murmurados. As mulheres foram embora deixando duas curvas pretas, como chifres, no estacionamento de asfalto rachado.

Dois seres chamados Erika, que definitivamente não eram anjos, saíram de trás da loja de penhores, onde se escondiam. Estavam encharcados de suor, com as mãos cobertas de graxa.

Jackie guiou a Mercedes até a rota 800. Dirigi-la era muito diferente de dirigir seu carro antigo. Com ele, a sensação era a de fazer um plano, enquanto com aquele carro ela se sentia improvisando. Ou talvez fosse porque estava dirigindo com um braço só.

Diane sorriu, e ela retribuiu o sorriso. Era difícil resistir à sensação de triunfo. Diane apertou com força o pedaço de papel que dizia “KING CITY” na letra de Josh. Não conseguia soltá-lo. Ou melhor, ao contrário de Jackie, ela conseguia, mas não queria.

Passaram pela casa da velha Josie, ao lado do depósito de carros usados. A mulher estava parada no jardim com todos os Erikas como se soubesse que elas iam passar por ali. Os Erikas pareciam cansados. Josie estava com a mão erguida, mas não acenava. Fazia um gesto, mas Jackie não entendeu qual. Ela respondeu com o próprio gesto sem sentido. Um vendedor de carros usados em cima do teto de um velho Toyota uivou. Jackie uivou também. Ela não se sentia tão feliz desde antes do começo dos problemas. A autoestrada era uma linha reta traçada à sua frente.

Diane se virou, observando Night Vale se afastar.

— Parece tão pequena — comentou. — Quer dizer, não só daqui. Só que parece muito pequena agora. Um lugar pequeno demais para se viver a vida toda.

— Você ainda não viveu sua vida toda.

— Espero que você esteja certa.

A casa de Larry Leroy, nos limites da cidade, foi a última pela qual passaram. Larry não estava ali. A casa afundara em si mesma, uma pilha de madeira que mal mantinha o formato de casa. Ela não pensava em absolutamente nada.

Então adentraram o deserto. Jackie tentou pensar em alguma vez que tivesse estado tão longe de Night Vale. Só se lembrava dos intermináveis dias na loja de penhores. Pela primeira vez, ficou triste, e não nostálgica, ao pensar naqueles dias. Ela não sabia o que isso significava.

— Diane, sabe quando você está sentindo alguma coisa, mas não faz ideia de que sentimento é esse? O que isso significa?

Diane pensou seriamente por um bom tempo.

— Significa que você está envelhecendo.

— Eu não envelheço.

— Acho que todos já pensamos isso em algum momento.

O deserto era tão vasto que era fácil imaginar que tomava o mundo inteiro. Mas Jackie sabia, embora não acreditasse muito, que o deserto não passava de uma fração do mundo. As possibilidades do espaço a assustavam. A pequenez do lar. Seu peito parecia uma bolha a ponto de estourar, e ela tentou ficar imóvel.

— É difícil envelhecer?

— Tão difícil quanto você permite que seja. É mais fácil que a alternativa.

— Morrer?

— Ah, não. Não, na verdade isso é o mais fácil. Estou falando de ficar mais jovem.

Jackie riu, embora não achasse aquilo engraçado. Há outras razões para rir.

Elas se prepararam para uma longa viagem. Diane estava prestes a fechar os olhos para tirar um cochilo antes que chegasse sua vez de dirigir quando Jackie apontou, fazendo o carro dar uma guinada, já que a mão que apontava era a mesma que segurava o volante. Ela endireitou o carro e exclamou para Diane, já bastante desperta:

— Olhe!

Havia uma placa que dizia KING CITY com uma seta indicando uma saída que se afastava em curva da autoestrada, em direção à areia.

— Acho que devemos entrar ali.

Jackie pegou a saída. Quando fez isso, sentiu o estômago despencar, como se ela estivesse sendo carregada.

— Está sentindo isso?

— Estou. Tem alguma coisa errada.

A curva continuava. Ela não entendia como uma curva podia ser tão longa. Simplesmente não terminava. Elas seguiam em frente sem parar. Por dez minutos, percorreram a longa e lenta curva da saída.

— Isto não é nada bom — disse Jackie.

— Bem, com certeza não é ótimo.

No instante em que Jackie começou a se perguntar se ficaria naquela curva pelo resto da vida, a estrada se endireitou e as jogou na autoestrada. Elas passaram pela casa afundada, uma pilha de madeira que mal mantinha o formato de casa.

— Ah, droga.

À frente ficavam a casa da velha Josie e o depósito de carros usados. Dessa vez Josie estava sozinha, de braços cruzados. Assentiu para elas, como se aquilo, assim como todo o resto, condissesse exatamente com suas suspeitas.

— Parece que agir em conjunto não torna King City mais acessível — observou Jackie.

— Eu estava errada — disse Diane, olhando com raiva para o papel nas mãos.

Lágrimas escorriam pelo rosto, mas ela não fazia som algum. Diane ergueu os olhos para Jackie, sem tentar enxugá-las. Jackie a encarou por um bom tempo, deixando o carro percorrer a autoestrada sem olhar para onde ia.

— Vamos encontrar outro jeito — afirmou Jackie.

— Não existe outro jeito.

Jackie indicou as casas e os estacionamentos dos shoppings a céu aberto pelos quais estavam passando.

— Estamos em Night Vale. Nossa prefeita uma vez comandou um exército de guerreiros mascarados de outra dimensão através de portas mágicas e derrotou um exército de funcionários de escritório sorridentes cobertos de sangue. Sem a menor sombra de dúvida existe outro jeito.

Elas seguiram sem rumo pela cidade, ouvindo apenas o som do vento nas janelas e a voz de Cecil Palmer no rádio.



A VOZ DE NIGHT VALE

CECIL: ... um destino pior que a morte. A maioria dos destinos é. Essas foram as notícias sobre saúde.

Ouvintes, estou animado por ter aqui no estúdio esta tarde duas das minhas pessoas preferidas, a velha Josie e o Carlos.

Josie, você morou em Night Vale a vida toda.

JOSIE: Todo mundo de Night Vale morou aqui a vida toda.

CECIL: Nem todo mundo, Josie. Certo cientista bonitão me vem à mente, como sempre. Mas, enfim, você comandou a diretoria da Ópera de Night Vale por muitas décadas até a fatídica infestação de filhotes de cachorro no final dos anos 1990. Você também alega conhecer vários anjos.

JOSIE: Eles estão aqui comigo no estúdio. Digam oi, Erikas.

ERIKAS: *[fora do microfone, distantes]* Oi. Olá. É um prazer estar aqui.

CECIL: Todos vocês são muito altos e têm lindas asas. Não acredito em anjos, é claro, ninguém acredita nem pode acreditar, mas se eu acreditasse aposto que seriam muito parecidos com vocês. Hoje também recebemos o Carlos, que é cientista.

CARLOS: Oi, Cecil. É um prazer estar aqui.

CECIL: Um cientista atraente que cozinha bem.

CARLOS: Ah, pare.

CECIL: Um cientista atraente que cozinha bem e talvez possa comprar pasta de dentes e papel toalha antes de ir para casa hoje.

CARLOS: Já comprei. Comida de cachorro também.

CECIL: Cientistas são vitais para nossa comunidade. Então, Josie, hoje você está aqui com Carlos por causa de alguma coisa relacionada a flamingos?

JOSIE: Isso. Flamingos decorativos de plástico. Todo mundo sabe o que são.

CARLOS: Flamingos, pássaros comuns no deserto, têm seis pernas longas e são conhecidos pelas penas de tom cor-de-rosa intenso, pelos bicos duplos e pelos vários olhos.

JOSIE: Esses de plástico são enfeites simples e baratos para gramado.

CECIL: Josie, você gosta de cuidar do jardim. Comprou esses ornamentos para sua casa?

JOSIE: Sim, estávamos passando por aquele lugar novo, a Casa das Pechinchas de Jardinagem e Peças do Lenny, tentando encontrar alguma novidade para substituir o ídolo dedicado a deuses mortos do passado que recentemente desenterramos do jardim. É divertido colecionar esses ídolos, mas os deuses mortos do passado exigem muita adoração e sacrifícios, e, se você desobedecê-los, eles começam a dar verdadeiros chiliques, fazendo o ídolo flutuar, falar com você e mandando visões terríveis para seus sonhos. Muito chato. Não vale a pena só para ter um jardim bonito. Foi este Erika quem encontrou os flamingos.

ERIKA: *[fora do microfone, distante]* Oi.

JOSIE: Eles eram adoráveis demais para deixar passar, e parecia que não iam causar tantos problemas quanto os malditos ídolos. Aquele Erika ali...

ERIKA: *[fora do microfone, distante]* Oi.

JOSIE: Oi, Erika. Eles pegaram os flamingos de plástico com Erika para colocá-los na grama, e, quando ergueram o malho, Erika sumiu de vista. Simplesmente desapareceu. Só reapareceu depois do que pareceram alguns minutos, parado ao nosso lado. Erika disse... Erika, conte a todos o que você disse.

ERIKA: *[fora do microfone, distante]* E aí, galera?

CARLOS: Erika voltou no tempo e também no espaço depois de tocar os flamingos.

JOSIE: Isso.

CARLOS: E, em outros momentos, Erika viajava para o futuro e para um espaço físico diferente. Josie me ligou para fazer testes e experimentos. Então levamos todos os flamingos para meu laboratório.

JOSIE: Já tínhamos mais de duas dúzias deles. Toda vez que Erika viajava no tempo, os flamingos se multiplicavam.

CECIL: Como você os levou para o laboratório? Qualquer coisa que os toca fica afetada pela... Qual é mesmo termo científico para isso?... estranha magia.

CARLOS: Esse não é o termo científico, mas é fofo. Então estávamos analisando os flamingos que alteravam o tempo e...

JOSIE: Ah, respondendo sua pergunta, Cecil, tivemos que enrolá-los em cobertores, toalhas e marga, que é o revestimento emborrachado que cobre o tablado no qual os

dançarinos modernos se apresentam. Erika não gostou de termos arrancado parte do chão do seu estúdio de dança, mas ciência é importante.

CARLOS: Certo, então levamos tudo para o laboratório e liguei os flamingos de plástico a um computador do tamanho de uma parede coberto de luzes intermitentes e grandes botões vermelhos, verdes e amarelos enquanto uma tira de papel cheia de números saía por uma pequena fenda na frente.

CECIL: A ciência é impressionante. Tão complexa e misteriosa. Sempre fico perplexo com o que você e sua equipe fazem.

CARLOS: Obrigado. Mas é bastante simples. Só seguimos o método científico. Por mais que o campo científico avance, a base de todas as descobertas ainda é o método científico, o mesmo que aprendemos no ensino fundamental.

CECIL: Acho que nunca aprendi isso.

CARLOS: Ah, é fácil. Então, vou explicar para você e seus ouvintes. O método científico tem quatro etapas:

1. Encontrar um objeto sobre o qual você quer saber mais.
2. Ligar esse objeto a uma máquina usando fios ou tubos.
3. Escrever coisas em uma prancheta.
4. Ler os resultados que a máquina imprime.

CECIL: Claro. Agora lembrei.

JOSIE: O que o Carlos descobriu foi que os flamingos eram de outro lugar e, obviamente, de outro tempo. Devem ter sido trazidos para cá por um forasteiro.

CARLOS: As peças não são feitas de materiais nativos de Night Vale. Plástico não cresce naturalmente aqui no deserto, nem espetos longos e finos de metal.

JOSIE: Quisemos falar com você hoje para avisar os cidadãos sobre os perigos desses flamingos de plástico. Reunimos muitos deles, mas ainda pode haver mais espalhados pela cidade. Antes de saber o que eram, tentei doá-los e vendê-los, mas eles sempre reapareciam. Se você vir um flamingo de plástico, não toque nele. Ligue para o laboratório do Carlos que ele vai buscá-lo.

CARLOS: Sim, eu estou guardando todos eles em segurança em um armazém perto do laboratório. Estamos tirando todos das ruas. Por sorte, trancamos os que encontramos no armazém de forma que não possam mais ameaçar a cidade. Temos quase certeza de que encontramos todos, mas se você encontrar algum não o toque. Eu repito, não o...

— Vamos tocá-los.

— O quê?

Diane estava gostando de ouvir Cecil. Adorava o final do programa, quando ele dizia: “Boa noite, Night Vale, boa noite.” Por mais difícil que sua vida fosse ou por mais preocupantes que fossem as notícias, a voz dele e sua despedida a acalmavam.

— Os flamingos.

— Tocá-los?

— Eles levam as pessoas para lugares e tempos diferentes. Talvez seja disso que a gente precise para sair de Night Vale e chegar a King City.

— Talvez — disse Diane, parecendo fora do microfone, distante.

— Precisamos fazer alguma coisa.

— Claro. Também pensei que agir juntas fosse a chave, mas não funcionou.

— Se não tivéssemos agido juntas, não teríamos este carro. Não estaríamos ouvindo o rádio.

Diane se endireitou no banco.

— A lágrima. Quando vendi minha lágrima, havia um monte de flamingos de plástico na prateleira atrás de você. Agora lembro. Eu me lembro de pensar na cor rosa daqueles lindos pássaros de bico duplo e seis pernas finas. E em como Josh ama flamingos. Jackie, eles estão na sua loja!

Jackie ficou em silêncio.

— Não estão? Para quem você os vendeu?

— Ninguém.

Jackie tinha parado o carro no estacionamento do Ferragens e Folhados Baratos da Patty, a poucos quarteirões do distrito dos baristas da cidade.

— Quando saí do hospital e voltei para a loja, eles tinham sumido. Na verdade, muita coisa tinha sumido. Talvez a loja tenha sido roubada, mas acho improvável, porque sempre removo e escondo as portas quando não estou lá.

— Então não sei onde podemos arranjar um flamingo. Carlos disse que recolheu todos.

— Pode esperar um pouco, Diane? Quero comprar uma coisa.

— Claro. Ah, e, já que você vai à Patty, pode me trazer um croissant?

— Pode deixar.

Jackie bateu a porta.

Diane pensou em formas de arranjar um flamingo de plástico. Dirigir a esmo pela cidade ia levar o dia inteiro, sobretudo se Carlos e sua equipe de cientistas, com Josie e sua equipe de anjos ou seja lá o que fossem, já tivessem procurado bastante.

A estação de rádio não ficava muito longe dali. Elas podiam ir até lá e ver se Carlos deixaria que elas ficassem com um dos flamingos. Seria uma tarefa difícil, mas, considerando quanto Cecil se importava com Diane e com sua busca por Josh, ela poderia ter o aliado de que precisava para convencer o belo cientista a ceder um ou dois pássaros.

Não, percebeu Diane, isso nunca funcionaria. Ele era um cientista. Acima de tudo, cientistas são protetores do mundo. “Cientista é sinônimo de herói”, gostava de dizer a prefeita Cardinal. Eles usam a ciência não apenas para descobrir coisas, mas também para fazer essas coisas progredirem da melhor forma. Exatamente como o cientista que curou a pólio, aquele casal que inventou a radiação ou os astrólogos que escrevem nosso futuro.

Um bom cientista jamais poria em risco o bem-estar coletivo pelas necessidades de uma única pessoa.

Jackie abriu a porta do carro.

— Aqui está seu croissant.

Ela entregou a Diane um copo cheio de manteiga derretida, fermento biológico, sal e água fria, assim como uma colher e um guardanapo. Depois que o trigo e os derivados do trigo se tornaram ilegais em Night Vale, Patty continuou a fazer os folhados usando os mesmos ingredientes e técnicas, mas sem usar farinha.

— Obrigada — disse Diane, desesperada por um lanche. — Ei, Jackie, ouça. Eu estava pensando em como arrumar um flamingo. É improvável, mas... O que é isso?

No colo de Jackie havia um pé de cabra de metal, todo preto, com exceção de uma pequena etiqueta amarela de preço.

— Vamos até o laboratório pegar alguns flamingos. Se o Carlos está na rádio, quem vai nos impedir?

Diane mordeu o lábio. Olhou para o pé de cabra.

— Nunca me considere o tipo de pessoa que rouba coisas.

— Bem, qual é seu plano?

— Deixa pra lá. Não teria dado certo. Vamos roubá-los.

Elas dirigiram até o distrito científico e pararam no laboratório de Carlos. Diane ficou vigiando enquanto Jackie tentou abrir o cadeado com segredo do armazém usando o pé de cabra, o que não era tão fácil quanto parecia nos filmes de Lee Marvin.

O retinir recorrente dos golpes no metal deixou Diane nervosa. Com certeza alguém apareceria para ver que barulho era aquele. Ou pior, alguém chamaria a Polícia Secreta usando o microfone mal escondido nas casas. Sem dúvida elas seriam presas, ou talvez eles até as fizessem sumir.

Jackie não estava fazendo muito progresso quando uma mulher de cabelos longos e indomáveis, unhas longas e indomáveis e olhos longos e indomáveis tocou seu ombro. Jackie se virou e ergueu o pé de cabra em um gesto defensivo. A mulher não se mexeu.

— O mundo acabou trinta anos atrás — disse a mulher.

— Acabou? — retrucou Jackie, mantendo o pé de cabra erguido.

— Moro na Faculdade Comunitária. Eu sei bem.

— Você é cientista? — perguntou Diane, ficando entre a mulher e Jackie, mandando-a baixar o pé de cabra com um gesto.

Jackie não obedeceu.

— 1983 — disse a mulher.

— O mundo acabou em 1983? — indagou Diane de um jeito que uma mãe perguntaria a uma criança se a foto de um trem é um trem.

— Não! Está louca? — falou a mulher. — Bem, talvez. É difícil saber a data precisa.

— O que tem 1983, então? — disse Jackie, enfim baixando o pé de cabra porque seu braço não conseguia mais mantê-lo erguido.

— É o segredo do cadeado que você está tentando arrombar.

— Quem está tentando arrombar um cadeado? Só estou verificando se ele era resistente — comentou Jackie, golpeando mais uma vez o cadeado.

— O homem bonito às vezes guarda lanches aí dentro. Mas a maior parte é porcaria. Se quiser lanches gostosos, vá ao bairro de biomedicina. Quase sempre tem carne-seca.

— Obrigada — disse Diane. — Vamos fazer isso.

Jackie deu de ombros e tentou o segredo. A porta se abriu com um chiado eletrônico. A mulher tomou a dianteira e saqueou a geladeira enquanto elas pegavam alguns dos flamingos de plásticos embrulhados em lençóis.

Saíram, trancaram o armazém, entraram na Mercedes e foram embora.

Dessa vez Diane dirigiu para deixar Jackie descansar após o esforço frustrado para arrombar o cadeado. Logo estavam de volta à rota 800, indo na mesma direção que antes.

Passaram pela casa da velha Josie, perto do depósito de carros usados. Não havia ninguém no jardim. O vendedor de carros usados continuava de pé no teto do velho Toyota, uivando. Diane não uivou

em resposta, mas se sentiu esperançosa outra vez. Ela ficava esperançosa toda vez.

— Jackie.

— Hum?

— Obrigada por me fazer companhia nesse meu pesadelo.

Jackie sorriu.

— Não, agora é *nosso* pesadelo.

O sorriso de Diane foi leve, mas significativo. Jackie tirou os flamingos dos lençóis e os colocou no apoio central, e as duas colocaram uma das mãos neles. Por um instante, ambas separadamente pensaram em dar as mãos, e ambas separadamente decidiram não fazer isso.

Jackie não se lembrava muito bem da autoestrada, mas sabia que estava em um carro e que aquele carro devia ter vindo de algum lugar. Ela olhou pelo retrovisor. Campos vazios, colinas baixas e a autoestrada 101, uma faixa distante e barulhenta sem uma ligação clara com o ponto em que ela estava.

— Como viemos parar aqui? — perguntou ela.

— Como assim?

— Pegamos a autoestrada?

— Pegamos a autoestrada. Usamos isto.

Diane indicou os flamingos sob as mãos delas. Em algum momento da jornada elas deram as mãos, no fim das contas.

Uma placa dizia KING CITY LHE DÁ AS BOAS-VINDAS acima de um desenho de dois golfinhos pulando em grandes arcos azuis, com o desenho desbotado de uma fábrica embaixo. A placa de madeira estava esbranquiçada pela chuva e pela falta de manutenção, então o prédio da fábrica parecia estar escondido na própria fumaça.

Abaixo da fábrica havia uma faixa que dizia PREFEITO E... mas o restante das letras já não era legível havia muito tempo. Havia um corvo enorme bem abaixo da placa, na areia vermelha do deserto, mas quando passaram vagarosamente Jackie percebeu que não era um corvo grande, mas um cachorro muito estranho.

Quando passaram, o cachorro (ou talvez fosse mesmo um corvo; era difícil ter certeza) encarou Jackie com a boca aberta, exibindo pequenos dentes pontiagudos e uma língua fina e vermelha.

— Acho que deu certo — disse Diane, sorrindo, mas sem sentir alegria alguma.

— Sim — concordou Jackie, estremecendo, mas sem sentir medo algum.

Havia poucos carros na estrada quando entraram no que parecia ser o distrito comercial. Os carros existentes eram marrom-acinzentados e longos, com tetos baixos e para-brisas curtos, e andavam devagar, bem abaixo do limite de velocidade. Não havia nenhum pedestre nas ruas.

O crepúsculo trouxe uma névoa arenosa ao ar quente, deixando o céu ocre. Um ruído surdo vinha de cima, como se uma redoma gigante tivesse sido colocada sobre a cidade.

Diane passou pelos Correios, um prédio térreo de estuque sem porta. A platibanda estava rachada, havia letras faltando na marquise e uma árvore crescera por entre a calçada quebrada e entrara em uma das muitas janelas estilhaçadas da frente do prédio. Não parecia haver ninguém lá dentro.

O ruído vindo do céu não cedia. Parecia um avião voando baixo em uma manobra interminável. Diane começou a ouvir sussurros, do mesmo jeito que se veem padrões nas nuvens. Os sussurros não eram palavras, mas tinham o ritmo da linguagem, o tom era carente e desesperado, mas, por mais que se concentrasse, não entendia nada. Os sussurros pareciam sua voz.

Diane se sentia tanto ali como em outro lugar. Como se estivesse no carro com Jackie, mas também inserindo endereços em uma planilha no trabalho. Estava sentada à mesa, digitando no teclado, escutando rock suave nos fones de ouvido. Diane sentia que havia duas versões de si mesma. Nunca tinha olhado para si mesma, não daquele jeito. Não se reconhecia, mas entendia quem era. Diane olhou para a mão que tocava os flamingos e sentiu-a na mesa de trabalho.

O braço saudável de Jackie estava para fora da janela, o ar arenoso fazendo cócegas em sua pele com centenas de picadas sem importância, um código Morse palpável dizendo algo sem sentido. Jackie quase ouvia os breves silvos dos grãos, o som

viajando através da pele, entrando em seu corpo, ignorando seus ouvidos. Ela fechou os olhos, em parte para se forçar a descansar, em parte para bloquear o âmbar profundo do crepúsculo em King City.

Nenhuma das duas contou à outra o que estava sentindo.

Diane viu uma loja com um toldo de lona preta e uma fonte prateada em negrito sem serifa dizendo: VHS E VHS E VHS... Ela estacionou o carro na frente da loja. Nenhuma das duas sabia muito bem por onde começar, mas, se Josh estava ali por vontade própria, certamente acabaria parando em uma loja como aquela. Ele tinha uma atração adolescente por atos de valentia inconsequentes, como realizar manobras de skate e assistir a fitas VHS sem identificação.

Jackie enfiou uma moeda no parquímetro, que estava dobrado ao meio como se fizesse uma reverência. Ouviu-se um tinido oco seguido por um sibilar. O parquímetro sibilava sem parar. Ela o contornou, tentando encontrar a fonte do barulho, e percebeu que não vinha do aparelho, mas de alguns metros à sua direita.

O silvo vinha de um corvo muito grande ou de um cachorro muito estranho. Ele tinha quatro patas, mas só se apoiava em uma. Os dentes eram afiados, e a cara, pontuda.

A boca do cachorro (Jackie decidira que era um cachorro muito estranho) estava aberta, e ele sibilava. Parecia que ele não precisava respirar. Ela deu um passo para trás, e as três pernas ociosas do animal se desprenderam do corpo largo. As pernas arrastaram o corpo em direção a ela, depois se retraíram novamente como um trem de pouso. O sibilar continuou.

Jackie gritou e contornou a traseira da Mercedes mancando, puxando Diane com o braço saudável. Elas atravessaram rumo à loja de VHS, e Jackie se virou para olhar o cachorro que as seguia, sumindo e aparecendo como a figura de um *flip-book* malfeito, um pouco mais perto a cada vez que ela olhava, ainda sibilando, ainda encarando.

Diane se assustou com o medo de Jackie enquanto era firmemente empurrada para a loja. O lugar era escuro. Estava destrancado e com as luzes acesas, mas as luzes eram fracas e mal localizadas, deixando grandes espaços nas sombras.

Não havia uma recepção na frente da loja, apenas estantes altas cheias de fitas soltas, algumas identificadas, outras, não. Algumas estantes estavam tão cheias que havia fitas na horizontal em cima das fileiras verticais. Outras estavam quase vazias, com exceção de algumas fitas espalhadas nas laterais.

Elas percorreram o corredor mais bem iluminado em direção aos fundos da loja. Após vários metros, a luz ficou mais fraca, e o corredor escureceu. Não havia corredores laterais, então continuaram em frente. Jackie, ela própria uma adolescente, não resistia a correr os dedos pelas fitas nas prateleiras. A maioria tinha adesivos com títulos escritos à mão. Ela não parou para olhar a seleção, mas tinha certeza de que algumas tinham apenas linhas de X em vez de títulos ou descrições.

O cachorro, ou o que quer que fosse, não estava à vista pela vitrine da loja, mas Jackie ainda ouvia o sibilar. Apressou-se com Diane pelo corredor. Àquela altura, estava escuro demais para ver o beco sem saída até chegarem a ele. Diane estendeu a mão pouco antes de bater em uma estante. Esperava que sua mão batesse em uma parede cheia de fitas, mas em vez disso tocou algo úmido, macio e frio. A coisa cedeu de leve sob o toque. Ela contraiu o maxilar e tirou a mão. Era molhado e, sob a luz fraca, Diane viu que seus dedos estavam cobertos do que parecia ser terra.

Enquanto voltavam para a entrada, o sibilar começou diante delas. Sua fonte estava invisível na luz distante ou, pior, invisível na escuridão próxima. Diane andava atrás de Jackie, que apoiava a mão no ombro da outra, os dedos das duas entrelaçados. Quando apertaram o passo, o sibilar ficou mais alto. À frente delas havia uma silhueta sombria no meio do corredor. Nenhuma das duas enxergava o que havia depois dela.

O braço esquerdo de Jackie latejava. Seu corpo doía muito. As pernas estavam bambas, e os olhos, sensíveis. Pareciam soltos no crânio.

— Diane — sussurrou Jackie.

O sibilar estava a apenas poucos metros à frente. Ela ouviu o suave clique de garras no chão.

— Diane. Pegue aquelas fitas.

— O quê?

Diane sobressaltou-se com o medo de Jackie. Jackie pegava fitas na prateleira na altura da cintura, então Diane a imitou.

A lombada das fitas era identificada com linhas de *X*, *J*, *P* ou *U*. Quando as jogou no chão, ela sentiu a mesma umidade fria de antes. As fitas se despedaçaram em suas mãos, caindo em montes macios de terra úmida. Um besouro enorme saiu rastejando de uma delas e atravessou com hesitação a pilha que ia se formando no chão.

Houve outro clique suave no piso de madeira quando elas derrubaram fitas suficientes para formar uma passagem que dava para outro corredor. Uma luz forte surgiu de lá. O sibilar parou.

Na quietude escura da loja, Diane sentiu as fitas molhadas se acumulando ao redor dos tornozelos. Jackie sentiu seus átomos se desprenderem uns dos outros. Ambas observaram a sombra sibilante.

— Jackie.

Os olhos de Diane se encheram de lágrimas, mas não transbordaram. Ela colocou a mão nas costas de Jackie.

As duas ficaram ali, com maxilares cerrados, pés paralelos e rostos encarando um desconhecido invisível. Elas esperaram um ataque. Uma lágrima escapou e escorreu pela bochecha de Diane. Esperaram.

A sombra diante delas gritou, um grito que lembrava muito o de uma criança apavorada.

Jackie se agachou e pulou pela passagem nas prateleiras. Diane ficou para trás, com os olhos fixos e lágrimas escorrendo pelo rosto enquanto a boca se abria, silenciosa, dublando o grito que ouvia. Os ouvidos doíam. O grito se encravou em sua mente, rachando o cérebro, rastejando garganta abaixo e parando no fundo das entranhas.

Diane sentiu um toque suave. Algo batia de leve em sua mão. Envolvia seu dedo mindinho. Ela não conseguia olhar. Queria seguir Jackie, mas não conseguia se mover. Tentava gritar, mas não encontrava espaço para o próprio grito no grito contínuo e lamentoso da sombra. Alguma coisa agarrou sua mão com força e puxou.

— Diane! Diane, por favor!

Estendendo o braço através da passagem na estante, Jackie puxava a mão dela. O momento passou, Diane se agachou e passou pelo buraco. O outro corredor estava iluminado, com luzes fluorescentes e prateleiras limpas e bem organizadas. Ela pegou um punhado de fitas e as usou para tapar o buraco pelo qual haviam passado. Jackie ajudou, e logo o buraco desapareceu. O grito fora abafado, mas ainda podiam ouvi-lo.

Elas se sentaram no chão, apoiadas à estante oposta. O grito parou. Não havia grito. Nem sibilar. Jackie achou que ainda conseguia ouvir o suave ruído de garras no piso de madeira, mas não tinha certeza.

Elas soltaram o ar, depois outra vez, então várias vezes até a respiração das duas estar sincronizada. O braço de Jackie envolvia os ombros de Diane.

— Desculpe — disse Diane após ficarem respirando por um tempo indefinido, segundos ou minutos. — Desculpe por ter entrado em pânico. Desculpe por ter trazido você aqui apesar de o problema ser meu.

— Não, cara. Desculpe por estar machucada. Desculpe por estar atrasando você.

— Jackie, eu sei o que era aquilo.

— SÉRIO?

— Quando criança, eu chorava, como todas as crianças, porque a infância é traumática e confusa. E quando chorar não bastava? Quando sentia aquele desespero que as crianças sentem porque não entendem algo nem vão entender por anos? Bem, aí eu gritava. Gritava o mais alto e pelo maior tempo que conseguia. Aquele grito da sombra era minha voz. Era eu gritando.

— Diane, shh.

Jackie apoiou a cabeça no ombro de Diane.

— Shh. Vamos descansar um pouco.

Jackie não dormiu, mas fechou os olhos e respirou com dificuldade por causa da dor. Diane viu que as pernas de Jackie se curvavam para fora a partir do joelho no piso empoeirado e que o braço direito apoiava-se frouxamente no peito.

Diane sentiu que estava parada na cozinha de casa esquentando sopa no fogão, ouvindo rádio. Ela sentiu o cheiro do caldo de legumes. Ouviu a voz de Cecil. Sentiu o vapor no rosto. Ela se via. Aquilo não era uma lembrança, mas uma cena que acontecia naquele momento. Sentada com Jackie no chão em uma locadora de King City, Diane sentiu que se separava, tornando-se múltipla, e, ao fazer isso, diminuía a cada repetição.

Ela se levantou. Jackie já tinha descansado o bastante. Diane a ajudou, gemendo, a ficar de pé.

— Olá!

Diane tentou chamar alguém, qualquer pessoa, que pudesse ajudá-las ali na loja.

— Olá — veio a resposta de trás das estantes.

— Oi, como encontro você?

— O que está procurando?

— Você.

— Para que precisa de mim?

— Estamos procurando uma pessoa. Somos novas na cidade e só queríamos saber se você pode nos ajudar. Temos algumas perguntas.

— Pode perguntar.

Diane decidiu parar de andar, pois não queria se perder outra vez nos corredores.

— Vocês têm uma Polícia Secreta? Estamos procurando um garoto desaparecido.

— Sinto muito. A Polícia Secreta parece ser bem secreta. Não sei nada sobre isso. Temos uma polícia não secreta.

— Estamos procurando uma delegacia. E também a prefeitura. Talvez o escritório do prefeito. Quer dizer, os números de telefone já seriam úteis.

Diane estava quase gritando. Não sabia a que distância estava a voz, ou de que direção vinha.

— Bom, o escritório do prefeito fica na prefeitura. Ela fica a quatro quarteirões e meio seguindo a rua Aprazível. É nesta rua que vocês estão agora. Claro, não temos prefeito há anos. Teremos uma eleição em breve, pelo que eu ouvi falar. Não sei por que, mas não temos prefeito há, hum não sei quanto tempo.

— Onde você está?

— Se seu filho está desaparecido, eu tentaria a polícia primeiro. Acho que deve haver uma delegacia por perto. Quer dizer, não tenho certeza. Nunca fui preso, sabe?

A voz riu a risada insípida de uma conversa casual.

— Tudo bem. Vamos tentar. O nome do meu filho é Josh. Foi ele que desapareceu. Não somos daqui. Somos de uma cidade chamada Night Vale, mas acho que Josh pode ter vindo para King City. E, se ele estiver aqui, adora locadoras. E também lojas de quadrinhos. Você viu algum garoto de quinze anos por aqui? Ele provavelmente está sozinho.

Sem resposta.

— Ou talvez em uma loja de quadrinhos aqui perto. Sem dúvida ele teria ido lá.

A loja ficou em silêncio.

— Olá?

Diane olhou para Jackie.

— Foi real, não se preocupe — disse Jackie. — Eu também ouvi.

Algumas das prateleiras tinham apenas caixas vazias de VHS, sem nem sinal das fitas. Havia poças no chão e teias de aranha nas prateleiras mais altas. Quanto mais Jackie olhava em volta, mais achava que deveriam ir embora, e quanto antes, melhor. Diane não achava que Jackie estivesse com medo, só impaciente. Elas caminharam com dificuldade até a porta da frente sem ouvir sibilos ou gritos.

Quando saíram e deram de cara com o crepúsculo arenoso, o sino da porta tilintou levemente na mente de Jackie como uma música favorita cuja melodia ela não lembrava mais.

Não havia nenhuma delegacia de polícia à vista. Diane e Jackie se apoiaram uma à outra. Elas andavam como uma só, com os braços entrelaçados de forma que não ficava claro quem segurava quem. Entraram em uma das poucas lojas que pareciam abertas: ARTIGOS PARA PESCA. As prateleiras estavam cheias de potes vazios. Havia um homem de pé atrás do balcão. Ele era enorme, o homem mais alto que ambas já tinham visto na vida.

— Olá — cumprimentou Diane. A cabeça dela parecia estar vários metros atrás dela, e as mãos flutuavam à frente do corpo como balões. — Estamos procurando um garoto, um adolescente, na verdade. A aparência dele é... Bem, muito variada. Ele é...

O homem assentiu com indiferença, sem dizer nada. Jackie sentia o corpo inteiro mole e pesado, apoiando-se no frágil esqueleto. Ela nunca sentira tanta dor. Cada passo era uma decisão que tinha que tomar, toda vez.

— Fiquem à vontade — disse o homem alto, fazendo um gesto com a palma da mão aberta.

Atrás dele, um dos potes vazios explodiu com um estalo. Alguns cacos se cravaram nas costas de sua mão, que imediatamente começou a sangrar. Seu rosto não se alterou em nada.

— Estamos procurando um garoto. Meu filho.

Diane não tirava os olhos das feridas.

O homem franziu a testa. Olhou as duas mulheres com atenção, como se não fossem quem ele achou que eram.

— Quem são vocês mesmo? — perguntou ele.

Outro pote explodiu. Desta vez parte do vidro atingiu-o no rosto. Sangue escorreu pela bochecha como lágrimas, pingando audivelmente no balcão. Ele franziu a testa ao ouvir o som.

— Só estamos olhando — respondeu Jackie, puxando Diane com toda a sua força, que não era muita, enquanto a outra estava paralisada, os olhos fixos nos do homem.

Ele olhou para Jackie.

— A sua loja é bonita. Precisamos ir — acrescentou Jackie.

As duas mulheres saíram mancando. Mais dois potes explodiram. O homem tinha uma boa quantidade de sangue escorrendo de vários cortes. Ele as observou sair lá do alto.

— Tentamos nos lembrar, mas sempre nos esquecemos — disse ele.

Diane se virou, com a mão na porta de vidro.

— Como é?

— Tenham um bom dia e obrigado pela preferência — disse ele.

As palavras saíam emboladas. Havia um longo caco de vidro atravessando sua língua.

As duas empurraram a porta para sair, quase caindo uma por cima da outra.

— Está tudo errado — disse Diane. — Este não é um lugar seguro para Josh.

— Já estivemos em lojas em que os funcionários sangram muito — falou Jackie. — Mas... — Sua voz foi morrendo, seu olhar se concentrou em um ponto fixo.

Quase todas as lojas de gel de banho ou cartões em Night Vale têm uma equipe inteira de vendedores que sangram, lutando para se manter conscientes, e limpam o chão sem parar. Mas, por algum motivo, em King City aquilo parecia errado, como se as pessoas não devessem sangrar o tempo todo. Como se já tivessem sido normais, independentemente do que isso significasse fora do único contexto que ela já conheceu.

Em sua mente, Diane viu um homem diferente daquele coberto de cacos de vidro, ou talvez fosse o mesmo homem, mas gerenciando uma loja na qual não sangrava, na qual nada explodia, na qual vendia artigos de pesca. À noite ele ia para casa ficar com a família, assistia a reprises na TV, um episódio após o outro, e dormia, um episódio após o outro. Ela viu aquele homem e esse homem ao mesmo tempo. Ele era múltiplo e diminuía a cada repetição.

— Não dá para ouvir os carros — comentou Jackie.

— O quê?

Jackie apontou para a autoestrada 101, tão perto que elas viam as palavras escritas nos grandes caminhões de transporte levando coisas do norte para o sul da Califórnia.

— Não há som.

Ela tinha razão. O silêncio era completo. Até seus passos pareciam ser abafados pela calçada. O ruído alto vindo do céu desaparecera. Elas passaram em silêncio por vasos de plantas resistentes à seca exibindo grandes flores roxas.

Diane se sentiu tirando as roupas da secadora, organizando-as em pilhas mornas de algodão na cama. Sentiu uma rua de King City cheia de carros e consumidores, lojas normais gerenciadas de forma normal. Ela sentia essas coisas, e ao mesmo tempo sentia Jackie junto a si, sentia o horror vazio da cidade silenciosa.

A loja seguinte tinha uma placa dizendo VIOLÕES. Uma senhora estava sentada em uma cadeira dobrável nos fundos. Fora ela, a loja estava vazia. Sem mobília, sem mercadorias, apenas paredes

mal pintadas em tons diferentes de branco e um carpete verde horrendo atravessado por uma linha cor-de-rosa irregular e salpicado de diamantes amarelos. O carpete se rasgara e fora remendado com fita aqui e ali. A fita brilhava sob as luzes fluorescentes.

A mulher parou o que estava fazendo, que era olhar para as mãos, e ergueu o rosto. Então começou a encarar Diane e Jackie.

— Estamos procurando um garoto de mais ou menos quinze anos.

A mulher estreitou os olhos.

— Achamos que ele pode ter passado por aqui. Ele era...

A mulher abriu a boca e mostrou a língua. A língua e as gengivas eram cinzentas. Os olhos dela estavam fechados com força, e a boca, o mais aberta possível. Ela começou a emitir um som úmido e ofegante, como o de um motor afogado tentando pegar.

— Tudo bem — disse Jackie. — Estamos indo. Obrigada.

Jackie virou Diane de costas e a empurrou para fazê-la sair da loja. Os olhos de Diane não se desgrudaram da funcionária em momento algum. Ela viu uma parede cheia de violões, uma mulher de meia-idade atrás de um balcão vendendo um conjunto de cordas a um cliente. Viu paredes vazias e, quando a porta se fechou, uma velha, com os olhos fechados com força, ofegando e chiando por aquela bocarra cinzenta. Ela viu ambas, igualmente reais diante dela.

— E agora? — perguntou Jackie, estremecendo ao falar enquanto se apoiava ao estuque quente da parede da loja.

Sua capacidade de esconder a dor estava começando a falhar.

— Mais uma loja. Depois a prefeitura — disse Diane.

Sua capacidade de esconder o desespero estava começando a falhar.

— Estou com medo de não sairmos da próxima loja.

— É mesmo uma preocupação. É, sim.

A loja seguinte dizia CELULARES em letras vermelhas. Lá dentro havia mostruários repletos dos últimos modelos de celulares. Placas explicavam contratos e planos de dados. Uma jovem usando um boné de beisebol e camisa polo cinza sorriu para elas quando entraram.

— Olá! — cumprimentou ela.

— Isso não é o que eu esperava — falou Diane.

— Ah, você leu nossa placa? — perguntou a mulher. — Somos uma loja de celulares.

— Nós lemos — reiterou Jackie.

— Também fazemos consertos. Vocês precisam consertar um telefone?

— Não — disse Diane. — Desculpe. Viemos de muito longe, em muito pouco tempo.

— Cara, o que está rolando com sua cidade? — questionou Jackie.

— Em King City?

Por um instante, a preocupação cruzou a expressão da mulher, que depois voltou a se animar.

— É um lugar ótimo.

— Ótimo... como?

— Não sei — disse ela. — Pouca coisa fica marcada na minha memória. A primeira coisa de que me lembro é de vocês entrando. Querem um celular?

— Não — respondeu Jackie.

— Estamos procurando meu filho. Ele tem mais ou menos quinze anos — contou Diane.

Um dos telefones no mostruário começou a tocar. A preocupação voltou ao rosto da mulher e lá permaneceu.

— Esses aí nem têm circuitos — disse ela, que parecia estar suando muito. — São caixas de papelão com adesivos imitando a tela. Os telefones de verdade estão nos fundos.

— Você se incomoda se tentarmos atender? — perguntou Diane.

— Só não me conte o que você ouvir, está bem?

Ela já não parecia nem um pouco feliz em vê-las. Tirou uma chave de um chaveiro verde no cós da calça e destrancou o mostruário.

O telefone em questão era um modelo mais antigo com tela sensível ao toque. Diane o pegou. Sem dúvida era papelão, e a tela não passava de um adesivo desbotado. Ela apertou o adesivo no ponto onde apertaria para atender um celular, depois levou o telefone de papelão à orelha.

— Alô?

— Parem de fazer tanto estardalhaço — disse uma voz masculina bastante familiar, mas que ela não sabia de onde conhecia.

— Estardalhaço?

— Todo mundo sabe que vocês estão aqui. Não é seguro.

Diane tirou o telefone de papelão do ouvido. Impresso na tela falsa do falso telefone de papelão havia um nome familiar.

— Evan?

— Não, é o Evan.

— Foi o que eu disse. Evan.

— Encontre-me na prefeitura. Vão direto para lá. Ignore o que qualquer um disser e ignore qualquer placa. Entre pela porta da frente, atravesse o corredor e vire à esquerda quando vir uma porta com a placa PREFEITO. Estarei esperando vocês lá.

Diane ouviu um clique. Ela imaginou que ele tivesse desligado, mas não sabia como sequer telefonara para um aparelho de papelão.

— Evan — contou a Jackie. — Ele nos pediu para encontrá-lo no escritório do prefeito.

— Por favor. Eu não quero saber nada disso — pediu a mulher. Seu rosto estava contraído, e os braços trêmulos, cruzados. — Por favor, saiam da loja.

— O que é esta cidade, afinal? — perguntou Jackie em tom suave, na esperança de arrancar uma lembrança dela.

A mulher relaxou e exalou. Jackie sentiu um progresso, uma confissão ou revelação a caminho, mas só houve outro “Por favor, saiam”, mais fraco dessa vez. O rosto da mulher se contraiu novamente em uma expressão de angústia ensopada de suor.

— Desculpe — disse Diane. — Pode ao menos dizer que direção seguir pela rua Aprazível para chegar à prefeitura?

A mulher grunhiu e entrou na porta onde se lia APENAS FUNCIONÁRIOS, batendo-a e trancando-a. Sua voz veio abafada através da porta fechada.

— Nós não temos prefeito há anos.

Quando elas saíram, Jackie perguntou:

— Para a prefeitura?

— É onde Evan está, acho — respondeu Diane.

Ela protegeu os olhos e observou a rua Aprazível.

— Vamos seguir por aqui e ver se encontramos.

— Não deve ser difícil. Prefeituras são sempre enormes, ornamentadas e com torres de rocha vulcânica no topo. Ou pelo menos a única prefeitura que conhecemos é assim.

Não havia nada remotamente parecido com isso. Elas viram um mercado fechado com tábuas. FECHADO PARA OBRAS, dizia uma placa torta pendurada nas tábuas, e alguém tinha riscado OBRAS com um marcador preto e escrito SEMPRE no lugar.

Só restava um prédio. Era baixo e pequeno, com cortinas nas janelas, como uma igrejinha do interior ou um armário.

— Isso só pode ser a prefeitura — comentou Diane, e começou a se aproximar.

Jackie olhava para o outro lado.

— Troy — disse ela.

— O quê?

Troy atravessou a rua de forma casual e depois virou em uma rua secundária.

— Vá encontrar o homem de paletó bege. Eu vou descobrir o que Troy está fazendo aqui.

Jackie saiu correndo atrás dele o mais rápido que seu corpo dolorido permitia, o que não era muito, mas fazia progresso, e pelo menos ia na direção certa, caramba. Ondas de agonia explodiam em suas pernas enquanto ela corria.

— Espere, Jackie — gritou Diane. — A gente não deveria se separar. Este lugar é estranho. Não sei se vamos nos reencontrar. Jackie!

Mas Jackie tinha sumido. Diane ia atrás dela, mas parou, pensando em Josh. Josh era o que importava. Jackie sabia se cuidar. Precisava encontrar Josh. Suspirou e atravessou a rua até o prédio. Era de tijolos, com uma vitrine espelhada, e na porta havia um pequeno cartão de plástico que dizia PREFEITURA.

— Tudo bem — disse Diane, o mais alto que pôde. — Aqui vamos nós.

Ela empurrou a porta. Em algum outro lugar, ao mesmo tempo, Diane acariciava um filhote de gato no cercado de um abrigo para animais. O gatinho ronronava e virou de barriga para cima. “Vou levar este”, disse ela. Em algum outro lugar, ela repintava uma velha cômoda. Em algum outro lugar, estava em um mercado de peixes, enjoada pelo cheiro. Em algum outro lugar, ao mesmo tempo, estava morta. Ela não sentia nada daquela versão de si mesma. Era apenas um vão em sua consciência, um nada sobreposto a seus múltiplos eus. A porta da prefeitura se fechou atrás dela.

Na prefeitura havia pilhas de arquivos e papéis ao redor de uma copiadora gigante e sobrecarregada, constantemente expelindo papel, empilhando-o e então empurrando para o chão quando mais papel chegava. Uma mulher de vestido com uma estampa repetitiva de rosas azuis em um fundo branco estava sentada a uma mesa ao lado da copiadora. Quando Diane abriu a porta, a rajada de vento vinda de fora fez a lista de visitantes voar em seu rosto. Ela não pareceu notar.

Atrás da mesa da mulher ficava uma enorme pintura a óleo de um homem de paletó bege. Seu rosto era visível. Mais ou menos simétrico. Ele não sorria, mas também não franzia a testa. Aquilo era um sorriso? Quando desviou os olhos, ela conseguiu se lembrar de toda a pintura. Olhou e desviou os olhos outra vez. Sua memória reteve todos os detalhes.

— Posso ajudá-la? — perguntou a mulher, sem erguer o rosto.

Ela digitava no computador, que não parecia estar ligado. Ela chorava, silenciosa e profusamente.

— Acho que não — respondeu Diane, sentindo-se ali e em outro lugar.

Sem Jackie, a sensação de se tornar mais pessoas e menos ela mesma piorava. Sem Jackie, ela não tinha ninguém em quem se apoiar, tocar, para reforçar por meio de contato físico que ela, a Diane em King City, a Diane que procurava Josh, era a única Diane que importava.

Outra versão sua comia cereal de trigo à bancada de uma cozinha desconhecida, tentando decidir o que fazer com uma informação que acabara de receber por telefone. Outra versão

dirigia e teve que dar uma guinada. Tinha poucos segundos para desviar. Seu coração acelerou, e ela se perguntou se sairia do caminho a tempo e se recuperaria o controle depois. A versão dela que estava morta continuava morta e estava assim havia muito tempo, um ponto vazio no caminho de outros pensamentos.

— Tudo bem — disse a recepcionista da prefeitura.

Lágrimas escorriam pelas bochechas dela. Seu corpo tremia.

— Você está bem? — perguntou Diane.

A mulher ergueu o rosto. Os olhos estavam vermelhos e fundos pela quantidade de água salgada que escorria por eles.

— Não. Acho que não.

Ela baixou o rosto e continuou a digitar no computador desligado.

— Qual é o problema?

Diane queria ajudar, mas a mulher não respondeu. A cabeça de um homem idêntico à pintura a óleo apareceu na quina do corredor.

— O que eu falei sobre interagir com outras pessoas? — perguntou ele, parecendo cansado e irritado. — Venha comigo.

A cabeça dele desapareceu, e ela não se lembrava mais de sua aparência. Mas se lembrava do quadro e enxertou os traços da pintura no vazio em sua mente.

— Preciso ir — disse Diane à mulher na recepção.

A mulher não parecia mais ver nem ouvir Diane. Continuava a digitar no teclado inútil.

Ela atravessou o corredor. O prédio era maior por dentro. Havia muitas portas, algumas com combinações confusas de letras com números. A maioria sem identificação. Ela não ouvia mais ninguém no prédio com exceção da mulher lamuriosa e do homem no fim do corredor. Nada além do interminável ruído da copiadora, despejando uma avalanche de papel pela goela. Será que era a copiadora que elas ouviam desde que chegaram a King City? Aquele ruído longínquo e incessante? Ela descartou essa ideia. O corredor continuou no que pareciam ser curvas infinitas. Curvas à esquerda

após curvas à esquerda. Porta estranhamente rotulada após porta estranhamente rotulada. Então a placa onde se lia PREFEITO.

— Entre, entre — disse o homem de sua mesa.

O escritório estava atravancado com mais pilhas de papel. Havia vários quadros de cortiça com papéis presos, e um quadro branco coberto de palavras frenéticas e ilegíveis. Algumas estavam circuladas e tinham setas apontando para outras partes do texto. Uma janela dava para o beco, e havia uma lata de lixo ali perto. Na sala sentia-se um cheiro forte e terroso, como o de terra decompondo-se em argila.

A pasta de couro de veado estava aberta ao lado dele na mesa, entre pilhas de papel. Havia centenas de moscas pretas ali dentro, rastejando umas sobre as outras em pilhas movediças e barulhentas. Moscas saíam da pasta e voavam pela janela até a lata de lixo, e outras voltavam pela janela. Isso deixou Diane enjoada, e ela temia que o medo tomasse seu corpo. Temia ainda mais que as moscas fizessem isso. Em algum lugar, outra versão dela estava sentada na janela do quarto de manhã, olhando para uma árvore de que gostava, e isso a manteve sã.

— Sente-se — disse o homem, ainda lhe dizendo o que fazer, como se fosse a coisa mais natural para ele.

— Não, prefiro ficar de pé — retrucou ela.

O homem revirou os olhos. As moscas zumbiram mais alto.

— Fique à vontade.

Ele tirou uma pilha de papéis da mesa e a substituiu por outra pilha do chão.

— Onde está Josh?

— Temos muito que conversar.

— Não, não temos. Onde está meu filho? Vou levá-lo para casa.

— Desculpe, Diane, mas você não vai fazer isso.

Ele cruzou os braços. Uma mosca pousou em seu ombro e também cruzou os apêndices.

— Não sei exatamente onde Josh está — respondeu ele. — Por aí, acho. O importante é que está em King City. E vai ficar em King City. Pelo menos por enquanto. Até tudo voltar ao normal, ele terá que ficar aqui. Eu tive muito trabalho para trazê-lo para cá.

Outra versão de Diane corria, embora ela não soubesse se estava se exercitando ou fugindo. Não tinha acesso às emoções da outra Diane, só à sua velocidade. Estava com dificuldade de se concentrar com tantas versões de si mesma na cabeça.

— Onde está Josh? — perguntou ela, aproximando-se do homem com a mão erguida.

Queria destruí-lo. Nunca quis destruir nada. Ele se levantou às pressas da cadeira, com o rosto vermelho. As moscas formaram uma nuvem negra, irada e pulsante, entre os dois.

— Não vai adiantar nada me atacar! — gritou ele, e o zumbido das moscas ecoaram as palavras. — Agora, sente-se, Diane Crayton.

Ela não se sentou, mas também não se aproximou mais. Não por causa das suas palavras, e sim porque a grande nuvem negra de moscas a deixava ansiosa. A outra Diane em sua cabeça parara de correr, embora ela não soubesse se era porque o exercício havia terminado ou porque fora pega.

— Josh está seguro — disse ele, voltando a se sentar.

A nuvem de moscas também desceu, ainda entre ele e Diane.

— Mas King City precisa dele.

— Você é o prefeito desta cidade, se é que se pode chamar isto de cidade. Por que não pode resolver os problemas por conta própria? Por que precisaria de um garoto de quinze anos de outro lugar para fazer seu trabalho por você?

— Esta cidade não sabe que sou o prefeito. Desde que os problemas começaram, ninguém se lembra de mim. — Ele voltou a um tom mais suave, uma postura mais amena. — Eu era o prefeito quando aquele homem chegou à cidade, e desde então os cidadãos de King City volta e meia decidem que precisam eleger um prefeito,

porque não têm um. Eles fazem todos os passos necessários: montam as cabines de votação, arranjam candidatos, conversam uns com os outros a respeito de quem seria bom para o trabalho ou basicamente não prestam atenção e não falam sobre isso. E aí, no dia da eleição, um dos envolvidos olha a papelada e percebe que já existe um prefeito. Confusos e frustrados, eles desmontam tudo, cancelam a eleição e vão para casa, insatisfeitos. Então, alguns meses depois, começam de novo, tendo esquecido que eu existo.

Ele fez um gesto para a nuvem de moscas diante de si, e elas voltaram a se acomodar na pasta aberta.

— Faz muito tempo que ninguém se lembra de mim. Ser lembrado é, na minha opinião, um direito humano básico. Não é algo em que pensamos quando o temos, mas parece uma garganta sedenta no deserto quando o perdemos.

Diane não se importava com os problemas daquele homem. Mas uma parte do que ele disse a interessava.

— Quem é “aquele homem”?

Jackie seguiu Troy até um bar. Ela sabia porque tinha uma grande placa do lado de fora dizendo BAR. Ficava em um prédio com painéis de madeira compartilhado com uma agência de seguros. A construção em si parecia velha e gasta, mas também parecia ter sido construída recentemente para parecer velha e gasta.

Troy entrou, e Jackie foi logo atrás.

Ela não o viu a princípio. O longo balcão do bar estava cheio, embora o fim de semana ainda não tivesse chegado. Todos homens, claro. Ela revirou os olhos. As mesas também estavam cheias: todos homens, todos debruçados.

Uma torneira gorgolejou. O barman, que Jackie não via por cima da fila de homens no bar, servia uma cerveja. Talvez para um recém-chegado ao bar. Alguém que tivesse acabado de entrar. Ela foi naquela direção.

Seus olhos ainda estavam se acostumando à mudança do sol forte para o bar mal iluminado, de modo que ela não percebeu o que estava acontecendo quando uma gritaria começou nos fundos do bar.

— Seu imbecil!

— Repita!

Alguém caiu com um baque. Os homens do bar se viraram com interesse, e ela notou algo estranho, mas aquilo se perdeu quando a briga nos fundos ficou mais violenta.

— Repito quantas vezes quiser.

Alguns socos. Um estrondo de gente esbarrando em cadeiras. Mais socos. Os homens começavam a se levantar e correr para os fundos.

— Se vocês quebrarem alguma coisa, vão ter que pagar! — exclamou o barman. — Dinheiro ou cadeia, para mim dá no mesmo.

Mas ele também correu para os fundos.

— Senhores, por favor — pediu.

Ele era louro.

Louro. Era isso o que ela tinha notado. Todos os homens no bar eram louros. Seus olhos começaram a se focar nos vultos obscuros. Ela seguiu o último dos homens que corriam até uma pequena área aberta com uma mesa de sinuca e um jukebox no canto.

Havia dois homens no chão, brigando e se socando. O rosto deles estava vermelho. Ambos eram Troy.

— Senhores, levem isto lá pra fora já! — ordenou o barman.

— Ah, deixe os caras brigarem — disse um dos espectadores. — O que mais temos para fazer por aqui?

Ela reconheceu ambas as vozes. O barman era Troy. Assim como o espectador.

Sua visão se ajustou. Ela estava cercada por um enorme círculo de Troy, observando os dois Troy brigarem no meio. Todas as pessoas do bar eram Troy.

A multidão oscilava em um movimento empático com os dois homens que lutavam. Ela foi empurrada na onda de Troy. Quando tentou sair do meio da multidão, o grupo de homens iguais que a cercava deu uma guinada para a esquerda, e Jackie foi jogada ao chão.

Eles riam, torciam e tentavam sem sucesso não pisar em suas pernas sensíveis.

Ela grunhiu e praguejou. Um dos homens estendeu a mão para ela, ainda concentrado na luta, mas fora isso a ignoraram. Então, com grande dor e exasperação, ela se levantou e abriu caminho até a saída em meio à massa de homens em movimento.

Jackie se apoiou à fachada de madeira do prédio. Queria estar com Diane de novo. A dor no braço esquerdo dificultava seus pensamentos e movimentos. Ela temia que os analgésicos

confundissem sua mente, por isso não tomava muitos. No final das contas, os analgésicos que lhe deram no hospital eram apenas sacos com lascas de madeira, de cuja efetividade ela duvidava.

Um homem louro com o que se tornaria um olho roxo saiu cambaleando do bar. Ele parou perto de Jackie e olhou a rua, praguejando em voz baixa.

— Ei — chamou Jackie, se desencostando da parede na esperança de não parecer tão fraca, mas a dor no braço e o choque de encontrar Troy depois de tudo o que descobrira sobre ele a obrigaram a se apoiar de novo.

Sem muita prática naquele ponto da vida, ela tentou puxar uma conversa adulta casual.

— Você fuma?

— Não, desculpe — disse ele, olhando para ela sem reconhecê-la.

— Nem eu. Não sei por que perguntei. Desculpe. Eu sou Jackie. E você?

— Troy. — Os olhos dele se estreitaram. — Quantos anos você tem? Seus pais sabem que está em um bar?

— Meu pai sabe.

Esfregando a nuca, ele olhou para os campos vazios e para as colinas baixas cobertas de grama na direção da sempre cheia autoestrada 101, e para o céu cada vez mais escuro conforme o sol se punha. Ele parecia ter sofrido uma concussão, mas, sobretudo, parecia saber alguma coisa que não queria saber.

— Certo, garota. Eu tomei uma surra e precisava de um pouco de ar. Vou voltar lá para dentro e...

— Qual é a de todo mundo aqui? Por que vocês são todos iguais? Todos se chamam Troy? Você conhece Diane Crayton?

Ela queria fazer muitas perguntas, como quando se encontra um ator ou autor favorito. Como dizer tudo o que queria para uma pessoa que foi tão importante na sua vida e não tem ideia de quem você seja?

— Diane — repetiu Troy, franzindo a testa com nervosismo.

— Diane Crayton. De Night Vale. Ela está criando seu filho, Josh.

— Ah. Bem.

Troy assentiu, seguindo devagar até a porta.

— Como ela está?

— Por que você mesmo não pergunta?

Ela o deixou ouvir a amargura em sua voz.

— Aham — falou ele, não exatamente em resposta, mas só para fazer algum som.

— Existem dezenas de você. Por que um não vai falar com ela? Vocês fazem alguma coisa além de ficar sentados aqui, bebendo?

— É assim que eu sou... Hum...

— Jackie.

— Jackie. Eu sou isso que você está vendo. Não sei explicar. É como... — Ele grunhiu. — É difícil, está bem? É só uma coisa com a qual eu convivo.

A porta do bar se abriu e outro Troy saiu. Em seguida, vários, se não todos, os Troy saíram. Todos olharam de soslaio para Jackie.

— Não importa, está tudo bem — disse ela, sem medo de nenhum de seus pais, mas nervosa por ficar perto de tantos.

— Claro que está tudo bem — falou Troy com o olho roxo. — Não preciso me explicar para você. Não conheço você. Como quebrou o braço? Por que seu pai deixa você beber? Por que está me incomodando por causa de Diane?

Os Troy se aproximaram.

— Essa garota está incomodando você? — perguntou um deles.

— Deixe o cara em paz, moça — retrucou outro.

— Para trás, gente — pediu um terceiro.

— Jackie? — falou outro, e Jackie se perguntou se tinha imaginado essa voz. Foi tão baixa.

Toda a multidão de Troy falava ao mesmo tempo com ela e uns com os outros. Ela recuou.

— Olhe, cara — disse ela. — Todos vocês... caras. Eu só... preciso ir.

Seu pai era muitos, e nenhum deles a conhecia. Ela saiu mancando o mais rápido que pôde. Quando ficou fora de vista, se apoiou na parede de estuque manchada de uma loja com uma placa que dizia PLANTAS, curvada e dolorida. Nenhum deles a chamou nem a seguiu. Um por um, todos voltaram para o bar.

Jackie puxou a porta da prefeitura, mas ela estava trancada. Balançou-a algumas vezes. Bateu. Tentou sangrar nela. Nada.

— Abra! — gritou para a porta. — Abra!

Mas também não era uma porta de gritos. Os prédios de King City pareciam quase iguais, frios e sem cor, mas a prefeitura, o coração de qualquer cidade, era pequena e murcha como o pulmão de um fumante.

— Qual é — reclamou ela, impotente.

Nada naquela cidade fazia sentido. *Nada em lugar algum faz sentido*, pensou ela, mas a diferença entre a esquisitice reconfortante de casa e a esquisitice estranha de King City fazia com que sentisse profundamente os quilômetros que separavam as duas cidades e o tempo que tinha se passado desde que se sentira confortável em algum lugar. Ela chutou a porta, e o único resultado foi uma onda lancinante de dor que subiu pelos dedos dos pés, passou pela perna e atravessou o braço.

Ela contornou o prédio. Nos fundos havia outra porta. Ao contrário da porta da frente, não tinha nenhuma placa e era lisa, pesada e escura. Também ao contrário da porta da frente, estava aberta.

Em vez de um quarto de quinquilharias ou guarda-móveis, a porta dos fundos levava a uma recepção elegante, embora antiquada. As paredes eram decoradas com pinturas de pessoas em ordem cronológica de vestuário. Sob cada pintura havia uma placa que dizia EX-PREFEITOS.

A recepcionista estava sentada a uma mesa de metal, e na parede atrás dela ficava o quadro de um homem de paletó bege. Na

mesa havia uma lista de visitantes.

— Oi, Diane Crayton passou por aqui? — perguntou Jackie, debruçando-se sobre a folha, procurando o nome de Diane. Todas as linhas estavam em branco. A recepcionista afastou a lista de Jackie.

— Tem hora marcada? — disse com a voz rouca e os olhos inchados.

— Minha amiga esteve aqui para encontrar o prefeito. E-Ev-Evan? — respondeu Jackie, transformando o nome em uma pergunta. — Everett? Elliott? Seu prefeito. Ela veio encontrar o prefeito.

— Não temos prefeito.

A recepcionista sorriu, como se aquilo tivesse sido uma estranha forma de quebrar o gelo e agora elas pudessem ter uma conversa de verdade.

— Vocês têm, sim.

— Desculpe. Atualmente não temos prefeito. Acho que somos uma cidade incomum nesse sentido. Se sua amiga disse que veio ver o prefeito de King City, ou mentiu, ou se decepcionou.

O sorriso da recepcionista passou de amistoso a arrogante.

— Não. Vocês têm. Olhe.

Jackie apontou para o quadro atrás da recepcionista.

— Eu nunca tinha visto esse quadro.

— Leia a placa.

A recepcionista leu a placa em voz alta.

— Atual prefeito.

— É quem vim ver.

— Como eu não sabia que tínhamos um prefeito? — A recepcionista franziu a testa, nem amistosa nem arrogante. — Espere aqui.

Ela se levantou e saiu correndo do prédio, deixando na mesa o chaveiro e o computador que, sob um olhar mais atento, estava

desconectado e, sob um olhar mais atento ainda, era esculpido em madeira e pintado.

Jackie deu de ombros, pegou as chaves e entrou pelo corredor próximo à recepção. Havia poucas portas ao longo do corredor comprido. As que existiam não tinham maçaneta nem dobradiças, o que as tornava não portas, mas paredes imitando portas. Possuíam janelas de vidro fosco e números de salas que não seguiam nenhuma lógica: a 43-EE ficava ao lado da ZX-6, que ficava em frente à de número 1. Jackie tentou empurrá-las, deslizá-las e bater nelas, mas nada aconteceu.

O corredor era longo e sinuoso. Não havia caminhos secundários. A julgar pelo tamanho diminuto do prédio e pelo incrível comprimento do corredor, Jackie tinha certeza de que o corredor descia para o subsolo, mas de tempos em tempos aparecia uma janela que dava para fora. Era possível olhar para fora e ver árvores, prédios e o lento trânsito marrom-acinzentado. A última luz do crepúsculo misturou-se à anêmica iluminação fluorescente de baixa voltagem.

Ela bateu em todas as portas na esperança de encontrar alguém, na esperança de encontrar Diane ou o prefeito, fosse ele quem fosse. Em certos momentos, achava ter ouvido pessoas conversando em voz baixa por trás daquelas não portas, mas quando batia, empurrava e chacoalhava a parede as vozes se silenciavam.

Ela aproximava o rosto do vidro fosco quando ouvia vozes, na esperança de enxergar lá dentro, na esperança de ver algum tipo de movimento. Mesmo que isso levasse um funcionário apavorado ou irado a sair ao corredor a fim de confrontá-la, para Jackie não teria sido um problema. Ao menos teria alguém com quem falar.

Mas em todas as portas, nada. Nada na porta 55. Nada na porta T9. Nada na FLX-8i.7. Nada na 2. Nada no ALMOXARIFADO. Nada na 3.315. Algo na REG. CIV. Algo pequeno.

Era uma das poucas portas com letras que significavam alguma coisa. A princípio, ela ouviu, depois empurrou com delicadeza, então com força. Tentou erguer e deslizar a porta. Bateu. Pressionou o rosto no vidro. Ela não sabia por que, mas fez uma coisa que não tinha feito com nenhuma das outras não portas: colocou a mão no vidro.

Encostou a palma da mão no vidro e abriu os dedos. Quando a retirou, deixou ali uma marca, a mão erguida como se dissesse “Pare”, “Venha aqui”, “Olá”, “Socorro” ou talvez apenas “Eu estou aqui. Esta mão, pelo menos, é real”. Por trás da impressão da mão, ela viu uma sombra.

— Diane?

Jackie deu um passo para trás e reuniu a energia que ainda lhe restava para fugir do que quer que estivesse atrás da porta. Conforme a sombra se aproximava do vidro, ela viu que tinha o que pareciam ser galhadas: galhadas lisas e afiadas saindo de um crânio bulboso.

— Diane? — perguntou Jackie, menos esperançosa.

— Não — respondeu a voz, e a porta começou a se abrir.

Um rastro de luz amarela vazou pela fresta perto dos pés de Jackie e começou a se alargar. Jackie não se movia. A porta se abriu, e ela viu.

- Quem é “aquele homem”? — perguntou Diane.
— Troy — respondeu o homem de paletó bege.
— Troy — repetiu ela.
— Diane — disse ele. — Deixe-me contar uma história sobre Troy.

UMA HISTÓRIA SOBRE TROY

King City era uma cidade normal. Ou tinha muitas pequenas anormalidades, segredos sem importância, momentos ao longo de sua história que não faziam muito sentido e eventos sobre os quais ninguém falava. E, nesse sentido, era normal.

Ela ficava em um trecho da autoestrada 101 entre uma cidade chamada Greenfield e a reserva ambiental estatal. Esse trecho da 101 não interessava a ninguém. Os cidadãos de King City discordavam, porque haviam nascido ali, tinham se apaixonado pela cidade, eram foras da lei ou haviam superado as expectativas e levavam vidas plenas naquele trecho da autoestrada. Mas, para a maioria das pessoas que passava dirigindo para o norte ou para o sul, não havia nada, depois havia uma cidade e não muito mais.

O prefeito dessa cidade era um homem jovem e enérgico, com uma esposa, uma filha e uma casa. Ele amava pessoas e tinha bens. Também havia pessoas que ele não amava e bens que ele não possuía. Ele levava uma vida plena.

Pouco depois da eleição, um homem novo chegou à cidade. Gente nova chegava à cidade toda hora. Ela não ficava assim tão distante de outros lugares, e seu acesso se dava por uma via importante. Havia um Taco Bell onde as pessoas usavam o banheiro. Havia um posto de gasolina onde as pessoas usavam o banheiro. Havia todo tipo de coisa. O prefeito tinha orgulho da cidade.

Mas o forasteiro não estava de passagem. Chegou para morar. Disse que vinha de uma cidade não muito distante, ou talvez muito distante. Ele não sabia.

“A distância confunde”, dizia o forasteiro às pessoas, a qualquer um que se dispusesse a ouvir. “Assim como o tempo.”

Ele balançava a cabeça e convidava os outros para pensar com ele na insensatez do espaço e do tempo.

Não foi por isso que o homem chamou atenção.

Ele chamou atenção porque era muito prestativo. No final das contas, possuía aquela rara combinação de bondade e competência. Parecia ser capaz de fazer quase tudo.

“Problemas com o carro? Claro, eu sei uma coisa ou outra a respeito de motores. Não muito, mas posso dar uma olhada.” E logo o carro voltava a andar.

“Dívidas? Na verdade, entendo um pouco de bancos. Deixe-me falar com eles um instante, ver se há alguma coisa que eu possa fazer.” E os cobradores nunca mais ligavam.

“Coração partido? Meu caro, você não sabe quanta experiência eu tenho nessa área. Vou lhe pagar uma bebida e conversaremos sobre isso.” E, embora álcool nunca fosse a solução, o papo fazia a pessoa se sentir melhor.

A cidade inteira passou a gostar muito dele.

“Esse Troy”, dizia Ynez, uma aposentada que trabalhava na loja de violões nas noites de semana. “Ele é prestativo, não é?”

“É mesmo”, dizia o prefeito.

Ele usava um paletó bege. Às vezes o prefeito usava um paletó bege, mas não com frequência.

Então os problemas começaram.

Começou com Troy sendo prestativo. Ele carregou as compras de um senhor que provavelmente poderia ter carregado as próprias compras, mas que estava tendo um longo dia, estava cansado, e se Troy quisesse carregar suas bolsas ele permitiria.

Enquanto percorriam o estacionamento, o senhor e Troy passaram por outro Troy, que tentava fazer o carro de uma adolescente nervosa pegar. A adolescente não tinha permissão de usar o carro e não conseguia mais ligá-lo. Estava com medo de os pais chegarem em casa e darem pela falta dela e do carro.

“Eles vão chamar a polícia”, lamentou ela em voz alta, mas para si mesma. “Eu vou me ferrar.”

Troy tinha ligado os cabos à bateria de seu carro e ia ligar a outra ponta ao carro dela quando Troy passou com as compras do senhor.

“Olá”, disse Troy.

“Ah, oi”, cumprimentou o outro Troy.

O senhor e a adolescente ficaram boquiabertos ao olhar para os dois Troy e um para o outro. Troy continuou carregando as compras e ligando os cabos. Ele se virou e olhou para

o senhor, que havia parado de andar.

“O que foi?”, perguntou Troy.

E, assim, Troy começou a se multiplicar. A princípio, pouco, e depois mais que um pouco. Ele estava em todo canto. Era competente, amistoso, prestativo e abundante.

Os cidadãos de King City não sabiam o que fazer. Procuraram o prefeito em busca de orientação. O prefeito não sabia o que fazer. Ele vestiu o paletó bege, porque estava frio naquele dia, e foi visitar Troy. Ou um dos Troy. O que achava ser o original, embora fosse difícil saber, àquela altura.

Troy sorriu quando abriu a porta.

“Ah, oi”, disse Troy, voltando para a sala de estar. “Entre, cara. Quer beber alguma coisa? Água? Uma cerveja?”

“Não, obrigado”, disse o prefeito. “Ouça, Troy, tenho algumas perguntas.”

“Claro, sem problemas.”

“Troy, de onde você veio exatamente?”

Troy franziu a testa.

“De um lugar chamado Night Vale. Ótima cidade. Cresci lá. Na verdade, nunca morei em outro lugar. Mas sofri muito lá. Tomei muitas decisões ruins na vida. King City é um bom lugar. Além disso, sinto que estou me saindo muito bem aqui. Ei, por falar nisso, você precisa de alguma coisa? Estou me sentindo produtivo hoje.”

“Não, Troy. Obrigado.” O prefeito se sentou desconfortavelmente em uma poltrona confortável. “Troy, existe mais que um de você.”

“É”, confirmou Troy.

“Existem muitos de você. Existem múltiplos Troy.”

“Eu sei”, disse Troy. “Mas acho que todos estamos sendo muito úteis, não é? Ouça, se algum deles não for prestativo, venha falar comigo. Eu me coloco na linha.”

“Ser prestativo não é o problema, Troy. O problema é que as pessoas não se multiplicam. Nunca existe mais de uma da pessoa de repente.”

“Claro que existe. Olhe para mim.” Ele franziu a testa outra vez. “Sei lá. Onde eu nasci, você meio que aceita as coisas. Achei que aqui também seria assim.”

“Nós gostamos de você, Troy”, disse o prefeito de paletó bege. “Mas estamos confusos.”

“Ah, ei, também gosto de todos vocês.”

Troy se levantou. O prefeito também se levantou.

“Esta cidade é ótima, e vou continuar fazendo tudo o que puder para torná-la ainda melhor.” Ele começou a guiar o prefeito em direção à porta. “Muito obrigado pela visita. Sinta-se à vontade para aparecer sempre que tiver algo que precise ser feito ou mesmo que só queira conversar. Eu adoro conversar.”

O prefeito saiu da casa, sentindo-se inquieto e com a sensação de que não tinha conseguido fazer qualquer progresso.

Os Troy continuaram a se multiplicar. Logo havia bairros inteiros cheios deles, sorrindo, acenando e se oferecendo para ajudar uns aos outros.

Os outros habitantes de King City também mudaram. Tornaram-se esquecidos. Perceberam que estavam conversando menos com pessoas que não moravam em King City. Recebiam ligações da mãe, dizendo que não ligavam para ela havia muito tempo, e percebiam que, até receberem aquela ligação, não se lembravam de que tinham mãe.

Não foi apenas a memória do povo. Havia algo acontecendo fisicamente. Era cada vez mais difícil sair da cidade. As pessoas tentavam fazer um passeio de vinte minutos fora dos limites da cidade e descobriam que todas as estradas levavam de volta à cidade. Ou que, por um momento, o céu parecia tomado de estática ou talvez apenas infestado de estrelas, mais estrelas do que qualquer um já tinha visto, mas qualquer um dos dois é estranho no meio do dia, não é? A autoestrada 101, tão intimamente ligada à vida da cidade, tornou-se impossível de alcançar. Não parecia haver nenhuma entrada, e não importava que caminho tomassem, ela não se aproximava. Logo nem ouviam mais os carros, por mais próximos que estivessem. O silêncio caiu na cidade.

E os Troys continuavam a se multiplicar. O prefeito tentou alertar os cidadãos sobre Troy, mas ninguém era capaz de guardar aquela informação na mente por tempo o bastante para fazer alguma coisa a respeito.

“Precisamos de um prefeito”, diziam. “Um prefeito saberia o que fazer.”

E depois descobriam que tinham prefeito, mas haviam se esquecido dele. E aí esqueciam que tinham descoberto isso.

O homem que era prefeito no dia em que Troy chegou à cidade também sentiu as mudanças. Ele ia para casa cada vez menos. Às vezes esquecia onde ficava, e, mesmo quando ia, a esposa e a filha o encaravam com olhos vazios e arregalados, sem saber quem ele era, apavoradas com o intruso na casa.

Toda vez que ele olhava para baixo, parecia estar usando aquele paletó bege. Decidia tirá-lo, e aí se esquecia disso até perceber novamente e o processo se repetir.

Logo, parou de ir para casa. Não foi uma decisão, foi apenas o que aconteceu. Estava sempre na prefeitura, com uma equipe que não sabia quem ele era nem que sequer havia um prefeito.

A única coisa que guardava com clareza na cabeça era a cidade natal de Troy. Uma cidade chamada Night Vale. Então ele foi procurar Night Vale.

Aquele não era um lugar fácil de encontrar, mas ele tinha muito tempo. Na infinita estranheza que caíra sobre King City, o tempo era um recurso inextinguível.

Ele chegou a Night Vale e começou a tentar encontrar alguém que pudesse ajudá-lo a salvar sua cidade de Troy. Passou meses, talvez até anos, lá. Ele não sabia. Ninguém se lembrava de ter conversado com ele. Ninguém podia ajudá-lo. Então ele falou com Diane e ela, por alguma razão, mencionou Troy de passagem.

O prefeito, cujo nome não era Evan McIntyre, começou a trabalhar no escritório de Diane para descobrir mais a respeito de Troy, um homem de muitas personalidades, mas apenas uma forma, e com o tempo descobriu sobre seu filho, Josh, um menino de muitas formas, mas apenas uma personalidade. E o prefeito soube o que tinha que fazer.

Ele não ficou contente, mas, enfim, nada mais o deixava contente.

* * *

— Josh é filho do homem que tirou minha cidade de mim — disse o homem de paletó bege a Diane. — Seu filho, Josh, também é uma pessoa incomum, mas é diferente do pai. Preciso da ajuda dele para entender Troy e salvar minha cidade.

Ele suspirou, olhando pela janela como se houvesse mais para ver além de uma parede e uma lata de lixo.

— Sinto que fomos substituídos por outra King City, que continuou na sua progressão normal como cidade, bem de onde paramos, separando-se de nós enquanto nos perdíamos em sejam quais forem este espaço e tempo.

Diane se levantou. Ela não se importava com esse homem ou com a cidade dele.

— Diga-me para onde levou meu filho. Quero meu filho.

O enxame de moscas se ergueu de novo e pegou Diane desprevenida. Ela tropeçou para trás, caindo na poltrona de couro. O homem de paletó bege balançou a cabeça.

— Espaço e tempo são estranhos, não é?

Ele estava certo.

— Ouça, Evan, ou seja lá qual for seu nome, o que aconteceu com a sua cidade foi terrível. Mas preciso do meu filho de volta.

Porque, por mais que eu me importe com o mundo, eu me importo mais com Josh. Você tem uma filha, você entende.

— Tenho. Tenho mesmo uma filha — disse ele, virando-se para encará-la. — E, por mais que eu me importe com seu filho, eu me importo mais com minha filha. Tenho certeza de que você entende. Todos perdemos familiares por causa do Troy.

Ela apontou para ele. Estava falando sério.

— É o seguinte: eu vou encontrar meu filho. Vou encontrá-lo agora.

E foi nessa hora que Josh entrou na sala com Jackie. Ele tinha um corpo compacto e enormes galhadas.

— Oi, mãe — disse ele.



A VOZ DE NIGHT VALE

CECIL: ... arrombar o armário dele? Quem faria uma coisa dessas? Provavelmente cachorros ferozes. Todos sabem que eles são ladrões.

Mudando de assunto, um relatório recente sugere que as coisas podem não ser o que parecem. O relatório explica que as coisas definitivamente são o que são, mas nunca o que parecem. Muitos cientistas contribuíram para o relatório. Eles estudaram números em telas de computador, escreveram longas equações e fizeram muitos desenhos que ajudaram a provar o que diziam.

“Até mesmo esta página que você acha que está lendo pode ser algo diferente do que você acha que vê”, explicou o relatório. “É possível que este relatório seja apenas uma grande babosa ou um aparador de madeira dos anos 1950. Você pode tentar analisá-lo com mais cuidado, mas nunca terá certeza.”

Não explicaram se as coisas eram ou não o que pareciam antes deste relatório ou se serão o que parecem em algum momento do futuro.

E agora, o trânsito.

Um homem adentra o deserto. Ele não tem muitas posses. Em certo ponto, tinha um novo emprego, um belo carro e pessoas em sua vida. Agora só tem um terno cinza risca de giz sujo de terra e uma nota de cinco dólares. *Logo*, pensa ele, *terá menos*. Quanto menos tem, mais as coisas fazem sentido, embora ele não entenda por quê.

Ele volta a pensar nos homens que foi no passado. O homem com uma amante. O homem com um emprego. O homem dirigindo sem destino. O homem com um relógio sofisticado em um lugar onde o tempo não funciona. O homem parado no deserto com as mãos sujas de sangue. O homem entrando em uma loja de penhores. Todos pareciam ser pessoas diferentes, pessoas que não conheciam umas às outras embora se reconhecessem vagamente de cantos opostos de uma festa da qual nenhum deles gostara.

Mas ele também sabia que todos eram ele, que todos ainda viviam dentro de si, em algum lugar. Que nunca poderiam ir embora, apenas recuar para o ruído de fundo de sua mente.

O jovem está no deserto. Ele relembra um mundo que já não lhe pertence. Nada lhe pertence. Ele observa uma paisagem desolada e interminável. Então para onde está, um lugar tão bom quanto qualquer outro.

Ele ergue o rosto. Mais uma vez, olha para o céu. Um planeta enorme, sem a luz de sol algum, está lá. Um titã invisível formado por densas florestas negras, montanhas pontiagudas e profundos oceanos turbulentos. Está muito próximo. Tão próximo que ele se pergunta se conseguiria tocá-lo. Quando ergue a mão, tem a impressão de ver movimento na superfície. Abaixo das copas das árvores, pelas escarpas das montanhas e pelas praias do oceano bravio. Pessoas, talvez. Multidões enroladas em tecido branco. As pessoas estão apoiadas umas às outras como fantoches caídos. Oscilam de forma inerte. Ele sente horror no fundo da garganta, mas mesmo assim ergue a mão.

Não resiste. É simplesmente o que faz em seguida.

Este foi o trânsito.

E agora um recado dos nossos patrocinadores.

Você tem memórias perdidas? Há alguma lembrança que antes existia, mas foi perdida? Ou tirada? Tirada à força? Bem, claro, como você saberia se tivesse?

Vamos tentar de outro jeito. Já sentiu que existe um vazio dentro de você? Já agiu de formas que não entende e se arrepende de imediato? Sentiu que, lá no fundo, existe um grande abismo de significado que nunca será preenchido, mas mesmo assim você sempre tenta preenchê-lo?

Então, sim, muitas coisas foram roubadas de você, entre elas lembranças. E Trancavida é a solução.

Depois de se inscrever no Trancavida, você será imediatamente contatado por nossos técnicos amistosos e armados e transportado em uma camisa de força para sua própria proteção até uma instituição fortemente vigiada, onde será trancado com segurança em uma cela sem identificação, janelas ou luzes, de forma que ninguém possa vê-lo ou falar com você. Após ser preso e sua identidade ser destruída em todos os registros possíveis, você ficará para sempre a salvo do roubo de identidade, de falsa identidade, de assassinato, de compromissos e, claro, da remoção de lembranças. Você nunca mais vai fazer nada que possa colocá-lo em risco. Toda e qualquer coisa que faça o coloca em risco. Você deve ficar quieto, no escuro. Vamos cuidar de você, de forma quase sufocante, na quietude cálida de sua eternidade vazia.

Vamos protegê-lo deste mundo removendo-o dele. Trancavida.

Essa foi a mensagem de nossos patrocinadores.

Ah, não sei se já falei do meu namorado, Carlos, mas...

— Mãe — protestou Josh quando Diane abraçou seus ombros finos e peludos.

Ela abraçou o filho com força, colocando uma das mãos nas costas largas e a outra na nuca, entre as orelhas compridas e pontudas.

— Josh — repetia ela. — Josh. Josh.

Jackie botou a mão engessada nas costas de Diane. A mulher se concentrou em respirar fundo, inspirar e expirar.

— Obrigada, Jackie.

— Mãe. — Josh corou. — Eu estou bem. Está tudo bem.

— Josh, não está tudo bem. Não vejo você há uma semana. Você está bem? O que fizeram com você?

— Nada, mãe. Estou bem.

Ele se soltou do abraço dela com delicadeza.

Diane olhou-o nos olhos, ou nos olhos de seu corpo, procurando-o. Seus próprios olhos se endureceram. As lágrimas secaram. As pupilas se contraíram, as pálpebras se estreitaram. Ele sentiu o momento se transformar.

— Eu peguei seu carro para usar à tarde — disse ele, defendendo-se, sem conseguir evitar um tom choroso. — Desculpe. Descobri que meu pai tinha se mudado para King City, encontrei aquele papel na sua bolsa, aí pensei que podia pegar o carro e vir para King City atrás dele. Achei que você ia passar o dia fora. Nos últimos tempos você tem passado muito tempo fora de casa.

“Eu achei a cidade no mapa e parecia ficar a algumas horas de viagem. Planejava voltar à noite. Mas subi pelo meio-fio e entrei no gramado de alguém. Queria usar asas descoladas, mas foi difícil

dirigir com elas. Elas ficavam empurrando meu corpo para a frente e entrando nos olhos. Amassei a lateral do carro, passei por cima de uns arbustos, atrolei uma fileira de flamingos plásticos de jardim que ficaram presos no para-choque e, aparentemente, bati no carro de Jackie, mas não vi. Desculpe mesmo, Jackie. As asas estavam nos meus olhos e eu não sabia.

“Eu estava com medo de que você fosse ficar zangada por causa do carro, então tentei voltar para casa, mas a cidade ao meu redor não era mais familiar. Vi este prédio onde estava escrito PREFEITURA, que é onde o Ty me disse que eu podia encontrar todo tipo de coisa sobre meu verdadeiro pai. Então entrei aqui. Isso tudo aconteceu há mais ou menos uma hora.

— Josh, você sumiu há dias.

— Mãe, você me mandou uma mensagem de texto duas horas atrás, e eu respondi: “Ótimo. Vou chegar mais tarde hoje.” Viu?

Ele mostrou o telefone.

— O tempo é esquisito em Night Vale — disse o prefeito.

— Cale a boca — retrucou Jackie.

A nuvem de moscas pretas se elevou, mas Jackie avançou sem hesitar. Elas zumbiram mais alto e recuaram para o outro lado da sala.

— Não é culpa dele, Diane — falou Jackie. — Não é. Nós duas sabemos disso. Sabemos disso juntas.

Diane continuou a encarar Josh. Seus olhos ardiam no limite entre chorar e gritar.

— Mas talvez, Josh, seja melhor terminar suas aulas de direção quando voltarmos para casa — disse Jackie. — E talvez você não precise de cascos quando dirigir. Mãos normais funcionam, está bem? Forma humana total quando estiver dirigindo.

— Desculpe. Eu não vi. Eu não sabia.

Josh baixou a cabeça. Ele viu as fortes contusões amarelas e roxas nas extremidades do gesso e no pescoço de Jackie e estremeceu de vergonha.

— Vamos para casa — sugeriu Jackie. — Você e Josh vão no seu carro, e eu vou seguir na Mercedes.

— Isso não será possível — disse o prefeito de paletó bege.

— Cale a boca — repetiu Jackie.

Aproximou-se dele com o rosto inexpressivo. As moscas se reagruparam, formando uma nuvem opaca entre Jackie e o homem. Ela deu um passo e atravessou a nuvem. As moscas pousaram em seu rosto, nos olhos, no nariz e na boca. As entranhas dos insetos vazavam pela língua ao serem esmagadas entre os dentes de Jackie. Ela as enxotou com o braço que não estava machucado, mas elas não saíram nem quando Jackie foi até a mesa do prefeito e pegou uma tesoura apoiada em uma caneca de café.

Ela ergueu a tesoura. O prefeito recuou, olhando, boquiaberto, para o corpo coberto de moscas. Todos os outros que estavam na sala esqueceram seu olhar de terror no momento em que desviaram os olhos. Ela baixou a tesoura, enfiando a lâmina no gesso e serrando. O gesso resistiu, as lâminas não eram afiadas, mas ela cortou com fúria. As moscas foram saindo uma a uma enquanto ela travava uma luta árdua contra o próprio gesso. Sua pele estava inchada e vermelha nos pontos em que elas tinham pousado.

Por fim, apesar das lâminas cegas, ela arrancou a parte de cima do gesso, expondo a mão que continuava segurando o papel que dizia “KING CITY”. Ela o mostrou para o homem de paletó bege.

— Ah, sim, claro.

Ele se aproximou e pegou o papel da mão dela, como uma pessoa toma um pedaço de papel da mão de outra pessoa, e o jogou na lata de lixo, onde o papel ficou. Fez o mesmo com o papel na mão de Josh.

Jackie olhou para a palma vazia, ofegando de esforço e alívio. Ela abriu e fechou os dedos pegajosos e doloridos, deleitando-se por estarem vazios.

— Está resolvido — disse o homem de paletó bege. — Josh vai voltar para você mais cedo ou mais tarde, tenho certeza.

— Não — retrucou Diane.

Jackie estava perplexa demais com o peso que acabara de sair de suas costas e não resolveria aquele confronto por Diane. Ela teria que se virar sozinha.

— Seu homem horroroso e esquecível! — exclamou Diane. — Você não vai prender meu filho aqui. Você infectou minha cidade com seu rosto vazio e suas falsas lembranças. Sinto muito por ninguém saber quem você é, sinto mesmo. Sinto muito por ninguém se lembrar de que você é o prefeito. Sinto muito por sua cidade.

Ela sentiu outra Diane atravessar a rua em outro lugar, com os braços carregados de compras, e outra, ainda, observando preguiçosamente a paisagem que passava pela janela de um ônibus.

— Sinto muito por ter precisado sequestrar os filhos dos outros...

— Eu não fui sequestrado, mãe.

— Josh, francamente, você não tem idade suficiente para saber a diferença. Sinto muito por ter precisado lançar mão desse recurso. Talvez o problema não seja Troy. Talvez o problema seja você. Talvez um prefeito melhor não fosse esquecido. Boas ações não passam despercebidas. Se King City tivesse uma economia saudável, boas estradas e escolas, ninguém tentaria eleger um novo representante de tempos em tempos.

Os olhos do homem de paletó bege ficaram sombrios. Jackie viu os olhos dele. Eram inesquecíveis.

— E talvez um bom pai só precise ser um bom pai, não um bom prefeito, não um homem com um rosto memorável — disse Diane, agitando as mãos em um ritmo que não correspondia ao das palavras. — Olhe para si mesmo, Evan, ou seja lá qual for a merda do seu nome. Desculpe o palavrão, Josh. Evan, seja responsável pela sua esposa e filha, e eles vão se importar o suficiente para saber quem você é. Governe sua cidade, e não vai precisar infectar a minha. Seja um pai para sua filha e não precisará roubar o meu.

O prefeito recuou para a cadeira, mas não se sentou. As moscas se empilharam em uma pirâmide quieta em seu ombro.

— Diane Crayton, eu não infectei nada. Você entendeu mal a situação. Fui a Night Vale porque não existe lugar mais estranho e achei que alguém de lá entenderia. Mas minhas longas conversas eram esquecidas. Minhas súplicas passavam despercebidas. Aí comecei a escrever. Uma mensagem simples que se fixaria melhor. Que, de fato, fosse impossível de largar.

Ele deu de ombros de forma arrependida para Jackie.

— Desculpe por isso. Não achei que as pessoas se importariam muito. Preciso que o povo da sua estranha cidade me diga como normalizar a minha. Eu estava desesperado. O desespero não suscita empatia ou cria pensamentos claros.

— Você arruinou minha vida — disse Jackie.

Ele deu de ombros. Era tudo o que tinha a dizer sobre o assunto.

— Por favor, entendam, eu não queria forçar Josh. Sabia que ele ficaria curioso em relação ao pai. Só queria lhe dar a informação de que precisava para encontrá-lo. Só queria dar a ele a oportunidade, um pedaço de papel com o nome da cidade, e por algum motivo sabia que assim que o recebesse ele iria entender.

Jackie tentava entender as implicações do que ele disse.

— Tudo isso, tudo por que passei, nem foi por minha causa? — perguntou Jackie. — Você estava tentando entregar o papel à Diane e ao Josh? Por que entregou a mim?

O homem deu de ombros mais uma vez.

— Eu não sabia como Josh era. Ele podia ser qualquer coisa. Então entreguei o papel ao maior número de pessoas possível, na esperança de que uma delas acabasse sendo ele. Nenhuma nunca era. Foi quando decidi que, por mais que não quisesse que Diane ficasse sabendo, teria que me aproximar dela e ver se ela entregaria o papel a Josh.

— Então você entendia que o que estava fazendo era errado? — disse Diane.

— Se você tivesse dado o papel a ele, teria se fixado. Mas você tentou evitar que ele o pegasse. Ou talvez não se lembrasse de que estava com o papel. Eu deveria ter dado um jeito de você não se livrar dele, mas aí não poderia entregá-lo a Josh, e bem ou mal sou apenas o prefeito de uma cidade pequena, no final das contas. Não consigo pensar em tudo.

As moscas zumbiram em solidariedade. Ou pelo menos foi essa a intenção. Não era diferente do restante dos zumbidos.

— Mãe.

Josh colocou um tentáculo em torno de Diane.

— Eu quero ficar. Quero ajudar. Não é perigoso. É a chance que tenho de conhecer meu pai, de conversar com ele. Eu posso mesmo ajudar estas pessoas.

— Josh, nós vamos embora. Conversaremos sobre seu pai mais tarde.

— Esta cidade precisa que eu fique. Mãe, eu...

— Não — sentenciou Jackie. — Não. Eles só precisam que um dos filhos de Troy fique. E temos outro. Troy também é meu pai.

Diane, Josh e o homem de paletó bege voltaram-se para ela. Até as moscas pararam de voar, pousando na superfície mais próxima e voltando-se para ela.

— Você? — perguntou o homem.

— Qualquer coisa que você possa descobrir com Josh, pode descobrir comigo. E, se não for me colocar em algum laboratório, não me incomode de ajudá-lo. Você não é tipo um cientista louco, é? Esta história toda não passa de um projeto de pesquisa?

— Jackie, não.

— Diane, sim. Josh tem você e você tem a ele. Vocês são uma família. O que eu tenho? Anos repetidos e uma mãe de quem mal me lembro. Isto aqui não é melhor, mas não é pior, e se eu mantiver sua família unida pelo menos terei feito alguma coisa além de gerenciar uma loja de penhores. Leve Josh, está bem? Pegue seu filho e vá para casa.

Diane não queria. Ela via a hesitação na postura de Jackie, no jeito como apoiava a mão na parede. Ela não estava bem e precisava da ajuda de Diane. Elas precisavam uma da outra. Mas ali estava Josh. E por mais que amasse Jackie, e talvez amasse mesmo, ela amava mais Josh.

O crepúsculo se transformara em noite, e a iluminação barata no teto do escritório acentuava a realidade prosaica da vida daquele homem: as canetas esferográficas, o paletó gasto (provavelmente um dos poucos paletós que tinha), a tinta lascada das paredes, as rugas em volta dos olhos e do nariz.

Naquele exato momento, Diane sentiu que um grosso pedaço de pele era tirado de suas costas. O médico fechava o corte e lhe dizia para voltar e pegar os resultados na semana seguinte. Diane sentiu que preenchia o formulário de adoção de um animal em um abrigo. Sentiu que andava de elevador. Sentiu que morava em uma colônia lunar séculos no futuro. Ela sentia muitas de si mesma, mas mesmo assim deveria decidir aquilo sozinha.

— Sim, eu sou jovem — falou Jackie. — Mas também sou muito mais velha do que você pode imaginar, Diane. Sou mais velha do que eu posso imaginar. Tenho todo o tempo do mundo. Vou continuar tendo dezenove anos sem me relacionar, sem ninguém para me dar uma razão para ficar um dia mais velha. Eu tenho uma mãe que vai sentir minha falta, claro, mas ela já cuidou de mim na infância. Você precisa ter a mesma chance. Precisa ajudar seu filho a se tornar um homem melhor que o pai.

Josh abriu a boca para protestar.

— Josh, eu entendo, cara, de verdade — acrescentou Jackie. — Também cresci sem pai. Mas você vai ter tempo. Mais tarde, quando sua mãe terminar o que precisa fazer. Na próxima vez que a gente se vir, talvez você e eu tenhamos a mesma idade, e podemos ter esta conversa outra vez. Eu gostaria muito.

Diane se virou para Jackie, mas, antes que seus olhos se encontrassem, notou seu reflexo. A noite refletia toda a sala para

ela. Havia uma mulher na janela, translúcida e ereta, usando o que ela estava usando, parada como ela, fazendo os mesmos pequenos movimentos, olhando-a profundamente nos olhos. Diane não reconheceu a mulher na janela, embora a tivesse visto muitas vezes.

— Você sabe que estou certa — disse Jackie.

— Vou aceitar qualquer decisão que tomarem — comentou o prefeito de paletó bege. — Qualquer um dos dois está ótimo para nós. Vocês só precisam fazer uma escolha.

Diane estendeu a mão para Jackie, que a segurou. Jackie chorava, mas estava calma. Ela aceitava seu destino. Diane não quebrou o contato visual com a mulher da janela.

— Não — retrucou ela. — Não sei.

— Ah, qual é! — disse o homem. — Sabe, sim. Ande logo com isso, por favor.

— Isso não tem nada a ver com King City e não tem nada a ver com os filhos de Troy. Tem a ver com Troy. Ele infectou King City com a estranheza da nossa cidade.

— Imbecil.

— Exato, Jackie. Que imbecil. Como esse cara é imbecil.

Ela apontou para o imbecil de paletó bege.

Ele parecia muito mais alto que antes. As moscas se espalhavam atrás dele como uma aura furiosa e barulhenta.

— Você precisa escolher! — urrou ele. — Precisa escolher quem fica ou escolherei por você!

— Você não vai ficar aqui — disse Diane a Jackie, ignorando-o.

— E Josh também não vai.

Jackie assentiu.

— Você está certa. Não é culpa nossa. Não somos nós que temos que resolver esse problema. Está na hora de Troy fazer isso.

— E Troy não vai ficar aqui. Está na hora de Troy ir para casa.

— Falou e disse.

— Parem de falar e escolham quem vai ficar! — gritou o homem.

Ninguém prestou atenção.

— Eu encontrei um grupo deles no bar. É um lugar tão bom quanto qualquer outro para conversar com ele.

— Então vamos.

A mulher da janela se afastou, mas Diane não se moveu. Ela teve um repentino momento de dúvida. E se estivesse errada? E se estivesse cometendo um erro? Seu reflexo sumira, mas mesmo assim ela era incapaz de se mover. Então sentiu Jackie segurar sua mão.

— Estou com você — disse ela com gentileza. — Vamos.

Entrelaçou seu gesso ao braço em forma de tentáculo de Josh e guiou ambos porta afora e pelo corredor.

O homem de paletó bege os seguiu.

— Aonde vocês estão indo? Voltem aqui!

As moscas zumbiam ao redor dele. Nenhum dos três olhou para trás, e o barulho ficou mais fraco quando abriram a porta da frente e saíram para o ar arenoso da noite.

— Você precisa escolher. Você precisa escolher... — dizia uma voz distante, então a porta se fechou e tudo ficou silencioso outra vez.

— Troy! — gritou Jackie.

— Venha aqui fora agora, Troy! — gritou Diane.

O primeiro Troy a sair do bar foi o do olho roxo, que então estava violeta. Ele parecia confuso, provavelmente por causa da concussão.

Jackie segurou a porta aberta e fez todos saírem, forçando com um puxão na manga ou um empurrão no ombro aqueles que hesitavam. Alguns estavam trêpegos pelo álcool. Outros, fortes, alegres e prontos para voltar para casa dirigindo. Troy Walsh estava sempre preparado para todas as contingências. Troy Walsh não entendia muito bem o que estava acontecendo.

— Troy. Venha aqui. Rápido.

Jackie conduziu todos para fora.

Imagine um homem de trinta e dois anos. Imagine um homem de trinta e dois anos que é muitos homens. Todos parecem o mesmo homem, porque todos são o mesmo homem. Imagine um homem de trinta e dois anos que pode consertar seu carro, fazer seu imposto de renda, preparar um coquetel inebriante e pintar sua coleção de miniaturas.

Imagine um homem de trinta e dois anos com a capacidade de ser todas as coisas para todas as pessoas, mas nada para uma única pessoa. Imagine sua expressão quando ele sai do bar, uma multidão dele, e vê a mulher que, por um curto período de tempo, sempre amou quinze anos antes.

Imagine sua expressão quando vê um garoto que não reconhece, mas sabe exatamente quem é.

Imagine sua boca se entreabrindo de leve. Imagine o início de um pensamento verbal se espalhando em seus muitos rostos. Imagine as palavras visíveis em seus olhos quando ele ergue a cabeça, tentando organizar o raciocínio lógico e expulsar as emoções enquanto o pensamento se solidifica e uma inspiração úmida entra como preparação para uma enxurrada de palavras.

— Cale a boca — disse Diane. — Não diga uma palavra.

Ela estendeu o braço diante de Josh, que também dera um passo à frente para falar.

— Vou deixar você falar daqui a pouco, Josh.

Diane olhou para Troy. Ela olhou para cada um dele. Fique aí, diziam os olhos dela. Se estiver diante de mim, não pode se mover.

— Este é nosso filho, Josh. Eu digo seu filho porque as palavras podem significar algumas coisas. Não é a palavra certa, mas é a correta. Atrás de você está sua filha, Jackie.

“Não estou aqui para pedir ajuda. Certamente não estou aqui para pedir nada em nome do Josh ou da Jackie. Estou aqui para dizer algo em meu nome e no de todos os que você está afetando.

“Você tem que voltar para casa, Troy Walsh. Deve voltar para Night Vale e deixar esta cidade. Você é muitos, além de prestativo e gentil. Mas ter boas intenções não é fazer o bem. Você tem boas intenções, mas não faz o bem. Está destruindo o tempo e espaço desta cidade ao trazer para cá a estranheza do nosso tempo e espaço. O lugar de todos nós é em Night Vale. É nosso lar. Vá para casa, Troy.

Todos os Troy se entreolharam. Alguns tinham expressões de tristeza e vergonha sinceras. Outros, sorrisos indecisos e posturas arrogantes. Um acenou e voltou cambaleando para o bar, mas Jackie chutou a canela dele e o empurrou de volta para o grupo. Diane persistiu.

— Você ajudou muita gente com suas muitas habilidades, mas ao mesmo tempo você é um merdinha irresponsável. Ambas as afirmações são verdadeiras. A verdade pode ser contraditória. Seus

lapsos não são perdoáveis por causa de seus acertos. Quantos filhos você tem? Quantos deixou para trás? Esqueça, eu não me importo. O que importa é o seguinte: qual é o nome da mãe da Jackie? Quantos anos Jackie tem? Qual é a aparência do seu filho? Por trás de todas as formas físicas, qual é a aparência do seu filho? Qual é o prato preferido dele? Ele está namorado? Qual é o nome da pessoa?

Os Troy se entreolharam. Um deles coçou a cabeça, um arrotou, um se endireitou, incerto, mas disposto a tentar responder.

— Não, não tente responder. Você não sabe as respostas. Não perca o seu tempo tentando adivinhar. Eis outra pergunta que você não pode responder: o que um pai faz? Que função é essa? Em todas as suas infinitas encarnações, existe um único que seja bom pai ou parceiro?

— Ei, ei. — O Troy que tentara ir embora cambaleou para a frente. Os Troy sóbrios tentavam segurá-lo sem sucesso, balançando a cabeça e murmurando palavras desencorajadoras. — Eu vou responder. Não vou ficar só ouvindo. Eu voltei. Estou morando em Night Vale de novo.

Outros Troy assentiram, embora não dissessem nada.

— Eu ia ver vocês, ia ver Josh, mas ainda não consegui. Havia outras tarefas a fazer antes. As pessoas precisavam da minha ajuda. Mas eu ia fazer isso.

— Ninguém precisa da sua ajuda — retrucou Jackie, ironizando o pai, um homem que expressava multidões, mas não continha nada. — É você quem precisa ajudar. Você faz isso por si mesmo, não pelos outros, ou teria deixado esta cidade quando sua “ajuda” a tirou do mapa. Mas, em vez disso, você mandou alguns de você de volta a Night Vale, como migalhas. Isso não é voltar. É mergulhar um dedo na água. É o mínimo de esforço. Você ajuda sem parar, mas é preguiçoso. É um babaca preguiçoso.

Os Troy se entreolharam, nervosos. Um dos Troy sóbrios deu um passo à frente.

— Não achei que merecia isso — disse Troy, olhando apenas para Diane, por quem parecia menos intimidado. — Eu não achei que estava pronto para reencontrá-la. Eu era muito jovem, e essa é uma desculpa horrível, mas é o que eu era. E agora sou mais velho. Posso ser muitas coisas. Aprendi que não preciso fugir. Se você me aceitar. Tudo o que sou. — Ele fez um gesto, indicando todos os que o cercavam. — Eu ficaria feliz em fazer parte da vida de vocês de novo.

— Isto não é um convite para participar da nossa vida — afirmou Diane. — É uma exigência. Você precisa voltar para casa.

— Imbecil — praguejou Jackie.

Os Troy, em massa, voltaram-se para Josh.

— Josh, este é um jeito estranho de nos conhecermos, e você não precisa me aceitar como pai. Preciso merecer isso, mas gostaria de merecer. Eu estarei presente. Vou fazer o melhor que puder, muito melhor do que antes, para ser um homem em quem você pode confiar como pai. Ou qualquer outro relacionamento que pudermos construir. Eu lhe devo isso.

Contra todos os instintos, Diane permitiu que o filho respondesse por conta própria. Jackie assentiu para tranquilizá-la. Josh não respondeu, voltando-se para Diane, os olhos suplicantes e o rosto semelhante ao de Troy pela primeira vez na vida.

— Você não precisa me pedir permissão — consentiu ela. — Fale o que pensa. Fale o que quiser.

Josh engoliu em seco. Ficou quieto. Os Troy ficaram quietos. Todo mundo esperou. Quando ele falou, as palavras foram baixas, mas claras.

— Tudo bem — disse Josh, e os Troy abriram sorrisos orgulhosos. — Mas você passou quinze anos ausente. Minha mãe me criou muito bem sem você, então é meio, hum, é meio babaca da sua parte falar comigo como se eu precisasse de você. Desculpe, mãe, por dizer “babaca”. Quer dizer... Jackie. Jackie

administra uma loja, e ela é incrível. Está indo muito bem. Não é, Jackie?

— É isso aí, pontas — respondeu Jackie, sorrindo com a voz, não com a boca.

Josh corou, tocando delicada e inconscientemente as galhadas que saíam de sua cabeça.

— Eu tenho interesse em conhecer você — continuou Josh. — Mas não adianta mandar quatro ou cinco de vocês. Não adianta estar em todo lugar. Ou você mora em Night Vale ou em lugar nenhum. E, quando estiver lá, são todos vocês ou nenhum.

Os Troy abriram as bocas. Fecharam. Olharam, com olhos sóbrios e bêbados, em volta.

— Lucinda — disse Jackie.

— Hein?

— O nome da minha mãe é Lucinda — afirmou Jackie.

Ela se virou e saiu mancando, pois não tinha mais nada a dizer e nenhum desejo de escutar. Alguns, mas não todos os Troy, assentiram em reconhecimento. Alguns, mas não todos os Troy, baixaram os olhos.

— Esses são todos vocês? — perguntou Diane.

— A maioria — disseram os Troy em uníssono.

— Reúna o restante. Nós vamos para casa. Agora, Troy Walsh.

Diane seguiu Jackie, mas Josh ficou observando os homens, todos olhando para ele boquiabertos, sem se mover. Então, um por um, voltaram para o bar. O mais bêbado se apoiou à soleira da porta e sustentou o olhar do filho por um instante, mas depois também foi embora.

— Acho que ele não vem, mãe.

Diane e Jackie se limitaram a continuar andando. Não havia mais nada a dizer. A coisa certa seria feita ou não.

Josh ficou onde estava, observando o exterior vazio do bar. Sentiu vontade de chorar, mas sua atual forma física não era capaz de fazer isso. Por um momento, achara que as coisas seriam

diferentes, mas continuavam iguais. Passou um bom tempo olhando para os cascos, tomando coragem para desistir e ir embora. Ele ergueu a cabeça ao ouvir o som da porta se abrindo.

O Troy bêbado voltou. Ele assentiu para o filho. E os Troy, um a um, saíram do bar, um exército lento e cambaleante, seguindo as mulheres de volta para casa.

Diane, Jackie e Josh estavam parados ao lado do Ford hatch de Diane, cuja lateral havia sido recentemente amassada.

— Pergunta rápida — disse Jackie. — Como voltamos para Night Vale?

— Hum... — respondeu Diane.

Os três ficaram ali parados por um instante, olhando para os dois carros e a pilha de flamingos, esperando que uma ideia lhes ocorresse. Uma voz interrompeu seus pensamentos.

— Oi — disse a voz. Era o homem de paletó bege. — Troy me contou que está indo embora de vez.

— Não estou nem aí — falou Jackie. — Como voltamos?

— Foi isso o que vim dizer — respondeu ele. — Talvez seja impossível. Estou muito consternado...

Jackie o socou. O homem de paletó bege com a pasta de couro de veado caiu sentado no chão, mas não disse nada. As moscas não fizeram nada.

— Eu aviso quando você estiver consternado o suficiente — disse ela.

— Não é culpa minha — retrucou ele. — Eu só dirijo para onde acho que Night Vale fica e às vezes chego lá. Às vezes, não. Gostaria de poder lhes dizer...

— Jackie — falou Diane. — Night Vale sempre guia os seus para casa. Acho que podemos dirigir em qualquer direção e ainda assim chegar lá. Moramos em um lugar esquisito.

— Cara, moramos mesmo.

— É superesquisito — concordou Josh.

— O melhor tipo de esquisitice — afirmou Jackie.

Ela acenou para o prefeito, que continuava sentado na terra.

— A gente se vê.

Elas entraram nos carros: Diane e Josh no Ford, Jackie na Mercedes. Seguiriam na direção da qual tinham vindo. Ficariam juntos, sem perder o outro carro de vista. Iam manter um flamingo de plástico e um celular em cada carro, por precaução.

Jackie abriu a janela e olhou para o homem de paletó bege.

— Qual é a das moscas, afinal? Por que um prefeito tem uma mala cheia de moscas?

— Não se ganha muito dinheiro sendo prefeito de uma cidade pequena. Preciso ter um emprego em tempo integral para fechar as contas.

— Vendedor de moscas, não é?

— Vendedor de moscas.

— Faz sentido.

Sem interromper o contato visual, Jackie apertou o acelerador até uma nuvem de poeira branca envolver o carro. Depois de um guincho agudo, a poeira se dissipou como uma lenta cortina, revelando sua ausência.



A VOZ DE NIGHT VALE

CECIL: ... a Câmara Municipal anunciou hoje que, além de história, outras coisas também são “balela”: memória, relógios, nozes, todos os falcões (óbvio!), a maior parte da matemática avançada (de trigonometria para cima) e gatos. A Câmara Municipal elucidou que não está anunciando isso para ninguém em especial e que, se alguém em especial ouvir este anúncio, pode fazer o que quiser. Entretanto, acrescentaram que a melhor coisa a se fazer é esquecê-lo. “Esquecê-lo de imediato”, repetiram eles, balançando-se juntos e agitando animadamente os dedos como em uma dança.

Antes de terminar a coletiva de imprensa, a Câmara Municipal, parecendo meio magoada, disse que isso é um tique nervoso (aquela coisa de mexer os dedos) e que eles gostariam que as pessoas não debochassem disso chamando de “dedos espirituosos”.

Ah, más notícias, ouvintes. Nossa mais recente estagiária, Sheila, caiu no poço que Carlos estava usando para enterrar os perigosos flamingos de plástico. Em vez de tocar um deles e reviver sua vida, ela tocou centenas ao mesmo tempo quando rolou poço abaixo, morrendo não pela queda em si, mas pela subsequente mudança de velocidade ao final da queda. Ela acordou como um bebê em centenas de mundos de uma só vez, sendo que todas as suas versões infantis estavam conscientes do imenso silêncio que era seu verdadeiro eu morto.

Para a família e os amigos da estagiária Sheila, enviamos nossas mais sinceras condolências. Saibam que ela foi uma estagiária competente e esforçada, e que morreu fazendo o que amava: vivendo e morrendo simultaneamente, em desafio — infinito e fractal — ao tempo linear.

Se alguém quiser créditos extras na faculdade ou desejar se preparar para os perigos mortais de uma carreira na rádio comunitária, passe aqui na estação. Se uma das camisetas de estagiário couber em você, o emprego é seu.

O Conselho de Gerenciamento de Linguagem de Night Vale gostaria de lembrá-los sobre mudanças na definição de palavras deste último mês.

Garfo agora significa a sensação momentânea da tarde quando uma nuv[BIIIIIIIP] passa diante do sol.

Perda agora significa qualquer coisa oposta à perda.

Enxaqueca agora significa um grande escorpião na nuca de uma pessoa, onde ela não o vê nem sente, e não faria a menor ideia de que estava ali se ninguém dissesse.

E, claro, a palavra surpresa desta semana é *ninhada*. Durante a próxima semana, vai significar qualquer coisa que você quiser! O que é muito, muito ninhada.

Lembrem-se de que o mau uso da linguagem pode levar à falha de comunicação e que a falha de comunicação leva a tudo o que já aconteceu no mundo inteiro.

Larry Leroy, nos limites da cidade, anunciou que encontrou muitas coisas maravilhosas em sua mais recente varredura do deserto: uma esfera metálica que caiu do céu e assobia suavemente para si mesma como se estivesse entediada; um duplo de si mesmo que ele não via havia anos, e para quem ele rosnou até fugir; várias plantas, todas exatamente onde estavam antes, mas todas um pouco diferentes, como se estivessem vivas de alguma forma; uma pedra, mas ele não quis nos contar onde; um corpo vestindo terno cinza risca de giz caído em uma duna; e uma nova maneira de respirar que ele afirma ter lhe dado energia e coragem. Ele disse isso socando o ar. “Energia e coragem!”, gritou. “Energia e coragem!” Parece que se desviou do plano original de listar o que havia encontrado no deserto e saiu correndo pela rua, respirando com seu novo método, socando o ar e gritando “Energia e coragem!” para quem passava.

Por enquanto, é isso o que tenho para dizer, ouvintes. Mas algo me diz que este não é o fim. A noite lá fora está clara, fresca e cheia de segredos perigosos. Há um sabor no ar que lembra prata manchada, que lembra a carne de um animal extinto que agora só é lembrada por nosso sistema nervoso e os pelos de nossa nuca.

Algo me diz que este é só o começo. O momento depois do qual todos os outros momentos virão. E, relembando o momento em que estamos agora, vamos saber que isto foi antes, e que a partir de agora tudo será o depois. É só por isso que sabemos que o tempo funciona.

Fiquem ligados a seguir para o som de um osso se partindo e a suave queda de papel sobre si mesmo. E, como sempre, boa noite, Night Vale.

Boa noite.

Jackie bateu à porta de Lucinda. Diane abriu.

— Entre. Você está linda. Como está se sentindo?

Jackie a puxou para um abraço com o braço esquerdo já curado e o manteve até passar muito do casualmente confortável.

— Estou feliz por você estar aqui — disse Jackie.

— Também estou feliz por você estar aqui — falou Diane, em meio ao aperto do abraço. Parecia que Jackie havia recuperado as forças.

Lucinda as encontrou na cozinha e deu um beijo em Jackie.

— É sempre maravilhoso ver você, querida.

— Você também, mãe.

Nos meses que haviam se passado desde que seus carros tinham, apenas algumas horas após deixar King City, chegado a Night Vale, Jackie havia contratado Diane como guarda-livros de meio expediente na loja de penhores enquanto continuava a procurar um emprego permanente. Isso dava a Jackie um pouco de tempo livre fora do trabalho e alguém com quem passar o tempo.

Todos os dias, na loja de penhores, ela via que Diane era uma mãe participativa na vida de Josh, falando constantemente com ele e sobre ele, ajudando-o com a escola e a sociedade, permitindo que fosse uma criança e que se tornasse um adulto, e isso lembrava Jackie de visitar a própria mãe.

Além do mais, com frequência Diane literalmente a lembrava disso. “Devíamos visitar Lucinda”, dizia Diane depois do trabalho.

Naquele dia elas estavam na casa de Lucinda para um churrasco.

Tinham todo o necessário para um churrasco: um pequeno balde de plástico cheio de lama. Tudo.

— Feliz aniversário — disse Diane a Jackie. — Parece que finalmente alguém decidiu envelhecer. Quantos anos você tem agora?

— Vinte e um. Pulei os vinte. Nem todo mundo precisa fazer vinte anos. Não sei quando vou fazer vinte e dois. Talvez daqui a alguns anos, quando eu estiver pronta. O Troy vem?

Os Troy tinham se estabelecido no distrito dos baristas. No final das contas, ele era um barista excelente, assim como era excelente em tudo o mais que fazia. Carlos começara a enviar um flamingo para cada Troy, o que tinha o efeito duplo de remover os flamingos de Night Vale para sempre e tirar cada Troy de sua realidade atual para uma realidade própria, onde ele podia ser um indivíduo prestativo e competente em vez de uma horda prestativa e competente. Era uma solução extremamente científica, e no rádio Cecil não parava de falar no quanto Carlos era brilhante por ter pensado nisso. “Nada é mais atraente do que alguém que é bom no seu trabalho”, dizia Cecil com frequência.

— Josh o convidou, mas sinceramente acho que nem ele quer que o pai venha. Por falar nisso, e quanto a você e Troy?

— Não existe Troy e eu — respondeu Jackie. — É tarde demais para isso. Além do mais, eu já tenho uma família.

Ela pegou o braço da mãe. Lucinda riu e deu tapinhas em sua mão.

— Que gentileza a sua, querida, mas não me incomode se você quiser passar um tempinho com Troy. Não por ele, já que eu não poderia me importar menos com ele, mas pode ser bom para você.

— Você se lembrou de algo da sua infância? — perguntou Diane. Lucinda soltou a mão da filha.

— Não — respondeu Jackie. — Estamos trabalhando nisso, mas talvez esteja perdida para sempre.

— Mesmo que não tenhamos o passado, querida, temos o presente — lembrou sua mãe, mordendo um dos abacates de cera, como sempre fazia quando tentava entender seus sentimentos.

— Você deveria parar de comer isso, mãe — aconselhou Jackie.
— Eles não são reais.

— *Dever e fazer* são palavras diferentes — disse Lucinda, dando uma segunda mordida.

Jackie balançou a cabeça e passou pela porta de correr, indo para o quintal. Josh foi correndo até ela.

— Jackie!

Ele estava pequeno, redondo e tinha grandes asas emplumadas e imensos olhos verdes.

— Você está bonito, Josh — elogiou Jackie. — Já tentou voar com essas asas?

— Não — disse ele, batendo-as, envergonhado. — Não sei como.

— Você já voou como mosca.

— É diferente. Eu não vou alto nem longe. Não saberia voar com asas tão grandes.

— Não vai saber até tentar, cara.

— Posso ajudar você na loja de penhores qualquer dia desses? Nunca tive um emprego. Parece horrível e divertido ao mesmo tempo.

— É exatamente os dois — disse ela. — Olhe só, se você voar mais alto que o telhado, eu deixo você trabalhar comigo amanhã.

Josh sorriu, nervoso, mas primeiro se voltou para Diane, que observava a conversa não muito entusiasmada.

— Tudo bem, mãe?

— Tudo bem, Josh — disse ela, incerta, escondendo a ansiedade por trás de olhos sorridentes.

Eu sempre serei mãe, pensou ela, mas sempre serei muitas coisas. Qual será a próxima?

Josh voltou a olhar para Jackie, que assentiu e ergueu o polegar esquerdo, então mirou o céu. Suas asas bateram e seu corpo se ergueu lentamente acima da grama.

— Por favor, tente não quebrar nenhuma janela, querido — pediu Lucinda da cadeira de praia.

— Tome cuidado, por favor — disse Diane.

Josh foi de um lado para outro, experimentando. Estava um pouco mais baixo que o telhado. Diane o observava, com uma das mãos protegendo os olhos e a outra no peito, acima do coração.

— Cuidado com a cabeça — disse ela, para lembrá-lo de algo que ele já sabia, não para dizer algo que ele não sabia.

Jackie fez outro sinal de positivo para ele, que retribuiu. Ele tentou girar, mas só conseguiu dar uma cambalhota desajeitada.

Troy observava tudo isso sentado no carro do lado de fora da casa. Segurava o volante e sorria. Sem dúvida era um sorriso. Ele estava sentado ali havia alguns minutos, tentando tomar uma decisão. Enquanto observava Josh, pensava no que Jackie dissera sobre ser útil e no que Diane dissera sobre o papel dele em suas vidas, e tomou uma decisão.

De onde estava, Josh via os outros telhados de telhas vermelhas do bairro Tanque de Areia entre os telhados idênticos dos condomínios Palmeira Majestosa e Mineiro Chorão e de outros com nomes elaborados e casas que não estavam à altura deles. Depois o shopping a céu aberto com a Pizzaria do Big Rico e o laboratório de Carlos, e mais à frente a prefeitura, coberta pelo veludo preto, com uma jovem andando até o carro, a prefeita Cardinal, sim, mas agora também Dana, indo encontrar o irmão, que recebera alta recentemente, para um jantar de comemoração no Torniquete após o expediente, e depois os muros altos e pretos do Parque para Cães, e, no estacionamento do Complexo Recreativo de Boliche e Fliperama Flor do Deserto, Cecil da estação de rádio e Carlos, o cientista, com bolsas de boliche em uma das mãos e na outra a mão do outro, indo para a Noite da Liga, trocando um beijo antes de abrir

a porta e depois sumir. Também via a Madrugada Enluarada, que, fiel ao nome, estava tão cheia naquela hora da noite quanto a qualquer outra hora, com Laura oferecendo frutas dos galhos nodosos de seu corpo e Steve Carlsberg comendo com vontade uma fatia de torta invisível, e depois o antigo escritório de Diane, cheio de computadores e mesas em que o trabalho podia ser feito, embora ninguém soubesse por que o fazia, onde Catharine ficara até mais tarde para terminar um trabalho na mesa que não tinha mais a tarântula, embora ela ainda estremecesse ao imaginar leves toques em sua mão, e depois a silhueta baixa da biblioteca pública, aparentemente quieta, mas fervilhando de bibliotecários, e perto dela sua própria casa, que pensava nele naquele exato momento, onde uma velha sem rosto dobrava em segredo todas as suas roupas. Depois o prédio do *Diário de Night Vale*, cuja única ocupante observava uma parede de machadinhas, pronta para partir para a labuta sangrenta do jornalismo local, e depois o cinema, com suas luzes piscantes atravessando a névoa senciente Stacy enquanto ela preparava a bilheteria para as plateias da sessão da meia-noite, clientes silenciosos que surgem em suas poltronas exatamente à meia-noite, assistindo a filmes que passam na tela mesmo com o projetor desligado, antes de se transformarem em vazio sem sequer esperar os créditos finais terminarem, e depois o poço no terreno baldio nos fundos do Ralphs, e o próprio Ralphs, oferecendo comida fresca e preços muito baixos, embora nunca os dois ao mesmo tempo. Depois a velha Josie no jardim, sem nenhum papel na mão, e Erika, Erika, e também Erika, todos do lado de fora, e a torre da Rádio Comunitária de Night Vale, com a luz piscando lá em cima, e a loja de penhores de Jackie, anteriormente a loja de penhores de Lucinda, um lugar que acabara de ser fechado, que agora ficava fechado com mais frequência do que abria porque sua proprietária queria estar em outro lugar às vezes, e as janelas do hospital, onde médicos desapareciam e apareciam em um instante de forma inexplicável, e o depósito onde vendedores de carros

usados passeavam alegremente pelo seu território cheio de carros velhos, latindo para a lua que não entendiam, mas, enfim, ninguém mais realmente entendia, e o antigo Obelisco de Arenito, com seu murmúrio malevolente, e uma frota de helicópteros prestativos mantendo todos a salvo. E depois de tudo isso a areia, uma pequena eternidade de areia, deserto como se nunca mais fosse existir nenhuma outra coisa, e depois, por fim, outra coisa, porque sempre existe outra coisa, e King City, não mais esquecida, uma cidade comum, com um prefeito comum, que tinha acabado de tirar o paletó, um homem de camisa de mangas curtas com uma pasta de couro de veado, entrando em uma casa onde enfim sua família o cumprimentou pelo seu nome correto e, depois e ao redor, todas as outras cidades comuns, e todas as pessoas comuns, que estavam dormindo ou não, que estavam metafórica ou literalmente vivas, ou metafórica ou literalmente mortas, mas vivas em nossos corações, ou mortas e esquecidas, todas existindo em algum ponto de um espectro de perda. E depois e ao redor, os oceanos e florestas fervilhando de vida por um instante antes da calmaria planetária, e depois um céu que ia concordando lentamente com a ideia do pôr do sol, ou que acabava, em algum outro lugar, de ter a primeira ideia de dia, e depois disso as inconstantes luzes vermelhas dos satélites espiões, vigiando, e as firmes luzes azuis de naves espaciais não identificadas, vigiando, e a luz branca do que presumiam erroneamente ser a lua, vigiando, e depois desse vácuo, e do vácuo seguinte, e do vácuo interminável, com pequenos e esparsos espaços sem vácuos no meio, e depois disso tantos mistérios que Josh não achava que solucionaria nem um sequer, nem se tivesse todo o tempo do mundo, e ele não tinha, então nunca solucionaria nenhum mistério.

Ele olhou para baixo, passando pelo telhado, que estava bem distante, para Diane, que ria, com o braço em torno de Jackie, que ria, de mãos dadas com Lucinda, que também ria.

— Uau — disse ele. — Estou mais alto do que pensava.

— Qual é, cara! — exclamou Jackie. — Você pode ir muito mais alto que isso.

COMO OUVIR O PODCAST *WELCOME TO NIGHT VALE*

Este é o fim do livro. Ou você terminou a leitura ou pulou até esta página para ver o que está escrito aqui. Mas veja bem: não estamos aqui para lhe dizer como ler um livro.

Se gostou deste livro, recomendamos que ouça também nosso podcast, que ainda está em andamento e conta outras histórias sobre essa estranha cidade no deserto desde 2012. A narração é feita em inglês.

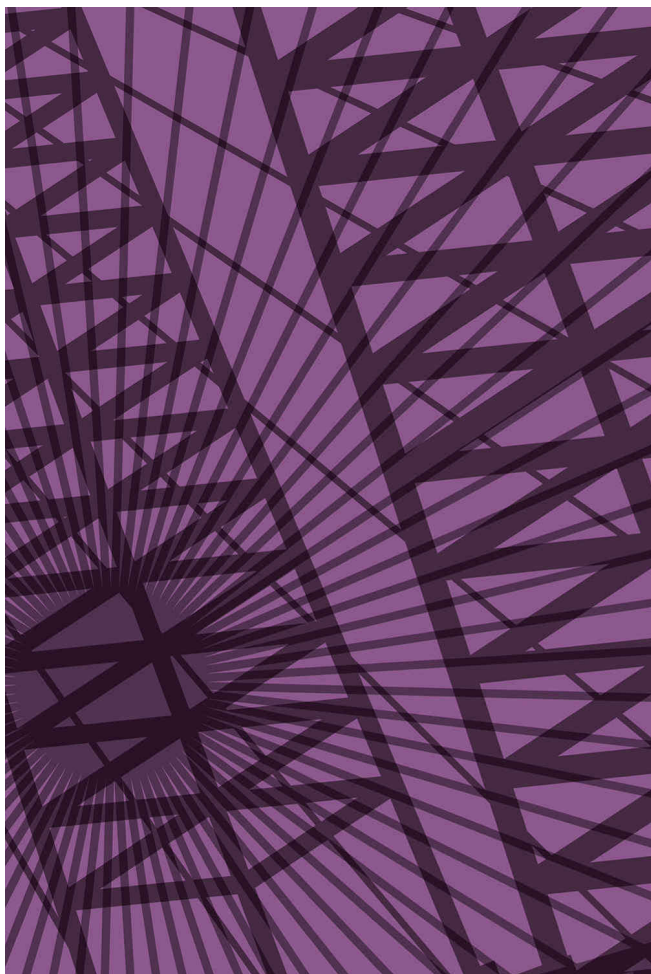
Welcome to Night Vale sai duas vezes por mês na internet, de graça. Você pode baixar os episódios para o seu computador ou ouvi-los no celular pelo iTunes, Stitcher, Podbay.fm, Soundcloud e vários outros aplicativos grátis de reprodução de podcasts. Os episódios também estão disponíveis no nosso site (welcometonightvale.com) e no canal no YouTube (youtube.com/welcometonightvale), onde você pode encontrar também vídeos extras com os bastidores do programa.

Todos os episódios estão disponíveis para download. Se ouvir tudo desde o início lhe parecer muito trabalhoso, pode começar pelos episódios mais recentes. Você vai se situar na história bem rápido. Ou não.

Nós também fazemos shows ao vivo no mundo inteiro (até a publicação deste livro foram mais de mil shows e onze países diferentes). Neles, contamos histórias sobre a cidade de Night Vale com música ao vivo e artistas convidados, de forma que o público não precisa acompanhar o podcast para entender.

Fique de olho em welcometonightvale.com para descobrir quando nós vamos passar pela sua cidade. (Onde quer que você more, aí é nosso lugar preferido.)

Vejo você lá.



AGRADECIMENTOS

O podcast *Welcome to Night Vale* começou em 2012 como um projeto entre amigos. Quase quatro anos depois, ainda é um projeto entre amigos, só que um muito maior e com muito mais amigos envolvidos.

Um muito obrigado à equipe e ao elenco de *Welcome to Night Vale*: Meg Bashwiner, Jon Bernstein, Marisa Blankier, Desiree Burch, Nathalie Candel, Kevin R. Free, Mark Gagliardi, Marc Evan Jackson, Maureen Johnson, Kate Jones, Erica Livingston, Christopher Loar, Hal Lublin, Dylan Marron, Jasika Nicole, Lauren O’Niell, Flor De Liz Perez, Jackson Publick, Molly Quinn, Retta, Symphony Sanders, Annie Savage, Lauren Sharpe, James Urbaniak, Bettina Warshaw, Wil Wheaton, Mara Wilson, e, é claro, à própria voz de Night Vale, Cecil Baldwin.

E também a: Jillian Sweeney, Kathy Fink, Ellen Flood, Leann Sweeney, Jack e Lydia Bashwiner, Carolyn Cranor, Rob Wilson, Kate Leth, Jessica Hayworth, Soren Melville, Holly e Jeffrey Rowland, Zack Parsons, Ashley Lierman, Russel Swensen, Glen David Gold, Marta Rainer, Andrew Morgan, Eleanor McGuinness, John Green, Hank Green, Andrew WK, John Darnielle, Dessa Darling, Aby Wolf, Jason Webley, Danny Schmidt, Carrie Elkin, Eliza Rickman, Mary Epworth, Will Twynham, Gabriel Royal, The New York Neo-Futurists, Freesound.org, Mike Mushkin, Ben Acker e Ben Blacker do podcast *The Thrilling Adventure Hour*, à livraria Booksmith em São Francisco, Mark Flanagan e ao teatro Largo at the Coronet, e, por fim, aos nossos maravilhosos fãs.

Gostaríamos de agradecer também nossa agente Jodi Reamer, nossa editora Maya Ziv e toda a equipe da Harper Perennial, por

transformarem este livro em realidade.

E a Ron Fink, que ensinou a Joseph quase tudo o que ele sabe sobre ser um artista bem-sucedido.

SOBRE OS AUTORES



© Nina Subin

Joseph Fink (esquerda) é criador e roteirista do podcast *Welcome to Night Vale*. Nasceu na Califórnia, mas não mora mais lá.

Jeffrey Cranor (direita) é roteirista do podcast *Welcome to Night Vale*. Também escreve peças e músicas com a esposa, a coreógrafa Jillian Sweeney. O casal mora em Nova York.

LEIA TAMBÉM



Os filhos de Anansi
Neil Gaiman



Lugar Nenhum
Neil Gaiman



S
J. J. Abrams & Doug Dorst



Selva de gafanhotos
Andrew Smith



Silo
Hugh Howey



Aniquilação
Jeff VanderMeer